

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

O CASARÃO DA VÁRZEA: um espaço masculino integrando o feminino (1960 a 1990)



PATRÍCIA RODRIGUES AUGUSTO CARRA

Porto Alegre

2008

PATRÍCIA RODRIGUES AUGUSTO CARRA

O CASARÃO DA VÁRZEA: um espaço masculino integrando o feminino (1960 a 1990)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Doutora Maria Helena Camara Bastos

Porto Alegre

2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C311c Carra, Patrícia Rodrigues Augusto
O Casarão da Várzea: um espaço masculino integrando o
feminino (1960 a 1990). / Patrícia Rodrigues Augusto Carra . –
Porto Alegre, 2008.
223 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de
Educação, PUCRS.
Orientação: Profa. Dra. Maria Helena Camara Bastos.

1. Educação Militar. 2. Escola Militar de Porto Alegre –
Aspectos Culturais. 3. Escola Masculina.
4. Escola Mista. 5. Cultura Escolar. 6. Antropologia Educacional.
I. Título.

CDD 370.19
373.2430981

PATRÍCIA RODRIGUES AUGUSTO CARRA

**O CASARÃO DA VÁRZEA: UM ESPAÇO MASCULINO INTEGRANDO O
FEMININO (1960 A 1990)**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de MESTRE em EDUCAÇÃO da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Aprovada em 10 de janeiro de 2008.

Banca Examinadora:

Doutora Maria Helena Camara Bastos (PUCRS)

Doutora Maria Helena Menna Barreto Abrahão (PUCRS)

Doutora Arabela Campos Oliven (UFRGS)

Doutora Beatriz Terezinha Daudt Fischer (UNISINOS)

Orientadora: Doutora Maria Helena Camara Bastos



Mire veja: mais importante e bonito, do mundo, é: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando.

(ROSA , 1984, p.21)

AGRADECIMENTOS

A pesquisa é uma trilha que a gente percorre fazendo escolhas, cometendo equívocos, retomando caminhadas, parando para vislumbrar paisagens, retomar o fôlego, redefinir caminhos, escolher entre várias bifurcações.

Por vezes, o caminho é plano, fácil, sem mistérios; por vezes, é íngreme, cheio de picadas, misterioso. Por vezes, processos outros e de outros nos forçam a diminuir a marcha. Mas é necessário prosseguir, necessário porque ninguém nos impôs a jornada, mas nosso espírito a escolheu.

Do mesmo jeito que é necessário trilhar pelas estradas e veredas, ninguém, creio, conclui a viagem da mesma forma que entrou, com a mesma bagagem, com a mesma urgência.

Para iniciar e trilhar esta jornada, tive grandes auxílios, incentivos. Pessoas que como anjos, a sua maneira e em suas possibilidades, por vezes, sem se dar conta, foram essenciais. Como agradecer? Não sei, talvez nem possa. Por isso escolhi flores para o fundo desta página, adoro flores, são flores o que desejo para perfumar e encantar os caminhos destes anjos.

Um dia, cheguei à sala da minha, desculpe o pronome possessivo, mas da minha professora e orientadora, solicitei que ela analisasse a minha idéia de pesquisa, que sugerisse mapas e bússolas, que me sinalizasse se era uma cisma válida. A resposta curta, objetiva, nós duas conhecemos. Mas é importante saber que foi fundamental. Saí daquela rápida conversa sabendo que podia prosseguir. Durante todo o processo, Maria Helena esteve sempre de forma franca, sabendo dosar os momentos que podia me deixar livre e caminhando com os meus instrumentos e aqueles em que era necessário ver a minha produção, auxiliar a pensar trajetões. Flores. Muitas flores e perfumes.

Os amigos estão sempre à espreita e mesmo sem se dar conta se tornam bússolas fundamentais. Flores para a amiga e parceira de pesquisa, Silvana, pelo incentivo e apoio. Flores para as colegas do Colégio. Flores para a Maria, que trabalhando em minha casa, me ajudou com tratamento de um familiar e no cotidiano doméstico.

Flores para os colaboradores deste estudo. Sem eles, não aconteceria a pesquisa. Obrigada pela confiança da narrativa. Hoje, guardo em mim tantas histórias, tantas vivências...

Flores para minha mãe, que mesmo sem entender porque tanta vontade de pesquisar, rezou para todas as santas pedindo luzes neste e em outros caminhos que tive de trilhar, em paralelo, à pesquisa. Flores para os meus filhos, parceiros nesta caminhada. Flores para o marido, que a seu modo, alegrou-se com minha alegria de poder caminhar.

Flores para os professores do Programa de Pós – Graduação em Educação da PUCRS.

Flores para as meninas da Secretaria. Flores para os colegas de mestrado, muitos dos quais alçados à categoria de imprescindíveis amigos.

Flores às forças que regem o universo e que em sua divindade iluminaram “*o trem da minha vida*”.

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a analisar a cultura escolar do Colégio Militar de Porto Alegre durante o período de 1962 a 1990 a partir da memória de ex-alunos. Este estudo traz aspectos da cultura e organização escolar do colégio enquanto instituição de ensino masculina, o cotidiano pela ótica discente e infere o perfil de sujeito que a escola desejava formar procurando não cair na armadilha de considerar a existência de um único modelo de masculinidade. Também, lança luz aos sujeitos discentes e suas formas de compreender, conviver e significar o ambiente escolar. Neste espaço de tempo, esta escola alterou a sua característica de educandário masculino através da entrada, gradativa, de mulheres em seus quadros de funcionários e do ingresso das meninas na qualidade de alunas, em 1989, dando início ao Colégio Militar enquanto escola mista. Apresenta o feminino e seus sentidos circulantes no Colégio através de uma ótica que compreende a formação de homens e mulheres, bem como as suas representações, como resultantes das relações estabelecidas entre sujeitos masculinos e femininos. Infere que a presença feminina na organização escolar acontece através do trabalho e procura identificar essa presença, os reflexos e tensões no processo histórico e no cotidiano desta escola de ensino básico. O aceitar a mulher como trabalhadora e como aluna não transformou o caráter masculino da cultura do Colégio Militar de Porto Alegre. A vivência desta instituição de ensino como escola mista, assim como o crescimento do número de integrantes femininas, trabalhadoras civis e militares e alunas, é provocação para novas reflexões. A dissertação é concluída com o ingresso de alunas neste colégio masculino apontando a possibilidade de continuidade da investigação.

Palavras-chave: escola masculina, cultura escolar, feminino, escola mista.

ABSTRACT

The goal of this research is to analyze the school culture of Colégio Militar de Porto Alegre during the period between 1962 and 1990 departing from ex-students memory. This study brings aspects of the culture and of school organization of the college while men education institution, the day by day from the learning optics, and infers the desired citizen profile that the school aimed in order to avoid the conception of only one model of manhood. Also, it highlights the learning citizens and their forms to understand, to coexist and to mean the school environment. During this space of time, this school modified its characteristic of masculine educational establishment through the women gradual entrance, gradual its employee's staff and the ingression of the girls as students in 1989, starting the Military College while mixing school. It presents feminine and its circulating directions in the College through an optics that understands men and women formation, as well as its representations, as resultant of the relations established between male and female citizens. It infers that the feminine presence in the school organization happens through work and tries to identify this presence, the consequences and tensions in the historical process and the routine of this basic education school. Accepting woman as diligent and as student did not transform the masculine culture character of the Colégio Militar de Porto Alegre. The experience of this institution of education as mixing school, as well as the integrant growth of women diligent, civilians and military and students, is a provocation for new reflections. The thesis is concluded with the ingression of female as students in this masculine college pointing the possibility of continuity of the investigation.

Keywords: masculine school, school culture, feminine culture, mixing school.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista atual do Colégio Militar de Porto Alegre	36
Figura 2: Vista aérea atual entorno do Colégio Militar de Porto Alegre (mapa localização) ..	37
Figura 3: Vista aérea atual do Colégio Militar de Porto Alegre (mapa localização).....	37
Figura 4: Colégio Militar de Porto Alegre, 1905.....	38
Figura 5: Colégio Militar em 1910	39
Figura 6: Colégio Militar no Início do Século XX.....	39
Figura 7: Vista atual Colégio Militar de Porto Alegre esquina com Rua Vieira de Castro.....	40
Figura 8: Localização Colégios Militares do Brasil	41
Figura 9: Esquema Sistema Colégio Militar do Brasil	42
Figura 10: O Colégio Militar do Rio de Janeiro.....	44
Figura 11: Página da Revista <i>Hiléia</i> (1961, p.10)	47
Figura 12: Menção ao fim da EsPPA e ao início do CMPA	52
Figura 13: Capa da Revista <i>Hiléia</i> , 1961.....	53
Figura 14: Turma A – 1962	56
Figura 15: Turma B – 1962	56
Figura 16: Côro Orfeônico – regente professora Dinah Néri	58
Figura 17: Apresentação pública do Coro Orfeônico em 1962.....	59
Figura 18: Professora de Artes Plásticas e alunos: exposição ano letivo de 1962	59
Figura 19: Esquema Sistema Colégio Militar do Brasil ano de 1962	60
Figura 20: Ex-aluno Adail Borges Fortes da Silva assiste ingresso dos filhos no CMPA reaberto	64
Figura 21: “Alma forte em corpo forte”	68
Figura 22: Time de Futebol	68
Figura 23: Baile de gala.....	69
Figura 24: CFR Infantaria	69
Figura 25: Aluno Deoclécio	69
Figura 26: Festa junina promovida pela SEL, ano de 1969	74
Figura 27: Marcas deixadas no piso do colégio.	76
Figura 28: Placa de formatura fixada nas paredes das arcadas. Ritual que persiste até hoje ...	76
Figura 29: A competição era uma tônica na formação desses garotos.....	77
Figura 30: Demonstração de ginástica / Dia dos Pais, 1962	77

Figura 31: Aula de judô/1969.....	77
Figura 32: Aula de judô/ ano 1962	77
Figura 33: O esporte bem orientado é um aprimoramento para o físico e para o espírito uma libertação	78
Figura 34: Entrega dos bastões da Legião de Honra	81
Figura 35: Aluno legionário com bastão – ano 1969	85
Figura 36: Formatura semanal (ou formatura do comando) 1969.....	88
Figura 37: Rancho nos anos 60	94
Figura 38: Os alunos internos tinham a opção dormir um pouco após o almoço.....	96
Figura 39: Ordem Unida.....	97
Figura 40: Alunos prontos para embarcar: vôo panorâmico sobre Porto Alegre	99
Figura 41: Cenas cotidianas: fim do dia	101
Figura 42: “Passeio higiênico”	101
Figura 43: Aluno Kullmann – Diretor Cultural da SEL no ano de 1962.....	103
Figura 44: Revisão médica	106
Figura 45: Serviço odontológico no CMPA	107
Figura 46: Enfermaria e enfermeiro	108
Figura 47: Vacinação contra varíola.....	108
Figura 48: Atendimento médico	109
Figura 49: Atendimento médico	109
Figura 50: Farmácia.....	110
Figura 51: cozinha: preocupação com os alimentos.....	110
Figura 52: Vista do pátio interno do Colégio Militar de Porto Alegre: 1968.....	111
Figura 53: Vista pátio interno do CMPA	111
Figura 54: Cantina	114
Figura 55: Barbearia	114
Figura 56: Pelerine página Humorismo <i>Hiloea</i>	117
Figura 57: Fora do Colégio, o aluno utilizava o quepe	118
Figura 58: Bibico ou bico de pato ou casquete. O aluno usava apenas no interior do Colégio	119
Figura 59: Uniforme diário. Está faltando o cinto bege com fivela dourada	120
Figura 60: A túnica cáqui, de acordo com o evento ou determinação do Colégio, também era usada com calça garança.....	121

Figura 61: Aluno traja túnica com calça garança durante a visita do então Presidente da República General Emílio Garrastazu Médici.....	121
Figura 62: Uniforme de gala.....	121
Figura 63: Menção honrosa	122
Figura 64: Desfile de 7 de setembro de 1969	122
Figura 65: Barretina e capacete	122
Figura 66: Alunos usando capacetes durante cerimônia de passagem comando, no ano de 1971.....	123
Figura 67: Uniforme recomendado para prática desportiva	124
Figura 68: A japona de lã era usada sobre o uniforme.	124
Figura 69: Torneio de xadrez (aluno usando japona)	124
Figura 70: Exemplo de uniforme montado com calça garança	125
Figura 71: Festas uma oportunidade de conviver com as garotas	133
Figura 72: Escolha da Rainha do Colégio Militar de Porto Alegre.....	133
Figura 73: Rainha escolhida no ano de 1970.....	134
Figura 74: Candidatas a rainha em frente ao júri.....	134
Figura 75: Rainha , princesas e comandante do CMPA	135
Figura 76: Casal dançando	135
Figura 77: As praias das ilhas fronteiras	136
Figura 78: Solenidade no CMPA década de 60.....	136
Figura 79: Exemplos de representação humorística do feminino publicados na revista <i>Hiléia</i> de 1961 (publicada no ano de 1962).....	137
Figura 80: Sete de Setembro.....	144
Figura 81: “Juramento do Aluno Novo”.....	146
Figura 82: Interno na Janela	148
Figura 83: Cenas da Alvorada	149
Figura 84: Mérito.....	152
Figura 85: Desfile de 7 de Setembro	153
Figura 86: Apresentação do cantor Wanderley Cardoso no CMPA, 1971.....	154
Figura 87: Equipe de voleibol do colégio Pio XII.....	155
Figura 88: Único registro fotográfico localizado mostrando as trabalhadoras da cozinha. Elas não estão nominadas.....	158
Figura 89: Biblioteca recém-aberta. Tia Clara (em pé), Lea Severo, soldado auxiliar da biblioteca. As pessoas fotografadas foram identificadas com a ajuda de ex-alunos.....	160

Figura 90: Revista noturna dos internos	162
Figura 91: Sala de aula	163
Figura 92: Aluno estudando	163
Figura 93: Refeitório	163
Figura 94: A banda, carinhosamente chamada de “furiosa”	164
Figura 95: Atividades físicas com cavalo.....	164
Figura 96: Apresentação teatral – A parceria com instituições de ensino que visavam a educação feminina garantia a convivência com meninas.....	165
Figura 97: A escolha da rainha era uma festa esperada.....	165
Figura 98: Alunos internos	166
Figura 99: na sala da SEL havia jogos que ajudavam a passar o tempo	166
Figura 100: Por vezes a saudade de casa, a melancolia, as preocupações ou simplesmente o cismar.	166
Figura 101: Alunos internos	167
Figura 102: Internos formandos por internos formandos	167
Figura 103: Mulheres no CMPA (ano 1971).....	168
Figura 104: Tia Clara e Dona Marília.	168
Figura 105: Desenho de aluno publicado na <i>Hyloea</i> de 1989. A imagem mostra professores da seção de ensino que agrupava professores de História e Geografia.	181
Figura 106: Página do Anuário do Conselho de Ensino do ano de 1980	181
Figura 107: Alunas das primeiras turmas mistas do CMPA	189
Figura 108: Meninas no vestiário	190
Figura 109: Primeira monitora.	191
Figura 110: Uma das primeiras turmas mistas criadas no ano de 1989 devido ao ingresso de meninas na qualidade de alunas.....	192
Figura 111: Garotas ainda usando os cabelos soltos ou presos de acordo com a preferência da aluna.	193
Figura 112: Primeiro dia de aula. Turma 1990.....	194
Figura 113: O fardamento das meninas demorava para ficar pronto. Turma 1990.....	194
Figura 114: Batalhão Águia.....	196
Figura 115: Recorte guardado versando sobre o Batalhão Águia	197
Figura 116: Meninos e meninas colegas de turma e amigos	197
Figura 117: Uma escola para meninos	201
Figura 118: Uma escola para meninos e meninas	202

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Ex-alunos colaboradores	29
Quadro 2: Colaboradores não-discentes	30
Quadro 3 : Vagas previstas para o ano de 1962	70
Quadro 4: Disciplinas previstas pelo currículo dos anos 60.....	72
Quadro 5: Favorável ou contra o ingresso das meninas	184
Quadro 6: Justificativas apresentadas pelos alunos.....	184
Quadro 7: Justificativas apresentadas pelos professores	185
Quadro 8: Turmas mistas.....	185
Quadro 9: Turmas mistas: pesquisa com alunos	185
Quadro 10: Turmas mistas: justificativas apresentadas pelos professores	187
Quadro 11: Método de ensino e meninas	188
Quadro 12: Atitude docente e meninas	188

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 PISTAS, TRILHAS E PLANOS	22
2 O CASARÃO DA VÁRZEA: O COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE	36
2.1 O COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE: PARTE DO SISTEMA COLÉGIO MILITAR DO BRASIL	41
2.2 A REABERTURA DO COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE (1962).....	48
3 O COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE:ESCOLA PARA HOMENS.....	54
3.1 “UMA ESCOLA PARA FORMAÇÃO DE HOMENS”	63
3.2 O COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE NOS ANOS 1960, 70 E 80	69
3.3 O COTIDIANO ESCOLAR PELA LENTE DISCENTE.....	85
3.4 UM ESPAÇO MASCULINO.....	105
4 TEM MULHER NO CASARÃO DA VÁRZEA.....	127
4.1 O FEMININO NESTA ESCOLA MASCULINA	128
4.2 TEM MULHER NESSA ESCOLA PARA HOMENS: FLORES, ESPINHOS, PERFUMES, RUMORES	138
4.2.1 O Cotidiano no olhar discente dos anos 70 e 80: lembrando Frances, Clara, estagiária, garotas.....	144
4.2.2 Professoras, psicóloga, orientadora educacional	169
4.3 TEM ALUNA NO CASARÃO DA VÁRZEA.....	182
CONCLUSÃO.....	198
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	203
APÊNDICES.....	216
ANEXOS	224

INTRODUÇÃO

O tema nasce de nossas aventuras ordinárias e cotidianas, na dialética simples de viver, da desconfiança das coisas aparentes do mundo, das cismas que surgem das observações dos dias e das gentes.

Desde os tempos de universitária, ainda no final da década de 1980, tinha a minha atenção voltada para questões cotidianas. O dia-a-dia me fascinava! O que, por vezes, era um problema. Por exemplo, antes de buscar reconstituir a história da Polônia, trabalho pedido durante a graduação em História, através de mapas e acordos, passava horas intrigada em imaginar e descobrir pistas sobre como as pessoas vivenciavam as situações geradas pelas alterações de fronteiras. O que importava era o humano naquele contexto. Como aquele sujeito simples fazia girar a história? Quem era eu diante da história que parecia, muitas vezes, desenrolar-se alheia à minha percepção?

Do Brasil colônia, eu queria saber o que vestiam e o que comiam. Das situações relatadas sobre a condição feminina, eu imaginava e queria achar onde estavam as reações, ainda que mudas, ao que era dado pelo senso comum da sociedade. Havia uma história muito mais interessante e vibrante atrás do que era exposto ou valorizado! Havia muito mais que economia, política e movimento operário nas linhas dos jornais operários que a professora de Brasil República disponibilizava.

Concomitante à minha graduação e aos cursos de especialização, trabalhava como professora de História e vivenciava diferentes realidades. Nesta caminhada, a minha opção pelo sujeito e, as inquietações universitárias, ganharam novas reflexões e cresceram em significado.

Até o segundo semestre do ano de 1998, lecionei em escolas de diferentes perfis, tanto da rede pública, estadual e municipal, como da rede particular. A partir dessa data passei a lecionar apenas no Sistema Colégio Militar do Brasil, onde ingressei mediante concurso público.

Fui trabalhar no Colégio Militar de Campo Grande. Essa unidade está localizada na capital do Estado de Mato Grosso do Sul.

No início do ano de 2004, fui transferida para Porto Alegre e durante o decorrer do ano, fui tomando contato com o “Casarão da Várzea”¹ e suas histórias e sua comunidade.

¹ O Colégio Militar de Porto Alegre é, carinhosamente, chamado de Casarão da Várzea devido ao prédio que ocupa.

O Colégio Militar de Campo Grande, apesar de ter um peso na sociedade local, é novo dentro do Sistema Colégio Militar do Brasil e, talvez por isso, não sentia energia semelhante a que permeia o Colégio Militar de Porto Alegre², com o peso de sua tradição como instituição e a presença no imaginário gaúcho.

No ano letivo de 2005, assumi a regência da 5ª Série do Ensino Fundamental e reparei na quantidade de alunos que, caso permanecessem na rede pública ou particular de ensino, estariam cursando a 6ª, a 7ª e até a 8ª Série do Ensino Fundamental. Esses alunos³ optaram por retornar à 5ª Série para ter a chance de estudar no Colégio Militar de Porto Alegre⁴.

Esta questão ficou mais evidente quando pedi aos discentes, como avaliação do conteúdo “A Ciência História”, para coletarem documentos e escreverem um texto sobre a vida deles⁵. Durante a leitura dos trabalhos, pude perceber o valor de terem ingressado no colégio, expectativas em relação à instituição e ao futuro, a decisão de prestar o concurso e suas razões, a frustração da não aprovação em concursos anteriores e a decisão de tentar mais de uma vez. Ali estava parte do imaginário da família em relação à tradição do Casarão da Várzea.

A primeira idéia de pesquisa foi trabalhar com narrativas de alunos, investigando essa questão entre os atuais discentes e os seus familiares. O caminho para vislumbrar a imagem da instituição e as expectativas em torno de ser aluno do CMPA passava por conhecer o histórico da instituição escolar. Durante o movimento de ler sobre o colégio e conversar com pessoas que estão há mais tempo neste educandário, fiquei sabendo que houve um período de interrupção do seu funcionamento, obtive relatos e localizei várias reportagens versando sobre manifestações e pressões da sociedade local para a reabertura do Colégio Militar em 1962.

Após um período de reflexões, optei por investigar o colégio a partir do processo de reabertura e a trajetória dessa instituição até o ano de 1989. Por quê?

Nesse caminhar o CMPA⁶ alterou a sua característica de escola masculina com a entrada, gradativa, de mulheres em seus quadros: secretária, bibliotecária, psicóloga,

² Sobre a história do Colégio Militar de Porto Alegre ver Medeiros (1992) e Pineda (2003).

³ O ingresso no Colégio Militar através de concurso só acontece na 5ª Série do Ensino Fundamental e no 1º Ano do Ensino Médio. Os alunos, a que refiro, ingressaram no Colégio mediante aprovação no concurso de admissão. O edital do concurso permite o ingresso, na 5ª Série do Ensino Fundamental, até a idade de 13 anos.

⁴ Essa realidade não é comum ao Colégio Militar de Campo Grande. Nos seis anos em que trabalhei nesta unidade do Sistema houve, apenas, um caso de aluno matriculado na 5ª Série do Ensino Fundamental e apto a cursar a Sétima Série em escolas fora do Sistema Colégio Militar. Este aluno pediu transferência ao final do primeiro bimestre. O comum é o ingresso de crianças que, caso não fossem para o Colégio Militar de Campo Grande, cursariam a 6ª Série em outras escolas da cidade.

⁵ A proposta foi para relatarem a história de vida até o ingresso no CMPA. Essa proposta foi alterada, por sugestão dos alunos, para até o dia da redação do texto final do trabalho.

⁶ O Colégio Militar de Porto Alegre também é denominado, pelos seus integrantes, pela sua sigla: C.M.P.A..

orientadoras educacionais e docentes. Mas o marco da mudança foi o ingresso das meninas na qualidade de alunas, em 1989, dando início ao Colégio Militar enquanto escola de meninos e meninas.

A mulher nos quadros do colégio foi sendo incluída aos poucos e é interessante pensar sobre como e por qual motivo isso aconteceu. Com base em entrevistas prévias e informais consegui perceber que esse processo constituía não só em aceitar a mulher nesse espaço, mas em aprender a conviver com ela no cotidiano, desse ambiente, até então, genuinamente masculino. O Exército não estava imune às mudanças sociais, econômicas e políticas que marcavam a sociedade do período estudado e as conquistas femininas incluíram a caserna.

Esta pesquisa se propõe a analisar o Colégio Militar de Porto Alegre com o auxílio da memória de ex-alunos do período de 1962 a 1990.

O recorte cronológico proposto é justificado por perceber que do ano de sua reabertura, em 1962, até o ano de 1990, o Colégio Militar de Porto Alegre viveu, em seu processo histórico, importantes transformações, entre as quais, como já mencionado, o ingresso de mulheres, nesse ambiente, antes, tipicamente, masculino.

Creio ser importante, neste momento, deixar claro o modo pelo qual, entendo a instituição escolar. Tendo como base as reflexões de Magalhães (1998), concordo com Pineda (2003, p.1) que esta é “uma unidade complexa, em permanente movimento, inserida em um contexto social, com o qual produz e partilha sentidos, projetos e representações”.

O fato do tempo selecionado para estudo ser muito próximo e de trabalhar na instituição pesquisada, apesar de ter ingressado após o período delimitado, e, ainda, por ser uma mulher nesta instituição, ainda muito masculina, tanto pelo número de homens em seus quadros, quanto pelo seu funcionamento/pensar masculino, pode ser um fator de questionamento sobre a objetividade deste trabalho. Mas, antes de ver estes aspectos como impedimentos para a sua execução, enxergo-os como vantagens. Fazer parte dos quadros da escola facilita o acesso a documentos e colaboradores, permite que entenda melhor rotinas e ocasiões descritas, por estar familiarizada com formas de expressão, ritos e espaços. E apesar dos estudos dos tempos recentes ainda despertar desconfiança em algumas pessoas; sabemos que o distanciamento temporal, não garante a objetividade da pesquisa, nem elimina as possíveis paixões ⁷.

⁷ Podemos lembrar Hobsbawn (1995) que refletiu sobre suas dificuldades ao trabalhar com objetos contemporâneos devido a sua ligação com o Partido Comunista e à possibilidade de rompimento com algumas orientações do partido.

Quando penso na minha condição de professora da instituição de ensino, foco deste estudo, lembro Certeau (2004) que aponta possibilidade de enxergar normas culturais através do cotidiano. No Colégio Militar existem vários rituais como formaturas, hasteamento de bandeiras, solenidades de entrega de boinas, entrada simbólica dos novos alunos em trajes civis, mas percebo que o cotidiano transcende e, por vezes até transgride, o que estas ações simbólicas demonstram para o observador externo.

Analisando estes rituais na condição de observador externo poderia ancorada, de forma simplista e superficial, em Bourdieu (1995) tomar estas práticas como indicativos do cotidiano; porém, como já mencionado tenho a percepção que estas ações simbólicas não dão conta do cotidiano desse educandário e dos seus integrantes.

É importante que estas características estejam claras. Uma pesquisa não é feita para ser o ponto final de um assunto. Deve deixar iluminados os caminhos pelos quais fez o seu percurso dialético e propiciar novas reflexões.

O historiador pertence ao seu tempo histórico e ao seu entorno; portanto, podemos considerar que todo trabalho histórico é contemporâneo⁸, independente se investiga processos desenrolados no período delimitado didaticamente como medieval, ou se versa sobre aqueles sucedidos há apenas duas décadas⁹.

A falta de distância, ao invés de um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio importante para um melhor entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade fundamental que ordinariamente separa o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que fazem a história (AMADO; FERREIRA, 1998, p. xxiv).

Atualmente, uma das referências comuns ao Colégio Militar de Porto Alegre é considerá-lo como “Colégio dos Presidentes”, em alusão a alguns ex-alunos que desempenharam a função de Presidentes da República do Brasil. Mas... Esta escola, também, foi colégio de atores, hippies, professores, militares e de uma série de outros profissionais que passaram por suas arcadas. Há pessoas que se tornaram conhecidas em nossa sociedade em diferentes campos de atividades, há o cidadão comum anônimo para os jornais e mídia. Há os que agradecem os anos que passaram como integrantes do colégio, há os que não gostavam de

⁸ Le Goff apresenta uma reflexão interessante sobre esta questão na obra *História e Memória* (1996), p. 23-30 e 207-29.

⁹ Importante a leitura das reflexões de Roger Chartier (1998) acerca da atuação do pesquisador quando contemporâneo do seu objeto de pesquisa.

estudar nesta escola; pois se enquanto grupo de alunos do CMPA eles soam como um único corpo, em suas singularidades reagem de diferentes formas à realidade cotidiana¹⁰.

O presente trabalho está dividido em quatro partes. “Pistas, trilhas e planos” objetiva compartilhar um pouco dos caminhos e aportes desse estudo. No capítulo “O Casarão da Várzea: a instituição de ensino foco da pesquisa”, o objeto de estudo é localizado, apresentado e contextualizado.

“O Colégio Militar de Porto Alegre: escola para homens” traz aspectos da cultura e organização escolar do colégio enquanto instituição de ensino masculina, o cotidiano pela ótica discente e infere o perfil de sujeito que a escola desejava formar não caindo na armadilha de considerar a existência de um único modelo de masculinidade. Como lembra Pineda (2003, p.9), não devemos “confundir hegemonia de gênero com totalitarismo de gênero”. Também lança luz aos sujeitos discentes e suas formas de compreender e conviver e significar o ambiente escolar.

“Tem mulher no Casarão da Várzea” inicia apresentando o feminino e seus sentidos circulantes no Colégio através de uma ótica que compreende a formação de homens e mulheres, bem como as suas representações como resultantes das relações estabelecidas entre sujeitos masculinos e femininos. Relações estas socialmente construídas e que não estão restritas ao mundo escolar, antes estão presentes e permeiam a sociedade da época. Embora, nos anos 60, “a mulher não estivesse física e cotidianamente presente, já que a escola era destinada exclusivamente a meninos, havia discursos sobre o feminino circulando pela instituição” (PINEDA, 2003, p.10).

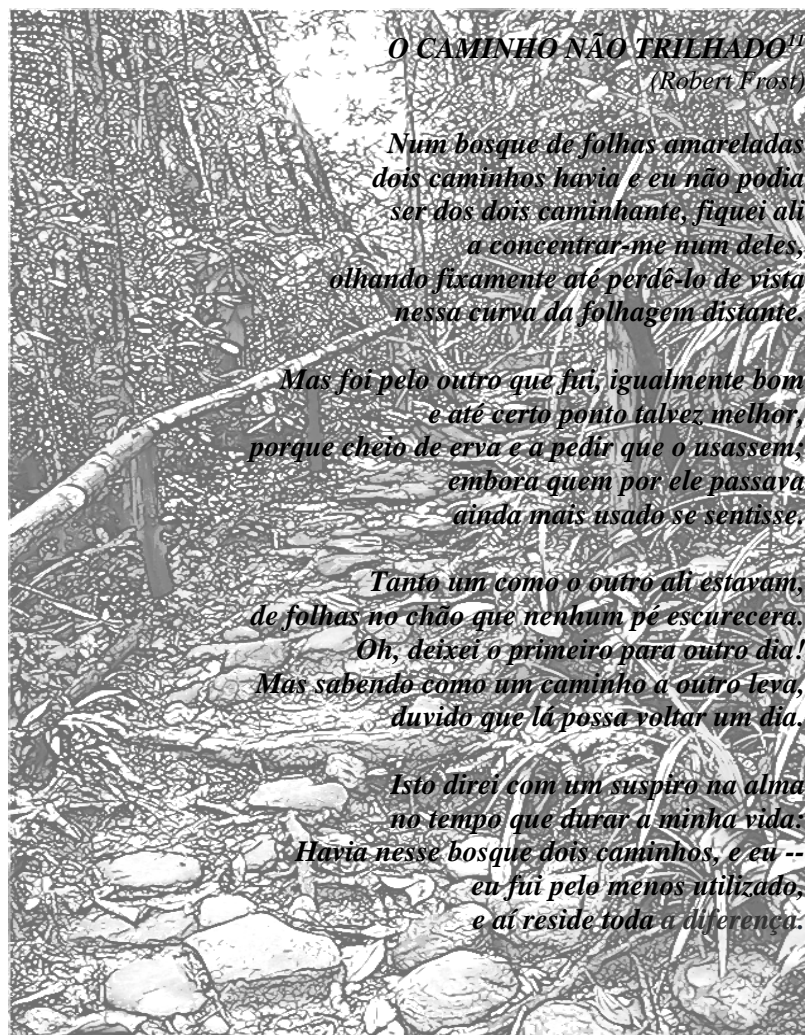
Ainda no quinto capítulo sob o título de “Tem mulher nessa escola para homens: flores, espinhos, perfumes e rumores”, este estudo retoma a narrativa dos estudantes, contextualiza o educandário complementando o capítulo anterior e infere que os anos 70 e 80 trouxeram consigo o trabalho feminino para o interior dos muros do Colégio. A pesquisa procura identificar essa presença, os seus reflexos e tensões no processo histórico e no cotidiano desta escola de ensino básico.

O ciclo do processo histórico vivenciado pelo Colégio Militar de Porto Alegre enquanto educandário para meninos termina com o ingresso das meninas na qualidade de alunas. “Tem aluna no Casarão da Várzea” conclui esta dissertação versando sobre o início deste novo tempo.

¹⁰ Faço esta colocação amparada pelas entrevistas iniciais e informais, nas quais não utilizo o gravador e converso com o possível colaborador para verificar se ele pode contribuir com a pesquisa e, sendo o caso, convidá-lo para auxiliar este trabalho com as suas memórias. Observo que, enquanto professora do Colégio Militar de Porto Alegre, tenho a oportunidade de observar esta questão na atualidade.

O aceitar a mulher como trabalhadora e como aluna não transformou o caráter masculino da cultura do Colégio Militar de Porto Alegre. A vivência desta instituição de ensino como escola mista , assim como o crescimento do número de integrantes femininas, trabalhadoras civis e militares e alunas, é provocação para novas reflexões.

1 PISTAS, TRILHAS E PLANOS



Caminhos são vários, escolhas são necessárias. Conscientemente ou não elas entregam nossa práxis na vida. Assim como é necessário optar pelo caminho, é essencial a bagagem e os apoios ao longo da caminhada. O historiador, sujeito histórico do seu tempo e entorno precisa eleger estratégias, caminhos, documentos na construção e escrita de sua pesquisa¹². A pesquisa é uma trilha com estradas previstas, surpresas, achados, picadas ilusórias e por vezes rotas inesperadas.

¹¹ In: http://clubedasalmasinquietas.blogspot.com/2003_12_01_archive.html. Acessado em 10 /08/2007.

¹² “A história deve ser pensada no duplo sentido do termo: como experiência humana e como sua própria narração, interpretação e projeção. Essa experiência não se modifica enquanto passado. O que se modifica é a investigação sobre ela, de acordo com as problemáticas que o investigador se coloca no presente, que envolvem sua própria experiência de vida e as concepções das quais parte. Essa subjetividade está presente no trabalho do historiador, independente de ele se dar conta ou não, influenciando na compreensão dos nexos e das relações sociais imbricadas nas formas de expressão da atividade humana” (VIEIRA, 1991 p.29).

Durante os caminhos percorridos para a construção desta dissertação vários autores foram visitados. Eles estão presentes ao longo do texto e as suas contribuições podem ser sentidas, contextualizadas, através dos assuntos que norteiam.

Este estudo é uma investigação de cunho qualitativo e encontrou orientação nos campos da Nova História e da História Cultural.

Nesta ótica, o passado é compreendido por meio de suas representações. Pensavento (2004, p. 42) afirma que “a rigor, o historiador [da cultura] lida com uma temporalidade escoada, com o não-visto, o não-vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele”.

Ao buscar informações e escritos sobre o Colégio Militar de Porto Alegre localizei um estudo sobre a escola, não publicado, datado de 1985, intitulado “Sinopse do Histórico do Colégio Militar”, de autoria do então Major Flávio Mabilde, dentista e licenciado em História. Este trabalho foi cedido pelo autor à professora e pesquisadora Silvana Schuler Pineda, por ocasião de sua dissertação de mestrado.

O documento traz, inicialmente, uma referência ao porquê de ser produzido e, um pouco, sobre como e quais foram as fontes e caminhos de pesquisa trilhados pelo pesquisador. Contém, em anexo, cópias de documentos pesquisados. Trata de aspectos da criação da escola até os dias em que foi produzido e narra o histórico do prédio¹³. Tem um caráter descritivo e compilador das informações recolhidas nos documentos utilizados.

Encontrei outros textos versando sobre esta escola, mas são artigos produzidos com base na transcrição de documentos institucionais, tais como boletins do Exército e ordens de serviço. Estão publicados em impressos da instituição e versam sobre atividades desenvolvidas pelo colégio e/ou exaltam sua ação educativa e tradição.

Na pequena bibliografia que aborda o Colégio Militar de Porto Alegre não encontrei nenhuma produção valorizando a memória de ex-alunos, através de suas narrativas, como uma das importantes pistas para compreender e pensar o processo histórico pretendido para estudo. Na perspectiva de ouvir a voz de estudantes há a dissertação de mestrado de Pineda (2003), na qual os escutamos através de suas

¹³ O documento que tenho em mãos consta de uma cópia do original, entregue na ocasião de sua conclusão ao comando do colégio, e parte do trabalho original.

contribuições ao impresso estudantil *Hyloea*. Pineda aborda a primeira fase de funcionamento do Colégio Militar de Porto Alegre (1912 a 1939).

Existe uma matéria publicada na imprensa local (1975) contendo informações acerca da história do prédio que abriga o colégio, da criação do CMPA, do seu fechamento e reabertura, ex. alunos, além de dados informativos referentes à escola durante a década de 70, tais como: efetivo, funcionárias, cotidiano dos alunos, comandante e instalações. Ao analisar o documento percebe-se que é grande a possibilidade de ser um artigo produzido pela própria instituição e publicado como informe ou propaganda desta.

Atas de reuniões do Conselho de Ensino, Anuários do Conselho de Ensino, Boletins do Exército, boletins escolares, fichas de alunos, comunicado de elogios ou de punições, cartões escolares, regulamentos, recortes de jornais ou impressos pedagógicos guardados por alunos e professores, relatórios e estudos produzidos por docentes e outros integrantes do Colégio Militar, como por exemplo, o estudo sobre a possibilidade do ingresso das meninas na qualidade de alunas, foram documentos de grande valia neste processo de pesquisa.

O fio condutor dessa investigação foi a narrativa de ex. alunos, professores e trabalhadores que serviram nessa instituição de ensino no período delimitado para o estudo. As narrativas, em sua maioria, foram coletadas a partir de entrevistas semi-estruturadas individuais.

Através das primeiras conversas, ainda informais, quando estava no processo de pensar o projeto deste estudo, percebi a possibilidade de analisar a trajetória do Colégio Militar de Porto Alegre, no período de 1962 a 1990, utilizando, entre outros caminhos, a narrativa de alunos que estudaram no colégio durante as décadas de 60, 70 e 80, das primeiras funcionárias e professoras e de ex-professores ou professoras, ainda na ativa, que ministravam aulas nesse período.

Vislumbrei a chance de encontrar os sujeitos que compuseram a história desse educandário e, no seu cotidiano, auxiliaram a tecer, ainda que de forma inconsciente, os múltiplos significados que esta instituição assumiu para os diferentes personagens que tiveram suas trajetórias de vida perpassadas por esse educandário.

Ao escolher a narrativa como caminho investigativo a ser utilizado neste processo, foram levados em consideração aspectos como a questão da narrativa não

ser uma verdade literal do ocorrido, mas uma representação feita pelo sujeito e o fato de estar inserida em um contexto sócio-histórico. Segundo Abrahão (2004, p.220): “as narrativas estão sempre inseridas no contexto sócio-histórico. Uma voz específica em uma narrativa somente pode ser compreendida em relação a um contexto mais amplo: nenhuma narrativa pode ser formulada sem tal sistema de referentes”.

Afinal o narrar é um processo de reconstrução e resignificação das trajetórias vividas. Ao mesmo tempo, não podemos ignorar a interferência do pesquisador, a qual pode ocorrer durante a análise dos dados e/ou durante a redação dos resultados da pesquisa:

A interpretação do investigador não desqualifica a interpretação/reinterpretação do narrador, que será respeitada em seu “estabelecimento da verdade”, mas representa uma leitura do material narrativo, tendo em vista uma “referência de verdade” para além das narrativas, no esforço de compreender o objeto de estudo em duas perspectivas: na perspectiva pessoal/social do narrador – que representa as individualidades – na perspectiva da dimensão contextual da qual essas individualidades são produto/produzidas (ABRAHÃO, 2004, p.221).

Cunha (2005, p.109) faz a seguinte observação ao refletir sobre o processo de um estudo:

[...] inicialmente tínhamos a perspectiva de que as narrativas constituíam a mais fidedigna descrição dos fatos e era esta fidedignidade que estaria "garantindo" consistência à pesquisa. Logo nos apercebemos que as apreensões que constituem as narrativas dos sujeitos são a sua representação da realidade e, como tal, estão prenhes de significados e reinterpretações. Conseguimos, ainda, perceber que, antes disto ser um problema, era o cerne da pesquisa socio-antropológica pois, como explicitam Berger & Luckmann, as análises tem particular importância para a sociologia do conhecimento, porque revelam as mediações existentes entre universos macroscópicos de significação, objetivados por uma sociedade, e os modos pelos quais estes universos são subjetivamente reais para os indivíduos.

Ao trilhar pelo caminho das narrativas é necessário buscar os aportes da História Oral e indagar acerca dos conceitos e formas de atuação da memória. Amado e Ferreira (2005) concebem a História Oral enquanto metodologia. Uma metodologia incapaz de resolver questões e só viável em uma prática interdisciplinar. No livro *Usos e abusos da História Oral* brindam os leitores com reflexões acerca de aspectos da História Oral, apresentam possibilidades metodológicas e ponderações sobre as relações entre memória e história, história oral e história do tempo presente.

Verena (2004), em *Ouvir e Contar*, aborda a História Oral na atualidade e defende que está vinculada a dois paradigmas da modernidade: a hermenêutica e a idéia do indivíduo como valor. Discorre sobre a entrevista enquanto documento, memória, elaboração terapêutica do passado e diferencia os domínios da história oral dos campos da ficção literária¹⁴.

O trabalho com narrativas tem a sua raiz na memória e lembrar não se restringe a viver novamente os acontecimentos e caminhos já percorridos, mas transcende essa visão simplista, na medida em que, com ferramentas interiores atuais, o sujeito pode repensar, decidir e concluir diferente, resignificando a sua experiência passada¹⁵.

Considerando os riscos e alertas acerca do trabalho com memória, é imprescindível trabalhar com triangulações de fontes. Este cuidado não implica desconsiderar a racionalidade reconstrutiva da memória dos narradores, mas enxergá-la enquanto produto e produtora diante da realidade atual e das experiências vivenciadas e resignificadas.

O uso da narrativa aliada a outras fontes permite uma análise mais ampla do objeto de estudo, auxilia no entendimento e no processo de produção da narrativa. Coerente com esta reflexão, foram úteis as análises de publicações e reportagens na imprensa local (1961, 1962, 1988, 1989), o impresso *Hiléia* (1961), as revistas *Hyloea* e *Hiléias*¹⁶ (1962 a 1989), fotografias, documentos oficiais do Sistema Colégio Militar do Brasil, e documentos produzidos pelo Colégio Militar de Porto Alegre: administração, comando, docentes. Também foram utilizadas anotações de campo e diário da pesquisadora¹⁷.

A diversidade de documentos, também, se justifica pela premissa da existência de vários discursos possíveis acerca de acontecimentos, períodos ou situações

¹⁴ Na mesma estudiosa é importante consultar a obra *Manual de História Oral* (2004).

¹⁵ Neste sentido, a intenção é produzir “uma narrativa dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada enquanto falamos ou enquanto ouvimos” (FREIRE apud CUNHA, 1999, p.150).

¹⁶ O impresso *Hyloea* teve o seu nome grafado de diferentes maneiras. Os impressos publicados de 1962 até o ano de 1971 tiveram o nome *Hiloea*. Os impressos publicados a partir de 1972 receberam o nome com a grafia original: *Hyloea*. Outra observação é que nem todos os exemplares são paginados e há alguns que são apenas parcialmente paginados.

¹⁷ Onde estão minhas reflexões, dúvidas e outros sentimentos sobre o desenrolar da pesquisa. Este documento é importante na construção da pesquisa, para a reflexão da praxes do pesquisador e para a análise e proposta de metodologias. Acredito que um pesquisador se forma durante os processos de pesquisa. Penso que é fundamental que pesquisadores que se dedicam ao processo de investigação qualitativa reflitam sobre sua própria experiência.

vivenciadas. Nesta perspectiva, o uso de diferentes fontes documentais permite uma noção de inter-relação entre diferentes ângulos de abordagem da história desta instituição de ensino e o contexto histórico privilegiado para estudo.

Segundo Lombardi (2003, p. 15), os documentos são provas históricas produzidas por homens e mulheres e, mesmo não tendo sido produzidas com a intencionalidade de registrar a vida e o mundo dos homens, acabam sendo testemunhas dessas dimensões. Estes documentos, conforme observa Neves (2002, p.95), “transcrevem ações simbólicas do passado sem inocência e nem transparência”. Le Goff (2005, p.76), ao escrever sobre as tarefas da História Nova, alerta para a necessidade de uma

nova concepção de documento, acompanhada de uma nova crítica desse documento [...], pois, o documento não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador, ele próprio é parcialmente determinado por sua época e seu meio; o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado, tanto para impor uma imagem desse passado, quanto para dizer ‘a verdade’.

Na pesquisa qualitativa, a entrevista caracteriza-se como um instrumento importante por possibilitar a produção de conteúdos fornecidos diretamente pelos sujeitos envolvidos no processo – materiais que tanto podem ser objetivos quanto subjetivos.

O entrevistador pretende com esse instrumento elucidar as informações pertinentes ao seu objeto. Dessa forma, a entrevista como fonte de informações pode fornecer dados e ser estruturada de formas diversas e variadas, tais como: a sondagem de opinião com questionário fechado, a entrevista semi-estruturada, a entrevista aberta, a entrevista não diretiva e a entrevista centrada (MINAYO, 1996).

Neste processo investigativo, foi utilizada a forma semi-estruturada para propiciar o início e o desenvolvimento das narrativas. A abordagem por meio de algumas perguntas prévias¹⁸ propiciou maior segurança aos colaboradores desta pesquisa; os quais, em sua maioria, estranharam serem importantes para o desenvolvimento de um estudo e, inicialmente, não conseguiam atinar como estudantes e suas vivências poderiam ‘ter história que pudesse produzir história’.

Além de terem se mostrados surpresos com a importância que narrativas estudiantis ordinárias possam ter na produção da história de uma instituição e na História da Educação, muitos colaboradores, esperavam o questionário fechado:

¹⁸ Os roteiros das entrevistas estão nos apêndices.

perguntas objetivas sem muita abertura para lembranças caras ao, agora, ex-aluno colaborador desta pesquisa.

Patrícia, claro que posso ajudar. Passe as perguntas que eu respondo. Olhe pode me dar em um disquete ou mandar por e-mail, respondo digitado e você poupa trabalho. Olha tem coisas que posso não lembrar direito, mas ligo para o 'fulano' e pergunto (REIS, 2006).

Esta fala de um dos colaboradores demonstra a idéia de história na qual anônimos só podem colaborar no sentido de fornecer dados exatos e nunca como sujeitos produtores de história e cuja percepção possa interessar. Revela também o receio, ainda que inconsciente, do que seria interessante falar, até onde narrador tem o controle do que vai dizer.

Em uma instituição de ensino militar, as marcas do pensar positivista ainda estão presentes. O entendimento da história é um dos âmbitos em que podemos perceber seus sinais. Para pessoas acostumadas a uma história de heróis, grandes líderes e factual, que tem parte de suas vidas ligadas a uma escola que se autodenomina “dos presidentes”, compreender que o fato de ser um sujeito importante para uma investigação é uma experiência diferente.

Não foi problema encontrar colaboradores para o estudo. Muitos ex-alunos apreciam falar dos seus tempos de estudante e contei com o auxílio de colegas para me apresentarem como pessoa idônea. A maior dificuldade foi ouvir além do discurso institucional. Muitas narrativas foram constituídas em mais de uma etapa de entrevista.

Na busca de elementos para pensar a pesquisa, de possíveis colaboradores e como forma de formar vínculos de confiança com os entrevistados, em um primeiro momento, conversei com as pessoas sem utilizar o gravador e de forma informal.

Todos os colaboradores demonstraram boa vontade com a pesquisa. À medida que foram respondendo as primeiras interrogações desenvolveram as suas narrativas de forma espontânea. Não enfrentei resistências de colaboradores, mas alguns colocaram que estavam participando do estudo por sentirem confiança na pesquisadora. Entendi esta colocação como uma recomendação de “cuidado com minhas memórias que agora lhe confiei”.

O que torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de

sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas (MINAYO, 1996, p.109).

Foram realizadas entrevistas individuais com pessoas que estudaram e/ou trabalharam no CMPA no período contemplado por esta dissertação. Ouvi mais pessoas durante a fase do projeto (58 pessoas). Para a dissertação selecionei estes colaboradores levando em conta o período em que trabalharam ou estudaram no Colégio. No caso dos alunos, tomei o cuidado de selecionar tanto alunos internos como semi-internos.

Ex-alunos e ex-alunas ouvidos	Período que freqüentou a escola	Data da entrevista
Lucano	Anos 60	Maio de 2007
Reis	Anos 60	Maio de 2007
Beto	Anos 60	Abril de 2007
Rafael	Anos 60 e 70	Maio de 2007
Raul	Anos 60 e 70	Setembro 2006
Caco	Anos 80	Março 2007
Carlitos	Anos 80	Junho 2007
Luca	Anos 80	Junho 2007
Luís	Anos 70 e 80	Outubro 2006
Ana	1990 a 1996	Agosto 2007

Quadro 1: Ex-alunos colaboradores

Primeiras mulheres professoras, psicóloga e orientadora educacional ouvidas.	Professor homem que ministrava aulas na época do ingresso das primeiras professoras. E das primeiras alunas.	Funcionárias ouvidas	Professora contratada devido ao ingresso das alunas	Ex-alunas de outras escolas
Yole (ingressou em 1979) Entrevista setembro 2007.	Gildo Entrevista junho 2007.	Frances Entrevista setembro 2007.	Bete (ingressou em 1990) Entrevista novembro de 2006.	Rose, ex-aluna do Instituto de Educação eleita a “Primeira Prenda do CTG Potreiros da Várzea (CTG do Colégio Militar de Porto Alegre). Entrevista maio 2006.
Valéria (ingressou em 1982) Entrevistas dezembro 2006 e		Iza Entrevista outubro 2006.		

julho 2007.				
Atena (ingressou em 1980) Entrevistas julho 2006 e março 2007		Nilma Entrevista setembro 2007		
Angélica (ingressou em 1981) Entrevista agosto 2007				
Rose				

Quadro 2: Colaboradores não-discentes

Infelizmente não pude contar com o depoimento de Tia Clara¹⁹, personagem citada, carinhosamente, por vários ex-alunos, funcionários e professores do Colégio Militar. Tia Clara ingressou neste educandário como bibliotecária, no início da década de 70, e é lembrada entre outros adjetivos como “*uma mãe para os internos*”, “*anjo*”.

Durante as entrevistas alguns cuidados e/ ou procedimentos foram observados: roteiro de pesquisa, local para realização das entrevistas, conservação ou registro das entrevistas e seleção dos entrevistados.

O roteiro teve a finalidade de nortear a entrevista e, em alguns casos, também, possibilitar segurança ao colaborador²⁰. O local escolhido levou em consideração elementos como: a disponibilidade e vontade do entrevistado, a possibilidade do espaço auxiliar a evocação de lembranças, ruídos na entrevista. A maioria das entrevistas, por sugestão, dos colaboradores aconteceu nas dependências do CMPA.

A entrevista exige uma transcrição precisa e contínua dos dados e uma das condições para uma boa transcrição está no equipamento utilizado. A gravação²¹ ideal deve permitir uma audição clara. Outro cuidado é contar com o trabalho de um

¹⁹ Quando fui transferida para o Colégio Militar de Porto Alegre, Tia Clara já não trabalhava mais na escola. Faleceu logo que iniciei a pesquisa e não tive a oportunidade nem de conhecê-la pessoalmente e nem de ouvir as suas narrativas.

²⁰ Todos os entrevistados são vistos como colaboradores desta pesquisa. O termo colaboradores inclui, também, pessoas que auxiliaram a pesquisa com narrativas não gravadas, fornecimento de documentos, indicação de possíveis entrevistados.

²¹ É importante cuidado com o uso do gravador, pois este equipamento ainda tem o poder de intimidar algumas pessoas. O seu uso deve ser discutido com o colaborador e, cabe ao pesquisador pensar sobre a possibilidade de, mesmo tendo concordado antecipadamente com o uso desse equipamento, o colaborador pode, na hora, não permitir o seu uso ou ficar inibido. Nesta pesquisa houve dois casos em que não utilizei o gravador. Um deles depois solicitou novo encontro, quando permitiu que gravasse a sua narrativa. O retorno do pesquisador, com a transcrição e/ou com a gravação para que o colaborador ouça, minimiza essas situações e também é de grande valia para a pesquisa; pois, neste momento, há novas trocas entre pesquisador e colaborador. Pessoalmente, vejo esta possibilidade como uma atitude de respeito ao outro.

observador registrando a conversa. Não utilizei o observador, exceto nas entrevistas com as meninas, pois muitos dos meus colaboradores não ficariam à vontade com a presença de outra pessoa²².

O uso do diário de campo é fundamental no trabalho com entrevista/narrativa. Este documento deve, entre outras coisas, conter anotações dando conta das impressões do pesquisador em relação: ao ambiente, ao entrevistado, ao dito, ao silenciado, à entrevista. O registro deve ser realizado logo após a entrevista, é de grande valia durante o processo de transcrição e análise das narrativas, assim como para reflexões em relação à metodologia.

As pessoas entrevistadas autorizaram o uso dos seus depoimentos através do termo de compromisso que assinaram²³. Optamos pelo uso de codinomes escolhidos pelos donos das narrativas visando à proteção da identidade, mas não negando o direito deles se reconhecerem enquanto sujeitos participantes e colaboradores desse estudo.

À medida que o historiador do século XX se aproxima do presente, fica cada vez mais dependente de dois tipos de fonte: a imprensa diária ou periódica e os relatórios econômicos periódicos e outras pesquisas, compilações estatísticas e outras publicações de governos nacionais e instituições internacionais (HOBSBAWM, 1995, p.9).

O uso dos jornais levou em consideração as suas características de documento de época e o fato de serem sensores possíveis de captar as diferentes visões da sociedade acerca do Colégio Militar de Porto Alegre, além da possibilidade de informações sobre o processo histórico estudado. Para o trato desses documentos contei com os estudos desenvolvidos por: Pinski (2005), Luca (2005), Alves e Silva (2005), Nóvoa (1997) e Bacellar (2005).

Outro documento importante para este estudo foi a revista *Hyloea* (ou *Hiloea*). Os exemplares desta publicação, agora institucional, foram úteis. Trazem fotografias, informações sobre a rotina escolar, comemorações caras ao colégio e atividades desenvolvidas entre outros dados sobre os espaços escolares.

Nas primeiras revistas (1962, 1968, 1969), os alunos, ao que parece, ainda têm alguma liberdade de escrever e publicar seus textos no impresso, apesar de tutelados

²² Constei, porém, com o fato de ter condições de ouvi-los, novamente, para esclarecer alguma dúvida que pudesse ocorrer ou retomar algum aspecto abordado na narrativa.

²³ O modelo do termo de compromisso está disponível no apêndice (Termo de Compromisso Informado – APÊNDICE D, página 220).

por um professor orientador e responsável pela revista. Entre os exemplares pesquisados para este estudo, esses são os que mais contêm escritos discentes. Mas o periódico não vingou como revista estudantil e sim como revista do educandário e/ou de formandos.

Nessas edições foi possível encontrar depoimentos acerca do cotidiano escolar, colegas, internato, férias, Sete de Setembro. Esses se encontram na forma de redações sobre as férias, o reinício das aulas, o fim do ano ou despedida da turma de formandos. Os textos de formandos são ricos em informações sobre a cultura escolar, pois apresentam um caráter narrativo das trajetórias do aluno/ autor e dos seus amigos próximos abordando o tempo no colégio, em geral, colégio e ginásio.

Existem, ainda, poemas, textos dissertativos e anedotas que abordam o amor, mulheres, práticas sociais, acontecimentos da época, comemorações escolares, além dos temas já citados no parágrafo anterior.

“Os documentos “não são textos” inocentes e transparentes, foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias” (CHARTIER, 1990, p.18).

A *Hyloea*²⁴ possibilitou informações sobre a instituição, perceber preocupações sociais e valores considerados caros ao CMPA, observar sinais do processo histórico vivenciado durante as décadas de 60, 70 e 80, encontrar relatos e outras produções discentes e várias fotografias. As fotografias, presentes ou não na *Hyloea*, constituem interessantes documentos de pesquisa.

Também foi utilizada a revista *Hiléia* de 1961, a qual foi escrita e publicada no decorrer do ano de 1962. Os formandos da EsPPA, Escola Preparatória de Porto Alegre, do ano de 1961 não tiveram revista de formatura, assim na tentativa de lhe conceder uma revista e aproveitando para saudar a reabertura e o primeiro ano de funcionamento do CMPA, ex-alunos da primeira existência do colégio (1912 a 1938), entre eles um que era professor da escola e foi o organizador da revista, produziram a

²⁴O impresso pedagógico é “instrumento privilegiado para a construção do conhecimento, constitui-se em guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou grupo social, a partir da análise do discurso veiculado e a ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar. Prescrevendo determinadas práticas, valores e normas de conduta, construindo e elaborando representações do social, a imprensa pedagógica afigura-se como fonte privilegiada de estudo: jornais, boletins, revistas, magazines; feitas por professores, feita para alunos por seus pares ou professores, associações ou Igreja. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e as filiações ideológicas, as práticas educativas e escolares” (CASPARD apud CATANI ; BASTOS, 1997, p. 173).

Hiléia 1961. Esta revista foi emprestada por um colaborador ouvido para o projeto, ex-aluno da última turma da EsPPA.

As páginas da *Hyloea*, a Sala Histórica do CMPA²⁵ e os guardados de colaboradores desta pesquisa são apenas alguns dos lugares onde podemos encontrar fotografias feitas durante o período estudado.

O senso comum enxerga a fotografia, apenas, como ilustração do contexto descrito visando auxiliar, o leitor, a perceber o que vislumbra e expõe o autor²⁶. Mas a fotografia, as gravuras e desenhos produzidos em uma determinada época não se reduzem ao reforço do discurso do pesquisador e/ou à finalidade de ilustrar os textos tornando-os mais agradáveis à leitura.

Tampouco os vídeos estão destinados unicamente à função de ilustrar as palestras ou serem vistos enquanto documentos de pesquisa apenas quando se constituem na forma de documentários. Os métodos visuais são possibilidades viáveis para a pesquisa social e para a comunicação de suas conclusões.

Fotografias, gravuras, filmes, estátuas, quadrinhos também são textos. E na qualidade de textos foram edificados por um alguém, com alguma intenção, transmitem mensagens e podem provocar questionamentos. Cada tipo de texto apresenta a sua linguagem peculiar e invoca ferramentas e habilidades específicas para ser compreendido. Fala ao leitor desavisado e ao pesquisador intrigado com problemas e hipóteses.

A imagem constitui um registro de acontecimentos, ações, formas, objetos inseridos em um espaço de tempo e contexto. Não importa se esta imagem está ou não acompanhada de som, se está ou não em movimento. Aliás, o som, o movimento e a forma de produção da imagem são, também, elementos auxiliares e caros ao pesquisador.

Contudo se podemos comemorar a possibilidade de utilizarmos filmes, fotografias, gravuras na qualidade de documentos em nossas investigações, em contrapartida, há a necessidade da cautela em sua análise. Enquanto registros, foram

²⁵ No Colégio Militar existe um espaço denominado Sala Histórica onde está guardado e exposto para os visitantes móveis, medalhas, fotografias e outros documentos pertinentes à história do colégio.

²⁶ A herança da historiografia do século XIX ainda é muito forte nas Ciências Sociais. Mesmo negando suas recomendações, a maioria dos pesquisadores foram estudantes sob os seus princípios. No caminho de pensar a fotografia enquanto documento é importante analisar as razões teórico-metodológicas que embasaram a não inclusão da fotografia entre os documentos viáveis para pesquisa histórica. Também é importante lembrar que independente da vontade ou autorização dos meios acadêmicos, a fotografia “introduziu um novo tipo de ver e dar a ver a diversidade do mundo moderno, rapidamente incorporado por homens e mulheres do século XIX e das primeiras décadas do século XX” (BORGES, 2005, p. 12).

produzidos em um dado contexto, com alguma intenção e por um ou mais sujeitos. São representações de uma realidade, mas nunca a realidade fiel.

Não podemos desconsiderar que a fotografia, assim como os filmes, não são culturalmente universais. Assim como não o são as suas representações. Tanto a produção quanto a interpretação destes documentos estão submersos em contextos culturais.

Loizos (2005) aponta alguns exemplos de empregos da fotografia para a pesquisa: documentação da especificidade da mudança histórica; nas investigações de história oral com objetivo de atuar como um “desencadeador para evocar memórias”; como meio para obter informações culturais/ históricas que estejam implícitas no documento tanto pela presença quanto pela ausência de alguns elementos. Podemos também pensar sobre o que é considerado digno ou necessário de ser fotografado e o que não se permite ou não se cogita em fotografar²⁷.

Muitos acreditam que imagens, fotografias ou não, só podem ter algum valor, além do ilustrativo ou do objetivo de persuadir o leitor, se estiverem acompanhadas de comentários, legendas ou outros textos escritos. Por quê? Estes comentários, legendas e demais escritos não demandam cuidados por parte do pesquisador? O que garante a idoneidade das inscrições, das legendas, dos tratados? A emoção que uma imagem pode provocar é um impedimento? Também seria impedimento a emoção que cartas de despedidas, ordens de extermínio ou pedidos de clemência podem provocar naquele que as lê (mesmo tempos depois de terem sido escritas)? Não seria a emoção um dado da humanidade?

O registro fotográfico é uma possibilidade de trabalho importante para pesquisa; mesmo visto como uma representação, pois é composto por elementos da realidade que foi fotografada. No caso das instituições de ensino, Pineda (2003, p.12) afirma:

[...] tais fontes são significativas na medida em que boa parte da vida escolar escapa à visão administrativa presente nos textos oficiais. As fotografias, então, podem indicar outros aspectos a respeito de como eram concebidos, por exemplo, os espaços destinados aos alunos. As imagens fornecem indicativos da vida no internato, de como era concebida a

²⁷Loizos (2005) exemplifica as fotografias enviadas, por pessoas que emigram, para os familiares que permaneceram nos países de origem. Estas imagens mostram, em geral, ambientes bonitos, pessoas sorridentes, bem vestidas, felizes. O ambiente duro do trabalho, as condições precárias de moradia pouco aparecem.

biblioteca, o refeitório, sobre os rituais, as atividades cívicas, a educação física e o lazer²⁸.

Assim como no uso de outros tipos de documentos, é aconselhável o cruzamento das informações obtidas ou inferidas através das fotografias com o que dizem outros vestígios²⁹.

Neste estudo foram utilizadas fotografias cedidas por colaboradores, encontradas nas páginas da *Hyloea* e da *Hiléia*, álbuns de ex-alunos, desenhos e caricaturas presentes nas revistas ou nos álbuns e um filme produzido em 1964 por Ivo Gzamansi que objetiva relatar ‘um dia no CMPA’. Também foram utilizadas fotografias produzidas por mim. Registros que fiz com a finalidade de ilustrar e, principalmente de auxiliar na compreensão desta dissertação.

As fotografias e o filme neste estudo como documentos que possibilitaram perceber aspectos do espaço e da cultura escolar e, principalmente, como ilustrações.

A história escrita não é a realidade. É apenas uma representação desta. Representação construída através da narração do vivido, das reflexões que esta narrativa proporciona ao narrador e influenciada pelo fazer do historiador.

²⁸ Amaral (2001, p. 39) contribui com o seguinte relato sobre a fotografia durante o processo de sua pesquisa: “as fotografias vêm me auxiliando, também, na análise dos espaços físicos dos Colégios Gonzaga e Pelotense. Elas têm revelado com riqueza de detalhes aspectos da arquitetura, infra-estrutura e diversas instalações que correspondia, à organização espacial dessas instituições de ensino”.

²⁹ Amaral (2001, p.39) relata a importância das entrevistas para a análise das fotografias durante o seu trabalho de pesquisa.

2 O CASARÃO DA VÁRZEA: O COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE



Figura 1: Vista atual do Colégio Militar de Porto Alegre
Fonte: www.terragaucha.com.br, imagem capturada em agosto de 2006

O Colégio Militar de Porto Alegre ou Casarão da Várzea, como também costuma ser denominado, está localizado à Rua José Bonifácio, número 363, bairro Farroupilha em frente ao Parque Farroupilha, popularmente conhecido como Parque da Redenção, na cidade de Porto Alegre. Conta com parte de suas instalações, localizadas no ‘Anexo’, prédio situado à Rua Vieira de Castro.

A alcunha Casarão da Várzea é uma referência ao prédio que ocupa e ao fato desta região de Porto Alegre ter sido outrora conhecida como “campos da várzea”. O casarão foi construído com o destino de abrigar instalações militares e tem a sua história relacionada ao ensino dirigido pelo Exército.

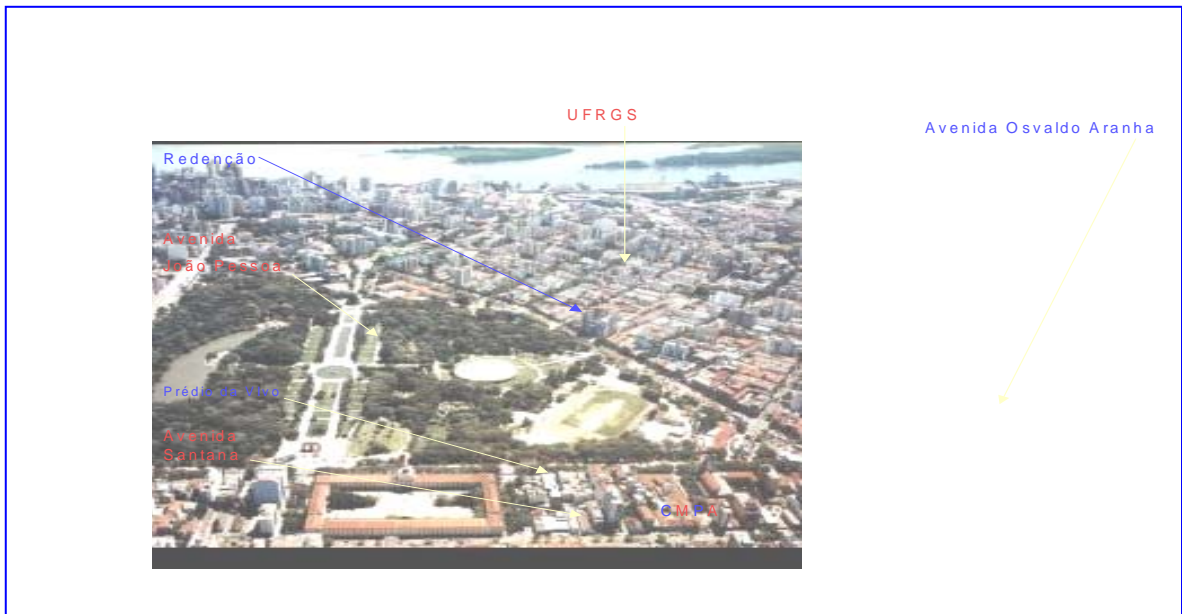


Figura 2: Vista aérea atual entorno do Colégio Militar de Porto Alegre (mapa localização)
 Fonte: [www. Math.ideal.edu/~schleini/cmpa/html](http://www.Math.ideal.edu/~schleini/cmpa/html), fotografia capturada agosto 2006

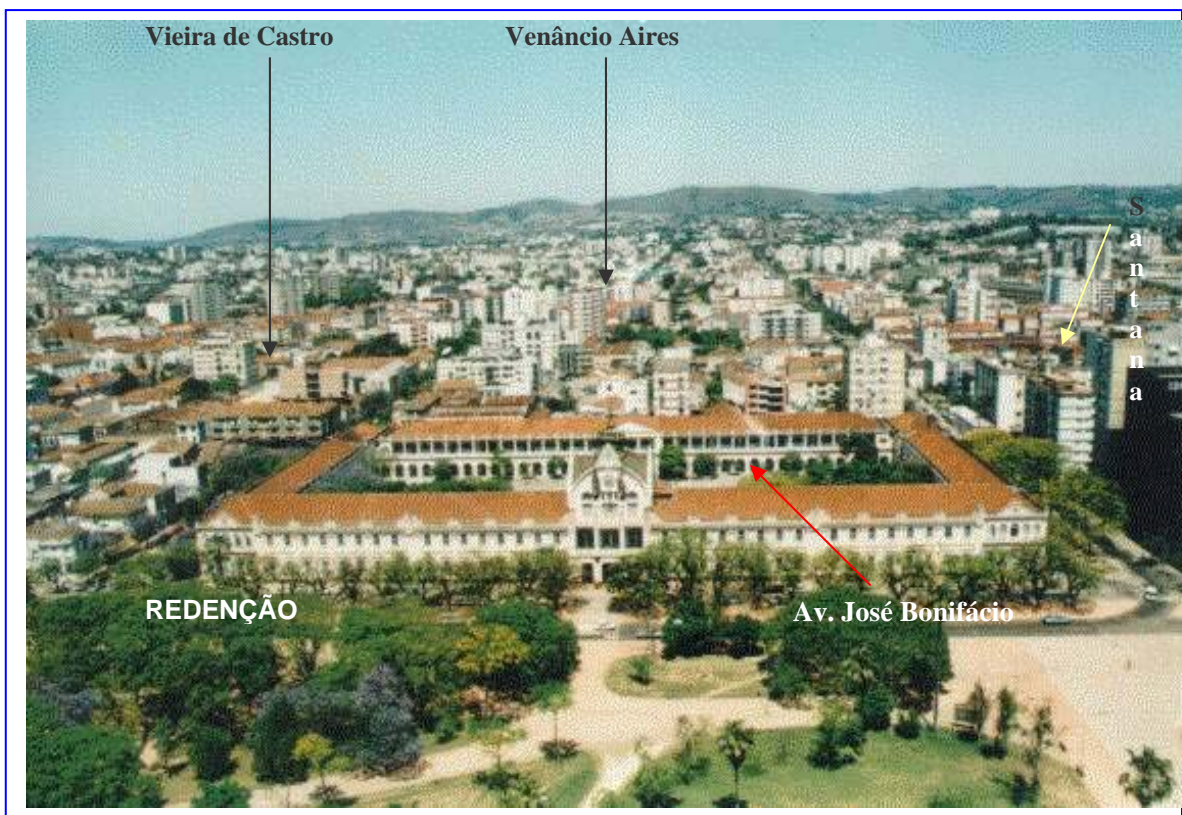


Figura 3: Vista aérea atual do Colégio Militar de Porto Alegre (mapa localização)
 Fonte: [www. Math.ideal.edu/~schleini/cmpa/html](http://www.Math.ideal.edu/~schleini/cmpa/html), fotografia capturada agosto 2006

A origem do Casarão da Várzea está relacionada à trajetória da Escola Militar de Porto Alegre. A Escola Militar funcionou em Porto Alegre até o ano de 1911. O Colégio Militar de Porto Alegre foi criado em 1912, após o fechamento definitivo da Escola de Guerra. Segundo Medeiros (1992 p.41): “a lei de 1908³⁰ reorganizava profundamente a incorporação às tropas e a organização do Exército. A extinção da Escola de Guerra ocorreu no bojo dessa reforma”. Ainda segundo este autor, “a extinção da Escola de Guerra se deu progressivamente, com a não incorporação de novos alunos”.

Em 1880, um prédio que estava sendo construído com o objetivo de abrigar um quartel foi destinado para sede da Escola Militar.

O terreno em que se acha edificada a Escola foi [...] cedido por troca ao Presidente da Província, o finado senador Figueira de Mello, que lançou nele a pedra fundamental de um quartel destinado a receber um Batalhão de Infantaria [...]. Tendo sido sentada a construção do aludido quartel por ordem expedida pelo legendário e pranteado Márquez do Herval, quando ministro da Guerra, foi ele adaptado ao fim a que hoje se destina por ordem do benemérito e ínclito general Visconde de Pelotas em seu fecundo Ministério (RELATÓRIO COMANDANTE, 1886 apud MEDEIROS, 1992, p.77).

Em março de 1883, ainda com a obra inacabada, a Escola passou a funcionar no novo prédio e habitou o novo endereço até o ano de 1911, quando foi extinta.



Figura 4: Colégio Militar de Porto Alegre, 1905
Fonte: acervo privado

³⁰ Lei 1.860, de 4 de janeiro de 1908. Esta lei instituía o alistamento militar e o recrutamento e reorganizava o Exército. (Medeiros, p.41)

Após o fechamento da Escola Militar de Porto Alegre, o Casarão sofreu uma reforma e acolheu o Colégio Militar de Porto Alegre (1912–1938). Medeiros (1992, p.79) descreve algumas alterações feitas no prédio original:

foi acrescido de um segundo andar. Anteriormente nas esquinas existiam torreões, que ficaram no nível do segundo piso, hoje confundindo-se com ele. Também o torreão central, sobre o portão da entrada na face poente, que originalmente era mais simples, de linhas retas, com terraço sobre o pórtico da entrada, foi substituído pelo atual, mais rebuscado.



Figura 5: Colégio Militar em 1910
Fonte: acervo privado



Figura 6: Colégio Militar no Início do Século XX
Fonte: *Zero Hora*



Figura 7: Vista atual Colégio Militar de Porto Alegre esquina com Rua Vieira de Castro
 Fonte: www.terragaucha.com.br, imagem capturada em agosto de 2006

Além das instalações localizadas à Rua José Bonifácio, o Colégio Militar herdou o espaço conhecido como Anexo:

acomodações que a escola dispunha do outro lado da atual Avenida Venâncio Aires, para onde dá fundos: os contingentes da Escola, as oficinas e picadeiros, funcionavam no próprio nacional situado à retaguarda do flanco direito do edifício da Escola, na Rua Vieira de Castro no arraial do Leão (MEDEIROS, 1992, p.79).

No ano de 1938, o Colégio Militar de Porto Alegre foi extinto e cedeu o imóvel à Escola Preparatória de Porto Alegre que ocupou o prédio até o ano de 1961, quando foi fechada. Em 1962, com a reabertura do Colégio Militar, o Casarão voltou a abrigar uma escola de educação básica.

O Casarão da Várzea sofreu e (sofre) várias reformas. Estas intervenções foram, paulatinamente, alterando a sua fachada original e remodelando o seu interior visando atender aos objetivos do processo de formação pensado para os discentes, as necessidades de manutenção do imóvel e à adequação dos espaços e condições para o uso das tecnologias que passaram a fazer parte do cotidiano da comunidade escolar, ao longo do século XX e início do XXI.

Refletir sobre a história do Colégio Militar de Porto Alegre nos obriga a seguir por dois caminhos, sem que nenhum deles seja excluído: o ângulo desta escola no seio do Sistema

Colégio Militar do Brasil e, conseqüentemente, do Exército e sua implicação no Ensino Fundamental e Médio; e o ângulo desta instituição de ensino no contexto do Rio Grande do Sul.

2.1 O COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE: PARTE DO SISTEMA COLÉGIO MILITAR DO BRASIL

O Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) conta, atualmente, com **12** colégios militares distribuídos pelo território nacional sendo: três na região Sul (Santa Maria, Porto Alegre e Curitiba), três na Sudeste (Rio de Janeiro e Belo Horizonte e Juiz de Fora), um no Centro-Oeste (Campo Grande), um no Distrito Federal (Brasília), um no Norte (Manaus) e três no Nordeste (Recife, Fortaleza e Salvador).



Figura 8: Localização Colégios Militares do Brasil
Fonte: acervo privado

O SCMB está subordinado à Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial do Exército (DEPA) e destina-se a ministrar a Educação Básica: Ensino Fundamental (5^a a 8^a Séries) e Ensino Médio.

Cabe à DEPA supervisionar, controlar e coordenar as atividades didático-pedagógicas dos doze colégios que compõem o SCMB, além de realizar a supervisão pedagógica da Fundação Osório, instituição localizada na cidade do Rio de Janeiro.

A DEPA está subordinada ao Departamento de Ensino e Pesquisa do Exército (DEP), órgão que conduz as atividades relativas ao ensino, ao desporto, a pesquisa e ao desenvolvimento nas áreas de doutrina e pessoal no Exército Brasileiro³¹.

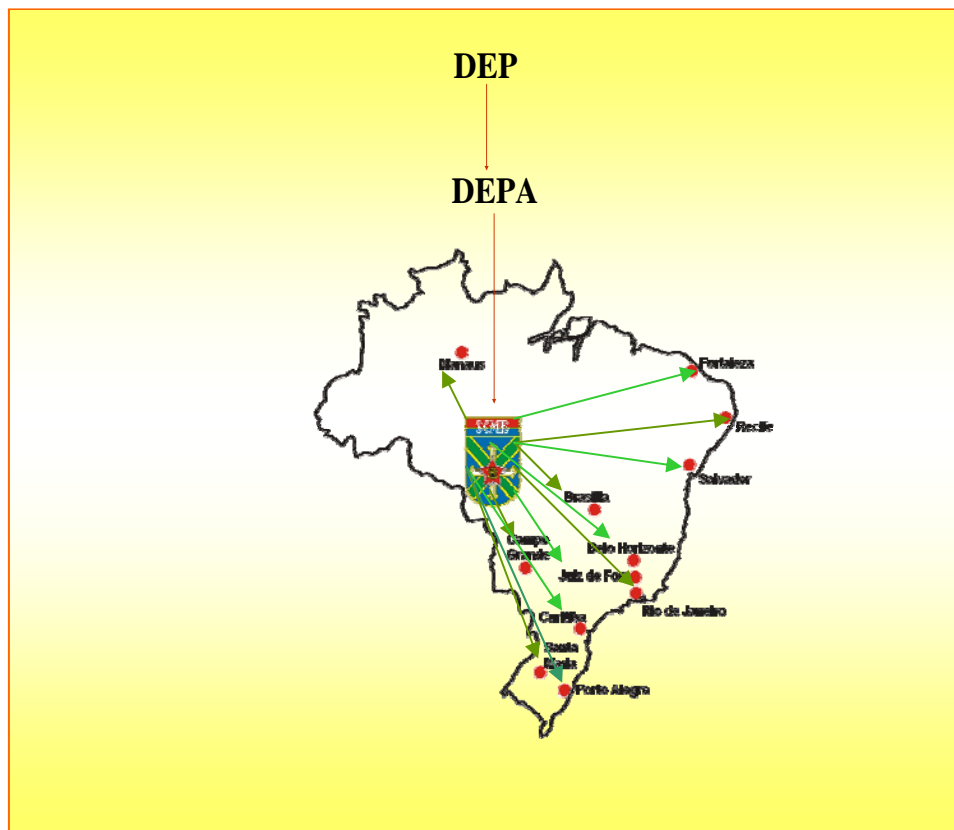


Figura 9: Esquema Sistema Colégio Militar do Brasil
Fonte: acervo privado

O Colégio Militar de Porto Alegre está entre os mais antigos e tradicionais do Sistema e contém peculiaridades que o distinguem dos outros colégios, possivelmente devido a fatores, como: o seu processo histórico, o fato de contar em seu corpo docente com vários professores que foram ex-alunos e o significado que tem para a comunidade local e para a história gaúcha³².

³¹ Informações disponíveis no site oficial do DEP (Departamento de Ensino e Pesquisa) e da DEPA (Departamento de Ensino Preparatório e Assistencial), capturadas dia 02/03/2006.

³² O fato de ser oriunda de uma realidade diversa me propiciou o olhar estrangeiro e a possibilidade de reparar e sensibilizar-me com o novo entorno e grupo de trabalho.

As origens do Colégio Militar de Porto Alegre remontam ao primeiro educandário para jovens ligado ao Exército: o Colégio Militar do Rio de Janeiro.

A idéia de criar um estabelecimento de ensino para educar os filhos dos servidores do Exército e da Armada data de antes da Guerra do Paraguai. Durante a Regência de Araújo Lima (1840), houve a tentativa de criar o “Colégio Militar do Imperador”. Em 1853, o então senador do Império, Luís Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias, propôs a criação de um colégio assistencial aos filhos de homens que morressem lutando pela integridade do território nacional ou pela nação. Na época, devido à falta de prestígio do Exército, esta proposta não foi considerada.

Foi apenas após o término desta guerra, também conhecida como Guerra da Tríplice Aliança (1864 – 1870), que o Exército conseguiu realizar esse intento.

Em relação ao Brasil, a guerra teve repercussões que foram muito além dos sofrimentos nos campos de batalha, revelando as contradições da sociedade escravista e transformando o exército em um importante agente político (PRIORE, 2001, p.229).

Com o fim da guerra, o Exército retornou dos campos de batalha pleiteando um lugar de importância e de participação no cenário nacional e a sua constituição enquanto instituição. Entre as suas demandas, estava a questão dos órfãos dos combatentes mortos e do apoio aos ex-combatentes que atuaram nos palcos da guerra e/ou nos combates às revoltas ocorridas em território nacional.

Neste sentido, no dia 25 de fevereiro de 1865, foi criada a Sociedade do Asilo dos Inválidos da Pátria. Esta entidade tinha a finalidade de recolher os inválidos em decorrência do serviço militar e as crianças órfãs de militares falecidos em serviço. Persistia a idéia de fundar um colégio que recolhesse os garotos e esta Associação era vista como um possível caminho para a realização desse intento. No entanto, a Sociedade não conseguiu meios financeiros para arcar com os custos do projeto escolar³³.

O Brasil vivia os últimos tempos do Império, a propaganda republicana crescia pelo país e encontrava seguidores fervorosos na caserna. Os militares não escondiam o descontentamento com a política imperial em relação ao Exército e buscavam participar de discussões nacionais. Nesse contexto, Thomaz José Coelho de Almeida, parlamentar desde 1872 e investido do cargo de Ministro da Guerra em 1888, procurando acalmar os ânimos e

³³ Em 1862 e em 1865, o Visconde de Tocantins apresenta proposta para a criação de um Colégio Militar, mas a Sociedade do Asilo dos Inválidos da Pátria não tem condições de arcar com os custos desta escola.

garantir o apoio dos militares à monarquia ainda vigente, retomou os planos de criar um Colégio Militar.

Em 1889, foi criado o Imperial Colégio Militar da Corte³⁴, pelo Decreto Imperial 10.202 de nove de março. No dia 06 de maio do mesmo ano, o colégio foi inaugurado com quarenta e quatro alunos matriculados e, segundo Freire (2006), o objetivo primordial do colégio era assistencial: atender os filhos e netos dos mortos em combate ou afastados por invalidez decorrente de ações em serviço.

Essa demonstração de simpatia às questões da caserna chegou tarde demais aos quartéis e não garantiu a fidelidade dos militares à monarquia. Parafraseando José Murilo de Carvalho (2005), o grupo social constituído pelos militares estava particularmente atraído pelas idéias positivistas de sociedade e pela República. Devido a sua formação técnica, em oposição à formação literária da elite civil, os militares sentiam-se fortemente atraídos pela ênfase dada pelo Positivismo à ciência, ao desenvolvimento industrial e como parte do Estado não podiam prescindir dele como instrumento de ação política.

O Brasil caminhava a passos largos para o regime republicano e os militares estavam entre os setores da sociedade brasileira que viam o Império como um entrave aos novos tempos e à satisfação de suas necessidades.



Figura 10: O Colégio Militar do Rio de Janeiro
Fonte: Jornal CMRJ

³⁴ Com o advento da República denominado Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Segundo Vianna (2002): “o Colégio Militar do Rio de Janeiro foi um dos pioneiros na educação sistematizada e leiga no Brasil, dentro dos modelos dos colégios militares de Portugal e, principalmente, França”. O Colégio Militar da Corte, atual CMRJ, foi planejado de acordo os moldes do Prytanée Militaire de La Fleche, tradicional liceu militar francês.

O ingresso no CMRJ priorizava aos órfãos³⁵ e pretendia ter um caráter assistencial. A qualidade do ensino era defendida como o maior bem que poderia ser oferecido a estes garotos.

Quando da sua fundação, o ensino era claramente “assistencial”: abrigar os órfãos e os filhos dos inválidos da Guerra do Paraguai fazia parte do discurso oficial do exército em relação aos colégios militares. Com esse objetivo o ensino deveria ter qualidade, porque seria talvez a única herança para aquelas crianças. Dando assim a eles melhores condições para a vida profissional futura, civil ou militar [...] Com uma proposta inovadora de ensino para o início do século XX e a possibilidade de encaminhamento de seus alunos para uma carreira militar ou para os quadros de engenharia, o colégio ganharia renome, principalmente entre a classe média (VIANNA, 2002, p.11).

Freire (2006), no artigo “Estabelecidos e Outsiders no Colégio Militar do Rio de Janeiro”, afirma que a procura por este educandário pode ser explicada pela carência de escolas – principalmente federais – na educação brasileira e que uma dicotomia acompanha o CMRJ (e demais colégios do Sistema) desde o seu início: “nasce sob objetivo assistencial – portanto inclusivo –, mas adquire contornos elitistas, já embrionários nas condições de seleção originais”.

A justificativa para esta afirmação está nas condições para o ingresso que dava prioridade aos órfãos, mas exigia que todos soubessem ler e escrever; o que traía o assistencial, pois de acordo com os dados fornecidos pelo autor, 85% da população brasileira era composta de analfabetos.

Com o passar do tempo, nos primeiros anos do século XX, o Colégio Militar do Rio de Janeiro passou a ser reconhecido como uma instituição de qualidade de ensino e a ocupar um lugar de educandário de excelência e disciplina no imaginário social. Este fator contribuiu para o Exército enxergar nesta instituição de ensino uma forma de aproximação e interação com a sociedade civil. Mais tarde, a Força Terrestre relacionará o ensino à questão da segurança nacional e defenderá um projeto pedagógico estratégico.

O sucesso, o respeito e prestígio do CMRJ, junto à sociedade civil, propiciaram a formação do Sistema Colégio Militar do Brasil. O Sistema nasceu com a criação do Colégio Militar de Porto Alegre e do Colégio Militar de Barbacena, em 1912, e do Colégio Militar de Fortaleza, em 1919. O funcionamento e o fazer pedagógico destas escolas de educação básica

³⁵ Primeiro órfãos de pai e mãe, segundo órfãos de pai e terceiro órfãos de mãe.

tinha como referência o colégio localizado no Rio de Janeiro e era unânime no Exército que todas as unidades de ensino seguissem a mesma proposta de ensino e regulamentos.

Apesar da abertura de novas unidades de ensino, controladas e mantidas pelo Exército, a criação e a manutenção dos colégios militares nunca representou um consenso, mesmo dentro do Exército. Em diferentes contextos, houve a criação e o fechamento de vários colégios militares. A DEPA, Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial, órgão que desde 1973, coordena as atividades de planejamento e condução do ensino dos colégios militares, lamenta em seu site:

reações contrárias aos novos estabelecimentos de ensino aconteceram [...] quando por razões políticas, o CM de Barbacena é extinto em 1925 [...]. Em 1938, novo golpe. Desta vez com a extinção dos Colégios do Ceará e de Porto Alegre [...] Alguns anos depois, o Ministro da Guerra, General Henrique Teixeira Lott, inicia uma nova fase de progresso para o ensino colegial no Exército, criando o Colégio Militar de Belo Horizonte

O Colégio Militar de Porto Alegre tem a sua história marcada pela interrupção, quando deu lugar à Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre em 1938, e pela reabertura em 1962.

1938: Últimas apresentações do C



CENAS QUE VOLTARÃO A SE REPETIR

A maneira dos que em 1961, ao desfilar frente à Es PPA, jamais imaginariam que pela última vês assim procediam, em 1939 desfilavam em Pôrto Alegre os alunos do CMPA.

Hoje estas cenas que a história recolheu como mais um elo em nossas tradições nos permitem adivinhar os dias futuros.

Restabelece-se assim uma tradição. E' a retomada de uma nova jornada. E que seja de mais glórias para o Exército e para o Brasil.



Figura 11: Página da Revista *Hiléia* (1961, p.10)

2.2 A REABERTURA DO COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE (1962)

O Colégio Militar de Porto Alegre funcionou de 1912 a 1938³⁶, quando, também, foi extinto e cedeu o espaço do prédio da Várzea à Escola Preparatória de Cadetes do Exército de Porto Alegre. A razão para o fechamento do colégio está relacionada ao panorama mundial da época e à necessidade de aumentar a formação dos quadros de oficiais do Exército.

Na década de 1960, o ensino preparatório para os cadetes foi centralizado na cidade de Campinas, Estado de São Paulo, o que levou ao fechamento da Escola Preparatória de Porto Alegre, em 1961.

A decisão de fechar a Preparatória de Porto Alegre não estava vinculada à reabertura do Colégio Militar de Porto Alegre. Através de depoimentos, documentos oficiais e da imprensa local, podemos perceber que não havia consenso sobre o destino do Casarão da Várzea e o retorno ou não do funcionamento de um colégio militar em suas dependências. Ocorreu até a cogitação acerca da possibilidade de o Casarão abrigar um quartel e não uma escola.

O depoimento escrito pelo Cel. Altino Berthier Brasil nos fala de movimentação de representantes da sociedade local em prol da reabertura do CMPA.

Informo a V.S. que, durante o mês de outubro de 1961, preparei uma minuta de documento, que deveria ser um MEMORIAL, a ser encaminhado às autoridades federais. Posteriormente, em contato com meu particular amigo DR. ADAIL BORGES FORTES DA SILVA, Secretário do CORREIO DO POVO, forneci-lhe cópia do documento em apreço. Acontece, que o Dr Adail é um ex-aluno do antigo Colégio Militar, e, como tal, entusiasta do estabelecimento. Combinamos que, aquele subsídio serviria de base para um EDITORIAL do jornal referido. No domingo, dia 29-out-61, porém, para surpresa minha, o artigo apareceu, em destaque, publicado na íntegra. Não saiu anônimo, como eu esperava; trouxe o meu nome, fato que, a princípio, contrariou meu desejo e minha discrição de militar. Com essa publicação, nossas autoridades estaduais, uníssonas, desencadearam um avassalador movimento de opinião pública pelo restabelecimento do Colégio Militar. O fato passou a se constituir o assunto de maior relevância de nossa coletividade, que conservava, bem viva, a tradição do antigo CM. A notícia repercutiu na Capital do país, e, praticamente, em 30 dias, a EPPA foi transformada no atual Colégio Militar. [...] Nesse dossiê, V.S. poderá ver a ação destacada do DR. CÉLIO MARQUES FERNANDES, que, entre outras, foi a primeira autoridade a emprestar o seu prestigioso apoio à iniciativa.³⁷

Artigos e reportagens publicados na imprensa local, durante o ano de 1961, reforçam este depoimento:

³⁶ Sobre o Colégio Militar de Porto Alegre de 1912 a 1938, ver Pineda (2003).

³⁷ Ofício encaminhado pelo Cel Altino Berthier Brasil ao Comandante do CMPA datado de 18//08/1981.

Repercutiu intensamente na Câmara de Vereadores a reportagem publicada domingo último pelo “Correio do Povo” em torno da extinção da Escola Preparatória de Cadetes e não aproveitamento do prédio para reinstalação do Colégio Militar. Confirmando a nota divulgada por aquele órgão da Companhia Jornalística Caldas Junior, o vereador Célio Marques Fernandes fez longo discurso, declarando –se a serviço da população de Porto Alegre na luta pela abertura do Colégio Militar nesta capital. Hoje, aquele edil proporá que a Câmara se dirija às mais altas autoridades federais, solicitando a criação de um Colégio Militar em substituição à Escola Preparatória de Cadetes, cuja extinção já está decidida.³⁸

Apesar de serem constantes as referências ao afeto dos antigos alunos pelo Colégio Militar, como mola propulsora para o desencadeamento da campanha pró-reabertura deste educandário, não é um caminho seguro basear as nossas reflexões apenas neste fator, ainda que este motivo, realmente, tenha mobilizado muitos dos que levantaram a bandeira pró CMPA.

A leitura atenta de jornais, do ano de 1961, sinaliza outras razões que podem ter contribuído para a adesão à campanha “pro reabertura do Colégio Militar de Porto Alegre”. Um exemplo é a referência encontrada sobre a carência de vagas nas escolas locais para atender a demanda para o equivalente ao atual Ensino Médio:

Se funcionar um Colégio Militar em Porto Alegre, em 1962, poderá abrigar mais de 1.000 alunos. Esse Colégio Militar, além de seu ensino padrão, poderá cooperar sensivelmente para o descongestionamento de estabelecimentos congêneres em Porto Alegre, problema sempre sério.³⁹

A oportunidade de se manifestar pela causa da reabertura do CMPA também propiciou críticas e provocações a algumas situações da época:

ABSURDOS

ESPALHAM-SE novas notícias tão absurdas que a gente prefere não acreditar nelas. Agora, por exemplo, começou a circular uma dessas com referência ao fechamento do antigo educandário militar de Porto Alegre. Por que? Deseja o governo reduzir os seus quadros militares? Ótimo! Realmente, os gastos militares já pesam demasiadamente nos orçamentos. O dinheiro do povo deve ser de preferência aplicado em melhorar a vida já tão sobre carregada do mesmo povo. Parece mesmo que já temos oficiais de sobra tantos são os que se mantêm fora da profissão, em tarefas civis ou mesmo sem tarefa alguma, em disponibilidade remunerada. Algumas dessas disponibilidades têm mesmo o caráter de castigo político, o que é também um absurdo. Seja como for, estará certo o governo em fechar a escola de oficiais ou cadetes. O absurdo não está aí, mas na não reabertura do colégio militar, que no passado já funcionou no mesmo edifício, com geral proveito. [...] DIZEM-ME que a oposição à reabertura do colégio militar vem de padres e freiras, receosos da concorrência aos educandários religiosos. Prefiro não acreditar. Ao que sei, os

³⁸ Edição do jornal *Folha da Tarde* de 31/10/1961.

³⁹ *Ibidem*.

educadores religiosos obram mais por idealismo que por ganância. Seus lucros não são materiais. Não devem ser. E se reconhecem e proclamam o valor da educação, não iriam pedir ao governo a eliminação de um colégio. Seria absurdo. E mais absurdo ainda seria o governo atender a tal pedido. Não! Prefiro não acreditar (CARVALHO, 1961).

A campanha pela reabertura serviu, também, como espaço para divulgação de outros anseios e bandeiras, como a aprovação da LDB de 1961:

ESTUDANTES APOIAM O RESTABELECIMENTO DO COLÉGIO MILITAR EM PÔRTO ALEGRE

Recebemos do Centro Acadêmico Sedes Sapientiae, da Faculdade de Filosofia Marcelino Champagnat, de Porto Alegre a seguinte manifestação favorável ao restabelecimento do Colégio Militar em nossa cidade:

“O Centro Acadêmico Sedes Sapientiae, da Faculdade de Filosofia Marcelino Champagnat, manifesta o seu integral apoio ao restabelecimento do Colégio Militar em nossa capital e resolve na mesma linha de idéias: 1) proclamar que os defensores do projetos de “Diretrizes e Bases da Educação Nacional”, entre os quais se colocam todos os seus membros, propugnam pelo desenvolvimento tanto do sistema oficial de ensino quanto do particular. Só assim haverá possibilidade de escolha do gênero de educação, conforme está assegurado na “Declaração Universal dos Direitos do Homem”;[...] (CARVALHO, 1961).

Venâncio e Priore (2001, p. 345) lembram

em 25 de agosto de 1961, o país entrou em uma profunda crise política. A renúncia de Jânio implicou na posse do vice-presidente, João Goulart. Esse último [...] era hostilizado por importantes segmentos das forças armadas e do meio empresarial. [...] Os próprios ministros militares do governo que ele presidiria manifestaram-se contra a sua posse. Tal recusa, porém, estava longe de contar com o apoio do conjunto das forças armadas. Goulart havia sido eleito pelo voto direto e, de acordo com as normas constitucionais, isso fazia com que a ala legalista do exército se posicionasse favoravelmente a sua posse.

Com o apoio de parte dos líderes militares e da campanha nacional pela posse do presidente, desencadeada por Leonel Brizola⁴⁰, Jango assumiu a Presidência da República. Porém, teve de fazer concessões políticas e acatar o Parlamentarismo e, a conseqüente, redução das prerrogativas do Poder Executivo.

Podemos afirmar que não havia consenso sobre a criação de um colégio militar em substituição à Escola Preparatória, nem mesmo no interior do próprio Exército. Aliás, os militares enfrentavam, desde 1947, diferenças e disputas ideológicas no interior da caserna. Smallman (2004, p.394-5) afirma que os militares brasileiros estavam divididos em duas correntes ideológicas, com visões opostas acerca do papel dos militares e do futuro da nação.

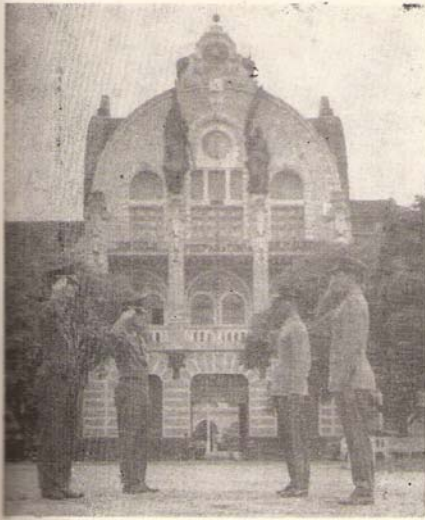
⁴⁰ Cadeia da Legalidade. Sobre, ver em Skimore (1988, p.30-1); Priore e Venâncio (2001, p.345), Fausto (2006, p.243).

As duas facções definiam-se claramente por sua visão da relação com os Estados Unidos: os internacionalistas e os nacionalistas.

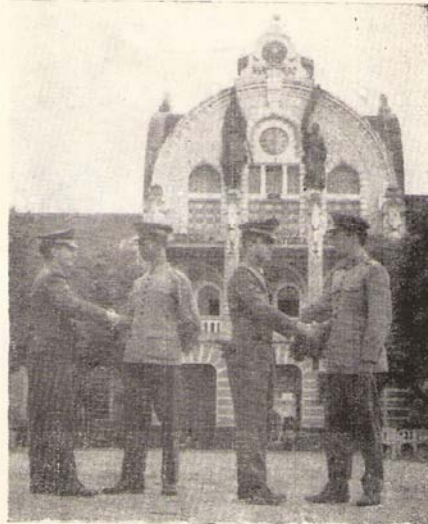
Os internacionalistas desejavam aliar-se aos Estados Unidos na Guerra Fria. Os nacionalistas eram contrários e temerosos desta aliança e defendiam a neutralidade política na Guerra Fria e o desenvolvimento econômico dirigido pelo Estado. Ainda segundo Smallman (2004, p.399-403), a partir de 1961, os internacionalistas, sob a batuta do Gen. Golberi do Couto e Silva, vão iniciar um projeto para neutralizar e minar a oposição no interior das Forças Armadas.

Foi no bojo desse contexto político que, no dia 10 de novembro de 1961, a *Folha da Tarde* estampou a seguinte manchete: “**Colégio Militar de P. Alegre funcionará no próximo ano**”. Segundo o jornal, na manhã daquele dia, o general Enio Garcia, chefe do Estado Maior do Ministério da Guerra, havia afirmado que o Ministro da Guerra já havia assinado ato extinguindo a Escola Preparatória de Porto Alegre, transformando-a em Colégio Militar.

No meio do conturbado panorama nacional que caracterizou o ano de 1961, foi criado ou reaberto o Colégio Militar de Porto Alegre. Esse educandário iniciou as suas atividades em 1962.



Uma continência...



Um apêto de mão...

OS QUE PARTEM...

E OS QUE CHEGAM...



Um começo e um fim...

HILÉIA vive neste seu reaparecimento um fato marcante de nossa Escola e o registra, com orgulho e vaidade para o futuro: O velho uniforme verde-oliva vai se substituindo na paisagem que nos cerca, pelo uniforme cáqui e boné vermelho.

HILÉIA testemunhou o encontro, a despedida que nos traduz o fim de uma jornada e o início de outra.

Ao fundo, testemunha silenciosa de tantos fatos que já constituem pedaços de nossa tradição, majestoso e expressivo, o velho torreão principal...

E' a permanência da própria pátria, dos valores espirituais que nos inspiram e nos guiam, sempre presente, enquanto se mudam os nomes, se modificam os personagens e assim vão passando as gerações e desaparecendo os homens, enquanto só ela é eterna, porque eterna a mão do que a conduz — o Deus das Nações...

Figura 12: Menção ao fim da EsPPA e ao início do CMPA

Fonte: Revista *Hiléia* (1961, p 13)

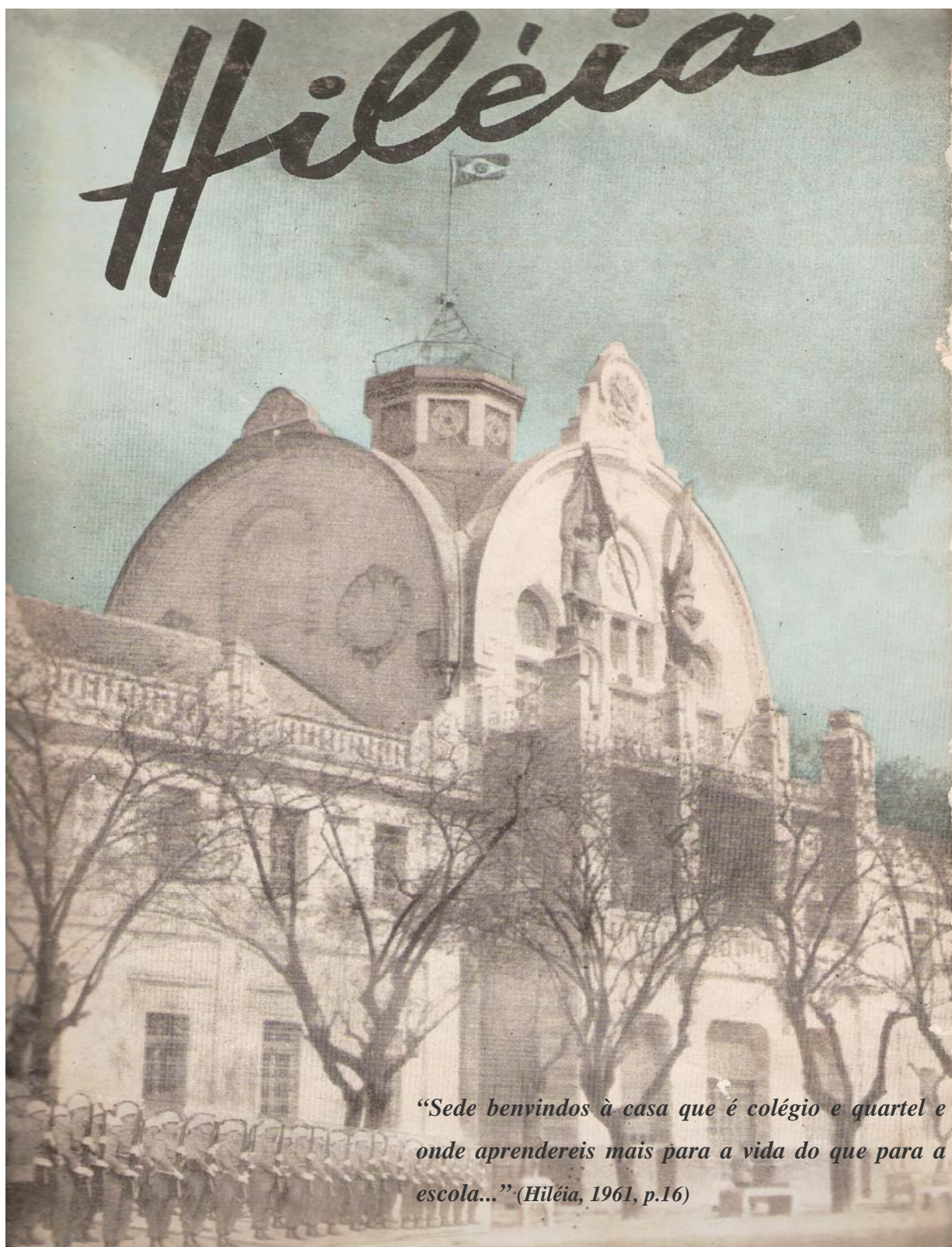


Figura 13: Capa da Revista *Hiléia*, 1961

3 O COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE: ESCOLA PARA HOMENS





Devemos considerar o homem e a mulher como criações e conseqüências de uma determinada estrutura de poder”COLLIGAN (2004, p.24)



Figura 14: Turma A – 1962
Fonte: Revista *Hiloea* (1962)



Figura 15: Turma B – 1962
Fonte: Revista *Hiloea* (1962)

*Então me diz... O que é renascer?
Nascer igual em tempos tão díspares?
Ser algo novo em tradições tão antigas e tão recentes?*

Como já exposto, o Colégio Militar de Porto Alegre foi reaberto e iniciou as suas atividades no ano de 1962 como um educandário para meninos. Podemos inferir que era uma escola tipicamente masculina, haja vista que todos os seus integrantes eram do sexo masculino: alunos, professores, trabalhadores da administração, da limpeza, da cozinha... A *Hiloea* publicada em 1962, ao final do ano letivo, faz referência à atuação profissional de duas mulheres no ensino: a Sra Dinah Néri, regente e organizadora do Coro Orfeônico do Colégio⁴¹, e a professora de Artes Plásticas cujo nome não está citado.

O caráter masculino da escola era tão marcante que estas mulheres ficaram invisíveis nas narrativas dos ex-alunos ouvidos para esta pesquisa e nos documentos oficiais onde os docentes estão listados. Diante do questionamento se havia mulheres trabalhando no colégio durante a década de 60, todos foram unânimes em afirmar que no início não havia trabalhadoras ou docentes do sexo feminino e citam a “Tia Clara”⁴², a partir dos anos 70, como a pioneira. O ex-aluno Raul é taxativo ao responder a esta indagação: “Mulheres! Não havia nem na cozinha”.

Outra característica era o fato da maioria dos seus profissionais serem militares e, segundo o ex. aluno Raul, “acostumados ao trato com jovens adultos e direcionados para a carreira militar e/ou com a instrução de soldados⁴³” e não com a educação de guris.

Estes profissionais do colégio, professores e monitores, receberam, no início do ano letivo⁴⁴, 26 de março de 1962, crianças e adolescentes de 10, 11, 12, 15, 16 anos. O Casarão já não abrigava homens destinados às armas, recebia, assim como no período de 1912 a 1938, garotos e jovens rapazes.

O primeiro ano de funcionamento do colégio teve como característica a adequação do ensino militar ao previsto pela LDB de 1961, a organização dos seus espaços, dos seus tempos, afazeres e lazeres. Um exemplo foi a ordem do comandante para a criação ou recriação da Sociedade Esportiva e Literária (SEL). A SEL foi criada com um novo perfil, adequado às

⁴¹ Durante a pesquisa encontrei na *Hiléia* 1961, página 40, uma referência à apresentação do Coral regido pela senhora Dinah Néri e sua origem: o coral da Escola Preparatória uniu ao existente no Instituto de Educação.

⁴² Senhora muito querida pelos alunos.

⁴³ Raul ingressou no Colégio Militar de Porto Alegre, através de concurso, em 1962 para cursar a 5ª série para cursar a 5ª série em escolaridade de mesmo nível do ensino seriado do atual Ensino fundamental.

⁴⁴ O ano escolar de 1962 teve início no dia 26 de março e terminou no dia 28 de fevereiro de 1963. O ano letivo iniciou no dia 26 de março e terminou no dia 30 de novembro. Os exames finais foram realizados no mês de dezembro (1ª época) e no mês de fevereiro (2ª época).

necessidades da instituição naquele período, não era mais um órgão literário, era uma instância de apoio ao comando na satisfação das necessidades discentes. Uma das primeiras atribuições da SEL foi organização de uma sala de lazer para os alunos internos.

ESSAS MULHERES TÃO INVISÍVEIS...



Figura 16: Côro Orfeônico – regente professora Dinah Néri
Fonte: Revista *Hiléia* (1961, p.40)

Com o nosso Salão Brasil repleto, tivemos dia 6 de outubro o concerto do Côro Misto Escola Preparatória de Pôrto Alegre – Instituto de Educação Gen., Flores da Cunha, que iniciou com sucesso absoluto as suas apresentações frente à platéia gaúcha.

Há muitos anos mantinha nossa Escola um conjunto orfeônico, sob a direção do insigne prof. Vicente Taveira. Este ano, juntou-se o nosso coral ao existente no Instituto de Educação, ambos sob a regência da Professora Dinah Néri, resultando da união de vozes graves e agudas um enriquecimento das interpretações. Tal conjunto, depois de apenas cinco meses de ensaio, foi apresentado ao público portoalegrense (REVISTA *HILÉIA*, 1961, p. 40).



Figura 17: Apresentação pública do Coro Orfeônico em 1962
Fonte: Revista *Hyloea* (1962)



Figura 18: Professora de Artes Plásticas e alunos: exposição ano letivo de 1962
Fonte: Revista *Hyloea*, 1962

A professora de Artes Plásticas acompanhada de seus alunos, no momento da exposição dos trabalhos realizados durante o ano.

As diretrizes para o ensino, a disciplina, a rotina e o currículo eram ditados pela Diretoria de Ensino do Exército, na época Diretoria do Ensino de Formação. Esta Diretoria estava subordinada ao Estado-Maior do Exército, o qual estava submetido ao Ministério da Guerra.

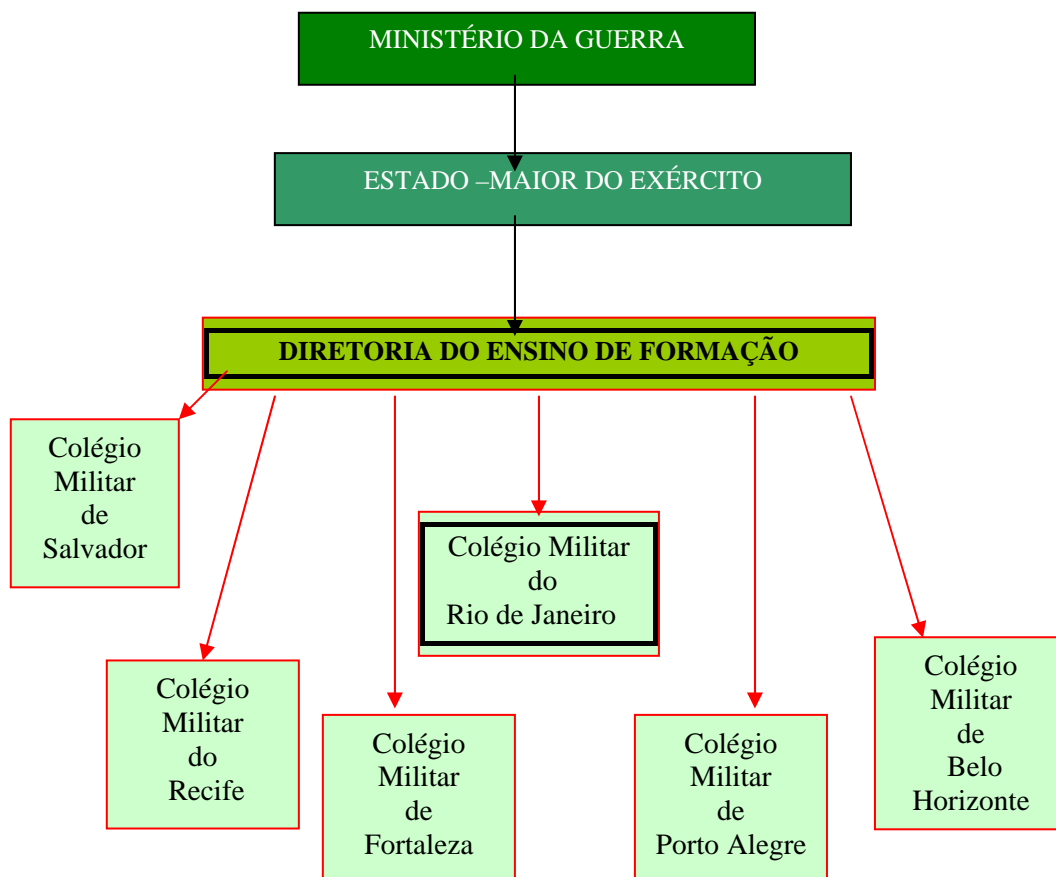


Figura 19: Esquema Sistema Colégio Militar do Brasil ano de 1962
Fonte: elaborado pela autora

O Colégio Militar modelo a ser seguido era o do Rio de Janeiro. Neste quesito, é interessante observar que o ano de 1961 foi muito significativo para a área da Educação Brasileira devido à elaboração e aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 pairou também sobre o ensino ministrado pelas escolas mantidas pelo Exército e provocou um processo de estudo e

adaptação do currículo e das regras escolares, previstos para os colégios militares, à nova legislação para o ensino⁴⁵.

Através dos Boletins do Exército e das Atas dos Conselhos de Ensino, podemos perceber a discussão e dúvidas acerca da adequação do ensino e da rotina característica dos colégios militares, até então, com o que estava previsto pela LDB.

Ainda em 1961, os Colégios Militares foram alvo de estudo quanto a sua continuidade ou não. A coluna ‘Notícias Militares’, do jornal Correio do Povo datado de 05 de março do ano em questão, noticiou a escolha do general Osvaldo de Araújo Mota, então diretor-geral de Ensino do Ministério da Guerra para presidir uma comissão “determinada pelo Sr Jânio Quadros para estudar a transferência dos Colégios Militares, exceto o do Rio de Janeiro, para a responsabilidade do Ministério da Educação [...]”.

Os Colégios Militares continuaram a existir e funcionar sob a batuta do Exército. O Comandante do Colégio Militar de Porto Alegre, em 1962, por ocasião do encerramento do ano letivo, afirmou:

A orientação geral das atividades pertinentes ao nosso tipo de Estabelecimento de Ensino deve ser baseada sobretudo nos conceitos integrantes da Lei número n. 4024, de 20 de Dez. 1961, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, quanto aos “fins de educação” e quanto à “finalidade do ensino médio”. A “educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana” e a ‘educação de grau médio, em prosseguimento à ministrada na escola primária, destinada à formação do adolescente’ (ANUÁRIO DO CONSELHO DE ENSINO DO COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE, 1962, p. 173-4).

No mesmo documento, o Comandante coloca que os “Colégios Militares se caracterizam, por: “preparar adolescentes para as Escolas Militares das três fôrças armadas; preparar adolescentes para outras e determinadas Escolas Superiores, além de educar, inclusive com enquadramento militar e formação de reservista” (1962, p.174).

No Boletim do Exército N. 17, de 28 de abril de 1962, encontramos as normas que regularam o ensino nos Colégios Militares naquele ano. Estas visavam realizar a adaptação às prescrições da Lei de Diretrizes e Bases para o ensino e previam o acompanhamento do trabalho realizado nos colégios para a elaboração das normas definitivas.

Até 15 dias após cada período, os Colégios Militares deverão remeter, à Diretoria-Geral de Ensino, um relatório circunstanciado sobre a aplicação das prescrições destas Normas, particularmente no que se refere a Currículos e

⁴⁵ Encontramos documentos versando sobre qual orientação seguir: a então preconizada para os Colégios Militares, através do R-69, Regulamento do Colégio Militar desde 1943, ou a prevista pela LDB.

Verificação do rendimento da aprendizagem (BOLETIM DO EXÉRCITO, 1962, p.15).

Através de relatórios, atas de reuniões de ensino, currículo e normas disciplinares, válidos para os anos posteriores a 1962, é possível inferir que as decisões dos Conselhos de Ensino, de cada Colégio Militar, balizaram a Diretoria de Ensino e Formação para a reelaboração do Regulamento de Ensino previsto para os colégios militares (R-69).

Apesar de acatarem a LDB, este processo não foi tranqüilo e não houve uma obediência cega às prescrições da nova legislação educacional. Por exemplo, a ‘Ata da Segunda Sessão Ordinária’ do Conselho de Ensino do CMPA, realizada no dia 23 de julho de 1962, apresenta as conclusões de um estudo realizado, por um grupo de professores, sobre a compatibilidade ou não dos regulamentos previstos para o ensino nos Colégios Militares com a LDB.

[...] o Tenente Coronel Daniel passa então a apresentar as conclusões chegadas, ao mesmo tempo que os Majores Professores Wolf e Geraldo e Professor Doutor Monteiro liam os textos reguladores respectivos. O Conselho de Professores foi unânime em concordar que: **“Colidem com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação ou com disposições já estabelecidas na Portaria Ministerial 760 (setecentos e sessenta) os artigos 3 (treis), 4 (quatro), 13 (treze), 17 (dezessete), 30 (trinta), 31 (trinta e um), 32 (trinta e dois), 33 (trinta e três), 34 (trinta e quatro), 35 (trinta e cinco), 36 (trinta e seis), 37 (trinta e sete), 38 (trinta e oito), 39 (trinta e nove), 40 (quarenta) e 41 (quarenta e um) do R-69 (R-sessenta e nove). Quanto aos artigos 68 (sessenta e oito) e 69 (sessenta e nove) do R-69, que a Comissão julgava colidirem com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o senhor Coronel presidente manifestou-se contrário à supressão de tais artigos.** Também o Tenente Coronel Colares foi de opinião que os mesmos não deveriam ser revogados. Após uma discussão onde usaram a palavra os Tenentes Coronéis Professores Daniel, Nathanael, Cirino, Hélio e Muller e os Majores Professores Geraldo e Saul; o Senhor Coronel Presidente – aceitando uma proposta feita pelo Tenente Coronel Professor Muller, solicitou que uma comissão composta pelos Professores Coronel Camiza e Tenentes Coronéis Daniel e Colares **apresentem uma proposta de nova redação dos artigos 68 (sessenta e oito) e 69 (sessenta e nove) do R-69**, que consulte os altos interesses relacionados com a seleção para o ingresso de alunos nos Colégios Militares (ANUÁRIO DO CONSELHO DE ENSINO 3, 1962, p. 204-5)⁴⁶

O ano de 1962 foi peculiar para os Colégios Militares devido aos ajustes exigidos pela nova legislação reguladora da educação formal nacional. O Colégio Militar de Porto Alegre ‘renasceu’ imerso nessa realidade. Era um colégio novo, recém – criado, com toda uma estrutura para organizar e, ao mesmo tempo, era uma escola antiga em tradições.

⁴⁶ Grifo meu.

3.1 “UMA ESCOLA PARA FORMAÇÃO DE HOMENS”

Assim o jornalista Adail Borges Fortes da Silva⁴⁷ definiu o Colégio Militar de Porto Alegre no ano de 1961: “Acima de tudo, uma escola para a formação de caracteres como sempre foi. Uma escola para a formação de Homens” (REVISTA *HILÉIA*, 1961, p.17).

Que homens eram estes que esta escola havia pretendido formar e que, em sua reabertura, pais, ex-alunos e nova administração esperavam que moldasse?⁴⁸

A letra da canção do Colégio infere algumas de suas qualidades:

Somos espadas de um povo altaneiro,
Somos escudos de grande nação.
Em nossos passos marcham guerreiros,
Avança a glória num pendão.

Na nossa escola forja-se a grandeza,
Temos no peito amor varonil,
Em nossas cores toda a natureza,
Nós somos filhos do Brasil.

Salve o Brasil, CMPA!
Salve o Brasil, CMPA!
No valor de nossos avós,
Salve o Brasil,
CMPA! salve o Brasil,
CMPA! na bravura dos seus heróis”.
(Letra: Barbosa e Souza / Música: Arão Lobo)

⁴⁷ Ex- aluno da primeira fase do Colégio Militar (1912-1938). Matriculou dois filhos no Colégio no ano de 1962.

⁴⁸ “Ser homem/ ser mulher é uma construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram sujeitos” (COLLING, 2004, p.29). “Os estudos sobre masculinidade são unânimes em insistir que não existe uma forma de ser homem” (HENNIGEN, 2004, p.126). Existem diversos e, por vezes divergentes modelos de masculinidade em uma mesma sociedade (HEILBORN; CARRARA, apud HENNIGEN, 2004, p.126).



Figura 20: Ex-aluno Adail Borges Fortes da Silva assiste ingresso dos filhos no CMPA reaberto
 Fonte: Revista *Hiléia* (1961, p.16)

Era um homem com “H” maiúsculo. O homem viril, forte, corajoso, leal aos seus pares, varonil. Interessante lembrar que com o ingresso das meninas na qualidade de alunas, a letra desta canção sofreu, no ano de 1989, uma pequena, mas significativa alteração: a palavra **varonil** foi trocada por **juvenil**.

– E assim os mais novos começavam a aprender a obedecer aos mais antigos, até conquistarem a posição de veteranos. Assim se fortalecia a coragem pessoal e se estabeleciam os princípios de hierarquia e de camaradagem.

– Olha, o “Gordo” levou um “trote” do “Bugio”, e foi se queixar ao Oficial de Dia.

– Bah! Então vai ser “bicho crônico”.

Havia um acordo tácito entre todos: durante o primeiro ano, todo aluno era “bicho” e tinha de aceitar o “trote”, sem reclamações. Dar parte aos superiores transformava logo o “bicho” em “bicho crônico” e assim, durante toda a vida escolar, era perseguido pelos colegas. Bem no fundo, era o desprezo que sentíamos pelo delator, pelo fraco, que procurava se refugiar na proteção dos outros, quando encontrava a primeira dificuldade. Desde cedo os mais antigos desenvolviam nos mais novos o valor pessoal, o espírito de grupo, o senso da obediência militar, o sentido exato do companheirismo (MOURA, 1961, p.22).

O homem patriota, possuidor de qualidades de chefia tanto na vida civil, como principalmente, na vida militar. Instruído e de caráter perseverante e firme. Honrado, trabalhador, disciplinado.

[...] Seremos os portadores de um cabedal de conhecimentos indispensáveis à formação, já não digo de oficiais, mas de cidadãos dignos e honrados, capazes de amanhã, quando chamados a dar o seu esforço em direção ou chefia, ou mesmo dentro da mais modesta profissão, serem capazes de demonstrar, não somente a sua inteligência, mas acima de tudo a sua honradez, a sua honestidade, o seu espírito patriótico, todos eles alicerçados, para orgulho desta casa, no tradicional Colégio Militar de Porto Alegre (PRIMEIRO COMANDANTE DO CMPA, 1962)⁴⁹

O homem polido, garboso, saudável, marcial, talhado pelas práticas esportivas e pelas sessões de ordem unida: “para uma alma forte, um corpo forte...” (REVISTA *HILÉIA*, 1961, p.63).

A revista *Hiloea* traz exemplos significativos quanto ao ideal de formação do caráter dos seus alunos: “[...] desfilaram, então, com muito garbo e marcialidade” (REVISTA *HILOEA*, 1962) e

sua correção de atitudes aliada ao vigor de seus comandos valheram-lhe muitos elogios, dando-nos uma antevisão do ótimo oficial que será. Rapaz estudioso e cômico de suas responsabilidades, parece que ainda não definiu seu coração entre as inúmeras admiradoras [...] (REVISTA *HILÉIA*, 1961, p.32).

Puro de espírito, nobre de caráter, ótimo estudante e atleta perfeito, são as palavras que definem este grande colega [...] (REVISTA *HILÉIA*, 1961, p.94).

Era visando o desenvolvimento desse homem⁵⁰ que o colégio reabria os seus portões. Contava com uma tradição, construída em sua primeira existência, de educandário de excelência no ensino, principalmente, no campo das ciências exatas. Caminho seguro para a conquista do Ensino Superior ou o acesso à carreira militar.

Esta escola de meninos tacitamente cultuava valores tidos como masculinos: força, coragem, empreendedorismo, liderança.

Não era uma escola única no universo porto-alegrense. A cidade contava com outros colégios voltados para a educação masculina, como por exemplo, o Rosário, o Júlio de Castilhos e o Anchieta. Mas o Colégio Militar contava com um diferencial na educação e formação de homens: era uma escola em um quartel. Uma escola em um ambiente masculino de homens seculares, que apesar de oferecer um ensino que possibilitava o ingresso nas universidades, visava e norteava o seu fazer pela caserna.

Pineda (2003, p.18) infere que a “escola é uma das instâncias fundamentais na instituição de práticas sociais masculinizantes e feminizantes”. Perseguindo esse homem

⁴⁹ Coronel João de Deus Nunes Saraiva. Fonte: Boletim Escolar, 1962.

⁵⁰ Detentor das qualidades elencadas neste texto. Os adjetivos utilizados foram retirados de diversas falas onde encontramos referência ao ideal masculino pensado pela instituição e/ou esperado que o Colégio Militar forme.

idealizado, a escola constrói o seu currículo, a sua rotina, elogios, punições, atividades desportivas, práticas de lazer.

Enxergar esse modelo de homem não é simples, perpassa por um acompanhamento atento do cotidiano ou dos seus fragmentos, pois o que nos chegam são apenas representações parciais desta realidade. Implica a análise dos discursos⁵¹ que circulam neste espaço e na ciência da não existência de um único modelo de masculinidade na instituição. Parafraseando Pineda (2003, p.9) “pode se ponderar que existia um modelo de masculinidade predominante, hegemônico, mas que não era único. Os dados existentes são claros em mostrar que as masculinidades hegemônicas são produzidas juntamente e – em relação – com outras masculinidades [...]” (CONNEL apud PINEDA, 2003, p.9).

Os “baleiros”, como eram apelidados os alunos do Colégio Militar, eram reconhecidos e se reconheciam dentro e fora dos muros da escola. Este reconhecimento ultrapassava os limites do uniforme. Estava implícito no corte de cabelo, na postura corporal e fundado no denominado, pelos ex-alunos, de espírito de corpo.

O aluno Beto, oriundo do Rosário, ao responder se sentiu diferença em relação ao rigor e ao cotidiano entre os dois colégios, aborda esta característica do CMPA:

Não! Existiam algumas diferenças, mas os colégios eram muito parecidos na época. Não apenas o Colégio do Rosário que era particular, mas os colégios públicos também. Eles eram muito parecidos em sua proposta pedagógica e em disciplina – que era uma coisa muito importante na formação dos alunos. Então o ritual do Rosário tinha as suas coisas bem características, por exemplo: o professor chegava em sala de aula e era feita uma oração antes do início das atividades escolares. O Colégio Militar tinha o seu ritual militar, como hoje ainda existe. Esses aspectos não tinham muitas diferenças.

Não havia problema de greve na época, o professor era muito presente na sua ação disciplinadora de transmitir o conhecimento. O Colégio Militar com a rigidez própria da organização militar era a pequena diferença. A grande diferença é no espírito de corpo. Havia um espírito aqui no Colégio Militar. No Rosário tinham orgulho, mas era muito individualizado, fora do colégio ninguém se identificava como aluno do Rosário. Aqui era diferente, a qualquer momento, dentro ou fora, junto ou separadamente, todos faziam questão de dizer que eram alunos do Colégio Militar e isso nos levava a uma união, um espírito de corpo, mas acima de tudo a uma amizade muitíssimo acentuada. No Rosário havia individualidade. Aqui era o contrário”. Havia um espírito coletivo muito grande, talvez ajudado pelo regime que nós tínhamos, que era internato e semi-internato. No Rosário era apenas atividade por turno. Nós tínhamos um convívio mais intenso e isso era um diferencial marcante e se observa marcante ainda hoje (BETO).

Lucano complementa:

uma curiosidade, é o vínculo que todos nós, que estudamos aqui, temos com o Colégio. O colégio é muito forte. Toda a nossa educação se deve ao colégio. O Júlio

⁵¹ Referenciais da linha francesa proposta por Michel Pêcheaux. No Brasil por Enio Orlandi.

de Castilhos era do mesmo nível do nosso colégio. É uma pena que tenha caído tanto...⁵²

O Exército brasileiro, ao longo de sua história, demonstra preocupação com a formação do seu efetivo. Herdeiro do positivismo percebe-se a marca dessa influência na hierarquia e disciplina que formam o alicerce do seu sistema educacional, na valorização da objetividade, da ciência e da técnica.

O ensino militar tem uma trajetória histórica pouco pesquisada. Ao longo de sua história percebemos que o modelo perseguido para a formação dos sujeitos é pautado pelo que se deseja do oficial. Neste sentido, é possível identificar, nos discursos, diferenças quanto ao ideal de homem a ser formado em diferentes épocas. Até 1964 encontramos apostas traduzidas em qualidades como: cavalheirismo, honra, virtude, autocontrole. Após 1964, há maior ênfase em: honra, dever, coragem, lealdade.

Após analisar as descrições do cotidiano desse educandário, enquanto escola masculina, o adjetivo que ocorre é espartano. Esse colégio, além da disciplina que regula, que pretende forjar e que permite a existência da organização militar, há o culto às tradições e o incentivo à formação de um espírito de corpo. As tradições formam laços e crenças comuns entre os diferentes e auxilia o processo de sentimento de pertencimento propiciado pelo espírito de corpo. Talvez esteja neste conjunto o caminho para entender a observação de Lucano, observação esta, que de diferentes formas, esteve presente em todos os depoimentos.

⁵² Ao se referirem ao Julinho ou Júlio de Castilhos, os ex-alunos lembram a qualidade de ensino atribuída a este educandário e até pequenas disputas entre os dois educandários pelas meninas. Nenhum refletiu sobre o porquê do Julinho perder a qualidade no ensino como consequência do processo vivenciado pelo ensino público, em especial estadual e municipal. No máximo, de forma rápida, atribuem às greves culpa pelo ensino atual dos educandários públicos.

*Estes rapazes tão sérios, Marciais.
Homens garbosos, saudáveis.
Corajosos, viris.
Instruídos, patriotas.
Polidos, gentis...*

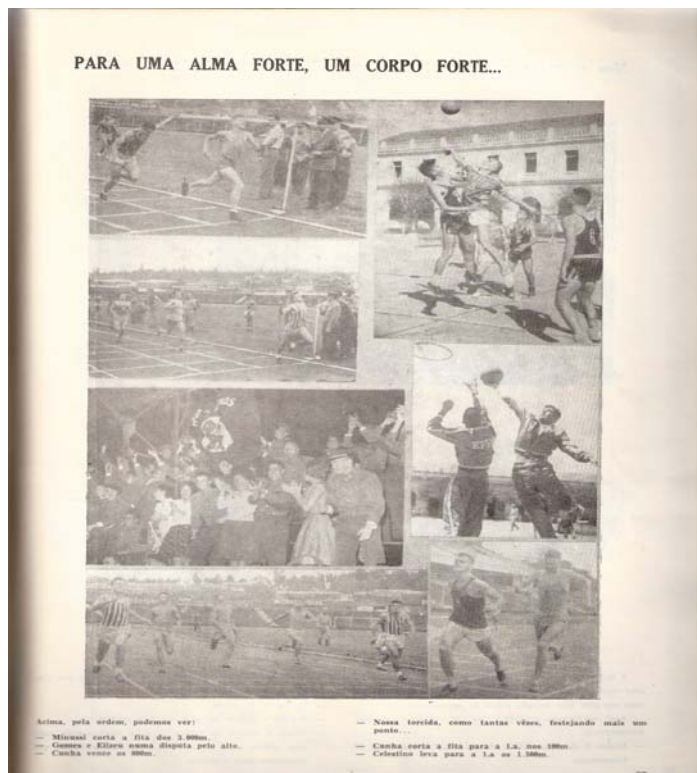


Figura 21: “Alma forte em corpo forte”
Fonte: Revista *Hiléia* (1961, p.63)



Figura 22: Time de Futebol
Fonte: Revista *Hiloea* (1963)



Figura 23: Baile de gala
Fonte: Revista *Hiloea* (1963)



Figura 24: CFR Infantaria
Fonte: foto cedida por colaborador



Figura 25: Aluno Deoclécio José
Fonte: Revista *Hiloea*,(1971)

3.2 O COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE NOS ANOS 1960, 70 E 80

A Portaria n. 2.689, de 30 de novembro de 1961, determinou que o Colégio Militar de Porto Alegre recebesse o total de 270 alunos para cursar o curso ginásial, parte do atual Ensino Fundamental, e 180 alunos para cursar o curso científico, correspondente ao atual Ensino Médio. As vagas foram distribuídas de acordo com os critérios apresentados na tabela abaixo.

Curso	Série	Vagas	Forma de admissão
<i>Ginásial</i>	1ª	120	<i>Concurso de admissão</i>
	2ª	50	<i>Transferência</i>
	3ª	50	<i>Transferência</i>
	4ª	50	<i>Transferência</i>
<i>Científico</i>	1ª	80	<i>Concurso de admissão</i>
	2ª	50	<i>Transferência</i>
	3ª	50	<i>Transferência</i>
Havia a previsão do caráter de reversibilidade para as vagas fixadas dentro de cada curso.			

Quadro 3: Vagas previstas para o ano de 1962

O colégio cobrava uma mensalidade, mas aos filhos menores de ex-combatentes, e aos órfãos carentes de recurso, a educação era gratuita. Este amparo era estendido aos alunos cujas famílias tivessem dificuldades para custear os estudos. Lucano lembra que este particular foi decisivo para o seu ingresso no educandário:

Meu pai tinha uma visão de que era fundamental o estudo para todos nós. Então ele me mandou para Porto Alegre. Eu não sabia o que era o Colégio Militar. Naquela época, o colégio dava um apoio a quem, como meu pai tinha mais de cinco filhos. Eu não pagava o uniforme, não pagava alimentação, estudo; ou seja, não pagava nada. Era uma oportunidade que não tinha como recusar.

No imaginário da sociedade regional, o estudo no Colégio Militar representava uma possibilidade de ascensão social⁵³ e/ou segurança profissional.

Naquela época, o interior era muito carente de ensino e praticamente não tinha perspectiva. Então, como eu era de uma família grande, meu pai era sargento, eu não tinha perspectiva de fazer um curso superior em São Borja. Só o ginásio e o científico. Por isso, meu pai me mandou estudar aqui, em Porto Alegre, no internato (LUCANO).

O ensino tradicional e entendido como de qualidade possibilitava tanto a conquista do ensino superior quanto do emprego público ou, a carreira nas Forças Armadas.

O nosso ingresso na Academia Militar. A gente não fazia concurso. Existiam vagas para os colégios militares. E eram percentuais, de acordo com o tamanho da turma. Então, por exemplo, a nossa turma aqui, nós recebemos... eu acho que 23 ou 24

⁵³ Para os praças das Forças Armadas, o oficialato era uma possibilidade de melhora econômica e social. O ingresso no Colégio Militar poderia possibilitar esta conquista aos seus filhos. O pai de Lucano era sargento do Exército. Lucano chegou a coronel e, além da Academia Militar, cursou faculdade.

vagas, que o Colégio recebeu. E como é que se ia? Pelo grau. Tanto é que o 01 foi para a Academia. O 02 não foi – não quis. Hoje ta nos Estados Unidos (RAUL).

Estudaram no colégio, filhos de famílias das camadas médias urbanas. A maioria filhos das camadas mais privilegiadas, visto que o ingresso só era possível mediante concurso público de admissão.

E a única notícia que eu sei foi isso: que o Jango tinha assinado que a Escola Preparatória tinha sido extinta e o Colégio Militar ia retornar. O pai chegou com essa notícia e disse: “Vou inscrever vocês. Vocês vão fazer exame” (RAUL).

O currículo privilegiava as ciências exatas. O quadro, a seguir, lista as disciplinas estudadas e sua distribuição na carga horária prevista para o turno matutino.

Matérias	Ciclo Ginásial				Ciclo Colegial ⁵⁴				
	1ª. Série	2ª. Série	3ª. Série	4ª. Série	1ª. Série	2ª. Série	3ª. Série "A"	3ª. Série "B"	3ª. Série "C"
Português	4	4	4	4	4	4	4	4	4
História	2	2	2	2	2	2	-	-	4
Geografia	2	2	3	-	-	-	-	-	4
Matemática	4	4	3	3	4	4	4	-	-
Iniciação à Ciência	2	2	-	-	-	-	-	-	-
Ciências Físicas e Biológicas	-	-	-	3	-	-	-	-	-
Física	-	-	-	-	3	3	4	4	-
Química	-	-	-	-	3	3	4	4	-
Biologia	-	-	-	-	2	2	-	4	-
Desenho	-	-	3	3	-	3	3	-	-
Francês	3	3					3 (1)	3	3 (1)
Inglês	-	-	3	3	3	-	3 (1)	3	3 (1)
Organização Política e Social Brasileira	-	-	-	2	-	-	-	-	-
Latim	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Filosofia	-	-	-	-	-	-	-	-	3
Total de horas	17	17	18	20	21	21	22	22	22
Observação: nas 3ª. s Séries A e C o aluno optará pelo estudo de uma das línguas. As aulas de Organização Política e Social Brasileira eram ministradas por professores de História ou de Geografia.									

Quadro 4: Disciplinas previstas pelo currículo dos anos 60

Fonte: Boletim do Exército n.17 (1962)

⁵⁴ Não consegui uma explicação oficial para a diferença curricular da 3ª. Série – Ciclo Colegial (A, B, C). Ao que tudo indica está relacionado à função do colégio de também preparar para o vestibular e esta divisão visaria um melhor preparo do vestibulando de acordo com a área escolhida: humanas (C), tecnológicas ou exatas (A) e ciências físicas e biológicas (B). O Boletim do Exército (número 17 de 28/04/1962, p.26) afirma: “a 3ª série Colegial visa ao preparo dos alunos para os Cursos Superiores, devendo os programas das matérias satisfazer esse objetivo”.

Naquela época, a base da formação era Matemática. Tinha muita matemática, muita descritiva. A parte sociológica era muito baixa. A parte de literatura era muito fraca (LUCANO).

O tempo de trabalho semanal englobava manhãs e tardes da semana, de segunda a sexta-feira, sendo que em caso de solenidades, cumprimento de penalidades e/ou outras necessidades pedagógicas, ainda, poderia haver o comprometimento dos sábados e domingos. A Diretoria do Ensino e Formação previa o mínimo de 24 horas de trabalho escolar⁵⁵, destinados às aulas, sessões de instrução e práticas educativas. Havia grande preocupação com a distribuição e aproveitamento do tempo discente. Ao pensar sobre o tempo escolar, Dallabrida (2001, p.159) afirma que a escola tem: “uma organização temporal interna pensada, porque cada vez mais cindida, mais eficiente e mais rápida”.

Assim como na primeira fase de funcionamento do CMPA, “o disciplinamento dos alunos se fazia, também, através da organização do tempo” (PINEDA, p.24).

A manhã era dedicada à formatura, ordem unida e aulas. À tarde tínhamos atividades extraclasse, coral, banda, Educação Física e CFR [...] (REIS).

Depois do almoço, por volta da uma e meia, iniciava o turno da tarde com atividades extraclases, normalmente, o estudo obrigatório e educação física e atividades esportivas (BETO).

Além do ensino das matérias previstas pelo currículo dos ciclos ginásial e colegial eram previstas sessões de ‘práticas educativas’. Estas práticas deveriam ocorrer dentro do tempo previsto para o trabalho escolar semanal, sem prejuízo do ensino das matérias.

As ‘práticas educativas’ eram, respectivamente, Educação Física e Instrução Militar; Educação Moral e Cívica e atividades extraclases. As atividades extraclases eram flexíveis e estavam ligadas às possibilidades de cada Colégio. Porém, não devemos entender que o termo ‘possibilidades’ levasse à opção de não desenvolvimento destas atividades. Ainda, hoje, estas atividades extraclases são valorizadas pela Instituição.

Os Colégios Militares, dentro de suas possibilidades e sob a direção do Serviço de Orientação Educacional, deverão estimular as atividades extraclases, tais como Educação Artística, Excursões, Visitas, Sessões de Cinema, Cooperativas Escolares (Clubes, Competições e Concurso, Conferências, Reuniões Sociais, etc) (BOLETIM DO EXÉRCITO n. 17, p.20)

⁵⁵ De acordo com o Boletim do Exército número 17 (28/04/1962), o ano escolar compreendia: ano letivo, época de exames finais e férias. O ano letivo compreendia um mínimo de 180 dias, destinados ao trabalho escolar.

Os ex-alunos entrevistados se lembraram dessas atividades com simpatia. Recordaram as equipes de atletismo e esgrima, o judô, o Clube de Excursão, o gerenciamento da Sociedade Cívica Literária (SEL) e as festas que esta promovia, como: bailes, festa junina e escolha da rainha.

A minha série, por exemplo, escolheu o grupo de excursionismo. Então, nós saíamos para fazer os contatos e marcávamos os passeios. Isso acontecia na parte da tarde. Fizemos muitas excursões [...] (BETO).

A SEL realizava diversas atividades. Os bailes, festas juninas... eram realizados, todos nas instalações do próprio CM (REIS).



Figura 26: Festa junina promovida pela SEL, ano de 1969
Fonte: fotografia cedida por colaborador

O fato de a Educação Física estar vinculada à Instrução Militar não era sem propósito. Se observarmos o quadro do Corpo Docente, apresentado pelo Anuário do Conselho de Ensino do Colégio Militar de Porto Alegre, não encontraremos uma Seção de docentes responsável pela disciplina de Educação Física. A Educação Física era responsabilidade das Companhias de Alunos e seguia os padrões do treinamento militar.

A Educação Física era... [pausa]. Não era fácil. Primeiro que... a Educação Física era a Educação Física militar, né? Então a nossa Educação Física era regida pelo regulamento de Educação Física do Exército. Então, a gente tinha Educação Física com armas, né que antigamente... com bastões, coisa que hoje não vê mais, não existe mais. [...] Aquela Educação Física que tinha nos quartéis era a mesma que tinha para nós. Não importa a idade. Então eu, com 12 anos, fazia a Educação Física que os soldados, com 18, faziam no quartel (RAUL).

Eu acho que a Educação Física era mais intensa e tinha alguns fatores que favoreciam. Primeiro porque era somente segmento masculino. Segundo, embora

tivéssemos poucos professores de Educação Física, o monitor da turma era também o guia da Educação Física e, logicamente, ele dava a Educação Física como ele sabia: aquela que ele dava para o soldado, o recruta. Então, nós tínhamos toda a educação física própria do soldado e não tinha corpo mole, porque ele vinha atrás, vinha berrando. Tinha realmente que fazer (BETO).

A atividade física era considerada de grande importância para a formação do estudante confiado aos Colégios Militares. Os fatores para tal preocupação estão ligados aos seguintes aspectos: o possível encaminhamento do jovem para a carreira militar; o ideal de jovem e homem cultivado pela instituição, a relação do cuidado com o corpo físico com a saúde. É preciso compreender que a marcialidade, o vigor físico e o organismo disciplinado e saudável são alguns dos atributos tidos como necessários à atividade militar, principalmente, ao trabalho na tropa.

Era mais pesada, porque mais de 70% ia para a Academia Militar. Então era uma Educação Física mais pesada. Na época tínhamos o privilégio de entrar para a AMAN direto (LUCANO).

A atividade física era desenvolvida em três momentos: o treinamento físico comum ou a aula de Educação Física geral; a prática de uma atividade desportiva escolhida pelo aluno e os momentos de Instrução Militar.

Não tinha como escapar. O pessoal da educação física, os monitores, eles estavam muito voltados para as atividades esportivas. A ginástica acrobática com aparelhos, os monitores não dominavam perfeitamente. Então os professores efetivos de educação física nos iniciavam nos esportes e atividades mais intensas. [...] Além da Educação Física normal, eu gostava da ginástica acrobática, gostava dos aparelhos. Mas não era da equipe. Tinha equipe (BETO).

O Colégio oferecia várias opções para as práticas desportivas, como: judô, ginástica olímpica, futebol, hipismo. O treinamento físico é lembrado pelos ex-alunos como puxado, mas todos afirmaram que gostavam das aulas de Educação Física.

Não... eu nunca vi problema disso (referindo-se ao fato de a Educação ser muito exigida). Claro que hoje tu tem todo efetivo com professor formado. Antes nós tínhamos... Eram todos formados pela Escola de Educação Física do Exército, uma escola muito boa. Mas... o tempo foi incrementando, hoje tem que fazer alongamento.... Naquela época não. Aquecimento e manda pirão. Era puxado e tinha demonstrações aqui no colégio. A parte de Educação Física era de quartel mesmo, sem diferença nenhuma. Entendeu? E era bom. Primeiro eu sempre gostei, né? Depois, nós tínhamos aqui, tinha a equipe de ginástica acrobática, que eu fazia parte, ai tinha outras equipes. Então era bom. Era puxado, mas era bom (RAUL).

As atividades físicas visavam o modelamento do corpo masculino, o disciplinamento dos corpos e, apesar de parecer contraditório, o relaxamento ou extravasamento direcionado das energias dos discentes. A escola atuava em sua rotina moldando corpos e espíritos. Mas permitia que o aluno se sentisse tão seu que desejasse deixar, também suas marcas perpetuadas pelo corpo do prédio escolar. Estas marcas permitidas, foram (e são) talhadas nas pedras do pátio e impressas nas placas afixadas ao longo dos corredores do Casarão.



Figura 27: Marcas deixadas no piso do colégio.
Fonte: acervo próprio



Figura 28: Placa de formatura fixada nas paredes das arcadas. Ritual que persiste até hoje
Fonte: acervo próprio



Figura 29: A competição era uma tônica na formação desses garotos
 Fonte: Revista *Hiloea* (1969)



Figura 30: Demonstração de ginástica / Dia dos Pais, 1962
 Fonte: acervo privado



Figura 32: Aula de judô/ ano 1962
 Fonte: acervo privado



Figura 31: Aula de judô/1969
 Fonte: acervo privado

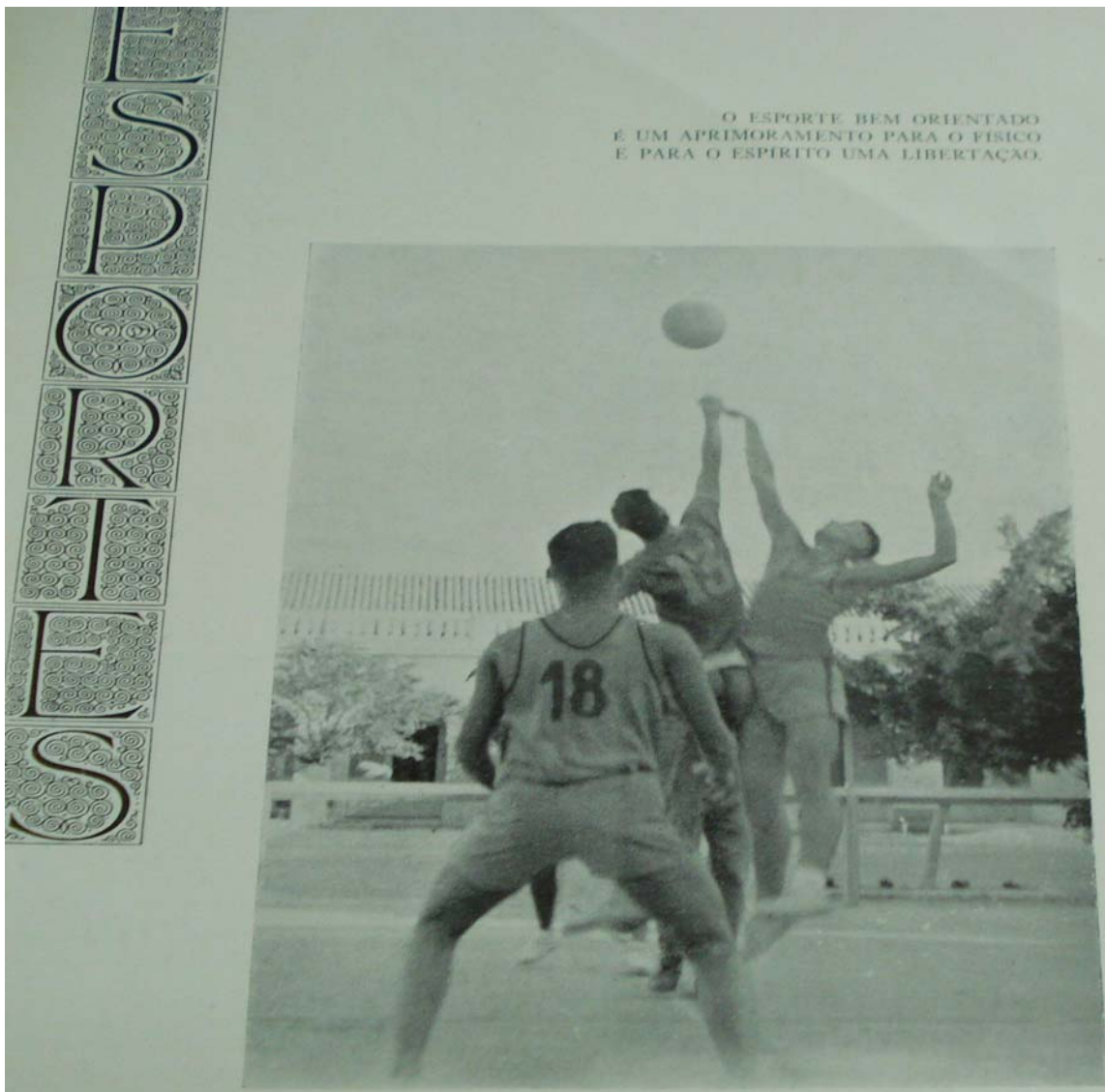


Figura 33: O esporte bem orientado é um aprimoramento para o físico e para o espírito uma libertação
 Fonte: Revista *Hiloea* (1962)

A aprendizagem era avaliada⁵⁶ através dos seguintes instrumentos: verificações imediatas e trabalhos para julgamento. As verificações imediatas eram pequenas provas, ou seja, de pequena duração, realizadas sem aviso prévio, no início ou final da aula. O objetivo atribuído a estas, “pequenas e inopinadas”, provas era o de estímulo e controle, tanto do aluno quanto do professor.

Ao professor cabia utilizar este instrumento para “permanente diagnose da aprendizagem” e “na orientação de suas atividades docentes”. Era previsto que fosse de aplicação constante, sendo comuns ao término de cada assunto ministrado, e que fossem

⁵⁶ Este texto foi construído com base no Regulamento de Preceitos comuns aos Estabelecimentos de Ensino do Exército (R-126), no Boletim de Exército número 17 e no depoimento de ex-alunos.

objeto de controle da Direção de Ensino. Ao aluno cabia estar sempre atento às aulas e com o estudo sempre em dia.

Os Trabalhos de Julgamento englobavam as Tarefas de Estudo, os Trabalhos Correntes e os Exames Finais. As Tarefas de Estudo eram trabalhos realizados “na classe ou fora dela, com objetivo de orientar e valorizar o estudo do aluno, visando ainda à diagnose e à retificação da aprendizagem”. Compreendiam “trabalhos individuais ou em grupo, realizados com base em pesquisa⁵⁷, experimentação ou simples aplicação de conhecimentos e habilidades”. A apresentação prevista para as Tarefas de Estudo poderia ser sob “a forma escrita, oral, gráfica ou de execução material”. Variavam “em forma, conteúdo e extensão de acordo com as peculiaridades de cada matéria”.

Os Trabalhos Correntes eram provas “escritas, gráficas ou práticas, realizadas no decorrer do ano letivo, nos meses de abril, maio, junho, agosto, setembro e outubro”. Em princípio, poderiam abranger apenas os conteúdos que não tivessem sido avaliados através das Verificações de Imediatas. Tinha a duração de todo o tempo de aula destinado à matéria objeto de avaliação.

O grau de dificuldade não se compara com o ensino de hoje. A nota de aprovação era 4,0. Fui capitão aluno com média geral 6,6. [...] A responsabilidade dos resultados anormais das avaliações eram sempre imputados aos alunos (REIS).

Os Exames Finais eram as provas realizadas ao término do ano letivo. Abrangiam todos os assuntos ministrados, ao longo do ano, cabendo ao professor selecionar os mais relevantes ou os que “o aluno obrigatoriamente tem de saber”. Poderiam acontecer na forma de ‘provas escritas ou gráficas’ ou na de ‘prova oral ou gráfica’.

A ‘prova oral ou a gráfica’ era prevista apenas para os “alunos que não obtivessem o grau mínimo de aprovação no cômputo das notas resultantes da prova escrita ou gráfica (peso 1) e da média ponderada dos trabalhos correntes e das tarefas de estudo (com peso 2)”. Esta prova era prestada “perante banca examinadora constituída de três professores da matéria da série considerada, com inclusão obrigatória do professor dos alunos em exame”.

É possível depreender que modalidade ‘prova oral ou gráfica’ consistia em provas, geralmente, apenas orais. O aluno era sabatinado pela banca examinadora. Porém, de acordo com o conteúdo ou disciplina, o discente tinha que representar o conteúdo em uma folha de papel ou no quadro de giz. Um exemplo eram as avaliações de Desenho.

⁵⁷ Pesquisa bibliográfica em livros didáticos ou enciclopédias.

Além das aulas regulares eram previstas aulas destinadas à aplicação de Estudos Dirigidos, organizados pelos professores das disciplinas enfocadas. Estas aulas poderiam partir da iniciativa do docente ou da Direção do Ensino do Colégio. Tinham como foco toda a turma ou, apenas, os alunos com rendimento inferior à média. Eram em geral de caráter obrigatório e visavam atender, principalmente, o aluno interno.

Ao serem indagados sobre a forma de avaliação, os ex- alunos recordaram das constantes avaliações individuais em forma de prova escrita. Lembraram da existência de poucos trabalhos de pesquisa passados como tarefa, mas estes, geralmente, eram compostos de leitura ou pesquisa nos livros didáticos e elaboração de um texto para apresentação ao professor.

Não era que nem hoje. O professor manda fazer pesquisa. Não! O ensino... era pelos livros. Então, o que você tinha que aprender, tinha no livro. O professor te ensinava por ali. Não é que nem hoje. Manda pesquisar. Para próxima aula vamos trazer novidades. Não existia isso (RAUL).

Recordaram do período destinado ao estudo no período vespertino, após o almoço, quando estudavam e realizavam as tarefas propostas sob a supervisão do monitor de ensino. O estudo neste período é caracterizado como individual, mas com concessões para estudo em grupo, onde um aluno que tivesse facilidade em determinada matéria tinha a oportunidade de ensinar os demais.

Este tempo de estudo não é citado como suficiente pelos alunos. Muitos recordam a necessidade de complementar as tarefas em casa ou o estudo durante fins de semana, principalmente, na época das provas.

O estudo obrigatório era interessante porque cada turma tinha um monitor de alunos e ele sentava na mesa, ocupando o lugar do professor, e cada aluno, na sua classe, estudava. Às vezes, o monitor autorizava estudar junto. Era quando o aluno tinha alguma dificuldade. Ele autorizava formar um grupo de dois ou três, no máximo, para tirar as dúvidas. Era como se fosse uma aula normal, ou seja, em silêncio, estudando e, quando conversando, baixinho. Para não atrapalhar o colega. O estudo era sério (BETO).

O aluno era considerado aprovado se conseguisse atingir uma média final igual ou superior a 4,0 (quatro). Além das notas necessárias para a aprovação, era atribuída uma ‘nota global’ ao discente. Esta nota permitia a visualização do rendimento do menino em comparação com o obtido por todos os alunos da série cursada.

Neste colégio tradicional e meritório, o êxito intelectual era uma forma de destaque e implicava quase todas as aspirações discentes, visto que a nota era critério essencial para a

definição de várias coisas, tais como: prêmios, acesso à Academia Militar, pertencimento à Legião de Honra. A instituição de ensino atribuía grande valor às avaliações tradicionais e individuais na área cognitiva.

A escola não previa aulas de recuperação, como é comum na atualidade. Os garotos que não atingissem a média estipulada para aprovação eram considerados em segunda época. Nessa situação, eles seguiam para o período de férias e, alguns dias antes do reinício das aulas, realizavam os exames de segunda época. Caso não fossem aprovados poderiam repetir a série já cursada ou serem ‘jubilados’.

O colégio só aceitava uma reprovação. Os alunos que repetissem pela segunda vez eram, automaticamente, expulsos do colégio, ou seja, jubilados. Luca, estudante do colégio na década de 70, ao refletir sobre o ensino e o sistema de avaliação concluiu:

O sistema adotado na época eu chamaria de “Darwinismo pedagógico”. As aulas eram ministradas e o aluno que se virasse para aprender. Me lembro que na 1ª. Série eram aproximadamente 140 alunos e na formatura tinham apenas 58. Na 1ª. Série, 65 ficaram reprovados em Matemática.



Figura 34: Entrega dos bastões da Legião de Honra
Fonte: Revista *Hiloea* (1968)

O culto às tradições e a valores caros aos militares e a prática da ordem unida eram previstas pelo currículo. Mas a partir de 1964, temos uma ênfase maior nestes aspectos e a adoção de novas tradições como a Legião de Honra⁵⁸. O novo quadro político do país provocou alterações, ainda que sutis, no cotidiano desta escola.

Mas nessa época é que foi criada a Legião de Honra. Exatamente pra quê? Com a finalidade de mostrar estes valores militares. Realça mais ainda. Criaram a Legião de Honra. Ela foi criada em 64. Eu sei que o colégio não parou. Agora não sei como funcionou. Acho que normal (RAUL).

A Legião de Honra, criada em 1964, evidencia em seus códigos e condutas uma característica das escolas militares: a aplicação do controle pensado por João Pessoa, onde o aluno era o seu próprio censor e o seu maior juiz.

Os alunos legionários realizavam as provas em um salão sem nenhuma fiscalização. Problema maior que a nota baixa, ou o risco de ficar de exames, segundo os colaboradores desta pesquisa, era a vergonha de usar ou ser visto usando o ilícito, no caso a cola.

Naquela época nós tínhamos a chamada Legião de Honra, que tem até hoje. Tinha o legionário Alfa e o legionário Beta. Primeiro você, se escolhido, era Beta. Depois, se você correspondesse à expectativa da Legião passava para Alfa. Uma das coisas mais importantes era que a gente fazia as provas sem fiscalização. [...] “Porque o comandante achava que aquilo fazia parte do caráter da pessoa. Inclusive um colega rodou, mas não colou. A gente era o fiscal da gente mesmo. Naquela época, o Alfa da Legião fazia prova sem fiscalização. Para mim foi uma experiência muito boa (LUCANO).

O ex-aluno Beto lembra que mesmo os estudantes que não faziam parte da Legião e realizavam os exames nas salas de aula sob a supervisão de um professor não eram fiscalizados com rigor. Os professores distribuía as provas e não se preocupavam em ficar todo o tempo na sala de aula.

Em uma escola meritória, de acordo com o ex-aluno Lucano, o uso da cola implicava deslealdade com o companheiro. A punição para a cola era a pena máxima! A expulsão do colégio.

A prova era distribuía. Era dito que era individual e sem consulta. O fiscal que distribuía as provas e ficava na sala nem se preocupava. Na hora de tomar o cafezinho, ele saía tranqüilamente. A sala ficava sozinha e nós mantínhamos a postura. A maioria, com certeza, levava a sério. Quando havia um deslize de alguém, era coisa insignificante, nada que modificasse o grau dele. Já era uma conduta nossa como era nos outros colégios. Eu estudei em colégio público e no Rosário e se dava muito valor a essa postura de responsabilidade, de dignidade. Mas aqui era

⁵⁸ Documento que versa sobre a criação da Legião de Honra (Ver ANEXO B).

fundamental. Porque não significava só nota no boletim. Mas na vida militar tinha um significado muito grande. Todo o posicionamento, todo o futuro está ligado ao posicionamento intelectual, então não se pode usar de fraude. No colégio, a gente tinha as promoções, os postos de graduação, os destaques. Então não poderia haver meio ilícito para alcançar um melhor grau, uma melhor média. Então se observava muito essa conduta moral (BETO).

A punição institucional dependia da ciência da escola. Mas havia o poder não explícito. O poder discente. Este poder tinha um código tácito. Entre as suas normas estava o nunca entregar um companheiro, o que por vezes levava toda turma a cumprir diligentemente uma punição e nada ser descoberto. Mas, também, em suas regras, silenciosas, estava o nunca trair um companheiro. Em uma escola meritória, a cola era uma forma de conseguir ilicitamente o que por justiça seria de outro. Não precisava do poder fiscalizador docente. Além de si mesmo, o discente contava com vários pares de olhos que saberiam, embora dificilmente o delatariam, que ele obteve um grau, uma distinção não merecida.

Nesta escola, o grau classificava a turma e esta colocação era, entre outras coisas, a ordem de preferência para conseguir uma vaga na Academia Militar das Agulhas Negras.

Segundo Lucano:

primeiro era oferecido ao 01, depois, ao 02, e assim por diante. No caso de 20 vagas, se todos quisessem seguir para a Academia, seguiriam os 20 primeiros.

Retornando à Legião de Honra, Reis conta que foi membro da Legião de Honra e seu presidente em 1971:

Realizávamos provas sem fiscalização e éramos escalados para representar o Colégio em todas as atividades que exigiam a presença de alunos do CM (REIS).

Os alunos da Legião de Honra eram um pelotão bem disciplinado, sempre bem apresentado. Alunos bem educados, estudiosos, com o uniforme sempre impecável, excelente apresentação individual.

Segundo Beto, a Legião tinha, também, um papel solidário, pois prestava apoio para pessoas e/ou escolas carentes. Podemos inferir que os alunos legionários representavam o ideal de aluno desejado e apresentado como modelo pela Instituição.

Lucano foi legionário e tem muito orgulho de ter pertencido à Legião de Honra. Para o menino do interior, filho de uma família sem muitos recursos, cujo pai havia se empenhado e depositado as esperanças de um bom futuro para o filho, na oportunidade de estudar no colégio, vencer as dificuldades relativas à falta de pré-requisitos para acompanhar o ensino

ministrado no colégio, conseguir se destacar pelas notas e por virtudes que o credenciaram a pertencer a este seletto grupo, era e é motivo de felicidade. É Lucano quem nos explica como era possível ingressar na Legião:

Era selecionado pelo caráter, pela parte de arrumação do uniforme, por ter uma convivência fraterna. Isso era observado pelos colegas. [...] Um colega legionário te indicava. Aí tinha duas reuniões por ano e tinha o Conselho da Legião. Nestas reuniões os alunos eram indicados, o aluno indicado comparecia, era observado pela comissão que o aprovava ou não.

O aluno indicado, se aprovado pelo conselho dos legionários, era iniciado como Beta. Após algum tempo, se, realmente, correspondesse às expectativas legionárias era promovido a Alfa. Poderia então indicar outros legionários.

Era feita uma seleção e os outros legionários escolhiam. Havia duas categorias de legionários: os legionários Alfas e os Betas que eram o topo dos legionários. Os Betas eram alunos ligados ao Científico. Coronel-aluno, major-aluno, capitão-aluno. Estavam entre os melhores alunos do colégio. Eles escolhiam entre os legionários Alfas, quem poderia ser legionário Beta. Depois todos, Alfas e Betas, escolhiam entre os demais alunos quem poderia ser legionário Alfa. O número de Alfas era um pouco maior que o de Betas (BETO).

Havia alunos que não desejavam ser legionário. Enxergavam a Legião de Honra como um clube, um grupo a parte. Reagiam a esta distinção, não querendo pertencer a esta elite. Havia alunos, como Beto, que gostariam de ser legionários. Beto não entendia porque não era escolhido:

Eu tinha um desejo muito grande, aquela vaidade de aluno. Eu me sentia merecedor de ser escolhido. Claro que se eu botasse a mão na consciência, eu veria que eu era muito fuleiro e não podia. Mas eu me sentia merecedor. Eu caprichava no meu uniforme, me dedicava ao estudo, fazia questão de participar das atividades, principalmente as de solidariedade, tinha meu grupo de estudo, lecionava, gostava de dar aula. Como sempre que se falava da Legião destacavam essas virtudes, eu me enchia de razão. Achava que podia ser legionário. Mas nunca fui escolhido. Mas não guardo mágoa de jeito nenhum. Mas na época eu me sentia merecedor, eu achava muito bonito e me sentia em condições de me alinhar como legionário (BETO).



Figura 35: Aluno legionário com bastão – ano 1969
Fonte: acervo privado

O aluno legionário foi criado para reforçar o ideal de homem pregado pela instituição. Este grupo seletivo representava e era cuidado pela instituição e seus pares. Os ex-legionários são unânimes em elogios à Legião, mas os ex-alunos que fizeram parte das primeiras turmas da Legião de Honra consideram que, com o passar do tempo, ela perdeu muito do seu valor e, alguns inferem, concordando com ex-alunos não legionários, estudantes do Colégio durante os fins da década de 70 e os anos 80, terem a impressão de um círculo fechado cujo acesso acaba ocorrendo mais pelas relações pessoais do que pelos princípios solicitados para o perfil do aluno legionário.

Eu era uma pessoa quieta e para ser legionário tinha que ter relações, então nunca fui indicado. Eu tinha notas boas, mas não fui indicado. Da Legião eu sentia que era um grupo fechado e prepotente, não [o aluno] individualmente (CARLITOS).

3.3 O COTIDIANO ESCOLAR PELA LENTE DISCENTE

De repente vi-me aos onze anos, entrando naquele casarão, criança inexperiente, na primeira série ginásial. Lá dentro havia centenas de alunos, veteranos e novos. Os novos eram totalmente estranhos entre si, vinham de diversos lugares. [...] Fomos postos em forma. A cada um fora dado um número, o meu era trezentos e noventa e três⁵⁹, para facilitar a sua identificação.

⁵⁹ Este número de identificação acompanha o aluno durante toda a vida escolar enquanto estudante do Colégio Militar. No caso, do 1º Ginásial ao 3º Científico (o equivalente da atual 5ª série do Ensino Fundamental ao, atual, 3º ano do Ensino Médio).

Para nós, os “bixos”, tudo era estranho, desde os “trotos” dos veteranos aos professores de verde na sala de aula. O tempo passou e eu me acostumei a tudo aquilo (HECTOR, 1973, p.101).

É tudo problema de criação. Então é aquela história. Pai chegou [...] Não tinha aquele... ah, não está se adaptando.
Na época não tinha isso. Não tinha esse questionamento. Então tu te adaptavas. E eu, graças a Deus, sempre me adaptei (RAUL).

Para Certeau (2004), o cotidiano compreende espaço de invenção, se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada* (p. 38). Concordar com esta idéia implica enxergar o cotidiano além do lugar de disciplina, opressão e de controle social. Neste espaço, no exercício de viver, sujeitos simples e anônimos desenvolvem resistências e práticas sutis a partir das leituras que fazem da realidade que os envolve. Aliás, estas leituras são peculiares de cada sujeito.

Os alunos do Colégio Militar, internos ou semi-internos, embora capturados por um ambiente pensado para forjá-los, vivenciam, no dia-a-dia, todos os seus lugares e limites de forma singular, produzem sentidos únicos acerca das experiências que lhes ocorrem e balizam todo proceder na expectativa individual e familiar atribuída aos anos que estudarão sob as arcadas do “velho Casarão da Várzea”; na rotina escolar e nos seus desejos íntimos, particulares, porque não dizer secretos.

Para Raul, a manhã era iniciada em casa. Despertava, tomava café, fardava-se e se dirigia ao colégio. Beto, também, era semi-interno e descreve a sua rotina:

Como aluno, naquele tempo, eu tinha que me deslocar de bonde e tinha que tomar duas conduções. Cinco e meia era a minha alvorada. Levantava, tomava café, me fardava e vinha para o colégio. Pegava o primeiro bonde. Saltava na Alberto Bins e, principalmente no inverno, já pegava o segundo bonde. Quando era verão e já estava claro, eu vinha a pé. Atravessava a Redenção e vinha. Mas isso quando eu tinha tempo; pois a pé acabava demorando e o bonde, apesar da volta que fazia, passava na Venâncio Aires, aqui atrás. Era mais rápido. Sete horas iniciavam as nossas atividades, ou seja, éramos obrigados a estar no colégio (BETO).

Lucano era interno, às 6h30min ao toque da alvorada, levantava, fazia a higiene e tomava o café da manhã, que lembra como sendo de boa qualidade.

Às 7 horas, internos e semi-internos, se encontravam, no pátio, para o início das atividades. Estas eram iniciadas às 7h20min, com a formatura da Companhia ou matinal ou, uma vez por semana, com a formatura do colégio.

Os alunos entravam em forma por turma e série no espaço destinado à sua Companhia. Olhando de longe, vislumbravam-se três pelotões, três grandes quadros humanos. Era um

ritual diário de exercício de liderança e disciplina. Supervisionados por oficiais instrutores e pelos sargentos monitores, os alunos designados chefes de turma' colocavam os colegas de sala em forma, enquanto os seus auxiliares, os subchefes, retiravam as faltas.

Após essa função, apresentavam a turma ao aluno mais graduado de sua Companhia e este ao oficial comandante desse grupamento de alunos. Dispositivo pronto, Raul, Lucano, Beto, Reis e os outros discentes recebiam breves lições de ordem unida, ouviam elogios, punições, recomendações, avisos, advertências. Tinham o cabelo, o uniforme e os sapatos inspecionados.

Por vezes, era complicado manter o silêncio e esperar o fim da formatura para contar alguma novidade ao colega do lado, escapavam sussurros, risos abafados. Em outras ocasiões, era penoso ficar quieto e era, inevitável, o ajeitar o corpo.

Em todos os momentos sabiam-se vigiados. Os olhos e ouvidos dos sargentos e oficiais instrutores pareciam “tudo ver, tudo ouvir”.

O Capitão Zemo dizendo aos berros:

“-Tá boa a 2ª. Cia.”, mas ao mesmo tempo: “Fica quieto menino” e lá no meio um ou outro ficava vermelho como um pimentão com a observação do exigente, mas amigo capitão (TEIXEIRA, 1962).

Dallabrida (2001, p.186), ao versar sobre a disciplina e a vigilância em uma escola jesuíta, tece algumas reflexões aplicáveis à realidade do CMPA:

o olhar sobre todos e cada um dos alunos procurava ver todas as suas atitudes em todos os espaços do colégio, como as salas de aula e os pátios, bem como fora dele, nos diversos lugares da cidade. Mesmo que não houvesse o olho de um professor ou inspetor, os alunos deveriam viver sempre com a expectativa da vigilância permanente [...].

Uma vez por semana acontecia a formatura do colégio. Os alunos entravam em forma e desfilavam para o comando.



Figura 36: Formatura semanal (ou formatura do comando) 1969
 Fonte: acervo privado

Neste dia, o comandante se dirigia aos discentes; conferia-se a marcialidade; a postura; o domínio dos comandos de ordem unida. Alguns ex-alunos inferem que estes momentos os treinavam para o Sete de Setembro, embora a proximidade desta data cívica significasse longos e cansativos treinamentos.

Ah! os “Sete de Setembro” que dias memoráveis. Fazíamos longos treinamentos para repetirmos o que já sabíamos fazer. Chegava no dia, dávamos show de ordem unida, cobertura e alinhamento. O público nos aplaudia delirantemente vendo – nos desfilar garbosamente no asfalto da João Pessoa (HECTOR, 1972).

As formaturas aconteciam sempre na primeira hora da manhã, verão ou inverno. Beto relata:

Tínhamos a formatura da Companhia ou a formatura do colégio, exatamente no mesmo horário. No inverno quando levantava a serração, era o horário mais frio no pátio. Nosso pátio era um areão, não um calçamento como é hoje. Isso nos dava uma sensação de frio. Talvez, o inverno fosse mais rigoroso, amenizava com uma capa grande que a gente tinha. Após a formatura iniciavam as atividades de aula. A aula terminava ao meio-dia. Aí era a formatura para o almoço e, depois, sempre em forma para um laboratório, para a Educação Física, para sair do colégio, sempre, sempre em forma, sempre marchando (BETO).

Ao término da formatura, os garotos eram liberados para se dirigirem às aulas, as quais poderiam acontecer nas salas de aula ou nos laboratórios. Liberados? Liberados da formatura e não da disciplina, da qual, todos os colaboradores desta pesquisa, lembraram-se como rígida e constantemente cobrada em todos os instantes e lugares da vida do aluno nessa escola e, de acordo com alguns depoentes, também, além dos seus muros. Segundo Reis, todo o deslocamento acontecia em forma e acompanhado pelo sargento monitor responsável pela turma.

A rigidez da disciplina foi sentida mesmo antes de conhecermos as regras do jogo (REIS).

O aluno Ubirajara Teixeira, ao escrever sobre suas férias em um texto publicado na revista *Hiloea* de 1962, relata uma amostra desse constante olhar e atuar disciplinar:

Nada de aulas, corte de cabelo, e aquelas frases tão conhecidas de todos nós, os alunos:
 – Olha o rancho!
 – Vire para frente, não se mexa em forma!
 – Se falares novamente vais ficar detido!
 Será que o capitão, o tenente não se cansavam de repetir as tão repetidas frases?
 Não, acho que não.
 Afinal aquela era a obrigação deles.
 Ou será que nós pensávamos que nossos instrutores tinham a incumbência de nos divertir?
 Não, ninguém era assim tão tolo.
 Todos nós havíamos ingressado no Colégio Militar, já sabendo o que nos esperava.
 Mas que dizia eu? Ah, sim as férias [...] (TEIXEIRA, 1962).

O aluno estava constantemente vigiado. Nas salas de aulas, os professores. No pátio, os monitores. Em todos os lugares, o próprio estudante. Para Louro (2001, p.25):

A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente. Esse não é, no entanto, um processo do qual os sujeitos participem como meros receptores, atingidos por instâncias externas e manipulados por estratégias alheias. Ao invés disso, os sujeitos estão implicados e são participantes ativos na construção de suas identidades. Se múltiplas instâncias sociais, entre elas a escola, exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero e colocam em ação várias tecnologias de governo, esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de autodisciplinamento e autogoverno que os sujeitos exercem sobre si mesmos.

Raul estava de chefe de turma e sobre o tablado conferia os alunos presentes enquanto aguardava a chegada do professor.

Os professores chegavam para ministrar a aula. Os alunos, ao comando do discente chefe de turma, ficavam de pé, em sentido e logo após na posição “a vontade”⁶⁰. O chefe de turma, então, procedia a apresentação da classe ao docente e dava-lhe conta das eventuais alterações.

As aulas começavam às 8 horas e iam até ao meio-dia. Entrávamos na sala de aula e o chefe de turma “tirava” as faltas auxiliado por um sargento-monitor que a cada ano mudava (HECTOR, 1972).

A cada início de aula, o ritual era repetido. E todas as aulas tinham em comum o requerer atenção máxima do estudante, o exigir de uma postura corporal tida como adequada ao aluno para o aprender, para o não desprender da atenção, controlada para o não perturbar a aula.

Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem, provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse, mesmo que falsos. Um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e num determinado modelo de fala; concebe e usa o tempo e o espaço de forma particular. Mãos, olhos e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais [...] (LOURO, 2001, p.21).

Os professores, todos homens, em sua maioria militares, são lembrados como rígidos e tradicionais na forma de ensinar e avaliar.

A história era do tempo que o professor falava 45 minutos (LUCANO).

Nós tínhamos o Coronel que dava história, esse era o cão em nosso olhar de aluno porque ele chegava na sala, escrevia o objetivo da aula no quadro, sentava e não admitia sequer um papel de anotação sobre a mesa e nos contava a história como tinha ocorrido. Ele só admitia postura correta (BETO).

Alguns alunos atribuem aos professores civis uma maior tolerância com a indisciplina e/ou brincadeiras durante o período de aula.

Professor civil nós tínhamos um auxiliar de laboratório, cujo apelido era _____. E era a oportunidade que nós tínhamos de extravasar um pouco porque ele era civil e os professores militares eram extremamente rígidos (BETO).

⁶⁰ De pé, braços cruzados nas costas, olhando para frente.

Porém, outros não sentiam diferença entre os professores civis e militares em relação à rigidez disciplinar. Uma razão aventada é o modelo de professor considerado típico da época, ou seja, “tradicional e dono do saber”. Outra hipótese é o perfil que a escola deveria exigir de seus docentes.

Os poucos professores civis, pelo que foi possível apurar, eram docentes considerados de renome e, também, professores de colégios tradicionais de Porto Alegre ou da Universidade. Um exemplo é o professor de Química, Mário Vergara, que lecionava, também, no Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

Os professores eram praticamente todos militares, exceto dois professores de Química, e um professor de Física e um de Língua Portuguesa que era o Fernando. O restante era militar. Todos homens (LUCANO).

Os ex-alunos qualificaram a relação professor/aluno como hierárquica e distante. Ao recordar o seu retorno ao colégio, nos anos 90, na qualidade de professor, Lucano aponta diferenças:

A primeira diferença foi o relacionamento professor – aluno. Era mais aberto. Não tinha essa divisão tão forte entre professor e aluno. Já tinha a SOE⁶¹ e o colégio era misto.

Apesar de classificarem os professores como rígidos e distantes, os ex-alunos apontam alguns com carinho e é possível inferir que estes docentes citados conseguiam estabelecer vínculos que lhes conferiam a confiança e a admiração discente.

O meu professor de Matemática, por exemplo, era uma pessoa fabulosa, não só matéria, mas, também, como pessoa. O Cel. Aramires Alves que era o professor de geometria descritiva, uma matéria considerada difícil, intensa, tida como mistério, e ele era uma pessoa maravilhosa [...] (BETO).

Retornando à questão da ação disciplinadora, ao recordarem de como eram as aulas e como se sentiam e agiam enquanto alunos, os ex-alunos lembraram, com risos, de algumas traquinagens ou comportamentos não esperados pelo organismo escolar. Apesar de todo o aparato de controle, os alunos não deixavam de serem crianças e adolescentes. Gostar e/ou adaptar-se à escola não era sinônimo de ausência de transgressão, não significava o não questionamento daquela realidade.

⁶¹ Seção de Orientação Educacional.

O professor pediu que um aluno fosse pegar o giz na Sala dos Professores e eu falei que iria. Ele disse que tinha que ser rápido e quando ele falou isso, eu “voei” pela janela e trombei com alguém e nem vi quem era. Fui correndo. Peguei o giz e voltei correndo. O professor estava na porta conversando com o meu comandante de companhia. A pessoa em que bati era o meu comandante de companhia. O capitão perguntou por que eu saí “voando”, eu respondi mostrando o giz. Ele perguntou por que eu tinha saído pela janela. Eu disse: porque o professor pediu para ser rápido e a porta estava fechada, saí pela janela que já estava aberta (BETO).

Outra lembrança é a organização do colégio, a disciplina. Nós não deixamos de ser jovens, de fazer nossas travessuras. Agora, tínhamos uma disciplina rigorosa (BETO).

Não levava muito a sério a disciplina quando aluno do ginásio (REIS).

Muitos alunos não gostavam de estudar no colégio. Os colaboradores desta pesquisa afirmam que as razões apontadas eram: disciplina, corte de cabelo, grau de dificuldade nas avaliações e a falta de apoio ao aluno que tivesse alguma dificuldade cognitiva. Os alunos internos acrescentam a distância da família e o ambiente inicial, que é lembrado como hostil devido ao hábito do trote.

Já era o meio da manhã, o professor de História, sentado junto à mesa sobre o tablado, fazia a palestra sobre algum assunto. Vez por outra, inspecionava com o olhar a turma, alertava algum aluno quanto à postura, a qual deveria ser reta, grave, atenciosa. Bento pensava no recreio. Levantar, ir ao banheiro e quem sabe correr pelo areão. Ah...O toque para o recreio. De repente: o recreio.

No meio da manhã, o momento de descontrair, de fazer um lanche. Para os semi-internos, o lanche vinha de casa. Os internos consumiam bolachas ou outra guloseima que compravam quando davam as suas saídas do colégio ou, vez por outra, um resto guardado do café da manhã. Não havia cantina.

Mas o interessante era o sair das salas de aula, do controle da atenção e da postura imposta pelos professores. Levantar, esticar o corpo que obedecia a contragosto o ficar sentado e atento às aulas que variavam de totalmente verbais a cópias e exercícios infundáveis.

Os maiores, como Beto, gastavam estes 20 minutos conversando com os colegas, por vezes implicavam com os pequenos, na sua visão sempre ruidosos, a correr pelo areão.

Não havia cantina. As brincadeiras giravam em torno de atividades físicas ou trotes na bicharada (REIS).

Lucano descreve os seus recreios:

Ficava batendo papo ou jogava bola no areão, não tinha concreto no pátio. Comia a merenda e ia para sala.

Os pequenos, como Raul, jogavam figurinhas, corriam jogando bola com as mãos, sentavam no chão e conversavam enquanto lanchavam:

Para não sujar os sapatos, não podia sapatos empoeirados e o pátio não era calçado, a gente jogava bola, futebol, com as mãos. Também como não tinha banco para todo mundo, a gente sentava no chão, fazia aquelas rodinhas e ficava conversando (RAUL).

[...] o barulho familiar dos alunos, ou melhor dos pequenos alunos com suas brincadeiras e divertimentos. Aquela poeira levantada pelas correrias dos garotos e que tanta raiva me causavam outrora [...] (TEIXEIRA, 1962).

Os ex-alunos, não se recordam de punições que implicavam a retirada do intervalo do recreio. Parece que este espaço de tempo era respeitado como necessário para o bom rendimento escolar, momento de extravasamento das energias juvenis e descanso corporal.

Mas até que o pátio fosse calçado, no intervalo, a gente jogava bola direto, direto. E eu sempre gostei muito de pelada então, o recreio era aquilo, jogar bola direto. A gente fazia um cem número de campinhos. Quando tocava o sinal engolia a merenda que a mãe mandava e corria para sala de aula [risos]. Ia pra sala imundo, por que era um areão danado. O recreio era isso. Eu adorava (RAFAEL).

Ao término desse intervalo, meninos e professores, retornavam às aulas. O segundo período de aulas era encerrado ao meio-dia.

O “querido” rancho com suas mesas de dez, as correrias para peruar o bife ou a sobremesa, que um dia é rapadurinha e noutro goiabada. (MÁRIO LUIZ, 1972, p.101).

Após as aulas era a hora do almoço e seu intervalo. Os alunos entravam em forma e eram conduzidos ao rancho. Como lembra Beto: “sempre em forma, sempre marchando”. Reis recorda que o rancho não comportava todos, ao mesmo tempo, assim “os grupamentos de alunos e militares tinham um determinado horário para ocupá-lo”. Raul descreve o momento do almoço e seu ritual:

O almoço era bom. A comida não era ruim. Era boa. A gente almoçava. O cardápio era sempre o mesmo. Cada mesa tinha um chefe. Por que tudo tem chefe [risos]. Então entrava no rancho, a gente entrava em forma, ficava parado ao redor da mesa, todo mundo em pé. Depois que todo mundo entrava era comandado “a vontade” e a gente sentava e almoçava. E nas cabeceiras das mesas sentava o chefe, geralmente era um aluno dos últimos anos. A gente conversava, era tranqüilo.

Todos os alunos almoçavam no colégio. Segundo Lucano:

os alunos semi-internos jantavam também caso fosse preciso. Todo mundo almoçava aqui, era um batalhão, naquela época, o colégio tinha um efetivo menor, tinha em torno de 500 alunos.

A comida servida é lembrada por alguns como de ‘boa qualidade’, outros a definem como umas ‘refeições simples, triviais, que na época nem sempre era gostosa, mas que hoje entendo como de boa qualidade’. O cardápio é lembrado como pouco variado: arroz, feijão, carne, uma salada ou uma mistura. Havia uma sobremesa, geralmente um doce industrializado, desses ‘vendidos nos bares’ e ‘que a gurizada gostava’: rapadura, goiabada, ‘um tipo de gelatina em tablete’.

Horrível [risos]. A comida sempre ruim, na visão de aluno sempre ruim, sempre podia ser melhor. Sempre que dava eu ia almoçar em casa (RAFAEL).

Pelos boletins de exército podemos perceber que havia grande preocupação com o preparo e manuseio da alimentação nos quartéis. Parte dos alimentos consumidos era produzida em granjas e plantações próprias. Alguns boletins versam sobre cursos e procedimentos regulares para o trato dos animais e manuseio e higiene dos alimentos.



Figura 37: Rancho nos anos 60
Fonte: acervo privado

Após almoçar, os alunos ficavam pelo pátio até as 13h30min. As salas de aula ficavam trancadas e eram abertas pelo monitor, ao fim do horário de almoço, quando acontecia mais uma formatura com tirada de falta e os alunos eram encaminhados para as atividades previstas para aquela tarde.

Os alunos gastavam o tempo, entre o almoço e o iniciar da rotina vespertina, conversando, jogando bola, descansando em algum canto do pátio ou do vestiário e, no caso dos internos, por vezes, sesteando nos alojamentos.

Depois do meio-dia, quando tínhamos atividades à tarde, fazíamos a tradicional “pelada” que ajudava a digerir a “gostosa” comida do colégio (HECTOR, 1972, p. 101-2).

Alguns garotos, conforme lembrado por Beto, driblavam a proibição de entrar nas salas de aulas e, sorrateiramente, ficavam no seu interior a dormir, fumar e/ou conversar. Por vezes, apesar do combinado de nada fazer que pudesse alertar os sargentos monitores, aconteciam brigas. Beto nos relata um destes casos:

Como eu disse a gente não deixava de ser criança. No intervalo das aulas para o almoço, as salas de aula ficavam fechadas, a uma e meia eram abertas e nós entrávamos para o estudo obrigatório. Naquele tempo as janelas que davam para o lado interno do colégio eram daquelas grandes. Então, principalmente no inverno, a gente saía e o chefe de turma tinha que bater o cadeado, trancar a sala. Mas apenas encostávamos as janelas. Às vezes a gente colocava um papel por baixo. Quem forçasse pelo lado de fora achava que estava trancada. O monitor não sabia disso. Na verdade ela não estava trancada, mas bem calçada. E após o almoço, quando não tinha monitor por perto, a gente empurrava a janela e pulava para dentro e daí ficava na sala de aula: dormindo, conversando, naquele tempo a gurizada era metida a fumar, meia dúzia deles fumava. Quando faltavam uns dez minutos para iniciar a formatura, a gente pulava de volta para o pátio. Encostava a janela e quando o monitor abria a sala estava tudo em ordem.

E numa dessas de pular a janela para dentro da sala de aula começou uma briga. E começaram a jogar um no outro, um troféu que ficava na sala porque tinha sido ganho por um colega. De repente jogaram para alto e bateu numa luminária e ela quebrou. E como nós íamos resolver o problema? Pegamos a pá e varremos tudo e botamos no lixo. Um dos alunos sabia que tinha um depósito dos serviços gerais ao lado do banheiro e que lá tinha lâmpadas. A gente falou que se estava no depósito era porque não funcionava mais. Ele disse que o problema não era nosso se não funcionasse. O detalhe era que aquele era um dia muito quente e dentro da classe um colega tinha uma pelerine, que era uma capa grande. A gente colocou essa capa e fomos até o depósito e chegando lá, encontramos as lâmpadas e as colocamos por baixo da capa e retornamos à sala de aula. Chegando na sala empilhamos algumas classes e recolocamos as lâmpadas. Um colega, satisfeito, disse: só falta acender. Quando ligamos, as lâmpadas acenderam. Aquilo foi o máximo!



Figura 38: Os alunos internos tinham a opção dormir um pouco após o almoço
 Fonte: Revista *Hiloea* (1970, p.68)

13h20min, Beto e seus colegas se preparam para retornar ao pátio. 13h30min acontece a formatura vespertina. Esta formatura marca o início do turno da tarde.

As atividades vespertinas eram diversificadas: estudo obrigatório, Educação Física, ordem unida, atividades extraclasse.

Na primeira hora da tarde, a gente tinha estudo. Porque na parte da tarde não tinha aula na época. Não havia aula de recuperação, de reforço. O professor dava a matéria e o aluno tinha que estudar e se virar. Mas tinha o estudo obrigatório. Depois tinha ordem unida, que... hoje até acho que não existe mais, não sei. E Educação Física. E nós tínhamos ordem unida, ordem unida mesmo (RAUL).

Tinha um horário reservado para ordem unida ou instrução militar. Segundo Raul, a ordem unida acontecia uma vez por semana e era rigorosa. Ele justifica e explica como acontecia:

Era como quartel. Marchar nos quartéis. Tinha uma hora de ordem unida e tinha que ir para a Redenção e pra marchar. Era ordem unida mesmo. Todo aquele ensinamento militar, nós tínhamos enquanto alunos do colégio. Bem mais rígido que hoje. Era um quartel que virou colégio, né? Tinha o ensino, mas também essa parte e era super exigido. Para todo mundo. E depois, no último ano, no segundo e no último ano, nós tínhamos a formação para o curso de reservista.

O ex-aluno Reis argumenta que, além desta sessão, a ordem unida fazia parte do cotidiano. “Todos os deslocamentos eram realizados em forma, a comando do monitor ou do

aluno mais graduado”. Era tão parte de tudo que os alunos acabavam aceitando como natural, só reclamando das sessões semanais, assim mesmo acatando-as como ônus do ser aluno de um colégio militar.

Beto explica que a ordem unida era parte da instrução militar: “a ordem unida envolvida os comandos, a postura, o marchar. A instrução militar continha tudo isso e ia além”.

O aluno Ubirajara Teixeira descreveu parte de uma atividade desenvolvida no espaço de tempo destinado para a instrução militar.

Uma tarde numa instrução militar o tenente estava ensinando a posição correta do fuzil no “ombro arma”. Dizia então: “Mais para dentro, junte mais a arma ao corpo” e todas aquelas frases já tão nossas conhecidas. Lá pelas tantas o instrutor passou frente a um aluno, Neves (o popular agradinho) e disse ironicamente dirigindo-se aos demais alunos:

“– Atenção, esta é a posição correta do fuzil, como faz o vosso nobre colega.”

“Entretanto, se ele não se importar, gostaria que em vez de na mão direita ele com a mão esquerda segurasse o fuzil”. Foi uma risada geral. [...] (TEIXEIRA, 1962).



Figura 39: Ordem Unida
Fonte: Revista *Hiloea* (1970, p. 69)

Após o tempo reservado para a ordem unida ou para a educação física, os alunos praticavam algum esporte de sua preferência. O mais popular era o futebol ou a pelada, principalmente entre os menores.

Fazíamos a “Física” e continuávamos a “pelada”. O engraçado é que era sempre a mesma turma. Era uma pelada festiva, gritávamos um com o outro. Estes quatro anos de ginásio foram alegres, inesquecíveis e rápidos. Não tínhamos responsabilidades maiores. Éramos crianças ainda. Alguns já tinham abandonado o colégio (HECTOR, 1972, p.102).

Outras vezes, parte da tarde era tomada pelas atividades extraclases e para os legionários (a partir de 1964), por tarefas delegadas aos alunos que compunham a Legião de Honra.

Beto relembra algumas destas atividades extraclases e fala, com carinho, do clube de excursionismo:

O nosso clube era o excursionismo. Tinha vários clubes: literatura, basquete. Tinha vários clubes. O nosso planejava e fazia excursões dentro e fora de Porto Alegre. Nós fomos à Festa da Uva em Caxias, na época não tinha este destaque que tem hoje, na Festa da Uva, até sobrevoamos Porto Alegre de avião, visitamos a Base Aérea. Visitávamos fábricas como a Chocolates Neugebauer. Todas as semanas, nós tínhamos uma coisa importante para visitar. E não eram só coisas civis. Visitamos unidades militares. Eu acho que o nosso clube, durante o ano, cumpriu muito bem a atividade a que se propôs (BETO).



Figura 40: Alunos prontos para embarcar: vôo panorâmico sobre Porto Alegre
 Fonte: Revista *Hiloea* (1962)

A tarde chegava ao fim às 17 horas.

O dia era tão intenso, que eu voltava para casa com uma sacola com a roupa suja da educação física. Terminava às cinco da tarde. Quando eu chegava em casa, jantava e ia direto para cama e desmaiava cansado. O dia inteiro tinha atividades (BETO).

Para os semi-internos, que não estavam “tirando” serviço devido às atividades previstas pelo CPOR (curso de formação de reservistas) e nem tinham punição a cumprir, era o horário de retornar para a casa.

A maioria dos semi-internos seguia para casa. As punições eram de preferência durante os finais de semana. Os pequenos, muitas vezes, sem alternativas, ainda tinham algumas tarefas ou pontos para estudar durante a noite. Os maiores, já acostumados à rotina do colégio e envolvidos em atividades mais intensas que os pequenos, estavam mais cansados e mais espertos: conseguiam aproveitar melhor o tempo do estudo obrigatório e deixar temas de estudo para fins de semana, principalmente nas épocas das provas.

Para os internos era chegado o momento de aproveitar a trégua e, após o jantar, sair um pouco do interior dos muros do Casarão. Até o horário da revista, era possível o que os alunos denominavam de “passeio higiênico”. Lucano define o “passeio higiênico”:

A gente ia até a Osvaldo Aranha, tomava um iogurte natural e depois voltava para o colégio. Era “passeio higiênico” porque ficávamos todo o dia no colégio. Então saíamos para olhar as meninas, comprar uma pasta de dente e era chamado “passeio higiênico”. Voltávamos. Era feita a revista. Tinha um horário para estudo. 10 horas íamos dormir.

Para os que não tinham autorização familiar para sair do colégio, a opção era o descanso nos alojamentos e o cassino: espaço de lazer organizado para os internos.

O aluno Bacellar descreve o cassino dos alunos como dirigido por um aluno e pela SEL:

O Cassino é um lugar aprazível onde podemos passar horas despreocupadas e divertidas, longe dos nossos afazeres costumeiros. Lá encontramos jogos, que nos deliciam e ajudam a fazer mais amena nossa vida no Colégio, jogos educativos e sadios como xadrez, damas, etc, estão franqueados a todos os alunos, encontramos também jogos que são privativos do curso Científico, como bilhar e sinuca. É lá também que se encontra o tão procurado aparelho de televisão que nos dá horas de descanso e contato com o que vai pelo mundo trazido até nós pela imagem do vídeo, também ali situam-se ótimas eletrolas, com uma coleção de discos bem apreciável, que nos dão boa música, um repousante para a mente e o físico; ali se encontra a Biblioteca da SEL muito procurada pelos alunos [...] (HILOEA, 1962).

Lucano também definiu o cassino como um local de reunião e lazer dos internos. A televisão nem sempre funcionava, “vivia estragada e demorava para consertar”.

Os rapazes que aproveitavam o “passeio higiênico” quando retornavam ao colégio se reuniam aos colegas no Cassino ou já se dirigiam ao estudo obrigatório. Os internos tinham, ainda, antes do horário de recolher, um período de tempo destinado para estudo. Muitas vezes o cansaço do dia, ou mesmo a falta de vontade, tornava esse momento ruim. A saída apontada pelos ex-alunos era a leitura de algum livro. Lendo o que haviam escolhido pareciam estudar e permitiam à mente e ao corpo relaxarem. Interessante pensar na razão da não fiscalização do que estava sendo em tese estudado. Esse espaço de tempo não servia apenas para propiciar o estudo dos conteúdos ministrados nas diferentes aulas. Era, talvez, antes de tudo, uma forma de reunir os alunos e preparar o recolhimento.

Após o término do horário de estudo havia a ceia e o toque de recolher. A ceia, segundo os ex-alunos, era servida às 21 horas e consistia em um copo de leite com algum achocolatado e um pedaço de pão ou bolo ou alguns biscoitos. Concluída a ceia, a rotina era a

higiene, o colocar o pijama e o deitar para dormir. Dez horas da noite começava o horário do silêncio, todos deveriam dormir.

O fim do dia era, na prática, o determinado pelo educandário. Para o interno estava no horário de silêncio, horário de dormir. Para o semi-interno estava no horário de retorno para casa, caso necessitasse ainda estudar ou realizar temas, o horário escolar o alcançava no lar, e cumprindo todas as tarefas, o aluno só concluía o seu dia, ao cumprir com todo o exigido pelo colégio. Em relação ao tempo escolar, Dallabrida (2001, p.157), conclui que além de fabril e controlado pela instituição educativa, o tempo discente era “sobretudo útil e produtivo”. Assim também podemos definir o possibilitado ao aluno do CMPA.



Figura 41: Cenas cotidianas: fim do dia
Fonte: Revista *Hiloea* (1968)



Figura 42: “Passeio higiênico”
Fonte: Revista *Hiloea* (1968)

A SEL (Sociedade Esportiva e Literária do Colégio Militar) fazia parte do conjunto de atividades extraclases que existiam no Colégio. Era formada por um grupo de alunos e tinha como objetivo organizar e patrocinar atividades para os discentes do CMPA. Esses estudantes, também, participavam da edição da revista *Hiloea*, agora, uma revista institucional, anual e de formandos.⁶²

A direção da S.E.L. é formada por alunos do Curso Científicos, eleitos por voto secreto dos alunos do mesmo curso e da 4ª série ginásial. Qualquer aluno do científico e da 4ª série pode candidatar-se. A eleição para a gestão de 1962, a 1ª do novo CM, foi dirigida pelo então Ajudante do Corpo de Alunos, 1º ten. Inf. Alencar Pereira da Silva. Participaram da S.E.L. todos os alunos do Colégio que nela se associaram mediante uma contribuição mensal (AL. BACELLAR, 1962, p.11).

Reis não fazia parte da SEL, mas, como todos os outros alunos, participava e gostava da maioria dos eventos que esta associação de alunos do colégio organizava.

A SEL realizava diversas atividades. Os bailes, festas juninas eram realizados todos nas instalações do próprio CM (REIS).

Assim como a *Hiloea*, a SEL era uma reedição da SEL do primeiro Colégio Militar de Porto Alegre. Os alunos tinham muitas atividades, mas menos autonomia que os seus antecessores.

O ato da posse da 1ª. Diretoria da S.E.L. do Colégio Militar, na sua organização, foi realizada no dia 24 de maio de 1962, aproveitando o ensejo do dia da Batalha de Tuiti e a reunião do Corpo de Alunos, no Salão Brasil, o Sr. Cel. Cmt. empossou a diretoria, falando dos deveres e das responsabilidades dos alunos dirigentes para com seus colegas, para com as futuras direções e para as gerações vindouras de alunos do CMPA.

Falou, também, na ocasião, em nome da diretoria o al. Ortiga, presidente da S.E.L., dizendo e afirmando a sua firme decisão de levar a frente os seus propósitos de proporcionar bem estar e alegria a todos os alunos e dar bom exemplo às gerações vindouras e as novas diretorias, assim como emprestar toda a sua colaboração na reorganização do CMPA durante 1962 (REVISTA *HILOEIA*, 1962, p.15).

Apesar do nome “literária”, a única atividade literária deste grupo era a revista do colégio (*Hiloea*) e um jornal, onde detinham pouco controle do que seria ou não publicado. Este jornal é citado, mas até o momento não foram localizados exemplares. Pelo que foi possível inferir destinava-se a noticiar acontecimentos do colégio.

⁶² A cada edição da *Hiloea*, a partir de 1962, podemos perceber a restrição à participação discente e a afirmação do caráter descrito neste texto.

Dir. Cultural: Al. Kullmann, trabalha no setor cultural sob a supervisão do Ten Cel. Cyrino” [...] “Dir. de Imprensa e Divulgação: Al. Barros, tem a seu cargo os órgãos de imprensa da S.E.L.: o jornal, a revista, depto fotográfico; este departamento permite a ampla divulgação dos fatos no CM” (REVISTA *HILLOEA*, 1962, p.15).



Figura 43: Aluno Kullmann – Diretor Cultural da SEL no ano de 1962
Fonte: Revista *Hylea* (1962)

A SEL era orientada e supervisionada por um oficial designado pelo comando da escola. A *Hiloea* de 1962 foi coordenada pelo Ten. Cel. Prof. Cyrino Machado de Oliveira⁶³. Este mesmo professor é citado como oficial supervisor do Departamento Cultural da SEL eleita naquele ano. Não fica claro quem era o oficial orientador da SEL ou se havia mais de um oficial responsável pelos meninos. O certo é que a autonomia destes era relativa: incentivada nas questões práticas, organização de disputas desportivas e festas, restrita no caso das publicações; as quais perderam o caráter literário estudantil, do período de 1922 a 1938.

O espírito militar do Calazans e a atividade do Ortiga, sempre se movimentando para “quebrar galhos” para a nossa querida SEL. (AL. UBIRAJARA TEIXEIRA, 1962, p.13)

Na revista de *Hiloea* de 1962, p. 12, há um artigo escrito pelo aluno Bacellar explicando a origem da SEL, finalidade e composição no novo Colégio:

⁶³ O Tenente Coronel Professor Cyrino editou a *Hiléia* de 1961, onde contou com a colaboração de ex-alunos da primeira fase do CMPA (1912 -1938).

A S.E.L do CMPA foi organizada pelo Comando do Colégio com a finalidade precípua de congregar os alunos e realizar promoções que visem o seu bem-estar durante a sua estada no Colégio; estas realizações podem ser: jogos, excursões, festas e tudo mais que possa alegrar e distrair os alunos e proporcionar-lhes meios de derivação dos seus deveres comuns. Por meio da S.E.L. o comando procura estabelecer um contato mais íntimo com os alunos e para isto, sempre envida toda a cooperação possível nas promoções e na sadia orientação por intermédio deste órgão dos alunos e para os alunos [...].

Em uma escola masculina, com alunos semi-internos e internos, a preocupação reinante foi ter estes alunos sempre focalizados. A organização do tempo, dos espaços e da rotina eram os instrumentos para forjar o homem pretendido. Nesta ótica, também os espaços dedicados ao lazer eram cuidados e aproveitados. Era necessário, principalmente para o aluno interno, que o tempo dedicado ao descanso também fosse previsto. As atividades oferecidas pela S.E.L cumpriam esta função, e o gerenciamento destas atividades, assim como a sua organização, auxiliava o desenvolvimento de aspectos empreendedores nos discentes.

Segundo Raul, a SEL era voltada para o aluno. Os meninos pensavam os eventos, organizavam, juntavam colaboradores entre os alunos não membros da SEL e, como as festas sempre aconteciam no interior do colégio, após as festas colocavam tudo em ordem novamente. Os recursos para estas promoções vinham das contribuições pagas, mensalmente, por quase todos os alunos do colégio.

A gente fazia bastante coisa voltado pro aluno (RAUL).

A SEL, ou melhor, as festas e eventos organizados eram a grande oportunidade de estar com as meninas, principalmente para os alunos internos, que tinham poucos laços de amizade na cidade.

Naquela época era só homem e nós, internos, tínhamos pouco contato com o meio civil. Tinham as reuniões dançantes que aconteciam em sábados ou domingos (LUCANO).

Segundo Lucano, aconteciam em torno de dois ou três bailes, por semestre. Além dos bailes, havia a festa junina e a escolha da rainha. Para estas festividades, os meninos convidavam as garotas, principalmente, as estudantes do Instituto de Educação, localizado a poucos metros do colégio. Da mesma forma que para os seus pais e/ou avós, alunos do CMPA no período de 1912 a 1938, as normalistas não passavam despercebidas aos gurus.

Mas, segundo os ex-alunos, eles não estavam sozinhos nas disputas pelas garotas dos arredores. Os alunos do Rosário e do Julinho são citados como grandes competidores na arte de convidar as moças para as festas.

O Rosário era só de meninos, tanto que era nosso ferrenho adversário. Ferrenho adversário do Colégio Militar nas disputas, não apenas as esportivas, mas principalmente, nas disputas pelas meninas do Instituto de Educação. Nós as convidávamos para as festas e o Rosário também se fazia presente junto às meninas do Instituto, nossas futuras normalistas (BETO).

3.4 UM ESPAÇO MASCULINO

O CMPA manteve várias características do educandário que existiu no período de 1912 a 1938. A preocupação com a visibilidade é um exemplo. “A vida no Colégio Militar, além de ser norteadada pela organização e pela ordenação, era marcada pela visibilidade. O que os alunos faziam devia estar sempre visível” (PINEDA 2003, p.37).

As fotografias de instalações do colégio, as notas nos boletins internos e do Exército, os depoimentos de ex-alunos e funcionários, a arquitetura do prédio, nos permitem concluir que não havia espaços para a vida privada. Tudo era, sempre que possível, visível. No Colégio Militar, assim como em outras escolas, tudo era pensado em função do disciplinamento do sujeito que se ambicionava formar. Organização de espaços, currículo, uniformes, lazer, serviços de saúde, rotina. “Seus movimentos e ações são distribuídos em espaços e tempos regulados e reguladores” (LOURO, 2002, p.455).

O prédio que abriga o colégio passou por várias reformas:

As reformas realizadas no prédio demonstravam que a arquitetura e o espaço destinados a uma escola refletem a sua proposta pedagógica. Pode-se mesmo afirmar que a disposição espacial e arquitetônica de uma escola são elementos curriculares que concorrem para a concretização do projeto pedagógico. As reformas tornavam o prédio mais adequadamente “limpo” e “higiênico” (PINEDA, 2003, p.30).

O formato do Casarão da Várzea, um retângulo, com portas e janelas que abrem para o pátio, cujo projeto original visava à construção de um quartel contribui para este fazer pedagógico. Em qualquer lugar do pátio, mesmo sob as arcadas, é possível que possa estar sendo visto ou ver. Esta disposição espacial permitia “um controle mais diluído e eficiente, em que operavam vários olhares num espaço fechado para o exterior e transparente para o interior” (DALLABRIDA, 2001, p.192).

Neste grande retângulo, estavam distribuídas as várias instalações da escola: salas de aula, sala do comando, seções de ensino, seção técnica, seção psicotécnica, instalações do corpo de alunos, instalações da administração escolar e do serviço de saúde, biblioteca, alojamento dos internos e vestiários, banheiros, cozinha, cassinos, local para refeições conhecido como rancho.

Ao longo da dissertação, vários desses espaços estão apresentados. Este texto aborda o espaço escolar em seu contexto geral e, apenas, alguns locais específicos para não correr o risco de ser repetitivo.

A preocupação com a saúde discente era constante. O fato de abrigar grande número de alunos internos reforçava a característica higienista dessa escola. Nesse sentido, o colégio investia na prevenção, nos cuidados cotidianos e na possibilidade de tratamento, nos cuidados com a alimentação – horários, qualidade e preparo –, nas atividades físicas rotineiras, no lazer e na rotina definida.

A prevenção também acontecia através de procedimentos médicos regulares, tais como vacinação e consultas médicas de rotina, conhecidas como revisão médica. O aluno Delano Menezes representou esses dois procedimentos, na página “Humorismo” da revista *Hiloea* (1962, p.30):



Figura 44: Revisão médica
Fonte: Revista *Hiloea* (1962)

O Colégio possuía duas instalações médicas: gabinete médico e gabinete odontológico. Além desses dois gabinetes, tinha uma enfermaria e uma farmácia. O médico e o dentista eram militares, oficiais, e cumpriam expediente diário na escola. Atendiam alunos e trabalhadores do colégio⁶⁴. A equipe de saúde do CMPA contava, ainda, com vários enfermeiros. Estes auxiliavam nos atendimentos médicos e odontológicos, cuidavam da farmácia, atendiam os alunos baixados na enfermaria e, revezavam-se, no serviço noturno. Todas as noites havia enfermeiros de plantão na escola.

A enfermaria visava abrigar os alunos doentes necessitados de serem mantidos isolados ou sob cuidados constantes. Era considerada bem equipada possuía uma ambulância, aparelho de Raio X, Infravermelho, etc.



Figura 45: Serviço odontológico no CMPA
Fonte: Revista *Hiloea* (1962, p.10)

⁶⁴ A revista *Hyloea* de 1962 informa que esse atendimento era extensivo aos familiares dos sargentos e oficiais. Porém, os ex-alunos entrevistados para esta pesquisa não se recordam do atendimento a esposas e parentes dos militares.

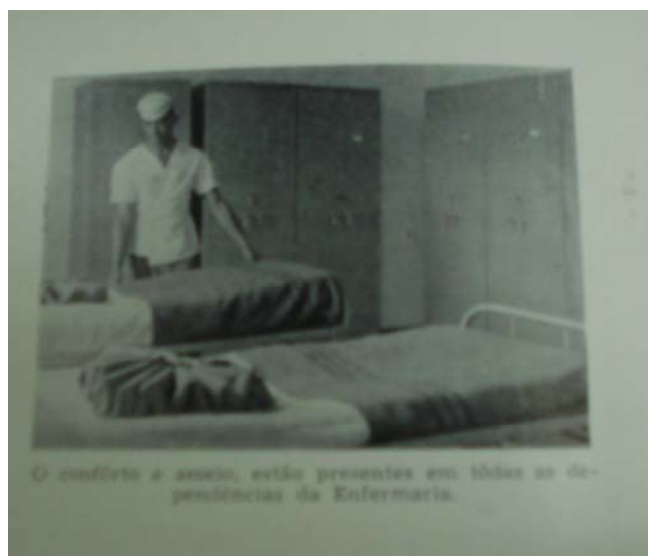


Figura 46: Enfermaria e enfermeiro
Fonte: Revista *Hiloea* (1968, p.15)

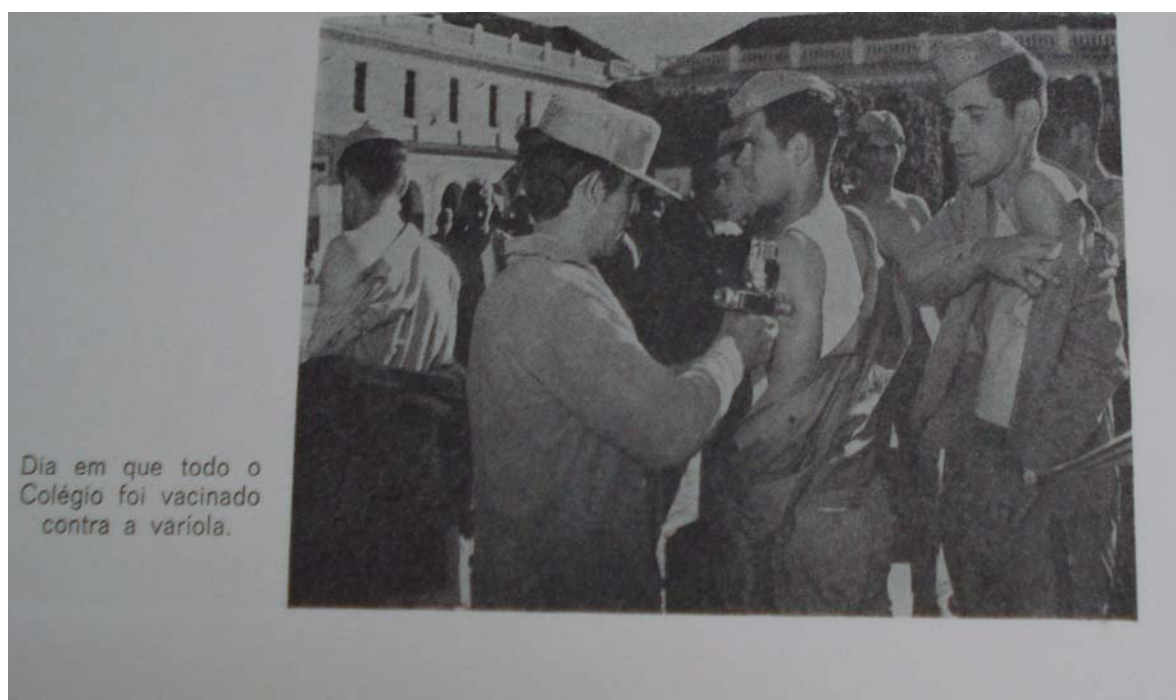


Figura 47: Vacinação contra varíola
Fonte: Revista *Hiloea*, (1968, p.10)



Figura 48: Atendimento médico
Fonte: Revista *Hiloea* (1968, p.20)



Figura 49: Atendimento médico
Fonte: Revista *Hiloea* (1970)



Figura 50: Farmácia
Fonte: Revista *Hiloea* (1970)



Figura 51: cozinha: preocupação com os alimentos
Fonte: Revista *Hiloea* (1968)

O pátio do colégio não era calçado, os ex-alunos o chamavam de areão, possuía uma quadra e era insuficiente para abrigar todas as atividades previstas pelo ensino. A solução era ampliar os espaços para o entorno, assim o Parque Farroupilha ou Redenção fazia parte do espaço escolar deste educandário e propiciava práticas de Instrução Militar, Educação Física e lazer. Assim como o Parque, o CMPA, de acordo com seus objetivos pedagógicos, utilizava outros locais da cidade.



Figura 52: Vista do pátio interno do Colégio Militar de Porto Alegre: 1968
Fonte: Revista *Hiloea* (1968)



Figura 53: Vista pátio interno do CMPA
Fonte: Revista *Hiloea* (1968)

O internato ocupava grande parte do Casarão da Várzea. Era composto por três grandes salões. Cada salão era destinado a uma Companhia de alunos e mobiliado com camas e armários. Anexo funcionava o vestiário dos semi-internos mobiliado com armários e o banheiro com vasos, pias, chuveiros.

O Corpo de Alunos (CA) abrigava os oficiais instrutores e os sargentos-monitores. Era responsável pela instrução militar, educação física e desportos e parte disciplinar dos alunos.

Agora espere um pouco, lembrei-me dos sargentos. Que caras chatos!! Incomodavam a gente toda a hora com seus apitos, com seus gritos chamando-nos para as tradicionais formaturas. Quantas vezes nós falamos as palavras: puxa, que saco! Por causa deles e de suas ordens. Todavia, às vezes, divertíamos-nos às custas

deles. Outra figura que cansamos de odiar era o comandante de companhia. Uns eram moles, outros eram “Caxias”. Tínhamos que cortar o cabelo, lustrar a botina e o cinto quase todos os dias a mando deles. Gente que não gostava ontem, mas hoje agradeço a todos tudo que aprendi [...] (HECTOR, 1972, p. 102).

O Corpo de Alunos era comandado por um oficial e subdividido em três Companhias e Seção de Educação Física. Cada Companhia de Aluno atendia a algumas séries específicas. Era comandada por um oficial instrutor e contava com vários sargentos monitores.

Os monitores eram parte essencial da estrutura disciplinar do CMPA. Cada turma tinha o seu sargento-monitor. Este acompanhava os discentes o tempo todo: sala de aula, recreio, deslocamentos, vestiário, educação física. Os únicos momentos em que os alunos não estavam sob a responsabilidade, direção e cuidados de um sargento-monitor eram aqueles destinados às aulas, quando ficavam sob a tutela do professor. Nestes períodos, segundo os ex-alunos, os monitores, ficavam pelos corredores ou na Companhia preparando alguma atividade ou documentação.

O DEP atribuía grande importância à atividade dos monitores. Eles eram selecionados entre os sargentos da tropa e capacitados para exercer a função. Mas a aprovação no curso de capacitação não era suficiente para ser aceito. Era necessário ter um bom conceito enquanto militar e o aval do último comandante considerando-o apto para desempenhar o cargo de monitor.

Se designado para a função, era admitido na condição de estagiário. O estágio compreendia um período de 3 meses e, durante este tempo, o sargento vivenciava a prática, acompanhando e auxiliando os sargentos mais antigos e os oficiais instrutores. Ao término do estágio, era avaliado pelos instrutores: caso fosse aprovado era efetivado pelo tempo de dois anos, podendo permanecer monitor por até seis anos; caso fosse reprovado era reenviado à tropa.

É, tinha os sargentos que eram monitores, muitos praticamente eram como pais. O pai de interior jogava um menino de 12 anos aqui e voltava para o interior, então esses sargentos eram como pai. Os guris ficavam chorando nos cantos, então os monitores eram as companhias. Naquela época, eles faziam um curso de um ano, eles tinham um preparo, eram interessados. Eles ficavam de serviço à noite e eram verdadeiros pais. (LUCANO)

Ao monitor cabia uma função disciplinar e de apoio ao aluno no seu dia-a-dia. Sua atuação, segundo as lembranças dos ex-alunos, parece oscilar entre o ‘tudo ver e o deixar se resolver’. Nesta escola masculina, o monitor devia estar sempre presente, mas também fazia parte da cultura destes homens o forjar de homens resolutos, fortes, resolvidores de suas

querelas. É esta uma razão que talvez explique a tolerância aos trotes; os quais foram lembrados, pelos ex-alunos internos, como duros, sofridos, exagerados.

A Biblioteca permaneceu fechada durante quase toda década de 60, com as reformas realizadas no prédio no ano de 1969, foi reaberta com o acréscimo de um piso. Mas os ex-alunos não se lembram de atividades pedagógicas na biblioteca. Recordam que com a reabertura da Biblioteca veio a Tia Clara para o Colégio. Esta senhora contratada para trabalhar como bibliotecária marcou a trajetória de vários alunos do CMPA, em especial alunos internos.

A biblioteca era utilizada para estudo. Poucos trabalhos eram solicitados pelos professores (LUCA).

As salas de aula, assim como hoje, possuíam um quadro de giz na mesma parede em que se encontrava um estrado – tipo de palco diminuto –, com a mesa e cadeira destinada ao professor. Deste lugar privilegiado, o docente tinha visão de toda a classe. O espaço reservado aos discentes era o ocupado por carteiras enfileiradas e cujos assentos eram pré-determinados. Ao discorrer sobre a disposição destas salas recordo Dallabrida (2001, p.192): “o estrado assemelhava-se à torre “benthamiana”, na medida em que o olhar do professor podia controlar toda a sala mas ele também era observado pelos alunos”.

Além das salas de aula, os professores e alunos contavam com laboratórios de Química, Física e Biologia e, a partir de meados dos anos 80, com uma sala para idiomas visando, principalmente, o aprendizado da Língua Inglesa.

A cantina, ou mini-mercado como era designada nos início dos anos 70, foi integrada ao espaço escolar e ocupou, até bem pouco tempo, um pequeno salão ao lado da Biblioteca.

A cantina era pequena, ao lado da Biblioteca [...]. Vendia guloseimas e lanches em geral (LUCA).



Figura 54: Cantina
Fonte: Revista *Hyloea* (1979)

Um dos espaços mais lembrados e freqüentados era a barbearia. A barbearia está presente nas narrativas como lugar muito visitado e nem sempre agradável. Para muitos, a visita à barbearia significava desfazer dos projetos de prósperos cachos. O barbeiro nem sempre concordava com o gosto do cliente em face do previsto pelo regulamento e, muitas vezes, diante do número de “cabeludos”, o corte era em escala “industrial”.

Tinha que cortar o cabelo. Sempre cortar. Passava a mão na nuca e espetava, não tinha nada. Mas a gente sempre achava que podia um pouco menos rapado e o barbeiro nem ligava. Ele sabia qual era o modelo (risos) (BETO).



Figura 55: Barbearia
Fonte: Revista *Hyloea* (1989)

O Salão de Honra, espaço pouco visitado pelos discentes, é lembrado como um lugar belo, imponente, onde aconteciam reuniões importantes.

Os ex-alunos citaram a sala dos professores, que na verdade consistia em um conjunto de pequenas salas, como um espaço não permitido. Outro espaço proibido ao discente era o espaço do controle e produção das provas.

Interessante que, durante a década de 60, o Comandante do Colégio Militar de Porto Alegre residia na escola. Hoje o lugar de sua casa e garagem está descaracterizado devido às alterações sofridas pelo colégio. Esse detalhe passou batido pela narrativa dos ex-alunos. Lucano após ser indagado sobre a moradia do Comandante recordou:

É verdade. Ele morava aqui no Colégio [indica lugar da casa e garagem], mas levava a vida dele quieto depois do expediente. A gente, quando precisava de alguém que intercedesse junto a algum professor, sabe como é aluno, vinha e batia na porta dele. Fazíamos nossos pedidos.

Um local lembrado por todos os colaboradores foi o Bar do Beto, onde, principalmente, os alunos internos trocavam a farda por trajes civis e faziam lanches. Esse bar e seu antigo dono chegaram a ser homenageado pelos alunos na *Hiloea* do ano de 1970. O Bar do Beto foi lembrado como espaço de descontração, de lanches e, também, de algumas confusões, onde o “espírito de corpo” dos alunos do Colégio foi colocado à prova, ou seja, vários alunos se juntaram contra rapazes que teriam mexido com colegas do CMPA.

Os uniformes

Michel Foucault (1994) relaciona o uniforme ao poder disciplinador. A escola é considerada uma instituição disciplinadora e formadora. No seu arsenal em busca de um corpo disciplinado encontramos: prêmios, punições, distinções, constante vigiar, rotina regulada, rituais, vestuário comum ou uniforme.

O Estado, a escola e as famílias, em diversos momentos, justificam e/ou aplaudem o uso do uniforme escolar. Entre as justificativas mais usuais encontramos a identificação, a segurança e não discriminação social entre os alunos. Mas ao contrário do que possa parecer, os uniformes e seu uso não constituem uma unanimidade na história da educação. A mesma justificativa, propagada pelo governo Vargas alegando que o uso do uniforme viabilizava a democratização do acesso à educação, foi utilizada durante a República Velha para permitir que este não fosse adotado, afinal nem todos teriam condições para arcar com os custos do fardamento.

O uniforme homogeneíza os estudantes. A roupa igual dificulta que sejam visíveis as particularidades de cada estudante. É interessante observar as sutis formas de resistência a esta padronização seja na boina sempre utilizada um pouco mais caída de lado como se esta teimasse em sempre escorregar, seja na barra um tanto mais comprida, a calça um tanto mais folgada.

Exímio esgrimista, “aprecia muito” uma ordem unida. Anda sempre com o casquete “bem” colocado na cabeça (HILOEA, 1968, p.9).

Se o uniforme coloca todos os estudantes aparentemente iguais, também os compele à condição de representantes da instituição escolar. Desta forma, o modelo do uniforme e o modo como é usado denuncia a filosofia e a linha pedagógica do colégio em questão.

Os uniformes escolares fazem parte de toda uma simbologia que permeia as instituições educativas e postula valores e intenções que impregnam a relação pedagógica sem que, para isso, seja necessário o discurso verbal (SILVA, 2005, p.59).

No caso do Colégio Militar podemos pensar o uniforme como forma de não individualização do aluno numa pseudo-igualdade, a qual tem o início de sua diferenciação nos distintivos, que indicam recebimentos de prêmios, pertencimentos à Legião Honra, a um dos clubes das armas, aluno graduado ou não.

Os vários uniformes do Colégio, aliados à tradição de ensino rigoroso e de excelência e aos ritos simbólicos da instituição, cumpriam a função não só de identificar os alunos, como também de estimular o orgulho dos estudantes e incentivar o sentimento de pertencimento. Para muitos dos ex-alunos entrevistados estudar no CMPA era uma distinção.

Naquela época eu sentia que era aluno diferente dos outros colégios. A gente tinha orgulho de usar o uniforme fora, pois isso mostrava que a gente era diferente, a gente queria deixar claro essa diferença (CARLITOS).

O uniforme estava relacionado à apresentação pessoal. O aluno uniformizado não era aquele que apenas trajasse o uniforme indicado, mas quem o vestisse conforme o regulamentado: limpo, impecavelmente passado, em boas condições, cinto brilhando, sapato ou coturno lustrado, divisas colocadas, cabelo cortado e corpo asseado. Rafael recorda que o uniforme e a apresentação pessoal eram muito cobrados:

uniforme era mais cobrado, então a gente cuidava mais. Não existia uma revista de cabelo formal, mas sempre, todo dia, estava sendo verificado, todo dia tava olhando cinto, todo dia tava olhando sapato.

O fardamento completo do Colégio Militar era constituído de diversos uniformes e variou pouco ao longo dos anos. Como hoje, era muito caro e por isso o Sistema previa a doação de um enxoval básico aos alunos, cuja família não tivesse condições de arcar com essa despesa. Lucano lembra partes desse fardamento fornecido pelo educandário: acho que três calças, três camisas de uniforme diário porque toda semana ia para lavanderia no final da Santana, onde hoje é a 1ª. CIA de Guarda.

Durante a década de 60 o aluno, nos dias frios, trajava uma pelerine de lã sobre o uniforme. A pelerine era uma capa comprida de lã azul. Não consegui saber exatamente quando esta peça foi abolida do fardamento. Os ex-alunos dos anos 70 e 80 não lembraram essa capa.



Figura 56: Pelerine página Humorismo *Hiloea*
Fonte: Revista *Hiloea* (1962)

Além da pelerine, havia a japonsa de lã azul. A japonsa de frio foi utilizada por muito tempo, atualmente, ainda é azul, mas não mais confeccionada em tecido de lã.

A tradicional boina vermelha, que caracteriza os alunos do CMPA, também só passou a ser utilizada na década de 70, substituindo o quepe com o qual os alunos se apresentavam quando não estavam no interior dos muros da escola. Dentro do Casarão, os meninos usavam o bibico, também conhecido como bico de pato. “Tinha o bico de pato que era usado internamente para não desgastar a boina (LUCA)”.



Figura 57: Fora do Colégio, o aluno utilizava o quepe
Fonte: acervo privado



Figura 58: Bibico ou bico de pato ou casquete. O aluno usava apenas no interior do Colégio
 Fonte: acervo privado

Com o tempo, o bibico deixou de ser usado e permaneceu apenas a boina vermelha.

Na quinta série, quando eu entrei, era só o coturno. Na sexta foi que começou a ter sapato. Quando a gente chegava, tirava a boina e colocava o bibico. A boina era só para quando estávamos fora, para uso externo. Aí entrávamos em forma. Na formatura eram passadas as informações, era feita a revista das fivelas, dos sapatos do uniforme e do cabelo. Na quinta-feira era a formatura geral, aí a gente tinha que vir de coturno, era formatura com a bandeira, com a incorporação da bandeira (CARLITOS).

O calçado também passou por alterações. Durante os anos 60 e início da década de 70, os alunos utilizavam, no dia-a-dia, o borzegum. Lucano descreve esse calçado como

semelhante a um coturno de cano curto, na altura dos tornozelos. Nos dias de formaturas do comando ou de cerimônia, o borzequim era substituído pelo coturno.



Figura 59: Uniforme diário. Está faltando o cinto bege com fivela dourada
Fonte: acervo privado

Havia ainda uma túnica cáqui, usada em formaturas especiais ou para sair do Colégio. Esse uniforme gerou o apelido de ‘bondeiro,’ legado aos alunos durante os anos 60, devido à semelhança com o uniforme dos condutores de bonde da cidade. Mais tarde, surgiu a alcunha ‘baleiro’, devida semelhança vista com uniforme dos garotos que vendiam balas e outros confeitos nos cinemas locais. A sigla CMPA também foi alvo de pilhérias: “**C**onfete, **M**andolato, **P**irulito, **A**mendoin”.



Figura 60: A túnica cáqui, de acordo com o evento ou determinação do Colégio, também era usada com calça garança.
Fonte: acervo privado

Figura 61: Aluno traja túnica com calça garança durante visita do então Presidente da República General Emílio Garrastazu Médici.
Fonte: foto cedida por colaborador

Em dias de festas ou desfiles de 7 Setembro, os meninos costumavam se apresentar em traje de gala: túnica branca, cinto largo branco e azul, calça garança, sapato social preto, meias pretas, polainas brancas, quepe e, por vezes, luvas brancas. O uniforme é o mesmo usado nos dias atuais, com exceção das polainas e do quepe, este substituído pela boina. Era nesse uniforme que compareciam às festas de quinze anos para dançar a valsa, no tradicional “bolo vivo”.

Tinha o uniforme de gala. Tinha um que era com polaina e sapato. Geralmente no dia de 7 de setembro era o coturno com cadastro branco, calça garança e túnica branca. Era bem parecido com o de hoje (CARLITOS)



Figura 62: Uniforme de gala
Fonte: acervo privado



Figura 63: Menção honrosa
Fonte: Revista *Hiloea* (1962)



Figura 64: Desfile de 7 de setembro de 1969
Fonte: Fotografia cedida por colaborador

Lucano lembra que fazia parte dos uniformes ainda duas coberturas: a barretina e o capacete. Segundo Luca, “a barretina era usada nos desfiles de 7 de Setembro”. Reis comenta que o “capacete era utilizado em formaturas e desfiles, principalmente pelos alunos que guardavam a bandeira ou portavam o estandarte do Colégio”.



Figura 65: Barretina e capacete
Fonte: acervo privado



Figura 66: Alunos usando capacetes durante cerimônia de passagem comando, no ano de 1971.
Fonte: Revista *Hiloea* (1971, p.6)

Eram vários os uniformes e havia a possibilidade de diferentes composições dependendo do evento: camisa do uniforme diário com calça garança e quepe, com coturno, sem coturno. Mas os diferentes modos de vestir estavam devidamente regulamentados. Aqui estão as formas lembradas pelos colaboradores desta pesquisa.

O uniforme que mais gostavam era o que significava maior liberdade de movimentos. O uniforme de educação física consistia de calção azul com listas vermelhas nas laterais, camiseta branca de malha, tênis preto e meia branca. Lucano lembra-se do ‘kichute’, usado por grande parte dos guris devido à durabilidade, à cor preta exigida pelo uniforme e ao preço considerado acessível: “naquela época não essa de tênis apropriado (risos), a gente usava o tênis que atendesse às exigências do fardamento e fosse bom para o bolso dos pais, também a gurizada gostava do Kichute”.

Nos dias frios era permitido usar um abrigo sobre o uniforme para a prática da atividade física como, por exemplo, o usado por alunos dos anos 80, mostrado a seguir:



Figura 67: Uniforme recomendado para prática desportiva
 Fonte: acervo privado



Figura 68: A japona de lã era usada sobre o uniforme.
 Fonte: acervo privado



Figura 69: Torneio de xadrez (aluno usando japona)
 Fonte: Revista *Hiloea* (1968, p. 53)



Sapatos pretos. Até a década de 80 podiam vir acompanhados de polainas brancas

Figura 70: Exemplo de uniforme montado com calça garança
Fonte: elaborado pela autora



NEM FADA, NEM BRUXA: MULHERES.

NEM SANTA, NEM DEVASSA: MULHERES.

NEM DOCE, NEM FORTE: MULHERES.

NEM CERTEZAS, NEM MISTÉRIOS: MULHERES.

NEM MENOS, NEM MAIS: GENTE.

4 TEM MULHER NO CASARÃO DA VÁRZEA



4.1 O FEMININO NESTA ESCOLA MASCULINA

As mulheres, nos anos 60, estavam no imaginário dos alunos e dos outros integrantes deste educandário: mães, irmãs, moças para namorar, mulheres que despertavam desejos⁶⁵.

Era como se eu estivesse vendo o Linhares andando pelo pátio, à noite, sempre acompanhado do seu violão preto, talvez “em busca de alguma donzela perdida a quem pudesse fazer uma serenata (UBIRAJARA TEIXEIRA, 1962, p.13).

As mães e irmãs eram as mulheres de casa, da família, do mundo privado. As moças para namorar estavam bem representadas pelas colegiais, em especial, pelo conjunto de meninas que estudavam no Instituto de Educação.

A SEL se encarregava dos bailes. Naquele tempo as festas aconteciam aqui no próprio colégio. O Salão Brasil ficava apinhado de gente. Muitas vezes a gente tinha que fazer no pátio além do Salão Brasil. A quantidade de meninas que vinha era impressionante. Talvez pela recente reativação do colégio, porque a escola anterior era preparatória e tinha um jovem mais adulto e eles tinham um encaminhamento certo para Academia, ou seja, já havia uma definição certa de futuro e isso, talvez, interessasse às meninas casamenteiras. Havia uma procura muito grande das meninas por nossas festas e a gente saía a convidá-las. O primeiro convite sempre para o Instituto de Educação. Depois as outras escolas. Mas só o Instituto já nos atendia plenamente (BETO).

As mulheres que despertavam desejos, “algumas apenas quimera e outras dentro do campo do possível”, estavam nas mulheres dos outros; nas mulheres maduras olhadas de soslaio quando tinham que buscar os filhos menores no colégio; nas que passavam incógnitas pela rua. Também estavam nas atrizes de cinema e nas que se prestavam à função de saciar estes desejos.

Naquela época nós tínhamos até um mau exemplo. Vinham algumas mães buscar os colegas, alunos menores. As mães dos alunos da 5ª Série eram senhoras na faixa dos 30 anos. O pessoal efetivo permanente era muito machista e quando viam uma mulher, as mães que vinham ao colégio, eles viam como objeto sexual e passavam a fazer comentários (LUCANO).

A ausência do feminino atuando na escola era visto como motivo para o não cuidado com a polidez na linguagem e o uso de um linguajar “masculino”, grosseiro. O cotidiano impregnado deste linguajar era visto como natural, mas também prejudicial à formação do homem instruído e bem educado.

⁶⁵ Sobre ver Pineda (2003).

Como o colégio era só de homem, nosso vocabulário era chulo. Na Academia que era outro contato deu uma melhorada (LUCANO).

Mas o colégio não sentia necessária a presença feminina em todos os seus espaços e em todos os seus momentos. Não era pensada a possibilidade de garotas estudarem nesta escola, que “também era um quartel”. Aliás, as meninas poderiam, diante da sua “natural fragilidade”, quebrar o cotidiano espartano característico deste educandário.

As moças para namorar estavam próximas. A poucos metros, existia o Instituto de Educação. Estavam presentes nas festas que realizavam ou para as quais eram convidados⁶⁶, nas disputas pelo título de rainha. Eram vistas nos finais de tarde e era possível que os vissem correndo ou exercitando “ordem unida” pela Redenção ou em outros eventos.

Enfim encontramos o que todos, mesmo sem exprimir seus sentimentos, tanto esperavam. Um grupo de colegiais aproxima-se com ar amigável. O resto já se advinha. Cada aluno saiu a passear bem acompanhado, mostrando as coisas interessantes da base, como se fossem os maiores entendidos no assunto [...] (AL. COCHLAR, 1962, p.17).

No dia 1º de dezembro, realizou-se na ilha do Pavão, cedida gentilmente pelo Grêmio Náutico União, o churrasco de confraternização anual sob o patrocínio do Colégio Militar. [...] Manhã alegre e divertida, embelezada ainda pela graça e elegância de algumas garotas frequentadoras daquele local (AL. CALAZANS, 1962, p.20).

A vida social era intensa. Quando não procurávamos, éramos procurados. Realmente, ficava bonita a gurizada fardada. Nós tínhamos um carinho e um respeito pela farda, a elegância militar era presente [...] “Não passava mês sem ter um ou dois bailes de debutantes (BETO).

Mulheres, como iguais, no dia-a-dia de um colégio militar? Não era idéia porque nem era cogitado⁶⁷.

Eram pontuais as ocasiões em que elas eram vistas neste educandário: festas, solenidades ou para tratar de algum assunto referente aos filhos.

Nas solenidades estavam, geralmente, no papel da esposa acompanhando o marido nos compromissos relativos à profissão dele ou de mãe de alunos. Eram figurantes de um cenário cuja cena eles eram os protagonistas. Assim, as encontramos atrás dos seus homens sobre

⁶⁶ Em sua maioria bailes de debutantes e festas de 15 anos. Os ex-alunos lembram que gostavam destes convites e os enxergavam com chance para divertir e paquerar. Atribuem estes convites à apresentação pessoal exigida pela escola e à farda. Também lembram que muitas famílias enxergavam os meninos do colégio como “bons garotos ou bons moços”, rapazes com os quais as suas filhas poderiam namorar, rapazes com um futuro certo. Uma observação é que os convites para bailes de debutantes não eram restritos à Grande Porto Alegre. Havia convites para bailes em outras cidades.

⁶⁷ Até 1980, quando a Marinha criou o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva, para atuar na área técnica e administrativa, não era pensada a integração da mulher nas Forças Armadas. O Exército só começou a aceitar mulheres em suas fileiras o ano de 1992. Nesse ano, 29 mulheres ingressaram na Escola de Administração do Exército (EsAEx), em Salvador.

palanques e/ou reunidas a um canto do pátio na qualidade de espectadoras. Por vezes, protagonizavam breves momentos de destaque: na qualidade de madrinhas – mães, irmãs, namoradas ou esposas – entregavam a seus filhos ou maridos, no caso dos militares adultos, certificados, medalhas, condecorações

O nosso reconhecimento, pois, para com a mulher integrada ao trabalho do homem, imagem básica de crença em sua vida, onde sabe ser a um só tempo, impulso e bálsamo (TAVARES, 1976, p.16).

Raramente, adentravam os portões do colégio para falar sobre seus filhos. Devido ao ambiente tipicamente masculino, os maridos preferiam comparecer à escola quando sentiam necessidade ou quando era solicitada a presença dos responsáveis pelo estudante.

Principalmente os internos, longe de casa, muitos desde os onze anos de idade, sentiam falta da mulher maternal. Aquela idealizada pelo Positivismo, virtuosa, mãe, companheira, abnegada nos cuidados dos seus. O poema “A volta”, escrito pelo aluno Lauriodo, e o “Mãos de Mãe”, de autoria do aluno Hubber, ambos publicados na *Hiloea* de 1962, versam sobre essa mulher tão especial:

“A VOLTA

Faziam já quatro meses que eu não via a minha mãe.

Estudando, interno, numa cidade longe daquela em que nasci e vivi, nunca tinha até, então, me afastado de casa. A saudade me apertava o coração.

Subi correndo as escadas do edifício onde morava e apertei a campainha, uma, duas, três vezes, esta espera de alguns segundos parecia uma eternidade.

De repente a porta abriu-se ali estava ela: bela, bondosa, compreensiva, não tinha mudado nada, um pouco mais magra talvez.

Nestes momentos a gente não fala nada, apenas abraça, ri e chora”.

“Mãos de Mãe

Suave de uma mãe são suas mãos,
Que afagavam a mim e a meus irmãos,
Ensinaram -me os primeiros passos
E de escrita os primeiros traços

Mãos que dentro de seu lar,
Acham sempre o que fazer.
O dia todo querem estar:
A cuidar de todo ser.

Mãos que jamais se cansarão.
Pois recompensas sempre têm
Que em sua lembrança ficarão

De seu filho elas retém,
Coisas ruins e, elas se vão.
Pois carícias elas têm”.

Este lugar foi ocupado, somente na década de 70, pela Tia Clara. Senhora contratada para trabalhar na biblioteca da escola e que, além das suas atribuições funcionais, acabou desempenhando esse papel maternal junto aos alunos, em especial, aos alunos internos. Tia Clara, como era carinhosamente chamada pelos alunos, fez parte da história do CMPA até o início dos anos 90, quando com a saúde abalada teve que se afastar.

Quando entrei, a biblioteca estava fechada. Em 70 entrou a primeira bibliotecária que era a dona Clara. A tia Clara entrou em 70 ou 71, eram duas senhoras: a tia Clara, uma senhora de uns quarenta anos e, a outra, uma moça bonita em torno dos vinte anos. As duas eram o xodó de todo o colégio (LUCANO).

Aqui era só homem. Inclusive o pessoal ia à biblioteca só para ver as mulheres (LUCANO).

Durante a década de 60, o mundo viveu um período de grandes mudanças. No ocidente, o movimento feminista ganhou novas luzes na luta pela defesa e ampliação dos direitos das mulheres⁶⁸. Mas o modelo de menina ideal ainda estava relacionado aos parâmetros ditados pelo Positivismo.

Nos meados da década de 60, as moças de boa família usaram mini-saias, cigarretes, tubinhos de linhas retas. Visual revolucionário? As garotas da sociedade porto-alegrense alteraram o invólucro, os meninos também inovaram os seus trajes civis, mas ainda podia-se definir pelo olhar a “boa moça”, o “bom moço”. O recato, a timidez, a delicadeza ainda são qualidades deste ideal feminino.

⁶⁸ No Brasil devido ao regime político implantado a partir de 1964, as questões das mulheres estarão, até a década de 80, voltadas para a redemocratização do país.

As normalistas traduziam um ideal de esposa. Segundo Louro (2002, p.450), ao versar sobre a feminização do magistério, “a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário. Poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação”.

As normalistas, nem sempre seriam professoras, mas eram meninas formadas dentro de princípios comuns aos característicos da educação pensada para os garotos do militar⁶⁹. Importante ressaltar que as futuras professoras, mesmo na hipótese de concluírem curso superior, não eram vistas como possíveis docentes para um colégio militar.

As professoras eram estimadas e lembradas pelos discentes do CMPA enquanto atuantes no magistério primário, responsável pelo início dos meninos nos caminhos do saber, zelosas, pacientes, maternais. O aluno Souza, no texto “Um encontro”, escrito para a revista *Hiloea* de 1962, fala de sua primeira professora:

Há um fato em minhas férias que me prendeu o coração, e que, tenho certeza nunca mais esquecerei. Foi um encontro que tive com uma ex-professora minha, senhora já idosa. Para muitos pode parecer um fato qualquer, mas pra mim teve um significado todo especial.

A nobre senhora me reconheceu logo e apertou afetuosamente minha mão.

Começamos a recordar os velhos tempos, e logo os olhos da velhinha se iluminaram. Lembramos o tempo que ela havia gasto comigo, ensinando-me as primeiras letras, e vimos que aquêla havia passado, mas tinha sido bem aproveitado. Senti que o coração começou a “amolecer”.

A senhora perguntou-me muitas coisas e aconselhou-me outras. A conversa prolongou-se por uns dez minutos, mas isto bastou. Com uma calorosa despedida, a senhora partiu, e eu, ficando sozinho, comecei a pensar, e a recordação de tudo o que ela havia dito, aflorou-me à mente e a emoção foi mais forte, fazendo vibrar intensamente meu coração.

O significado deste encontro foi grande e cada aprovação que eu receber, irei sempre recordar aquela bondosa senhora a primeira professora que tive na minha vida (SOUZA, 1962, p.23)

Havia um longo caminho a ser percorrido até o ingresso de mulheres no cotidiano desta escola. Aos poucos, lentamente, a partir da década de 70, começaram a chegar “as pioneiras”: funcionárias civis, psicólogas, professoras civis, alunas, militares para trabalhar na saúde e na administração, militares professoras. Foi um longo caminho, quase ¼ de século.

⁶⁹ “Ali nos ensinavam a sermos dóceis e discretas, gentis, a obedecer, a pedir licença, a pedir desculpas. Certamente nos ensinaram, como a Corrigan, as ciências, as letras, as artes que deveríamos manejar para sobreviver socialmente. Mas essas informações e habilidades foram transmitidas e atravessadas por sutis e profundas imposições físicas. Jovens escolarizados aprendemos tanto ele quanto eu, a suportar o cansaço e a prestar atenção ao que os professores e professoras diziam; a utilizar códigos para debater, persuadir, vencer; a empregar os gestos e os comportamentos adequados e distintivos daquelas instituições. Os propósitos desses investimentos escolares eram a produção de um homem e de uma mulher ‘civilizados’, capazes de viver em coerência e adequação nas sociedades inglesa e brasileira, respectivamente” (LOURO 2001, p.18)

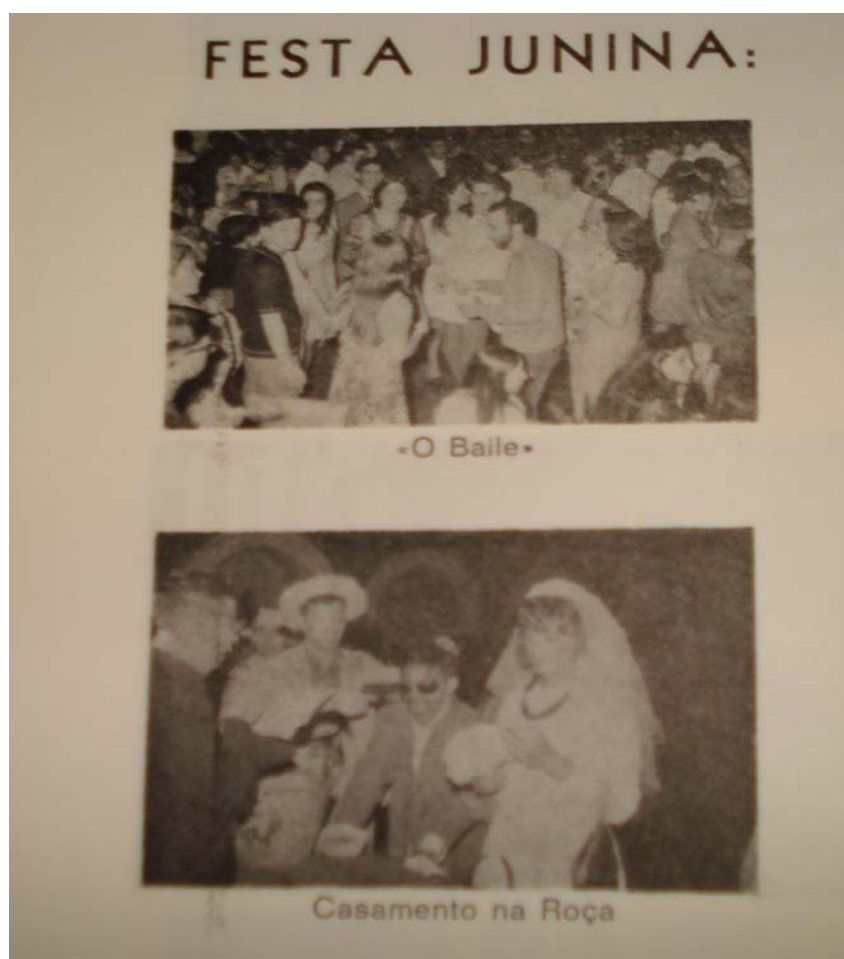


Figura 71: Festas, uma oportunidade de conviver com as garotas
 Fonte: Revista *Hiloea* (1968)

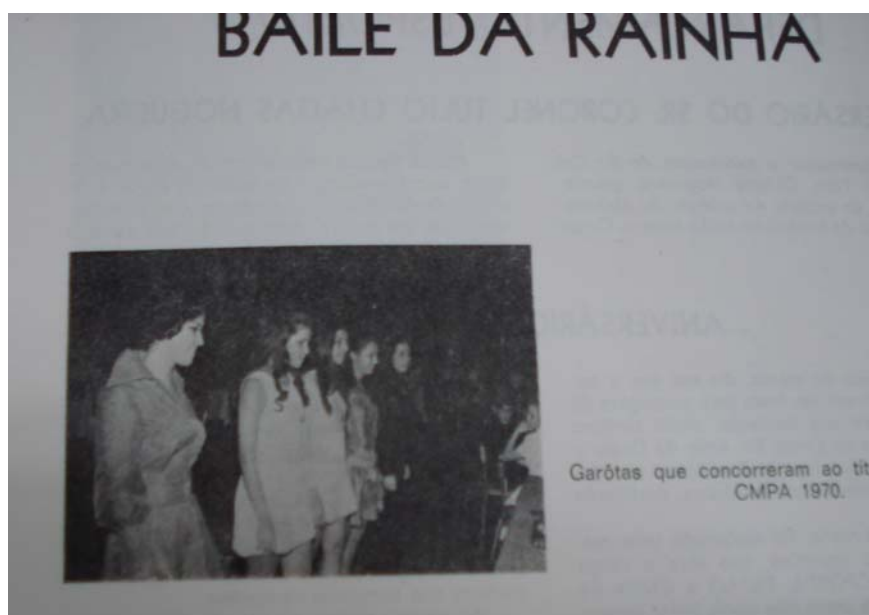


Figura 72: Escolha da Rainha do Colégio Militar de Porto Alegre
 Fonte: Revista *Hiloea* (1970)

Escrever um texto sobre mulheres é lidar com sombras, com desejos masculinos sobre as mulheres, com o imaginário masculino, com representações. É descobrir que um corpo se produz tanto do imaginário que existe em torno dele, a que ele próprio adere através de seu consentimento, como das variadas práticas que se articulam em espaços definidos, em ritmos em modos de vestir e de utilizar a língua, em leituras, em gestos, em olhares permitidos e proibidos. COLLING (2004, p.16)

Senhorita Ana Maria, rainha do CMPA de 1970



Figura 73: Rainha escolhida no ano de 1970
Fonte: Revista *Hyloea* (1973)



As candidatas à rainha em frente ao júri.

Figura 74: Candidatas a rainha em frente ao júri
Fonte: Revista *Hiloea* (1968, p. 47)



Figura 75: Rainha, princesas e comandante do CMPA
 Fonte: Revista *Hyloea* (1972)

As garotas para namorar estavam próximas:

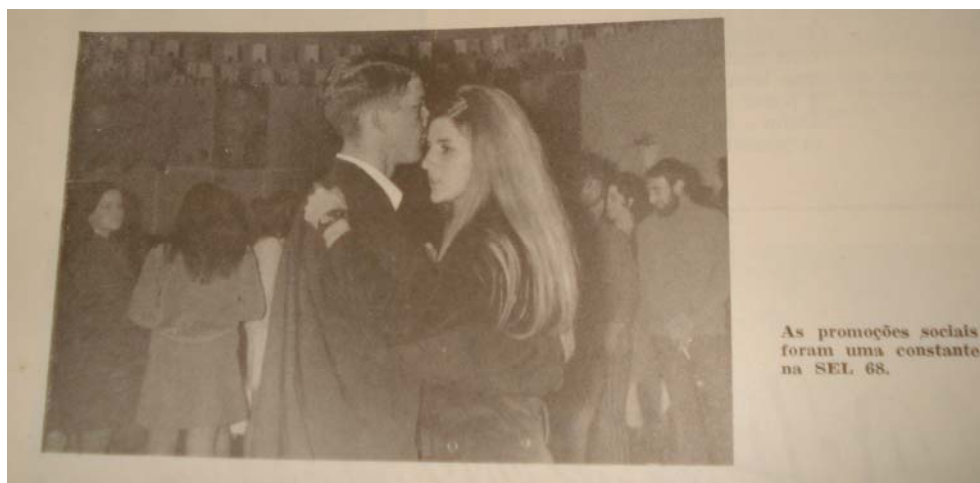


Figura 76: Casal dançando
 Fonte: Revista *Hiloea* (1968, p. 46)

As mulheres ocupavam o imaginário dos integrantes do Colégio Militar: algumas apenas quimeras...

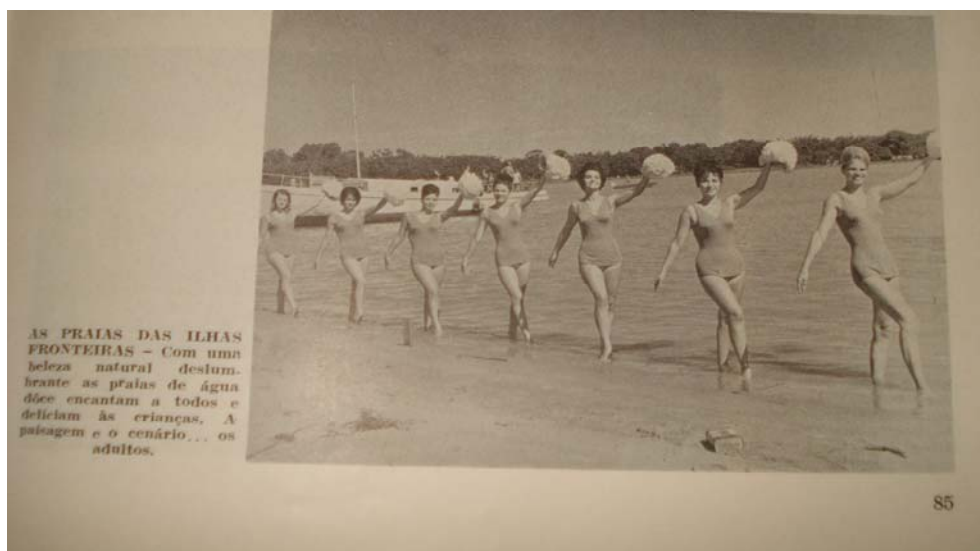


Figura 77: As praias das ilhas fronteiras
Fonte: Revista *Hiloea* (1968, p.85)

Podemos encontrar mulheres nas solenidades:



Figura 78: Solenidade no CMPA década de 60
Fonte: Foto cedida por colaborador

As mulheres também eram representadas através do humor



TAREFA CUMPRIDA

Canes. Na famosa Croisette, uma esfusiente estrêla do cinema francês mostra à colega de Hollywood um cavalheiro distinto e maduro, que está saindo da porta do hotel:

— Está vendo aquele homem? Aquele de bigode grisalho e monóculo?

— Sim. Que tem?

— É um compatriota seu e a mim êle deve ser agora milionário.

— Não me diga! Você é formidável! Antes o que era êle?

— Era bilionário!

Figura 79: Exemplos de representação humorística do feminino publicados na revista *Hiléia* de 1961 (publicada no ano de 1962)

4.2 TEM MULHER NESSA ESCOLA PARA HOMENS: FLORES, ESPINHOS, PERFUMES, RUMORES

No ano de 1977, segundo o Anuário do Conselho de Ensino, o Colégio Militar de Porto Alegre contava com 52 professores, todos homens, sendo 17 civis e 35 militares.

Nota-se a gradativa presença de trabalhadoras nesse educandário, o que não significa mudança em seu caráter masculino. Aliás, podemos perceber o ingresso das primeiras docentes e, posteriormente, das meninas na qualidade de alunas como momentos onde há tensão e debate nessa escola em relação ao ingresso feminino.

O currículo escolar privilegiava as disciplinas exatas e, principalmente, durante os anos 70, tem nas Ciências Sociais um discurso enaltecido de figuras consideradas heróicas e patrióticas.

Nos anos oitenta alguns colaboradores observam uma diferença no perfil do aluno do CMPA em relação aos anos 60 e 70. Raul, ex-aluno estudante na década de 60, retorna como oficial durante a década de 80 e nos relata sua experiência de retorno ao Casarão:

Agora foi uma coisa muito bacana. Claro, totalmente, diferente, né? Era, assim, os valores diferentes, é... um questionamento do aluno muito grande, que não tinha na minha época esse questionamento. Então quando eu cheguei aqui, em 80, eles questionavam muito o cabelo, isto que o cabelo era 1! No meu tempo, o cabelo era zero. Três zeros! Tu passava a mão assim, não tinha nada! Era pelado. Já na época de 80 era... Então, era grande o questionamento. O cabelo, da disciplina, pra quê marchar, pra quê fazer continência? Entendeu? Tudo isso. Tinha aluno da Legião que andava com a estrelinha do PT embaixo da gola da camisa. Então para mim foi uma mudança muito grande.

É ainda Raul quem nos alerta que, a própria instituição Sistema Colégio Militar, adotava uma visão diferente em relação às exigências quanto ao comportamento e o trato com os discentes:

Quando eu cheguei aqui, o Coronel W. me disse: “Olha Raul, o aluno não é soldado. Então isso é uma coisa que tu tem que ter essa visão: o aluno não é soldado”. Até então, eu só lidei com soldado. “Ele não é um militar. O aluno não é um militar. Entendeu? Apesar de todo sistema militar, ele não é. Tanto é que a maioria não é voltada para a carreira militar. O próprio ingresso na Academia mudou. OK?”

As qualidades mais utilizadas para definir o ideal de aluno e homem a ser formado durante os anos 70 e 80 podem ser encontradas em adjetivos e frases como: amor à Pátria, dedicação ao estudo, vocação de servir (à nação), leal, patriota, útil, soldado, alma de soldado, garbo, marcial, bravo, cumpriste o teu dever, forte, corajoso, determinado.

Através, finalmente, deste próprio Colégio Militar onde, muitos de vós formareis aqui, mas não seguireis para a carreira militar, indo para as profissões liberais, para o empresariado, para o comércio, para a indústria. Em quaisquer dessas funções sereis cidadãos prestantes e jamais vos esqueceréis que vos formastes no seio do Exército Brasileiro, conhecendo bastante as suas possibilidades, as suas necessidades e as suas finalidades pelo bem comum e pela grandeza do Brasil (SERPA, 1977).

Crede-me: a vida vale viver-se! Porque – sentida e enfrentada intensamente – oferece-nos oportunidades maravilhosas de exercitarmos as virtudes humanas, de desenvolvermos as nossas aptidões, enfim – de sermos trabalhadores, e estudiosos, e bondosos, e sinceros, e desprendidos, e amorosos, e leais e patriotas, e úteis à comunidade, e honestos para conosco, e dignos dos nossos amigos e das nossas famílias (REVISTA *HILOEA*, 1971).

Desfilou o Corpo de Alunos com seu garbo tradicional (REVISTA *Hiloea*, 1971, p.8).

Há nos discursos a exaltação ao desenvolvimentismo do Brasil e ao Exército, assim como a alusão à relação e à origem do Exército com o povo:

E estes laços espirituais e morais de ligação do Exército com o povo são realizados através de um conjunto de instituições militares, entre as quais se situa com relevo o Colégio Militar⁷⁰ (SERPA, 1977).

O Colégio continua se qualificando como “preparatório e assistencial”, com objetivo de formar cidadãos para seguir as diversas profissões civis e ingressar nos quadros das Forças Armadas. Mantém o seu caráter de escola tradicional, hierárquica, o status de um educandário ministrante de bom ensino, laico e masculino.

Laico. [referindo-se ao ensino] Eu acho que o ensino aqui era extremamente positivista. A questão religiosa pra mim bem familiar (CARLITOS).

Pois é, nós estamos falando de 76, eu entrei no Colégio no auge do meio para o fim do regime. É uma escola tradicional e na época era mais ainda. Esses relatos aparecem muito no dia a dia, com as pessoas mais velhas, com os pais das namoradas que faziam, como vou dizer, gostavam da idéia de que uma filha namorasse um rapaz que estava estudando no Colégio Militar. Era esse o ideário que pairava na época, era bem forte, acho que hoje ainda tem, mas é bem menos (CACO).

Em uma época na qual os cargos públicos e a carreira militar são sinônimos de bons e estáveis empregos, o CMPA continuava atraente por possibilitar o ingresso à carreira militar e /ou condições para aprovação em universidades ou concursos públicos concorridos.

Tinha mais vaga [para Academia Militar das Agulhas Negras], em geral ia todo mundo que queria, às vezes acontecia de num ano ou noutra não ter vaga suficiente

⁷⁰ Gen. Div. Antônio Carlos de Andrada Serpa, discurso publicado no Anuário do Conselho de Ensino de 1977.

para todos, mas em geral ia todo mundo que queria seguir [*a carreira militar*]. A pressão familiar era muito grande. A minha mãe, quando eu decidi não ir, ofereceu um carro para que eu fosse. A questão da estabilidade, da segurança, do futuro. Muitos, por causa disso, vão fazer o que não gostam (CACO).

A tradição de escola de meninos e o imaginário em torno do Colégio também continuavam sendo um fator de atração:

Na verdade eu tinha muita vontade de entrar aqui, porque eu tinha um vizinho que era grande amigo meu e ele estudava aqui. Os irmãos dele também, o pai dele era professor aqui. Então eu via eles voltarem do colégio de uniforme. Eu tinha 9 anos e uma vez eu vim no 7 de setembro e achei muito legal. Resolvi que queria entrar aqui. Comecei a estudar com uma professora particular que preparava o aluno para fazer a prova. Depois fiz o concurso e entrei. Meus pais não queriam que eu estudasse aqui. Eu estudava num colégio de freira perto de casa e eles não faziam questão nenhuma que eu estudasse aqui. Vim mais por influência desse amigo, mas nunca pensei em ser militar da AMAN, se fosse uma coisa mais técnica como o IMI ou o ITA, tudo bem, mas militar de carreira não (CARLITOS).

A seleção para o ingresso continuava sendo considerada difícil. Os ex-alunos lembram que era muito concorrido e envolvia grande preparação no ano da prova. Rafael lembra que não sentiu estranheza em relação à necessidade de estudo e organização exigida para acompanhar a escola, tinha passado o ano anterior se preparando para poder ingressar em um bom colégio.

Muito bem, eu entrei no colégio em 76 por concurso. Eu sou filho de civis. Então na realidade, porque entrei eu não sei, minha mãe diz que eu entrei porque eu quis. Eu não me lembro disso. Mas, eu concordo com ela, e eu acho que foi uma iniciativa minha. Foi por concurso, na época, com bem menos vaga do que hoje. Era difícil porque os filhos de civis pegavam as vagas que sobravam dos filhos de militares. A gente não sabia, no início do ano, quantas vagas teriam. Parece que eram 19 vagas. Eu entrei pelo ideário que era feito da escola, da instituição (CACO).

Em 1971, foi sancionada uma nova LDB, mas não encontrei registros de dúvidas quanto à adaptação ou registros de resistências à Lei 5.692, exceto um artigo publicado no Anuário do Conselho de Ensino de 1971, lamentando a extinção da disciplina de Filosofia.

Podemos verificar algumas alterações no currículo e rotina escolar, mas não parecem ser, apenas, imposição da nova Lei, a qual em seu texto permite autonomia aos “estabelecimentos militares⁷¹”. As possíveis adaptações não parecem ter ido de encontro com

⁷¹ O Art. 68 regulamenta: “O ensino ministrado nos estabelecimentos militares é regulado por legislação específica”. A nova situação [a partir de 01 de abril de 1964] exigia adequações que implicavam mudança na legislação educacional. Mas o governo militar não considerou necessário modificá-la totalmente mediante a aprovação de uma nova lei de diretrizes e bases da educação nacional. [...]. Bastava ajustar a organização do ensino à nova situação (SAVIANI, 2005, p.35/36).

o pensamento e/ou a prática pedagógica adotada pela instituição da época. A preparação física, por exemplo, uma das tônicas das escolas militares, ultrapassava o previsto pela legislação:

Independente das sessões de Educação Física previstas de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases e o PGI, ministradas às turmas de aula, funcionam equipes representativas de Futebol de Campo, Futebol de Salão, Basquetebol, Voleibol, Atletismo, Judô, Esgrima, Ginástica acrobática, além de equipes de iniciação tais como Tênis e Remo (que funcionam em clubes particulares da cidade), Ciclismo e Halterofilismo (REVISTA *HILOEA*, 1971, p.24).

A principal alteração parece ter sido a diminuição das atividades vespertinas. Os ex-alunos, da década de 70 e 80, descrevem menos atividades no turno da tarde. O estudo obrigatório continuou existindo como rotina ao aluno interno e ocupação para os semi-internos punidos.

Tinha [estudo obrigatório], quando a gente pegava uma punição. Eu peguei uma vez uma punição porque estava andando na rua com uma touca em vez de estar com a boina. O capitão passou e me pegou. Na justificativa eu falei que estava sem boina porque eu estava coçando a cabeça, aí o capitão disse que não, que havia me visto com a touca, aí eu tive que vir à tarde para o estudo obrigatório (CARLITOS).

Aos poucos, o turno da tarde ficou praticamente liberado, exceção feita ao CFR e aos treinos das equipes desportivas.

À tarde, quem era atleta treinava. Quem não era, ... Eu não me lembro de nada que houvesse, fora a atividade esportiva (CACO).

A Educação Física era ministrada pelos monitores. Era aquecimento e corrida, às vezes deixaram jogar bola. A Ed. Física era feita no período da tarde (LUCA).

A percepção que eu tinha de mim era que eu era muito quieto. A minha rotina de sala de aula era de gostar de aprender coisas novas. Depois eu saía daqui e ia para casa almoçar. Eu tomava café antes de todo mundo e almoçava também depois deles. Depois do almoço eu deitava e dormia. Quando eu acordava ou eu assistia televisão, ou lia alguma coisa. Todos os dias, de tardezinha, eu ia jogar bola. (CARLITOS)

Os ex-alunos, que estudaram no CMPA na década de 70 e 80, não se recordaram da existência de atividades extraclases, exceção feita ao coral, à banda, às equipes desportivas e a SEL. A maioria das atividades vespertinas é lembrada como de caráter voluntário.

Não me lembro de atividade extraclasse (LUCA).

Havia dias que o almoço era obrigatório e outros não. Eu não tenho certeza se havia turno integral como turno integral, mas a rigor a gente tinha muita atividade no contra-turno. Mas não tenho certeza se era igual para todos. Eu estava sempre envolvido (RAFAEL).

Minha rotina era mais ou menos essa. Aqui no Colégio, eu participava desde a 7ª série do time de basquete e nas segundas, quartas e sextas a gente tinha os treinos. No dia da Educação Física, a gente fazia com todo o pessoal, a gente fazia a primeira parte junto e depois ia treinar basquete e o treinamento terminava um pouco antes da uma hora. Como a minha casa era perto, eu chegava por volta de uma e quinze, uma e meia, em casa, se eu tivesse fome eu comia, senão ia direto para a cama, pois já chegava dormindo. [...] Eu participava do que hoje é clube e na época era a cavalaria. Tinha uma tarde que a gente ia andar a cavalo (CARLITOS).

Carlitos participava do coral da escola e recorda que as atividades deste estavam ligadas aos eventos do Colégio e às datas consideradas comemorativas. O coral era visto como uma das formas de incentivar o patriotismo:

a gente cantava basicamente músicas militares, em datas comemorativas. Hoje é diferente, tem apresentações, hoje o sentido é diferente, na época ficava muito dentro da instituição.

As avaliações continuavam tradicionais e consistiam em provas e em pequenas provas inopinadas. Segundo Rafael, “as v.i. s (verificações inopinadas) eram freqüentes e inopinadas mesmo”. As provas eram bimestrais e mensais.

As avaliações eram VE (verificação de estudo) e VC (verificação corrente). O cálculo da nota era $NP = VE + 2 \cdot VC / 3$. Não existiam recuperações bimestrais. Trabalhos quase não eram realizados. O aluno quase não pensa muito sobre avaliação, ele se adapta à situação (LUCA).

Era a época de VC como a gente chamava, daí era a semana toda com prova, tinha dia que era uma prova, outros, que eram duas, inclusive sábado a gente vinha fazer prova. Época de VC não tinha aula. Quando chegavam os VCs de novembro eu só vinha fazer as provas e ia para casa, depois vinha a formatura e já eram as férias. (CARLITOS)

Os ex-alunos afirmam que o Colégio não previa auxílio ao aluno com defasagem ou dificuldade em algum conteúdo.

Os professores ministravam aula, faziam avaliação e a reprovação era grande. Não havia forma alguma de apoio no contra-turno. Boa parte dos internos era reprovada e, pouco tempo depois, jubilado. [...] No turno da tarde não era oferecido nenhum tipo de apoio pedagógico ao aluno, ele que se virasse (LUCA).

Eu até hoje não sei como passei em Física. Eu sempre fui um aluno mediano. Eu sempre tive mais dificuldade em Física e Química. Parte porque eu não gostava, parte porque eu não entendia. Não tinha recuperação, plantão. Precisei de aulas particulares (RAFAEL).

Apesar de Raul atribuir aos estudantes da década de oitenta uma atitude de maior questionamento às normas institucionais, os ex- alunos não entendem o Colégio como um espaço que propiciasse uma formação crítica:

O que eu sempre digo, é que o colégio me deixou conteúdo. Não dá para ter uma formação crítica sem ter conteúdo, isso o Colégio Militar me deu muito. A questão moral, eu acho que eu pego um pouco disso aí. Aquela rigidez do corte do cabelo, do sapato engraxado. Quando eu fui para a UFRGS, é tão diferente, com muita liberdade que a gente vê como uma desconstrução daquela coisa do colégio. (CARLITOS).

A década de 1980 chegou trazendo o enfraquecimento do regime militar e a lenta “transição democrática”⁷². Os discentes do CMPA não estavam imunes a essa realidade. A escola não é um microcosmo alheio e não permeável da sociedade e apesar de buscar abarcar todos os instantes do estudante não é a síntese de suas vivências. Como disse Carlitos: “a escola é apenas um dos espaços onde se forma o cidadão crítico”.

É isso que eu digo que o colégio não me deu [formação crítica], mas a minha constituição crítica não seria a mesma se eu não tivesse estudado aqui, e também se deu muito por eu ser Luterano, a minha Igreja tinha a corrente da Teoria da Libertação. Eu peguei aqui um período de abertura, era muito estranho, teve a época que tu saía na rua com o uniforme e era muito notado, depois saía sem e não era notado. Eu peguei bem o período de transição. E foi complicado para mim. Nas minhas definições políticas, ideológica, essa construção foi totalmente dialética. No colégio eu tinha uma visão de direita, mas na família eu tenho uma formação mais de esquerda. Depois no ensino médio aos pouquinhos eu passei para de esquerda, brigando muito e dizendo que em casa meus pais eram de direita, era uma coisa muito maluca. Quando eu estava no ensino fundamental meus pais eram de esquerda e eu de direita e depois vice-versa, então era muito complexo. Lembro que quando nós tocávamos [grupo de amigos], eu tinha um amigo que escutava Geraldo Vandré, Chico, Caetano, era abertura política, e eu escutando também e sendo de direita. Isso para mim foi bem complicado. Hoje eu poderia ser bem de direita se não tivesse esse movimento bem dialético, que eu ia e vinha o tempo inteiro. Isso foi fundamental para a minha formação, meu caráter. Esse movimento formou a minha personalidade (CARLITOS).

Caco também reflete sobre o contexto da abertura política no decorrer de suas narrativas estudantis e busca compreender as suas percepções de guri:

Foi interessante que eu participei do movimento das Diretas já. O que me chamou a atenção é que como aluno muita coisa eu fui estudar por iniciativa própria, ler algumas coisas que eram conteúdos que tinham que ser trabalhados na escola. É a única coisa em relação ao movimento. Eu como aluno, umas duas vezes, eu fui competir no Chile [...] e a gente sempre ficava lá com militares. A reação no Chile era maior, a gente passava com as viaturas e aí eu percebia que a reação era maior, não na época, mas depois eu fui percebendo que a reação no Chile era muito dura.

⁷² Em novembro de 1982, durante o governo Figueiredo, houve eleições de governadores e vereadores e o ano de 1983 ficou marcado pela campanha das Diretas Já. Em 1985, Tancredo Neves foi eleito Presidente do Brasil.

Eu acho que no Brasil não teve isso [como no Chile], não sentia isso como aluno (CACO).

O cotidiano do CMPA durante os anos 60, 70 e 80, é recordado e recontado por ex-estudantes, o que permite conhecer aspectos da cultura escolar e inferir os modelos de masculinidades e feminilidade circulantes no espaço escolar.

Nesta parte da dissertação, ocorre a complementação de alguns temas levantados pelos ex-alunos da década de 60, como internato e trotes, os quais continuam atuais para os ex-discentes dos anos 70 e 80.



Figura 80: Sete de Setembro
Fonte: Revista *Hyloea* (1988)

4.2.1 O Cotidiano no olhar discente dos anos 70 e 80: lembrando Frances, Clara, estagiária, garotas...

O dia começou com uma formatura, do lado de fora do CM, onde ingressamos pelo portão e participamos da formatura.

O trote era comum, foi uma dificuldade encontrada, mas, com o tempo fui adaptando-me a situação.

Foi um dia diferente, inicialmente fiquei com receio, mas nada insuportável (LUCA).

Luca relata o seu primeiro dia de aula. É ele o nosso cicerone pelo CMPA dos anos 70 e 80. O colégio continuava mantendo duas categorias de alunos: o interno e o semi-interno.

A preocupação com o tempo discente persistia e era levada a efeito com formas explícitas de marcação, ocupação e controle das horas. Mas também, assim como nos primeiros tempos, através de formas sutis de preenchimento e labor. A escola estava presente em quase todos os momentos dos alunos, mesmo dos não internos.

Como aluno procurava administrar o tempo da melhor maneira possível. No início perdia muito tempo com as “coisas da caserna”: uniforme, sapato, limpeza de alojamento, etc... Sempre gostei do CMPA (LUCA).

O primeiro dia no Colégio e/ou a formatura dos alunos novos, quando pela última vez cruzavam os portões em trajes civis e recebiam a boina durante esse ritual, assim como para os alunos que os antecederam, são eventos lembrados como especiais. Rafael fala da sua impressão no primeiro dia de aula, quando ingressou nessa escola aos 10 anos de idade:

No primeiro dia foi uma formatura grande no pátio e nós, pequeno, fomos colocados para escolher o nome de guerra. A formatura foi uma coisa muito grande para minha visão da época. A formatura em si não foi uma surpresa, porque a gente já tinha no grupo escolar, estranhei o tamanho da formatura. Antes a gente só entrava na fila da turma do grupo escolar (RAFAEL).

A escolha do nome de guerra, o juramento dos alunos novos e a formatura de entrega da boina constituem ritos de inserção nessa instituição de ensino.

Após haver recepcionado as autoridades, o Corpo de alunos preparou-se para receber uma turma de alunos novos que neste dia prestaram o “Juramento do Aluno Novo”, passando a serem considerados como “bixos”, daí em diante. (*Hiloea*, 1971, p.8)



Figura 81: “Juramento do Aluno Novo”

Fonte: Revista *Hiloea* (1971)

Outro rito era o trote. Os ex-alunos semi-internos ouvidos relembram o trote como parte do contexto da escola militar e ou não demonstraram maior relevância, ou recordaram como natural.

O primeiro dia eu não me lembro bem. A primeira coisa que me lembro é quando a gente entra já uniformizada. Lembro que eles pintavam os “bixos” e como eu tinha esse meu amigo que estudava aqui, eu era “bixo” dele, então eles não iam me pintar. Quando a gente estava saindo do colégio, a turma quis me pintar, mas meu colega interveio a meu favor e meu pai, que vinha logo atrás, falou para eles me pintarem, “só não estraga o uniforme, mas pode pintar todinho”. Aí os caras me pegaram e me pintaram todo, inclusive tenho uma foto desse dia.

Interessante que meu pai percebeu que era um ritual de entrada. Importante que eu me lembro disso e não me lembro dos primeiros dias de aula, só algumas aulas da 5ª série, mas não lembro do primeiro dia, como eu estava me sentindo, mesmo porque eu tinha esse amigo e ele estava sempre junto comigo, não tive nervosismo maior. Eu fiquei sabendo que meus pais não faziam muita questão que eu viesse para cá, quando eu já estava na faculdade (CARLITOS).

Já os ex-alunos internos, sem exceção, narram os trotes como experiências dolorosas e inferem que havia exageros. Ao mesmo tempo, percebe-se uma tolerância velada ao trote. Nessa escola masculina, constituía uma prova de fogo e força resistir aos inóspitos primeiros meses. Essa tolerância velada acabava impedindo a inibição dos constantes excessos.

Eu me adaptei ao internato. O homem é fruto do meio, cheguei educado e às vezes me sentia um bicho, aprendi a ver as coisas sob uma visão ruim, aprendi que poderia ser cruel quando quisesse. O trote era pesado e era necessário “sobreviver”. O internato era o meio de conseguir meu objetivo; passar de ano e seguir a carreira militar. A maior dificuldade era conviver com alunos marginais, mais velhos e

agressivos. Vantagens: as amizades verdadeiras. [...] Dentro dos alunos internos havia vários grupos, geralmente divididos pelos interesses desses grupos. O grupo ao qual pertencia era dos alunos “do bem”, que estudavam e queriam seguir a carreira militar. Só um do grupo não conseguiu ir para AMAN” (LUCA).

Todos os colaboradores desta pesquisa, ex-internos do Colégio durante o período de 1962 a 1989, relatam o trote como uma experiência dolorosa. Ao contrário dos alunos semi-internos, que iam para a casa ao término do expediente, os internos permaneciam no interior da escola e em sua dinâmica. Assim os trotes eram estendidos aos momentos de descanso. Faziam parte da rotina do garoto, durante o primeiro ano, a invasão da sua pouca e relativa privacidade. Deitar para dormir e sentir a cama cair por ter sido toda desparafusada, acordar sujo de ovo ou de pasta de dente, ser trancado no armário para o trote conhecido como pipoca eram situações consideradas leves.

Tinha uns trotes, até bem maldosos e que depois foi até motivo de análise psicológica. Quando um aluno chegava interno, eles passavam por um cerimonial, uns trotes meio desagradáveis. Naquela época quando alunos, que já haviam chegado ao Científico, tinha alguns que eram muito maus caráter, então eles impunham aos mais novos uns trotes meio pesados. Depois começou ter uma análise por parte do pessoal da psicologia, que trabalhou os alunos e depois acabou com isso. Eu nunca dei trote, mas eles eram pesados. Eu me adaptei fácil ao colégio, fora esse problema de trote, o resto foi fácil (LUCANO).

Os trotes foram de fato motivo de preocupação para a instituição. A intervenção a qual Lucano faz referência não aconteceu em seu tempo de aluno, mas durante os anos oitenta, quando o internato passou por estudos cuja conclusão apontou rumo a sua extinção. O fim do internato não foi acatado⁷³, mas este teve o seu efetivo de internos diminuído.

Os fatores que auxiliaram a reduzir o tamanho do internato foram, principalmente, a decisão de limitar o ingresso dos alunos de acordo com o nível de estudos, a partir da oitava série, e a abertura de outros colégios militares no território do Brasil, como por exemplo, Santa Maria, no interior do Estado, e Campo Grande, no Mato Grosso do Sul.

Os novos colégios absorveram parte dos meninos que, possivelmente, seriam enviados para o CMPA. Aliada à abertura de novas unidades do Sistema Colégio Militar ocorreu um processo de desenvolvimento, em diversas localidades, dotando várias cidades de escolas consideradas preferíveis pelos pais militares à opção de precoce distanciamento dos seus filhos.

⁷³ O fim do internato não foi acatado na época. Durante os anos 90 a questão dos alunos internos continuou a ser discutida e hoje vários Colégios Militares já não possuem internato. O internato do CMPA conta no momento com os seus últimos integrantes; pois foi decidida sua extinção.

Tinham muitos alunos internos, desde a 5ª. Série, o que achávamos um absurdo. Depois decidiu deixar só o caso em que a família não tivesse condições. Apesar de vir à noite para ficar com as crianças, não era o suficiente. Nós achávamos que o internato deveria ser extinto, pois as crianças ficavam, apesar dos nossos esforços, sem referencial de família (ATENA).

“Vários alunos não tinham estrutura familiar, tinha vários órfãos e muitos problemáticos. Alunos internos de 10 a 24 anos. Muito difícil controlar a disciplina com mais de 300 alunos internos” (LUCA).

Os alunos internos eram divididos em três categorias: aqueles que podiam sair todo dia após o jantar, os que só podiam sair nos finais de semana e aqueles que só saíam com a permissão do responsável. Luca estava entre os que podiam sair todos os dias após o jantar.

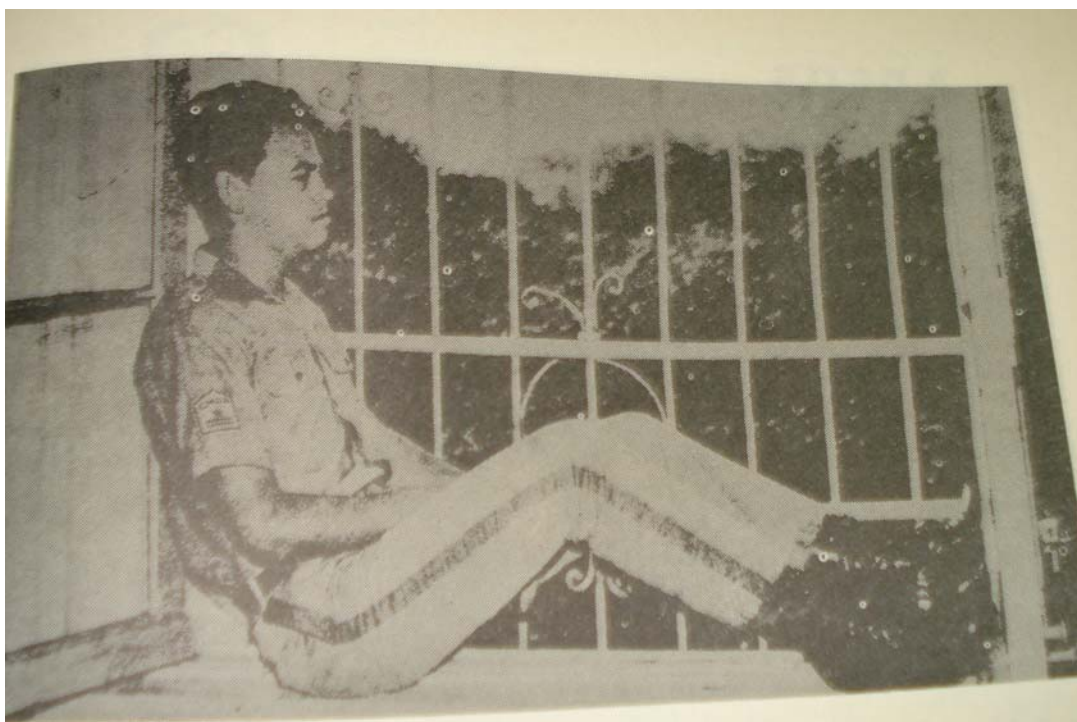


Figura 82: Interno na Janela
Fonte: Revista *Hyloea* (1982)

O dia de Luca e dos outros internos era iniciado com a alvorada: O sargento de dia dava alvorada às 06h10min, levantávamos para a higiene matinal, arrumávamos o uniforme, a cama e íamos tomar café. Havia formatura na Companhia às 07h15min.



Figura 83: Cenas da Alvorada
Fonte: Revista *Hyloea* (1989)

No pátio, Luca encontrava os colegas semi-internos. O dia escolar, a partir desse momento, era igual para todos os alunos. Todos entravam em forma no espaço do pátio destinado às respectivas Companhias.

As formaturas, a ordem unida, as diversas equipes esportivas, o uniforme e, principalmente entre os internos, a intensa convivência eram elementos que propiciavam a sensação de pertencimento à instituição.

Havia formatura todo dia. Mas a formatura para o Comandante era uma vez por semana, nos mesmos moldes de hoje. Eu gostava das formaturas, principalmente das primeiras, pois me sentia inserido realmente como aluno (LUCA).

Os monitores, como de costume, estavam sempre presentes e já se encontravam no pátio. Luca lembra que:

Os monitores tinham contato mais intenso com os alunos. Eles realmente conheciam os alunos, pois além de serem monitores davam as aulas de Educação Física e tiravam serviço de Sargento dia nas Companhias de Alunos.

Após a formatura, assim como os alunos que os precederam, os meninos seguiam para as salas de aula. O ritual de início das aulas em nada diferia do já descrito, nesta dissertação. Os professores até 1979 eram todos do sexo masculino e, em sua maioria militares oficiais com patente a partir de major. No ano de 1980, o colégio começou a contar com mulheres no quadro docentes:

Grande parte dos professores era do sexo masculino (aproximadamente 90%) e a maioria militar, geralmente de major para cima (LUCA).

A disciplina, dentro de sala de aula, era considerada severa e a indisciplina resolvida com o encaminhamento do aluno para o Comandante de Companhia. “Geralmente dentro da sala de aula não tinha indisciplina e quando ocorria chamava o monitor e encaminhava o aluno para falar com o Comandante de Companhia (LUCA).

Na verdade, esta escola de meninos pouco alterou a sua rotina e formas de funcionamento durante os anos de 1962 a 1989. A ordem unida, por exemplo, continuava presente na rotina escolar:

Ordem Unida é a base da disciplina dos Colégios Militares. Era ministrada pelos monitores, bem como as aulas de educação física. Todo deslocamento era realizado em forma, tais como: idas ao rancho, deslocamento para educação física, deslocamento para laboratórios e aulas de inglês. Ordem Unida era realizada todos os dias, de forma direta ou indiretamente (LUCA).

A escola mantinha um padrão disciplinar considerado rígido, mas não escapava das resistências estudantis à ordem estabelecida. Assim como os seus antecessores, os ex-alunos narram ou deixam escapar algumas peraltices dos estudantes:

Na sétima série fiz cair uma rede de luz. Outra vez, não fui eu diretamente, mas essa coisa do código. Os meus colegas... Como eu treinava muito [era atleta], muito dos meus amigos me ajudavam a estudar para as provas e eles eram legionários. E uma vez me indicaram para a Legião de Honra, e na seqüência, um grupo estourou uma bomba no banheiro e rebentou o vaso e eu fui diretamente envolvido porque sabia quem era e porque estava na equipe de segurança enquanto os outros estavam colocando a bomba. Aí descobriram quem foi, aí fomos pro Capitão de Companhia que era o orientador da Legião de Honra. Ele chegou lá, pediu a um sargento para ver a ficha de todo o mundo e a minha ficha não estava lá, aí ele ficou brabo com o sargento e este disse que eu tinha sido indicado pela Legião. Aí ele ficou mais brabo ainda – “como é que eu estava sendo indicado pela Legião de Honra”. Eu sei que a moral da história, é que não aconteceu nada comigo porque eu estava sendo indicado pela Legião de Honra. Na verdade foi uma grande sacanagem dos meus colegas [indicarem para Legião] porque na época o perfil era bem definido e eu não me enquadrava. Era só isso. As pessoas faziam as coisas e assumiam (CACO).

A rigidez disciplinar continuava ancorada, também, em um sistema que previa punições e premiações.

E punições menores a gente tinha que pagar flexões pro sargento. Como isso fazia parte do ambiente, a gente não dava bola, não foi uma coisa que marcou negativamente. Na verdade a gente se lembra de algumas coisas que na época não eram muito boas, mas a gente lembra com carinho (CARLITOS).

As punições deveriam ser proporcionais às faltas, as quais deveriam ser computadas. As sanções podiam ir da simples anotação, que levava apenas à perda de pontos disciplinares, à suspensão da frequência às aulas e até à expulsão do colégio.

Nós tínhamos uma formatura até sete e meia, todos os dias e num dos dias era formatura geral. As formaturas eram obrigatórias. Ninguém entrava no colégio depois das sete horas, depois das sete e meia você podia entrar na aula, mas ia uma parte como atrasado. A partir daí ninguém mais entrava, podia ir para casa. Depois quando eu comecei a treinar, quando eu fui atleta aí a coisa era mais... algumas vezes eu voltei para casa, chegava depois das sete e meia e aí era mandado de volta para casa. Se tivesse prova perdia a nota, era zero. Algum professor podia abrir exceção, mas era difícil, se contasse uma história bem triste, talvez [risos]. Em geral era zero (CACO).

A disciplina era rígida, mas os alunos sempre davam um jeito de tentar burlar as regras. As punições eram muito maiores que as recompensas. Como aluno eu via a disciplina como mal necessário (LUCA).

Todos eram, em tese, responsáveis pelos alunos no interior do colégio e deviam comunicar aos monitores ou aos oficiais responsáveis pela Companhia de Alunos qualquer comportamento considerado como inadequado por parte do estudante. Mas eram os professores e os integrantes do Corpo de Alunos – oficiais e monitores – aqueles que eram constantes tanto no elogio como no castigo.

Eu lembro uma vez na 5ª série que tinha um tema de Português e eu não fiz. A professora me mandou escrever duzentas vezes a frase: ‘não esquecer de fazer o tema, pois é um trabalho importante’. Eu me lembro de estar escrevendo o castigo e minha mãe em cima de mim mandando eu fazer. Já eram onze horas da noite e eu estava recém em cento e cinquenta vezes, com um ódio enorme. Aí minha mãe mandou um bilhete para a professora dizendo que se ela quisesse que eu fizesse mais, que minha mãe ia mandar eu fazer. Mas a professora me liberou de fazer o resto. Talvez hoje seja isso meu trauma por não gostar de Português (CARLITOS).

O caráter meritocrático desse educandário continuava como uma de suas características marcantes e, através, do êxito escolar era definida, entre outras coisas, uma hierarquia entre os discentes. Essa hierarquia foi idealizada baseada na distribuição das patentes do Exército:

Até a 5ª. Série ninguém é graduado. Na 5ª série saíam os dez primeiros alunos que eram os sargentos e do décimo até o vigésimo lugar saía cabo-aluno. Da 7ª para 8ª saíam os primeiros e segundos sargentos. Da 8ª para o 1º ano saíam os tenentes e os aspirantes. Do 1º para o 2º ano saíam 3 capitães, 1º tenente e 2º tenente. E do 2º ano para o 3º que era coronel aluno, tenente-coronel aluno, 3 majores e 3 capitães. Só os 8 primeiros eram graduados (CARLITOS).



Figura 84: Mérito
Fonte: Revista *Hyloea* (1989)

Os alunos graduados, assim como os graduados da década de 60, trazem a patente marcada na manga do uniforme e assumem algumas obrigações como a de apresentar o batalhão escolar ao sargento ou oficial responsável pela Companhia. Essas obrigações, na verdade, são pequenas e significativas distinções no ambiente escolar. Paralelo às essas obrigações, são previstas precedências inerentes à patente:

Eu gostava do 7 de Setembro e tudo o que envolvia, em mim vinha um sentimento de patriotismo enorme. Antes de 7 de Setembro a gente não via símbolos pátrios. Mas na Semana da Pátria, a gente prestava atenção onde tinha bandeiras para prestar continência. Nos primeiros anos me emocionava por ser diferente, eu tinha colegas que não gostavam de desfilar. Como eu era graduado eu tinha mais mordomias, desfilava na frente do grupamento. No terceiro ano eu desfilei na cavalaria que era outra coisa diferente (CARLITOS).



Figura 85: Desfile de 7 de Setembro
Fonte: Revista *Hyloea* (1988)

O Colégio continuava estimulando o espírito competitivo do seu corpo discente seja por meio do desempenho cognitivo, seja através do esporte. Parafraseando Dallabrida (p.170), os prêmios e distinções, assim como as formaturas em que eram concedidos, “tinham uma nítida função estimuladora, introjetando nos alunos o desejo de superar os adversários e superar-se”.

Podemos inferir um constante processo seletivo ao longo dos estudos no CMPA. As punições disciplinares, que tinham o poder de diminuir o grau de comportamento até ao insatisfatório, aliadas á constante e rigorosa cobrança cognitiva e somadas à falta de apoio ao aluno, com dificuldades na aprendizagem de alguma disciplina, eram fatores que justificavam um sistema excludente.

Quando as “artes” eram graves e anotadas pelos oficiais e/ou monitores os alunos eram punidos, as exclusões disciplinares eram mais freqüentes que nos dias atuais. Alunos muito indisciplinados geralmente eram muito ruins de nota. Alguns o jubramento⁷⁴ fazia com que fossem retirados antes de serem excluídos (LUCA).

No meio da manhã havia o recreio. Durante os anos 70, o pátio foi calçado e alguns ex-alunos reclamam que isto atrapalhou as queridas peladas. Outra novidade foi a abertura da cantina na década de 80, os alunos passaram a dividir o tempo do recreio com a aquisição de guloseimas, visto que muitos deixaram de trazer lanche de casa e outros, mesmo trazendo lanche, não resistiam a alguns dos doces oferecidos.

⁷⁴ No Sistema Colégio Militar, o aluno só pode repetir uma vez durante o Ensino Fundamental e uma vez durante o Ensino Médio. A segunda reprovação implica em desligamento do Colégio, ou seja, em jubramento.

O recreio era normal como em qualquer colégio. Os alunos faziam seus lanches e alguns iam a cantina, que ficava do lado da biblioteca (LUCA).

Eu trazia a merenda de casa, mas eu era um pedinte inveterado das merendas dos outros. Geralmente o que eu trazia de casa era um sanduíche e se alguém tinha salgadinho, eu estava atrás. Quando a gente era menor, onde fazíamos a barra, a gente jogava bolinha de papel naquele lugar, quando a gente era mais velha a gente ficava batendo papo, ou jogava um pouco de bola. [...]

Tinha o bar, onde era até o ano passado. Eu lembro que eu ia ali para comprar os doces de abóbora, quando eu tinha dinheiro (CARLITO).

Os meninos continuavam buscando alternativas para trazer as meninas ao Colégio. Neste sentido, as festas promovidas pela SEL, ainda eram prestigiadas:

A gente fazia [festas], na minha época começou o “Chiclete com Banana” e vinham, especialmente, as turmas das irmãs dos colegas, se mobilizava a partir daí. (CACO)

No dia 15 de maio, outra reunião dançante que contou com a participação de outros conjuntos pops. No dia 5 de junho, realizou-se o Baile das Armas, sendo esta, talvez, a melhor promoção social do ano. [...] Contamos com a presença do afamado cantor Wanderley Cardoso, que nos brindou com excelente show. Não devemos deixar de mencionar a brilhante atuação do conjunto de Breno Baldo, que em muito contribuiu para o sucesso do baile. (*Hiloea*, 1971, p.14)



Figura 86: Apresentação do cantor Wanderley Cardoso no CMPA, 1971
Fonte: *Hiloea* (1971, p. 14)

A escolha da Rainha do Colégio ainda era um evento concorrido.

Iniciou-se o concurso com o desfile das participantes. Logo após, cada uma delas dirigiu-se ao público presente. Depois de tudo isso realizado, os jurados deram sua

decisão, havendo por bem escolher a Srta Suzana Moysés, representante do Colégio Cândido José Godoy, para receber a faixa de Rainha. Para princesas foram escolhidas as Srtas Marília Martins Menezes e Maria Cristina Medina Herrmann, representantes dos colégios Infante D. Henrique e Nossa Senhora Maria Imaculada. Deixo aqui nossos agradecimentos às jovens participantes, que além da colaboração, encheram de graça e beleza nosso baile. A animação deste acontecimento esteve a cargo do ACB 8 Show que ao final do baile nos brindou com um “carnã” (*Hiloea*, 1971, p.16)

O relacionamento com outras instituições de ensino, principalmente com os educandários para meninas, era buscado através de convites para jogos e festas promovidos na escola:

Sob a égide da SEL, realizou-se brilhante competição esportiva dentro da programação das festividades que assinalaram a passagem de mais um aniversário do CMPA, no dia 22 de março. Honrando convite da SEL e, dando às festividades um ar de graça e beleza, quatro educandários femininos fizeram-se representar por aguerridas equipes de voleibol: Pio XII, N. S. da Glória, Bom Conselho e Instituto de Educação. Sagrou-se campeã a equipe do colégio Pio XII, composta pelas seguintes atletas: Célia, Mary, Graça, Vera, Pâmela, Cecília, Belmari e Cheviche. **O troféu de vice-campeã ficou com as representantes do Instituto de Educação.** (REVISTA *Hiloea*, 1971, p.20)

Equipe de Voleibol do Colégio Pio XII vencedoras do torneio feminino promovido pelo CMPA em 1971:



Figura 87: Equipe de voleibol do colégio Pio XII
Fonte: Revista *Hiloea* (1971)

Outra forma de possível interação eram as parcerias para o desenvolvimento de atividades culturais, como, por exemplo, o Centro de Tradições Gaúchas, que funcionou nos anos de 1987 e 1988, em conjunto com o Instituto de Educação:

No ano de 1987 eu fazia parte de um grupo de alunas do Magistério do Instituto de Educação que queria criar um CTG (Centro de Tradições Gaúchas) em nossa escola.

Fomos nos informar sobre o que era necessário fazer para realizarmos tal vontade. Através do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho) ficamos sabendo que só era possível ter um CTG por bairro ou por região, não lembro bem. Descobrimos então o CTG do Colégio Militar, chamado “Potreiro da Várzea”.

Sabendo que no CMPA só tinha rapazes, pensamos na possibilidade de juntarmos os dois grupos e montarmos uma internada artística. E foi o que aconteceu.

Nem lembro bem quem foi que entrou em contato com quem. Mas sei que deu certo.

Na época, o Major Benfato era o responsável pelo nosso grupo. O Mauro Parede, ex-aluno da escola e integrante da internada do CTG Glaucu Saraiva, era o nosso professor. A Ivana, também integrante da internada do CTG Glaucu Saraiva era a nossa professora. (ROSE – 1ª Prenda do CTG Potreiros da Várzea).

Além desses eventos, os garotos buscavam participar de grêmios e grupos de jovens em que havia a presença feminina:

As meninas... eu nem era assim católico. Eu sei que ia às reuniões religiosas só para ver as meninas. Era uma espécie de reunião de jovens. Mas como eu ia ao Clube, para mim era natural, eu tinha contato com meninas fora do colégio (CACO).

O Instituto de Educação era a escola mais procurada, talvez devido à proximidade do CMPA.

Não poderíamos, entretanto, esquecer de ressaltar o nosso agradecimento às garotas do Instituto de Educação Gal. Flores da Cunha que cooperaram conosco compondo voluntariamente a equipe da Quadrilha e, ao mesmo tempo, dando um toque de beleza em nossa festa (REVISTA *Hiloea*, 1971, p.19)

Ao final das aulas, os garotos ajeitavam os uniformes e costumavam ir ver a saída das meninas ou esperavam encontrá-las nas paradas dos ônibus, assim como durante os já citados “passeios higiênicos,” que ocorriam nos finais da tarde. Mas não pensavam em contar com garotas como colegas de classe. Mesmo os garotos, que se declaravam ‘francamente favoráveis’ à presença de meninas na qualidade de alunas do Colégio, não contavam com essa possibilidade.

Quando a gente estava se formando, diziam que vinham mulheres estudar aqui. Mas era diz que me diz entre alunos. Quando a gente saía [do Colégio], nós íamos para frente do Instituto para ver as meninas sair do colégio. O uniforme chamava muita a atenção. Eu ia de vez em quando. Eu era muito magro e não chamava muita a atenção. Mas quanto à idéia de vir as meninas, alguns viam como um problema para

seguir a carreira militar, achando que o colégio não seria mais militar. Quando eu estava saindo e indo para a faculdade, veio o primeiro agrupamento de meninas (CARLITOS).

Ao término das aulas, os alunos semi-internos, que não tinham atividades no período vespertino, iam para casa. Os alunos internos e os semi-internos punidos ou que necessitavam permanecer no Colégio, durante a tarde, entravam em forma para o almoço.

Os alunos eram levados em forma, comiam em bandeirão e eram servidos pelas serventes da cozinha. Dona Frances era uma delas (LUCA).

No rancho, a partir do ano de 1979, encontravam as cozinheiras que de forma alegre os serviam: “*Peitinho ou coxinha?*” Era assim de forma gaiata, que segundo a senhora Frances, essas senhoras simples perguntavam aos guris qual parte do frango desejavam comer.

– Eles [os meninos] muitos eram tristes longe de casa. A gente brincava para alegrar aquelas crianças. Quando falávamos assim, muitos ficavam vermelhos”. Algumas vezes, quando chovia ou estava frio, a gente separava farinha a mais para o almoço e no meio da tarde fazia bolinhos e chamava alguns garotos para comer bolinho junto ao fogão, lá na cozinha (FRANCES).

Essas mulheres simples eram invisíveis para a maioria dos alunos e professores. Apesar de responsáveis pela alimentação dos integrantes da escola poucos sabiam delas e poucos se lembram delas. A cozinha era o seu reino e limite. Apenas um ex-aluno recordou dessas mulheres. Exatamente um dos que eram alegrados e ficavam ruborizados com interrogativas como: “– *peitinho ou coxinha?*”.

Não consegui, ainda, informações que possam explicar a razão da inserção de mulheres como trabalhadoras na cozinha, visto que este departamento da escola era, até então, gerenciado e conduzido por homens. As ‘senhoras da cozinha’ chegaram junto com informações sobre a modernização desse espaço escolar. Segundo Dona Frances, ela e as outras senhoras, foram treinadas por uma irmã de caridade cedida pela Santa Casa.

O regime de trabalho, segundo descreve, era bem extenso e rígido e previa escalas de serviço visando o atendimento das atividades ligadas à alimentação durante o período noturno e os finais de semana e feriados. Estas mulheres não eram autoridade na cozinha. Eram chefiadas por homens, militares e contavam com o auxílio de soldados designados para servir no rancho⁷⁵.

⁷⁵ O Colégio Militar não se designa como “um quartel” apenas por seu regime disciplinar. Os colégios são unidades militares que, também, paralelamente à escola forma soldados reservistas. Os garotos que servem nos colégios ficam sob a responsabilidade da Companhia de Serviços.



Figura 88: Único registro fotográfico localizado mostrando as trabalhadoras da cozinha. Elas não estão nominadas.

Fonte: Revista *Hyloea* (1972)

Os ex-alunos só recordam de mulheres no CMPA a partir da década de 70 e muitos lembram apenas da “Tia Clara”.

Era uma figura especial, procurava dar apoio aos alunos menores, principalmente os internos da 5ª. E 6ª. Série. Procurava padrinhos do 2º e 3º ano para proteger estes alunos. [...] Reconhecia o trabalho de mãe que ela fazia por um bom número de alunos, que sempre a respeitavam. Hoje vejo que ela fazia o papel de mãe dos alunos (LUCA)

Lucano, ao falar sobre a Biblioteca do Colégio, lembra a Tia Clara como “*uma senhora de uns quarenta anos*” “*xodó de todo colégio*”. Luca a define como a “*presença feminina mais forte, mãezona da garotada e conhecida e reconhecida pela maioria dos alunos*”. Beto recordou dela quando falamos de mulheres no Colégio:

para o aluno representava a mãezona, principalmente para os internos, porque eram só professores, porque, na época, não tinha professora e quem sempre corria para fazer o papel maternal era a tia Clara. Se um interno ficava doente, era ela que se preocupava, que levava um chá, ela que levava para a enfermaria, que visitava, que fazia a sopinha especial.

Tia Clara participou e vivenciou o cotidiano do Colégio até o final dos anos 90. Deixou a escola devido à saúde abalada, mas segundo colaboradores dessa pesquisa, era como

se ela fosse voltar. Muito dos vestígios da história do CMPA foram preservados graças a ela, inclusive exemplares da revista *Hyloea*, os quais, até serem localizados pela professora Silvana S. Pineda e utilizados como objeto de sua dissertação, não eram vistos como relevantes pela instituição e, se não fosse a intransigência de tia Clara, teriam ido parar no lixo.

Por várias vezes me questionei sobre o que teria levado esta senhora a tamanha dedicação aos alunos do CMPA. Talvez, no decorrer do tempo, tenha aceitado os papéis maternos adjudicados a ela e fortalecido esses vínculos.

Hoje temos a AACV [Associação dos Amigos do Casarão da Várzea] que conta com mães voluntárias. As mães da ACVV são, em parte, o que era a tia Clara. A tia Clara é que organizava o Dia das Mães, o Dia dos Pais, que fazia campanha do livro, a campanha do uniforme, era ela que organizava a Festa de São João, ela era o verdadeiro embrião da AACV. [...] Naquela época não havia o SOE, não havia apoio pedagógico, não havia psicólogo, orientador, não havia nada. Havia a tia Clara que era tudo isso. Por isso o Colégio é eternamente grato à tia Clara, principalmente as gerações que puderam ter a felicidade de conviver com ela. Meu contato foi mínimo com ela, mas as gerações que me sucederam tiveram contato extenso com ela. Lá por 96 ou 97, ela deixou de trabalhar aqui no colégio (BETO).

Mas através das narrativas de alguns ex-alunos e dos registros das revistas *Hyloeas* ficamos sabendo que junto com a senhora Clara Tavares Gutterres, veio trabalhar na Biblioteca uma moça, de cerca de 20 anos, chamada Lea Severo.

Quando eu entrei, a biblioteca estava fechada. Em 70 entrou a primeira bibliotecária que era a dona Clara. A tia Clara entrou em 70 ou 71, eram duas senhoras. A tia Clara era uma senhora de uns quarenta anos e a outra uma moça bonita, em torno dos vinte anos (LUCANO).

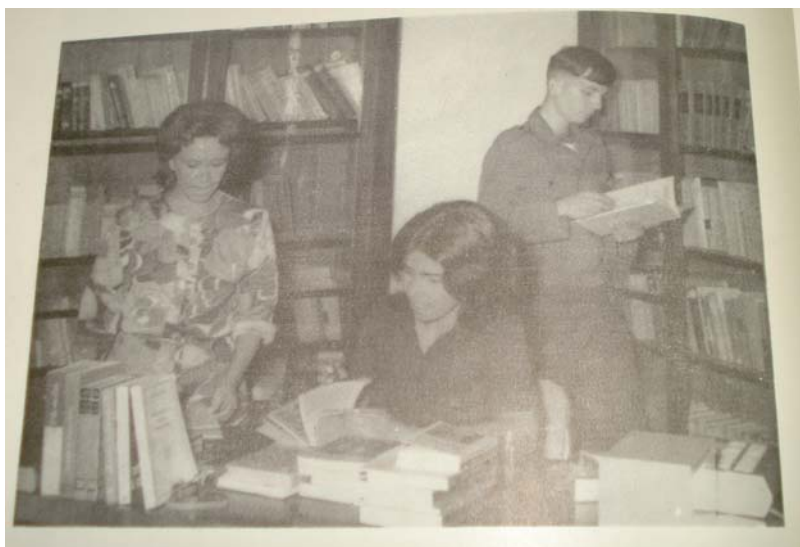


Figura 89: Fotografia inserida no corpo de um texto versando sobre a biblioteca recém-aberta. Tia Clara (em pé), Lea Severo, soldado auxiliar da biblioteca. As pessoas fotografadas foram identificadas com a ajuda de ex-alunos.

Fonte: Revista *Hiloea* (1970)

Os ex-alunos, que freqüentaram a escola a partir dos meados da década de 70, fazem referências às estagiárias de Psicologia em suas narrativas. Essas jovens eram aguardadas com ansiedade e representavam novidade naquele ambiente masculino e as lembranças as colocam na qualidade de mulheres de idade próxima aos alunos mais velhos e possíveis de serem admiradas. Os garotos costumavam inventar mil pretextos para ir a SOE, quando elas estavam realizando os estágios. Aliás, essas moças não despertavam a admiração ou atenção apenas dos alunos. Segundo alguns relatos, a vinda das estagiarias era um evento também para os homens adultos do educandário. O fato de serem tratadas com respeito e cuidado não implica serem vistas apenas na qualidade de profissionais.

Na *Hiloea*, de 1972, encontramos o depoimento de uma dessas estudantes:

Minha experiência como estagiária no Colégio Militar de Porto Alegre. Atendendo a uma exigência curricular do Curso de Formação de Psicólogos da PUCRS, procuramos o CMPA para sabermos da possibilidade de realização neste local do Estágio de Psicologia Escolar.

Após uma entrevista com o Psicólogo local Major Roberto Porto Simões iniciamos o estágio em 2 de março de 1972, junto com mais oito colegas estagiários.

Nossa experiência, teve características muito especiais por tratar-se de uma escola militar, essencialmente masculina. O fato de sermos mulher dentro de um ambiente com estas características, ainda que hoje inúmeras unidades do Exército, não só aqui como em outros estados contam com mulheres em seu quadro funcional, e na própria escola não sermos exceção, tal fato ainda traz aspectos próprios principalmente para os alunos acostumados a verem dentro da sala de aula apenas professores [...] (BEATRIZ, p.55-6).

Realmente, as estagiarias não eram as únicas mulheres no Colégio, mas eram algumas das poucas.

Nenhuma mulher [professora] na época em que eu era aluno. Nós tínhamos a Tia Clara na Biblioteca, funcionárias civis... tinha mas eram pouquíssimas. Professora com certeza nenhuma. Quase perto de deixar o Colégio... vieram estagias para a SOE. Mas elas só vinham por ocasião do estágio (RAFAEL).

Existe uma dificuldade de levantar exatamente quantas mulheres trabalhavam na instituição através dos documentos oficiais. A razão é que muitas não eram funcionárias públicas ou pertenciam aos quadros de outros órgãos públicos e, ao longo do tempo, perdeu-se a origem de sua contratação. Um exemplo é a Tia Clara que, até agora, não consegui encontrar a origem do seu vínculo empregatício e nem a sua ficha funcional. Outra dificuldade é que as poucas mulheres trabalhadoras da instituição raramente são citadas ou têm a sua presença registrada através das fotografias e, na maioria, não estão identificadas. Muitas, como as ‘senhoras da cozinha’, restritas ao seu setor de trabalho, não eram constantemente vistas ou estavam na esfera dos ‘invisíveis socialmente’.

Ao final da tarde, os internos e os semi-internos que estavam envolvidos em atividades no Colégio, na maioria das vezes, treinamentos de equipes, davam o expediente por encerrado. Era hora do banho qualificado como “sempre frio”. Os semi-internos iam para casa e os internos se preparavam para o jantar e o “passeio higiênico”.

Janta das 18 às 19, mesmo procedimento do almoço [entrar em forma por Companhia e encaminhar para o rancho]. Após a janta, até 19:30 podíamos sair para comprar alguma coisa de modo que 19:30 estivéssemos no CMPA (LUCA).

Segundo Luca, assim como os seus antecessores, até a hora de dormir os internos podiam estudar ou ficar na sala SEL para assistir televisão e/ou jogar um dos jogos disponíveis como, por exemplo, sinuca, ping pong, totó.

Um fato que me marcou foi que o Cap. Raul, Comandante da Companhia, emprestava a sala dele para eu estudar a noite, para não precisar me deslocar para sala de aula. Naquela sala estudava eu e mais três colegas, todos foram para a AMAN, ele conseguiu contagiar-nos com o exemplo e seu sentimento de justiça (LUCA).

O horário de dormir era regulado pelo toque de silêncio às 22 horas. Uma hora antes era servida a ceia. Segundo Luca, consistia em pão com manteiga ou outro recheio, ou biscoito, ou bolo e uma caneca de leite com achocolatado.

Essa rotina podia ser quebrada nas quartas-feiras, durante o período vespertino quando havia a possibilidade de sair paisano e visitar algum colega ou parente na cidade. Outro momento era a sexta-feira quando aqueles que moravam perto podiam passar o final de semana com a família. Mas a grande trégua eram as férias e os feriados longos. Luca relembra com carinho esses momentos:

Boa parte dos internos viajava para o interior de carona, colocava o dedão na estrada. O dinheiro que recebiam dos pais era gasto com lanches na cantina. Eu era especialista, dias antes providenciava minhas placas solicitando carona para minha cidade, escondia a mala para não assustar os candidatos a fornecerem a carona [risos] quando o caminhão ou carro parava a gente buscava o malão. Durante os feriados e finais de semana, eu era convidado para passar os finais de semana na casa de colegas que moravam em Porto Alegre ou em cidades próximas. Nas férias de meio e fim de ano, eu os levava para passarem as férias com a minha família (LUCA).

Após uma noite de sono ou o retorno dos finais de semana, feriado, férias começava de novo a “faina de ser aluno do Colégio Militar”, o ritmo do dia no toque da corneta.



Figura 90: Revista noturna dos internos
Fonte: Revista *Hyloea* (1979)

Cenas do Casarão: anos 70 e 80



Figura 91: Sala de aula
Fonte: Revista *Hyloea* (1983)



Figura 92: Aluno estudando
Fonte: Revista *Hiloea* (1971)



Figura 93: Refeitório
Fonte: Revista *Hyloea* (1979)



Figura 94: a banda, carinhosamente, chamada de “FURIOSA”. “Apesar de não parecer, a banda deve ser o que existe de mais importante no Colégio Militar [risos]: podia todo mundo faltar, sem problema acontecia o desfile, mas sem a FURIOSA, não havia desfile, nada acontecia” (LUÍS)

Fonte: Revista *Hiloea* (1971)



Figura 95: Atividades físicas com cavalo... O desenvolvimento de um corpo forte, saudável e destre fazia parte dos planos para a formação do homem idealizado pela instituição

Fonte: Revista *Hyloea* (1980)



Figura 96: Apresentação teatral – A parceria com instituições de ensino que visava a educação feminina garantia a convivência com meninas.

Fonte: Revista *Hyloea* (1980)



Figura 97: A escolha da rainha era uma festa esperada.

Fonte: Revista *Hiloea* (1971)



Figura 98: Alunos internos
 Fonte: Revista *Hyloea* (1979)



Figura 99: na sala da SEL havia jogos que ajudavam a passar o tempo
 Fonte: Revista *Hyloea* (1971)



Figura 100: Por vezes a saudade de casa, a melancolia, as preocupações ou simplesmente o cismar. De dentro do colégio que mais parece um forte, as janelas abrem o mundo.
 Fonte: Revista *Hyloea* (1972)

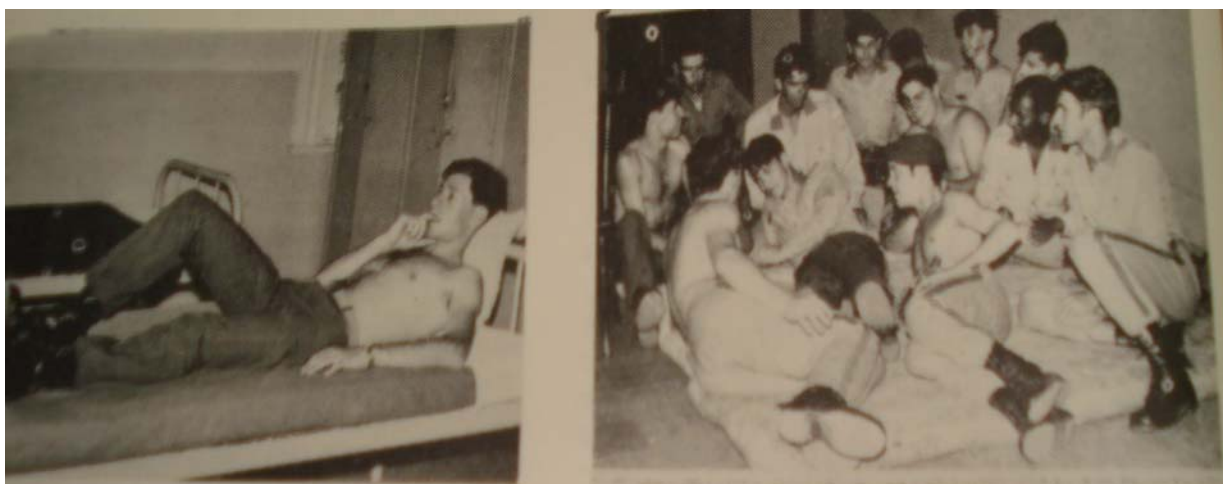


Figura 101: Alunos internos. Tinha colega que tinha máquina fotográfica e, quando tinha filme, fotografava a gente, tudo (LUÍS)

Fonte: Revista *Hiloea* (1971)



Figura 102: Internos formandos por internos formandos

Fonte: Revista *Hiloea* (1972)



Figura 103: Tem mulher nessa escola para homens, os relatos, a *Hyloea* e as fotografias são alguns documentos que atestam a presença feminina. Assim como nesta fotografia, em muitas outras, as mulheres fotografadas não estão identificadas.

Fonte: Revista *Hyloea* (1971)



Figura 104: Fotografia publicada na revista *Hyloea* de 1989. Tia Clara (de saia escura), a mulher ao lado é identificada como Dona Marília (até o momento não consegui saber mais sobre esta senhora).

4.2.2 Professoras, psicóloga, orientadora educacional

O ano de 1979 foi um ano de grandes debates no CMPA. Motivo? Mulheres. Elas já estavam na Biblioteca, na cozinha, estagiavam na SOE. Aparentemente, o Colégio já tinha resolvido a questão da ausência feminina no interior dos muros. O ideal feminino maternal estava presente com a Tia Clara.

Mas a tia Clara era a grande mãe dos internos, é quem cuidava de tudo para eles (CARLITOS).

A razão para tanta polêmica era a possibilidade da inscrição de mulheres para o concurso público para docentes, que ocorreu naquele ano.

A relação da mulher com a vida militar esteve por muito tempo associada a seu papel de esposa e aos constrangimentos que a profissão do marido pudesse causar a ela e à família. A mulher podia ser afetada pela vida militar, mas dela não fazia parte (D'ARAUJO, 2004, p.442).

Naquele ano, foram admitidas as cinco primeiras professoras⁷⁶. Interessante pensar a estranheza e o receio da inserção de mulheres na qualidade de docentes, haja vista que já havia trabalho feminino na escola. Neste sentido convém lembrar que existe, ainda que velada, uma hierarquia nos valores atribuídos a trabalhos e trabalhadores.

Até hoje a atenção dos pesquisadores e pesquisadoras não está sensibilizada para conhecer o ângulo através do qual os trabalhadores da escola compreendem a escola e o cotidiano escolar. Essa, ainda que inconsciente, seleção de olhares e vozes, reflete a hierarquia presente no dia-a-dia das instituições de ensino. Mesmo as trabalhadoras consideradas mais simples na organização escolar não se consideram vozes a serem ouvidas. “Como professora? A senhora quer ouvir meus pensamentos sobre os acontecimentos e o colégio? Sou uma mulher simples. Não acredito que minhas histórias podem interessar para o seu trabalho [...] Pôxa então eu vou contar. Para a senhora eu vou dizer. A professora aproveite o que puder; pois eu sou uma mulher simples” (IZA). Mulheres desempenhando funções vistas como subalternas ou auxiliares na administração, na nutrição e na limpeza não feriam o lugar “permitido” ao trabalho feminino e muitas estavam na ordem da invisibilidade social⁷⁷.

⁷⁶ Aliás, o grande conjunto de mudanças para as mulheres do Brasil veio a partir dos anos 1980: surgiram as primeiras delegacias voltadas para o atendimento a mulheres vítimas de violência, as escolas militares se abriram para elas, e aumentou a bancada feminina no Congresso Nacional – 5% para 8% nas eleições de 2002 (D'ARAUJO, 1999, p. 442)

⁷⁷ Sobre Invisibilidade Social, vide Costa (2004), Rodrigues (2007) e Bourdieu (1974 e 1997).

Na hierarquia escolar, os holofotes estão, geralmente, voltados para a direção, no caso de colégios militares para o comando, e para os professores. Estes últimos recebem as luzes e, de acordo com o contexto, os aplausos ou o ônus.

Raros são os discursos de formaturas nos quais encontramos referências e/ou agradecimentos aos “trabalhadores da educação”: porteiros, faxineiros, cozinheiros, bedéis. No caso do Colégio Militar, mesmo os monitores, se consideramos a presença constante e marcante no dia-a-dia escolar e na memória dos, agora, ex-alunos, percebemos que aparecem muito pouco.

Mulheres na cozinha, na limpeza, na organização de agendas e papéis, eram comuns no contexto social da época. A secretária era, no escritório, o apoio feminino para o homem. O ensino primário era domínio delas, mas a docência no ensino secundário ainda era para uma minoria.

Professoras em uma instituição militar, escola masculina, recebendo salário equiparado ao de oficial de Exército com patente de capitão⁷⁸ era uma novidade.

O Anuário do Conselho de Ensino, do ano de 1980, revela que não houve consenso sobre o ingresso feminino no Colégio Militar na qualidade de docentes.

Alguns homens se mostraram indiferentes à presença feminina, outros reagiram apresentando argumentos – todos dissolúveis na palma da mão – e, finalmente, um terceiro grupo foi francamente favorável. (1980, p.61)

O mesmo documento elogia o desempenho feminino, durante o ano letivo de 1980, e revela “qualidades femininas” consideradas como ganho para a escola:

o desempenho é muito bom. Diversas atividades, que contam com a paciência e o carinho feminino, estão se desenvolvendo. Quem ganha com isso é o aluno.

Estas e outras qualidades, como fragilidade⁷⁹, pendor para trabalhos manuais, atribuídas às mulheres, resguardaram aos homens a instância do poder decisório. Pois se elas vieram contribuir com características que, em tese, não eram próprias daquele corpo docente

⁷⁸ Mais tarde a remuneração dos professores civis passou a ser regida pelo MEC.

⁷⁹ “Com base em ampla experiência de entrevistas com militares que ocuparam as principais posições de comando militar no Brasil [...], podemos inferir a percepção que as autoridades militares brasileiras têm da participação feminina e dos homossexuais nos quartéis, bem como as identidades de gênero construídas a partir daí. Podemos verificar também que, em escolas distintas, essa percepção pouco difere da discussão internacional sobre o tema. As mulheres são consideradas, em geral, seres que precisam ser protegidos, dentro e fora dos quartéis” (D’ARAÚJO, 2004, p.444).

masculino, eles, numa ótica “masculinizante”, detinham os elementos tidos como masculinos, entre estes, a liderança.

Historiadoras se dão conta de que é necessário introduzir na história global a dimensão da relação entre os sexos, com a certeza de que esta relação não é um fato natural, mas uma relação social construída e incessantemente remodelada, efeito e motor da dinâmica social. Relação que produz saberes e categoria de análise que permite reescrever a história, levando em consideração o conjunto das relações humanas: uma história que interroga o conjunto da sociedade (COLLING, 2004, p.17).

Ainda no mesmo documento há a informação da ausência de candidatas para os concursos das disciplinas de Matemática, Física e Química. Foram aprovadas professoras para Comunicação e Expressão, História, Geografia e Ciências. Matérias vistas como de menor relevância pela Instituição, embora esta posição ocupe a ordem do não dito.

As candidatas se inclinam para o ensino da Comunicação e Expressão, História, Geografia e Ciências. Não houve inscrição para Matemática, Física ou Química. Que importa? Aquelas estão também no currículo!

Os ex-alunos não relataram sentir diferença entre os professores homens e mulheres. Para o aluno ficou o sentimento de hierarquia; o que de alguma forma não se aplicava às estagiárias de Psicologia.

A relação [com professores homens e professoras mulheres] era a mesma. A única coisa que me lembro é quando chegavam as estagiárias da SOE. Aí, todos os meninos ficavam com problemas e queriam ir para a SOE, para ver as estagiárias. Na época, ainda não tinha mulheres aqui dentro, eram poucas e ainda por cima eram professoras (CARLITO)

As estagiárias recebiam bilhetes apaixonados dos alunos. Recebiam também elogios e declaração de alguns militares. Eram jovens, bonitas (ANGÉLICA).

Ricardo, que estudava há mais tempo no Colégio que Carlito e estava em série de meninos maiores e com longo tempo de aulas ministradas somente por homens, comentou, inicialmente, que o ingresso das professoras foi tranquilo; porém, após algum tempo retificou sua opinião:

É agora falando nisso, acho que não foi tão fácil não. No início algumas sofriam com a questão de tentar manter a ordem. A turma demorava a se recompor, mas eu acho que era uma característica de cada professora. Algumas logo... Tinha professoras que era tranquilo, como qualquer professor, e outras... Talvez algumas professoras tivessem se perdido no início. Não sei o nome de uma das professoras, ela sofria muito no início (CACO).

Mulheres como professoras, em uma posição hierárquica não maternal, também era novidade para os garotos. A lembrança e o relacionamento com professoras estavam no passado, nos tempos das escolas primárias.

Enquanto meninos, buscando burlar o estabelecido pelo disciplinar, os alunos testavam os limites dos novos professores. Em relação às professoras contavam com a maneira como, no imaginário, caracterizavam o feminino. Apostavam nas fragilidades atribuídas às mulheres, entre elas a maior paciência e tolerância com suas indisciplinas e artes. Para Colling (2004, p.25):

Homens e mulheres constituem-se em uma estratégia de poder. Os homens definem-se e constroem a mulher como o Outro, a partir deles mesmos, ocupam um lugar de poder e o exercem não somente em relação à mulher, mas também em relação aos demais seres masculinos que não se ajustam a seu arquétipo. O lugar que ocupa o feminino, nesta relação hierarquizada, pode também ser ocupado por um homem.

As professoras, ainda recém-chegadas no ambiente escolar do CMPA, aprendendo a andar neste mundo masculino e sem a ciência total dos mecanismos de controle e rituais próprios deste educandário, estavam vulneráveis e tinham urgência em se adaptar.

As trajetórias escolares e as memórias de formação são lugares privilegiados de construção do entendimento. São experiências intensas de exposição e autoconhecimento, de descoberta dos laços entre a memória pessoal e social. (NUNES, 2003)

Uma característica comum às narrativas dessas mulheres, primeiras professoras do CMPA, é o processo de contar, recortado e reelaborado, em momentos posteriores. Muitas coisas estavam no baú do ordenamento para esquecer e, várias outras, sentidas, mas, até hoje, não totalmente entendidas. As narrativas foram construídas devagar, com muitas idas e vindas. A narrativa é sempre um processo político e, parafraseando Éclea Bosi (1983, p.1), “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”.

Valéria nos relata a necessidade inicial que sentiu de se impor, para enfrentar o espaço eminentemente masculino:

Imagina, eu 25 anos mais nova! Não havia sorriso, brincadeira. Entrava em sala séria, polida, educada, mas séria. Ministrava minha aula. Eu sabia onde estava pisando, sou uma profissional, precisava trabalhar, tinha que me colocar como tal.

É ainda Valéria quem narra como utilizar o próprio referencial feminino circulante no masculino desta instituição moldada nos parâmetros positivistas, para adentrar na escola:

Eu estava dando aula, explicando o conteúdo. Quando vi, alguns guris faziam comentários e olhavam para dentro das calças. Pensei em como agir. Dar parte, levantar a questão em público não era o melhor... Tinha que resolver eu com os garotos. Passei a aula como se não estivesse notando nada. Quando bateu o sinal, os alunos se levantaram e eu chamei: – Vocês venham aqui! Coloquei, sem rodeios, séria, o que tinha visto. Eles, alunos, sabe como é, deram desculpas: ‘Um estava de cueca vermelha e.’ Perguntei se era desta forma que gostariam que agissem com a mãe ou as irmãs deles, caso elas fossem professoras no Colégio. Afinal poderiam vir a ser, já que o Colégio agora permitia que mulheres participassem dos concursos. Perguntei se não sabiam que eu também era mãe e irmã. Acabou ali o problema, ficaram vermelhos, envergonhados pediram desculpas.

Atena ingressou , em junho de 1980, pouco depois das primeiras professoras. Ela revela como e porque veio trabalhar no Colégio e seus receios:

Fiz concurso para o INSS, [...] e fui chamada para o Exército. Não queria vir. [...] A vida faz surpresas... De início fiquei apavorada, havia dois desconhecimentos: em relação a militares e em relação à escola.

Professoras que ingressaram, no primeiro e no segundo concurso 1979 e 1982, recordam que, apesar de decidirem concorrer para lecionar no Colégio, não sabiam o ambiente que iriam encontrar⁸⁰. As razões para o ingresso estão na necessidade de trabalho e no salário oferecido⁸¹.

O fato de ter poucas mulheres não me assustou porque o tratamento era muito respeitoso até protetor. [...] Quanto aos militares, assustavam-me um pouco, tinha uma fantasia de repressão que depois não senti muito. As características da instituição, também me assustavam um pouco [ATENA].

Naquela época o magistério, a gente ganhava muito pouco. Cobrador de ônibus ganha muito pouco, ainda ganha muito pouco, ganhava mais que professor, ainda ganha né [risos]. Era ainda o governo militar, 79, eu ainda me lembro que as professoras foram as primeiras a fazer uma greve ainda na época da revolução, corajosas, corajosas, corajosas... Elas diziam “a gente ganha menos que um cobrador de ônibus”. Eu estava no laboratório ainda escrevendo a minha tese e o José Bento, um colega que já tinha feito doutorado [...]. Ele chegou dizendo vai ter concurso para o Colégio Militar, vai ter concurso, porque tu não te inscreves. Eu nem sabia bem o que o Colégio Militar, via os meninos com aquela boininha vermelha. Eu disse, mas... Mas ele disse faz, faz, mulher pode fazer. Foi o primeiro ano, né? 79. Faz, faz é salário de capitão. E era, realmente, um salário muito, muito bom. Aí, ele

⁸⁰ O receio estava relacionado ao fato de ser uma escola vista na sociedade como típica de homens e também havia um cuidado devido ao período político da época: o general Figueiredo assumiu o governo em março de 1979 e prosseguiu o processo de abertura iniciado pelo governo Geisel.

⁸¹ Durante o ano de 1978 aconteceram mobilizações de professores em diversos estados objetivando a recuperação das perdas salariais. Nas narrativas das primeiras professoras a questão salarial aparece como grande motivadora para a decisão de trabalhar no CMPA e o lecionar em uma escola militar como algo ponderado.

me instruiu, não me lembro mais. Não sei se eu fui lá, se tinha saído no jornal. Não me lembro. [...] Fui para a praia e levei uma livraiada para estudar e deixei uma colega [...] para me avisar da data das provas. Mas eu passei toda folguinha estudando. Estudava, estudava, estudava, estudei horrores. Inclusive o que eu mais estudei não caiu nada, fiquei com uma raiva [risos] (YOLE).

Valéria comenta que, em 1979, ficou sabendo e pensou na possibilidade de realizar as provas, mas concluiu que talvez não fosse interessante trabalhar no Colégio. Ela relaciona o desejo do filho de estudar no CMPA, com a decisão de prestar o segundo concurso.

Então eu decidi agora vou fazer. Vou fazer e fiz. E foi uma coisa super rápida, trinta dias... Só sei que o resultado foi a vinte e nove de abril, foi publicado o resultado e em primeiro de agosto já me inclui (VALÉRIA).

Podemos resumir na fala de Luca, as percepções discentes (anos 70 e 80) acerca da presença feminina e do trabalho feminino no CMPA:

Praticamente não existia integrante feminina. Eram 2 ou 3 professores, as cozinheiras do rancho e as orientadoras da SOE. A Dona Clara era a presença feminina mais forte, mãezona da garotada e conhecida e reconhecida pela maioria dos alunos. Não existia aluna no CMPA. Outro fato interessante é que não víamos mães no interior do CMPA. A figura feminina era muito rara no colégio.

A mulher enquanto profissional nesse educandário é um aspecto que não é claro para muitas dessas primeiras professoras. É Atena quem auxilia a pensar nesta questão:

As professoras adoravam trabalhar aqui, é que se sentiam meio protegidas e muito respeitadas como pessoas. [E como profissional?] Como profissional não havia relatos. Acho que não tinham a visão de que a proteção era também uma desconfiança de fragilidade.

Apesar de ser recorrente o louvor ao respeito, à atenção e ao cuidado dos colegas e superiores homens, militares e civis, para com as professoras. As sucessivas narrativas e/ou a reelaboração das falas revelam que, pelo menos, para as mulheres que ingressaram nos anos de 79 e 82, o ambiente não foi “tão cortês,” como pode sugerir uma escuta não reflexiva e/ou rápida⁸².

Uma professora lá do PIO XII, era esposa de um professor civil, porque homem já tinha a tempo lá. Então ela disse: “Yole, o meu marido diz que ninguém quer mulher lá. Só tu que eles estão mais ou menos respeitando porque fizeste uma excelente prova”. Eu também era mais velha que as outras, 42 anos, a Anália acho que tinha uns 22 anos, eram novinhas. “Então eles estão respeitando”... A maioria não queria mulher lá (YOLE).

⁸² Relações de gênero permeiam a organização social e sexual do trabalho e são relações de poder.

As características da instituição, também me assustavam um pouco [...] A superproteção é um tipo de rejeição, por causa do contexto social da mulher, daquela época. O bom é que esse pensamento aqui era explícito. O pior é quando esses sentimentos não estão às claras. Senti que preferiam um homem ou uma pessoa mais velha. E isso foi verbalizado. [pausa] Tinha 29 anos. Foi verbalizado pelo chefe da seção, que era um major... ele imaginava que eu era ainda mais nova do que realmente era (ATENA).

Através das narrativas compreendo que o autor do texto versando sobre as resistências ao ingresso feminino tinha real clareza do seu universo. Os “francamente favoráveis” atuaram, também, na lembrança das professoras como “defensores” e/ou “protetores”.

Alguns foram companheiros, tornaram, ao longo do tempo, grandes amigos (VALÉRIA).

Quando eu cheguei, os outros aprovados já eram horistas na escola, me falaram que eu ia para a quinta-série. Eu disse: tá. O colega, que já trabalhava a mais tempo no colégio, falou: “porque a 5ª. Série para ela, ela tirou o primeiro lugar,... ela tem direito de escolher a série antes dos outros aprovados (YOLE).

“Indiferentes ou contrários” muitas vezes, também, tiveram uma postura protetora, mas por considerarem as colegas frágeis e /ou sem qualificações profissionais adequadas. Do mesmo modo há recordações de atitudes claramente ou sutilmente hostis:

Quando eu voltei fui tirar o casaco, ouvi um barulho, quando vi tinha pregado atrás, com dois alfinetes, um papel mais ou menos desse tamanho assim [índica com as mãos] escrito com letra cursiva, uma letra linda, “*SOU LINDA*” bem grande. Eu saí com aquilo na rua. Eu achei assim uma coisa tão... de tão mau gosto. Eu fiquei furiosa! Naquela época não tinha xerox. Uma pessoa tinha uma letra que podia ser facilmente identificável. Eu tão boca morta, naquela época não tinha a experiência que tenho agora, porque senão não teria entregue aquele papel. [...] Aí que raiva que me deu! Aí, eu peguei aquele cartaz e o comandante estava conversando com o diretor de ensino e eu fui e disse assim, assim. O comandante disse: “puxa mas que brincadeira de mau gosto, mas eu vou investigar. A senhora me dê aqui” Ai...pena que eu entreguei porque depois eu me arrependi tanto. Aí o outro disse: “professora o seu marido é ciumento?”. Até é, mas eu disse: não. “Ah porque senão eu ia lhe pedir, é bom a senhora nem contar isso pra ele, senão ele vai dizer mais em que meio a minha mulher foi se meter. É uma brincadeira de mau gosto. A gente não sabe quem foi. A senhora não desconfia de alguém? Deve ter sido algum professor civil, algum colega seu. Eu disse: eu não desconfio de ninguém, como é que eu vou saber. Bom ai passou, a gente foi adquirindo muita amizade, eu sempre fui muito respeitada (YOLE).

Nas reuniões... acontecia, em alguns casos, assim de polidamente desconsiderarem as opiniões ou sugestões das mulheres (ANGÉLICA).

Yole e o colega fizeram as provas e foram aprovados. Segundo Yole, a prova escrita foi muito longa, difícil e impossível de ser concluída no tempo previsto pela organização do concurso. Ela atribui ter passado em primeiro lugar e com nota muito superior a dos outros

aprovados à decisão de escrever, pelo menos um pouco, em cada questão e não deixar nenhuma sem fazer, mesmo prejudicando o desenvolvimento daquelas que focalizavam conhecimentos nos quais era expert.

Havia pouquíssimas mulheres realizando provas. Quando saiu o resultado da prova escrita foi sorteado o tema para a prova didática. Essa prova consistia em ministrar uma aula de 45 minutos sobre o tema sorteado. Todos tiveram o prazo de 24 horas para preparem a aula.

Era um tema sobre o qual não se tinha muita bibliografia. Os livros de ensino médio traziam pouca coisa sobre o assunto, insuficiente para preencher um tempo de 45 minutos. [...] Pensei. O que me deixa segura? Dominar bem o assunto. Então fui até uma livraria, uma livraria boa que tinha aqui em Porto Alegre. Achei uns livros em inglês e espanhol. [...] Comprei dois livros. Usei um exemplo, estudo de caso, para ilustrar a aula. Fiz uma aula, plano de aula, introdução ao assunto, questionamentos e planejei exercícios para casa. [...] e fui super bem. Tirei o primeiro lugar, Tirei dez nessa aula. Fui a única mulher que passou [...] Daí fui contratada (YOLE).

Apesar de aprovada, Yole, anos mais tarde, descobriu, devido a um incidente, que não era para ser aceita:

Tem uma coisa que nunca falei. Mas vou lhe confessar. Pensei em contar para o [cita o nome do amigo] o que você acha? Posso confiar? [...] Vou lhe contar. Já fazia alguns anos que eu trabalhava no colégio, quando houve uma visita do General Figueiredo ao colégio e [narra o acontecido com o único militar, um general, que esteve presente em sua banca examinadora]. Ele ficou muito chateado, muito desiludido e acabou no meio do desabafo revelando a colegas: [...] “Sabe o que me disseram? Para reprovar a sua colega! Como reprovar se ela foi brilhante?” Aí, o Manoel, na primeira reunião, disse: sabe o que o general nos falou? E aquela mulher era eu. Acho que isso, o ocorrido com o general aconteceu para eu ficar sabendo. Já simpatizava com ele. Depois disso passei a gostar mais.

Yole também comenta a admissão da colega Valéria, no segundo concurso a admitir mulheres:

Sabe que tem uma coisa que eu quero contar para Valéria, acho que nunca contei. Quando ela passou pela banca para a prova didática, o coronel chefe da seção dela comentou comigo: sabe que hoje uma moça de pele escura deu uma aula excelente, foi a melhor candidata. Acho que teremos mais uma mulher no colégio.

As lembranças de Yole nos levam a pensar o processo seletivo. A exclusão e a seleção já começavam no ato da inscrição:

Agora lembrei! Eles me falaram tem que fazer isso, isso, uma burocracia. E tinha que trazer duas cartas de recomendações de militares! Eu não tinha um conhecido militar! Aí uma prima tinha um conhecido e arrumou uma e um cunhado do meu marido era alfaiate do Exército e falou: eu vou falar lá com os coronéis. Ai eu fui lá

e um lá falou: olha mais a coisa lá não é bem assim, é coisa de... Eu disse: bom, mas vou ter que me sujeitar (YOLE).

Valéria afirma que quando entrou, no segundo concurso, a resistência ao ingresso de mulheres na qualidade de docentes havia diminuído e que se lembra de serem tratadas com deferência: “lógico, socialmente nós éramos mulheres, mas como profissionais era igual. Não lembro de nada... diferente”. Porém, é Valéria quem, também, pondera:

Quando eu entrei, a gente sabia que existiam esses grupos entre os oficiais [a favor e contra o ingresso das professoras]. Por exemplo, na minha banca tinham a opção de escolher outros candidatos, candidatos homens, e não o fizeram. Por quê? Por que as mulheres aprovadas foram muito bem colocadas. Então existiu essa transparência. Acho que o concurso, a nossa classificação, era impossível impedir a nossa presença lá dentro. Mas agora, eu sei que, no primeiro grupo, onde entrou Yole, existia essa restrição à entrada das mulheres. Isso foi falado, foi discutido e a gente sabia, fulano, fulano e fulano não queria deixar entrar mulher na escola. Houve isso aí.

Em uma sociedade ainda patriarcal, se considerarmos que as políticas públicas até bem pouco tempo tinham como público-alvo “a família institucionalmente constituída em torno do *chefe de família* – única autoridade reconhecida e incontestada, único representante das necessidades e das exigências de todos os familiares” (GIULANI, 2002, p.642), é fácil entender a presença de tensões no interior das relações de trabalho, pois implica nos conceitos de *feminilidade* e *masculinidade* construídos⁸³ ao longo de várias gerações. Por outro lado, a questão vai além da simples inserção da mulher em espaços de trabalho considerados antes como masculinos. Esta inserção não garante uma relação de acolhimento à mulher, pois “o simples acesso [instituições, cargos, profissões] pode tornar as mulheres iguais aos homens, mas num mundo ainda *definido* pelos homens” (SILVA, 2005, p.93). “As forças armadas não são instituições isoladas da sociedade” (D’ARAÚJO, 2004, p.440) e o trabalho feminino não é tema que esgota em si mesmo, pois é gerado e gera alterações nos modelos familiares e nas relações de poder social e econômico.

Os candidatos aprovados eram investigados. Verificavam se havia algo que na visão institucional desabonasse o sujeito. “Eles fizeram um levantamento de todos nós” (YOLE).

A instituição estava alerta aos seus docentes. Não bastava ingressar para trabalhar nesta escola. Era necessário se adequar ao seu ritmo e visão de mundo. Segundo Yole, os professores que entraram com ela, principalmente as poucas professoras, estranharam o início.

⁸³ Para renovar o conceito de *feminilidade*, é indispensável renovar também outro conceito, o de *masculinidade* (GIULANI, 2002, p.651)

Aí eles fizeram uma reunião conosco [...]. Disse que a gente tomasse muito cuidado com o modo que a gente andasse lá, ele não disse espionado, que a gente seria muito observado em tudo que a gente fizesse lá e tudo que a gente fizesse de errado fora das normas deles, do regimento deles, nós seríamos anotados. Aí o professor Gil estava de jeans e ele disse: “porque não pensem que aqui vão usar brim, vão usar jeans, porque aqui nós não queremos ninguém de jeans. que não pensem que aqui vocês vão usar jeans” e falou horrores. Quando nos saímos, eu olhei para Laísa e ela disse: “a nossa barra aqui tá preta. Tá pesada”. Ficou apavorada (YOLE).

O vestuário dos professores, em especial o vestuário das professoras, foi alvo de preocupação. Yole relembra que de início sofreu um pouco com as exigências:

Ainda tem uma malharia ali na esquina da Vieira de Castro? Eu tinha ido encomendar um conjunto de malha porque naquela época exigiam que a gente andasse muito bem arrumada. Mas já havia alguns meses porque eu já havia recebido. Já estava comprando roupa. [...] Ah... antes de te contar isso, eu vou te contar: eu andava muito simples também porque eu não tinha dinheiro, eu me sinto bem assim, também pela minha origem, eu nunca tive muito [...] por fim quando nova eu abafei a minha vaidade e depois eu não sentia necessidade [...].

Valéria recorda que algumas “normas” não eram ditas, mas estavam, de alguma forma, explícitas. Assim, dificilmente alguma professora trajava uma calça comprida. A saia era considerada mais apropriada tanto pela elegância quanto pelo “revelar menos”. Saltos, sapatos fechados, conjuntos elegantes definiam, de início, um estilo aprovado. Mas persistia uma idéia de controle do vestir, de uma padronização:

Chegaram uma vez até a desenhar um terninho e sapato de salto para se dar aula o dia todo. Já imaginou? A Angélica até que tava desenhando. E eu não sei se ia ser para todo Brasil ou só para nós. E eu não sei por que que caiu, Mas as mulheres no colégio, até bem pouco tempo, andavam chiques! Eu me lembro da Maria sempre com aquele saltinho alto. Eram todas bem arrumadas, chiques, novas, elegantes. Geralmente de saia, usava pouca calça. Saia boa. Eu tenho um monte de saias [risos]. E só comparava em loja muito boa que era a Lira, a Elegância, a Chapelaria Européia. Eu só comprava em saldo, ponta de estoque, nos finais de estação, né? [risos]. A gente usava também muito terninho de lã (YOLE).

Angélica explica que a idéia não vingou porque acharam que não haveria como o civil adotar uma postura militar no trato e uso do uniforme e na postura corporal. Uma hipótese são os custos ou providências administrativas e econômicas que uma definição de uniforme poderia acarretar para a instituição. Permaneceu a regulação direta ou indireta sobre o vestuário e apresentação individual.

Com o sexo feminino oculto pela linguagem, com o corpo feminino oculto pelo avental, com seu estado de casada oculto pela “senhorita” com sua sexualidade adulta desmentida [...] Transversalizada por qual ideologia estará o ensino da escrita das palavras? O ensino sobre o que é homem e o que é mulher não consta no

currículo da escola, mas o ocultamento, a desmentida, a omissão da identidade, penetram através do não-dito (FERNÁNDEZ, 2001, p.11).

O uniforme não vingou, mas a intenção não deixou de existir. A solução veio com a adoção do avental ou jaleco branco, uniforme que nos acompanha até hoje. O jaleco branco resolveu a questão do corpo feminino e mais do que isso “uniformizou” corpos masculinos e femininos. Vestidos de jalecos seríamos professores, em tese, homogeneizados pela peça sobre o vestuário e pela linguagem.

Foi assim numa reunião comunicaram que teríamos que utilizar jalecos brancos, no modelo estipulado. Foi comunicado e só. No discurso do general só havia as lembranças das perturbações à aprendizagem que poderia acarretar ao aluno a contemplação da professora. O aluno deveria se concentra só na matéria, não na roupa, nas jóias. E assim foi instituído o jaleco. Os homens professores, civis e militares, ficaram furiosos e diziam, uns brincando outros nem tanto, olha só o que a entrada das mulheres fez (VALÉRIA).

De inicio todos os jalecos eram iguais, mesmo tecido, mesma costureira. Eu e mais um questionamos que em Brasília o clima não impedia o uso do jaleco, mas aqui com o frio, como colocar o jaleco sobre blusões de lã. Recebemos a missão de providenciar o jaleco: pesquisar modelos, tecidos, custos. Mas o Comandante pegou o modelo e foi colocando o queria: bolso aqui, aba ali, comprimento. Hoje a gente vê variações nos jalecos: comprimentos, modelos, tecidos. A Cândida, por exemplo, usa mais acinturado, antes não, era tudo igual (ANGÉLICA).

A entrada das mulheres enquanto trabalhadora nessa escola masculina trouxe para o interior desse educandário sentimentos e atitudes que antes estavam restritos ao mundo além dos muros do Casarão. Nas narrativas que contribuíram com este trabalho, o relacionamento aparece na forma da amizade entre colegas de trabalho e, neste sentido, engloba tanto o valor dessa quanto os boatos construídos em cima da amizade entre colegas de trabalho de sexos diferentes:

No início, conversar muito tempo no pátio com um colega e de forma freqüente levantava suspeitas, alimentava boatos, Sei que me atribuíram pelo menos três amantes. Mas a gente não podia se importar (ANGÉLICA)

Fiz e tenho grandes amigos aqui. Isso é muito importante (VALÉRIA)

Algumas mulheres ouvidas recordaram assédios, os quais ocorreram na maioria das vezes de forma indireta. Essa situação dificultava a reação, a qual consistia no “exercício não entendimento”. Mas existiram, também, paixões que incomodaram e constrangeram:

A Anália, por exemplo, tinha um lá [...] saía atrás dela, telefonava, seguia. Olha e não adiantava ela pedir para parar. Incomodou! (YOLE).

Um exemplo a gente estava tratando de algum assunto e como aconteceu, o fulano parou e como se eu nada estivesse dizendo e falou mais ou menos assim: “esse perfume é delicioso, imagina o que usa em uma noite especial”. Respondi que o meu marido me presenteava com perfumes sempre muito caros (ANGÉLICA).

A maioria era aquela coisa bem discreta se colasse, colou [risos] (ANGÉLICA).

Amores também surgiram e alguns casais de hoje se conheceram trabalhando no Casarão da Várzea.

A estrutura do Colégio pouco foi alterada para receber as professoras, segundo Yole: “um banheiro foi disponibilizado para nós, era bem pequeno, também, éramos tão poucas”.

O ingresso das professoras, psicólogas e orientadoras educacionais, por muito tempo, representou o limite da inserção feminina nos domínios do Casarão. Porém, meninas estavam a caminho dos Colégios Militares.

As mulheres, nas salas de aulas brasileiras e nos outros espaços sociais, viveram, com homens, crianças e outras mulheres, diferentes e intrincadas relações, nas quais sofreram e exerceram poder. Pensá-las apenas como subjugadas talvez empobreça demasiadamente sua história, uma vez que, mesmo nos momentos e nas situações em que mais se pretendeu silenciá-las e submetê-las, elas também foram capazes de engendrar discursos discordantes, construir resistências, subverter comportamentos (LOURO, 2002, p.479).



Figura 105: Desenho de aluno publicado na *Hyloea* de 1989. A imagem mostra professores da seção de ensino que agrupava professores de História e Geografia.

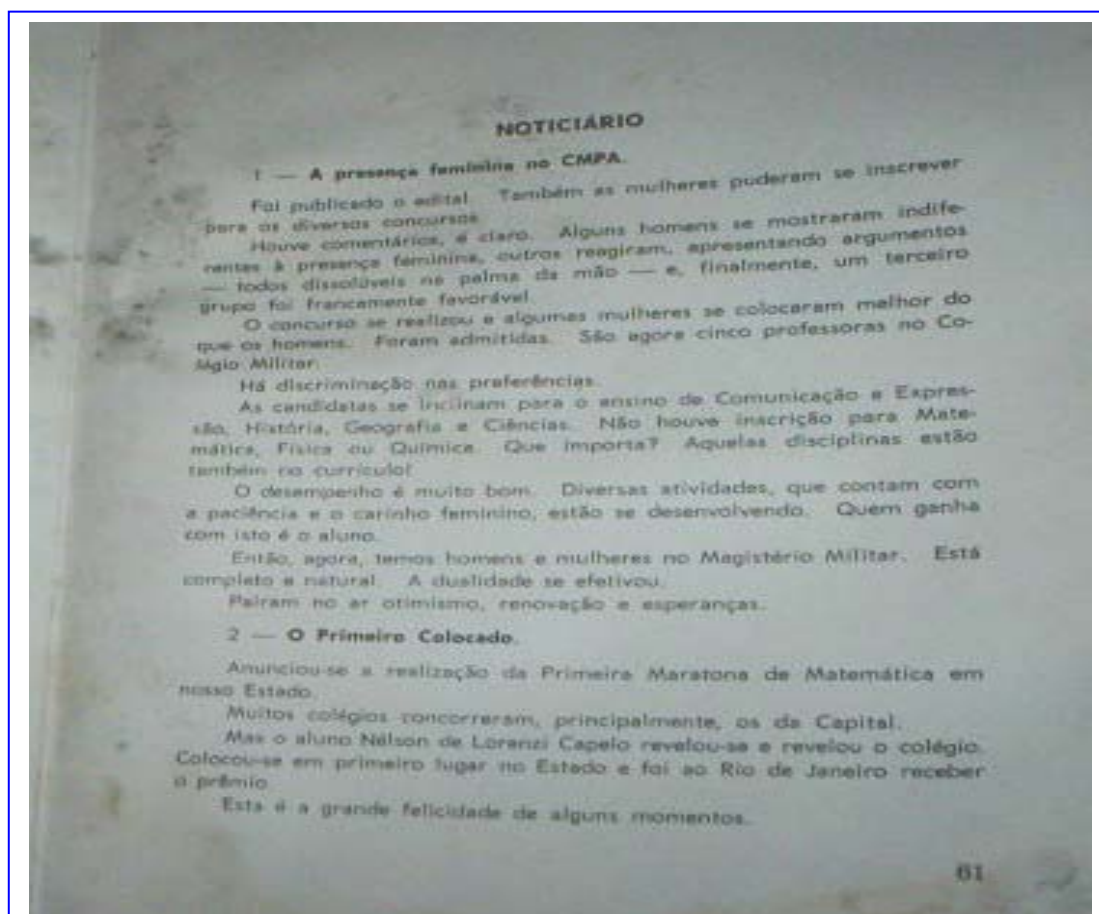


Figura 106: Página do Anuário do Conselho de Ensino do ano de 1980

4.3 TEM ALUNA NO CASARÃO DA VÁRZEA

“Os espaços militares e esportivos eram os mais masculinos de todos. Qualquer mulher que se aproxima de uma caserna é suspeita. [...] Ao passo que o desfile militar, do qual as mulheres são expectadoras, inscreve na cidade a marcha da virilidade triunfante”. Esta fala de Michelle Perrot (2005, p.353) ilustra o abismo que havia entre as mulheres e o trabalho na caserna ou os bancos escolares das instituições de ensino militar. O fosso que as separava do ambiente militar era profundo, tanto pela visão dos que pertenciam aos quadros militares quanto pela ótica da sociedade civil.

A incorporação de mulheres às Forças Armadas corresponde, “na pós-modernidade, ao processo de democratização das sociedades e à expansão dos direitos de igualdade entre etnias, crenças, sexos e gêneros” (D’ARAUJO, 2004, p.440).

A relação da mulher com a vida militar esteve por muito tempo associada a seu papel de esposa e aos constrangimentos que a profissão do marido pudesse causar a ela e à família. A mulher podia ser afetada pela vida militar, mas dela não fazia parte. Essa idéia sobre as mulheres e as Forças Armadas começou a mudar à medida que foram emergindo novos direitos, entre eles o de a mulher poder escolher profissões tradicionalmente tidas como masculinas (D’ARAUJO, 2004, p.442).

Durante a década de 1980, as mulheres tiveram acesso à caserna⁸⁴. A Marinha criou em 1980, o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva visando atender as áreas técnicas e administrativas, sendo que em 1998 este Corpo foi extinto, mas a participação feminina foi estendida aos corpos de engenheiro e intendentes, quadros médicos de cirurgiões-dentistas e quadros de apoio. A Aeronáutica aceitou o ingresso feminino na Força Aérea Brasileira (FAB) em 1982, e no ano de 1996, as mulheres foram aceitas como alunas na Academia da Força Aérea (AFA). O Exército só aceitou mulheres em suas fileiras a partir do ano de 1992, quando 29 mulheres ingressaram na Escola de Administração do Exército (EsAEx) em Salvador.

As garotas do Colégio Militar são pioneiras no ambiente militar, do Exército, e na prática da ordem unida, haja vista que são anteriores às primeiras mulheres adultas.

Se o ingresso das primeiras professoras representou um espaço de grande tensão, mas sem alterar o funcionamento da escola; o mesmo, não podemos dizer sobre ingresso das meninas.

As garotas, na qualidade de alunas, implicaram alterações nos espaços escolares, nas relações aluno/professor, nas atividades, nos uniformes. A impressão de muitos era a de que

⁸⁴ Sobre mulheres e forças armadas ver D’Araujo, (2004) e Snyder (1999).

as meninas provocariam a descaracterização do educandário, e, mesmo, antes das primeiras estudantes transporem o portão do Casarão já havia quem alardeasse que elas provocariam a queda do nível de ensino no colégio militar. Mas, pelo menos neste quesito, as gurias foram rápidas e pródigas: por anos o posto de coronel-aluno foi ocupado por uma “coronela”.

A equipe da SOE, nós, sempre achávamos importante a presença de meninas, mas havia na instituição uma idéia de que as meninas viriam estragar a disciplina, criar problemas e dificuldades. Tipo assim: namoros, gravidez... A última força a admitir meninas foi o Exército (ATENA).

A razão atribuída para a permissão ao ingresso de meninas na qualidade de alunas foi a pressão de militares, pais de meninas, que desejavam poder possibilitar para as suas filhas um ensino de boa qualidade a um custo acessível. Atena que participou do estudo para verificar a possibilidade ou não da inserção de gurias nos colégios militares, lembra:

Só uns seis anos depois [do ingresso de Atena ou seja 1986] começaram as discussões sobre o ingresso das meninas. Foi pressionado pelos pais que tinham filhas mulheres. Em 88 solicitaram esse trabalho [estudo] e em 89 vieram as meninas. Os militares de carreira eram, geralmente, pais transferidos de quatro em quatro anos e com dificuldades para o ingresso das meninas em boas escolas

Angélica lembra a primeira vez em que foi cogitada a entrada das meninas:

eu estava em Brasília e fui convocada para fazer parte da equipe para estudar o ingresso das meninas. Eu era a única mulher no grupo. Fui encarregada de desenhar e pesquisar uma idéia de uniforme para garotas – pena que não tenho mais os desenhos, será que ainda tenho alguma coisa – desenhei a fardinha bem com é a de hoje. Achei melhor não inventar muito e tomei base nas fardas dos guris. Quando o general, o general de exército..., quando o general viu, disse: aqui não vai entrar mulher nenhuma!

Ainda hoje é atribuída às meninas alteração em características tidas como caras aos ex-alunos como o “espírito de corpo”:

Na época se a gente fazia alguma coisa, ninguém entregava ninguém. Uma vez... vamos ver um caso, alguém faz alguma coisa para um dos professores, o sujeito não se acusa, o comandante vem com o monitor, quer saber quem fez determinada coisa; ninguém falava, marchando uma tarde, mas ninguém falava. Quando a coisa passava dos limites, quando era muito forte, ou quando a gente recebia um castigo que era muito exaustivo, é claro que ninguém falava, mas fazia cm que o sujeito se acusasse e assumisse. Hoje em dia não é mais assim, claro é outra época, a presença feminina descaracterizou isso (CACO).

Na percepção desta pesquisa, o chamado “espírito de corpo” ainda existe na escola e envolve, indistintamente, meninos e meninas.

A pesquisa realizada na comunidade escolar durante o ano de 1987 revela que, embora os contrários ao ingresso feminino parecessem ser maioria, eram na verdade grandes defensores do seu ponto de vista, pois numericamente representavam a minoria, pelo menos entre alunos e professores:

	NÃO GOSTARIA DA ENTRADA DE MENINAS NO CMPA	SIM GOSTARIA DA ENTRADA DE MENINAS NO CMPA	NÃO SABEM
Alunos	25%	75%	*****
Professores	10,7%	78,57%	10,73%

Quadro 5: Favorável ou contra o ingresso das meninas

Os alunos ouvidos, contrários ao ingresso das meninas, ao justificarem as suas posições reproduziram representações e idéias sobre o feminino, como: fragilidade. Interessante notar que da mesma forma que alunos “contras” alegaram a impossibilidade de as meninas acompanharem o ritmo de ordem unida e atividades físicas do Colégio, alunos “favoráveis” enxergaram uma chance de possibilitar o ingresso das mulheres no Exército. Enquanto “contras” sentiram receio de perder a liberdade de falar e se comportar, afinal diante de meninas havia todo um *bom tom* a ser observado, os “favoráveis” enxergaram uma melhoria no ambiente e até na disciplina. Enquanto alguns valorizavam as tradições e os rituais típicos do Colégio Militar, outros ansiavam por tornar este espaço semelhante às demais escolas.

Contrários ao ingresso das meninas	Favoráveis ao ingresso das meninas
Quebra da tradição.	O CMPA ficará como os demais colégios.
CMPA não está preparado, teria que modificar os métodos.	Haverá surgimento de novas opiniões e melhoria da disciplina.
Maior perda da liberdade.	Haverá maior entrosamento, melhor ambiente.
Meninas não acompanharão o ritmo do CMPA	Proporcionará o ingresso de mulheres no Exército
Terá que haver muita mudança	*****

Quadro 6: Justificativas apresentadas pelos alunos

A maioria dos professores civis e militares tinha experiência em lecionar para turmas mistas em outros colégios da cidade. Os “contrários professores”, assim como os alunos contras, enxergavam a mulher como incompatível com o ambiente e as atividades militares e previam alterações na estrutura escolar, alterações que não estavam dispostos a realizar.

Os favoráveis apostavam em melhorias no ambiente escolar e nas relações. Podemos inferir, por esse estudo, que alguns professores questionavam o rigor disciplinar do educandário.

Contrários ao ingresso das meninas	Favoráveis ao ingresso das meninas
Choque com estrutura militar.	Mais saudável.
Seria necessário passar por uma fase de adaptação anteriormente.	Melhor comportamento.
Necessidade de instalações e treinamento feminino.	Maior socialização.
O CMPA tem caráter preparatório – escolas de formação das armas. As meninas não estariam enquadradas nesta, pois não há corpo feminino no exército brasileiro.	Disciplina menos rígida.
*****	Maior conscientização por parte dos homens.

Quadro 7: Justificativas apresentadas pelos professores

A pesquisa visava, também, argumentos para a definição das turmas: mistas ou divididas por sexo. A maioria optou por turmas mistas.

Turmas mistas	NÃO	SIM	NÃO SABEM
Alunos	35%	60%	5%
Professores	8%	90%	2%

Quadro 8: Turmas mistas

As justificativas reforçaram os argumentos dos favoráveis e os dos contrários ao ingresso das garotas.

Contrários a turmas mistas	Favoráveis a turmas mistas
Atrapalha o estudo.	Maior familiarização
Atrapalha o bom relacionamento, tirando a liberdade.	Incentiva o bom relacionamento.
Haverá maior bagunça.	Diminui desordem.
*****	Entrosamento.
*****	Devem ser tratadas como os alunos, sem mudar o tratamento por causa delas.

Quadro 9: Turmas mistas: pesquisa com alunos

Interessante que a mulher era vista pelos alunos tanto quanto provocadora de bagunça quanto como incentivadora da ordem. O argumento “*devem ser tratadas como os alunos, sem mudar o tratamento por causa delas*” não deve ser entendido como partido apenas dos favoráveis. Muitos alunos contrários “exigiam” que as garotas conseguissem realizar todos os

comandos de ordem unida e obtivessem o mesmo rendimento exigido deles nas atividades físicas. Quanto aos testes físicos, Ana recorda as dificuldades para conseguir obter uma nota razoável:

A gente tinha prova física, assim como os militares, e valia nota. No início, quando éramos pequenos não problemas, menino e menina até uma certa idade têm o mesmo tamanho e peso, né? Acontece que da oitava pra frente, os meninos cresceram, ficaram maiores, com mais massa muscular que as meninas e a tabela de avaliação era feita pra eles, para os gurus. A gente suava para conseguir um índice bom, tinha gurias que chegavam a passar mal. A Nati era uma que sempre passava mal, pois era diabética e se esforçava muito. E eles diziam: entraram no colégio, tem que correr, tem que fazer. Depois acho que devem ter visto, estudado, né? E aí vieram as tabelas diferenciadas.

Ouvindo a narrativa de Ana lembrei e anotei no meu diário de campo um pensamento de Maria Victoria Benevides que li em Auad (2006, p.23): “o contrário da igualdade não é a diferença. O contrário da igualdade é a desigualdade. Uma diferença pode ser culturalmente enriquecedora, ao passo que uma desigualdade pode ser um crime”. Não é negando as particularidades que conseguiremos uma sociedade co-educativa e democrática.

As fichas de avaliação levavam em consideração o biótipo padrão do aluno do Colégio Militar e isso envolvia altura e peso. Na verdade, podemos perceber na fala de Marianne que, as meninas passaram a ter dificuldades com os índices a partir da oitava série, não por serem mulheres, mas, por, em geral, terem menor peso e menor altura que os gurus da mesma faixa etária.

As narrativas das meninas apresentam pistas que nos levam a inferir outro motivo para o desempenho físico aquém do apresentado pelos meninos. Para as aulas de Educação Física as turmas não eram mistas e enquanto estes praticavam, desde a primeira semana de aula, a educação física prevista para os gurus, às garotas eram ministradas atividades físicas consideradas condizentes com a educação e delicadeza femininas: “ginástica rítmica, ginástica que eles achavam própria para as meninas, tudo bem fraquinho e jogo, jogo por muito tempo só o vôlei, visto como uma prática também feminina” (ANA). Auad (2006, p.19) reflete que:

quando começamos a considerar as relações de gênero como socialmente construídas, percebemos que uma série de características consideradas “naturalmente” femininas ou masculinas corresponde às relações de poder. Essas relações vão ganhando a feição de “naturais” de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas. Tais características são, na verdade, construídas, ao longo dos anos e dos séculos, segundo o modo como as relações entre o feminino e o masculino foram se engendrando socialmente.

Os professores, contrários às turmas mistas, enxergavam incompatibilidade feminina com as lides militares e turmas separadas representavam uma chance de uma educação diferenciada, se não um currículo, a cobrança e o rigor.

Nossas conversas com os militares brasileiros confirmam que o mundo feminino, construído a partir das percepções sexistas, é classificado de forma diferente e desigual e que as qualidades masculinas são exclusivas, assim como as femininas. E, entre as características femininas, a que mais aparece é a fragilidade. Temos um paradoxo: como admitir mulheres, por natureza fisicamente débil, em uma instituição que por definição tem que lidar com o monopólio da força bruta? Como incorporar pessoas que evocam os sentidos, a libido e o afeto em uma instituição que deve estar acima de sentimentos pessoais? (D'ARAÚJO, 2004, p.446).

Entre os favoráveis chama a atenção os que enxergavam o acirramento da competição. A resposta a uma outra questão trouxe o porquê de alguns professores apostarem na maior competição e a pontuarem como positiva: *“as meninas são mais estudiosas e dedicadas que os meninos, e isto obrigará os meninos a estudarem mais”*. A maioria dos docentes era de opinião que a convivência entre garotos e a garotas era necessária e positiva para o desenvolvimento de ambos.

Contrários a turmas mistas	Favoráveis a turmas mistas
Quebra do sistema	Maior socialização.
	Maior respeito e tranquilidade.
	Maior integração.
	Maior competitividade e conseqüente melhoria de aproveitamento.

Quadro 10: Turmas mistas: justificativas apresentadas pelos professores

Chegaram e, como sempre só avisaram, as meninas vão entrar. Então as meninas vão entrar. Bom! pensei – já estava acostumada a trabalhar com escolas mistas – melhor! Mas alguns reagiram. Eles só estavam acostumados com os guris. Tratavam os alunos como achavam. Ia um garoto chorar por um desaforo de um professor! Mas agora teriam que aprender a lidar [risos], tinham medo de lidar com as meninas. Como gritar com uma menina? Pois é, tiveram que aprender. E foi muito bom (VALÉRIA).

O quadro número 11, com o resultado de parte da pesquisa desenvolvida pela SOE, em 1988, revela as considerações até agora tecidas neste texto. O quadro número 12, além de reforçar estas considerações ainda nos lembra que o feminino é comumente associado à fragilidade, à meiguice, ao cuidado, à docilidade, à sensibilidade, ao choro, qualidades incompatíveis com o ambiente da escola militar, até então escola para meninos, cujos modelos de masculinidades e aspectos de a sua formação e da cultura escolar já foram apresentados

nesta dissertação. Auad (2006, p.22) lembra que muitos são os adjetivos que podem ser citados como atribuídos a um gênero ou de outro, mas “fato é que a maioria dos atributos presentes em um gênero está excluída automaticamente do outro”.

PROFESSORES		
Você considera que o método de ensino deverá ser modificado?		
SIM 21%	NÃO 72%	NÃO SABEM 2%
Deverão ser feitas adequações	Não há necessidade de mudanças.	****
Maior conscientização por parte dos professores da necessidade de novos comportamentos	O método atual é adequado.	****
****	Meninos e meninas têm o mesmo nível de competência.	****
****	Grande parte dos professores já leciona com turmas mistas.	****

Quadro 11: Método de ensino e meninas

PROFESSORES		
Você acha que suas atitudes deverão sofrer modificações em sala de aula?		
SIM 43%	NÃO 56%	NÃO SABEM 1%
Meninas são mais dóceis.	A atitude continuará sempre de respeito e dedicação.	****
Meninas são mais sensíveis e propensas a mágoas.	Professores civis estão habituados a turmas mistas.	****
Tratamento menos exigente e rigoroso.	Conduta profissional é uma só.	****
Reestruturação de militares (professores, monitores e instrutores)	Alunos são todos iguais.	****

Quadro 12: Atitude docente e meninas

A entrada das meninas, na minha opinião, representou mais saúde para a instituição, ficou mais saudável (ATENA).



Figura 107: Alunas das primeiras turmas mistas do CMPA
Fonte: acervo privado

E as meninas entraram. Não enfrentaram apenas resistências no interior do Colégio. Os relatos dão conta de comentários na comunidade porto – alegre sobre o ingresso de meninas no Colégio Militar. Comentários que aludiam à sexualidade, receio dos anos de estudante no CMPA comprometerem a “graça”, a “leveza”, a “elegância do andar feminino” ou as masculinizarem ou, ainda, medos e previsões de caráter moralista, eram a tônica, segundo colaboradores, nos debates e conversas que abordavam o assunto. Valéria relata uma situação:

Eu estava saindo do colégio na hora do almoço. Saí do portão. Logo ouvi um comentário, ríspido, atrás de mim: “quero só ver quando aparecer a primeira barriga”. Olhei não era ninguém do colégio, era alguém que simplesmente passava por ali.

Angélica lembra que muitas alunas “*consideravam-se como desbravadoras, bandeirantes*”, mas a senhora Nilma não tem a mesma impressão. Para Nilma, funcionária da cantina, as primeiras meninas eram tímidas “*e muitas pareciam tristes*”:

Elas vinham comprar lanches e eu as via, muitas vezes pelos cantos. Os guris não davam folga. Provocavam. Agora vão ter marchar! Outros as defendiam, diziam: esse ai não gosta de mulher. Mais os mais velhos, né? .

O espaço do colégio sofreu alterações para receber as garotas. Foi construído um banheiro e disponibilizado um vestiário para uso das alunas.

O vestiário, e em menor escala o banheiro, logo se transformaram nos espaços femininos discente: ali elas estavam fora do olhar e do cuidado masculino, podiam até chorar diante da adaptação à nova escola, rir e falar à vontade entre elas.



Figura 108: Meninas no vestiário
Fonte: acervo privado

No vestiário estavam a cargo de senhoras contratadas para acompanhá-las e cuidar as meninas nos momentos de banho e troca de uniformes⁸⁵. Estas mulheres eram também úteis aos monitores no trato com as meninas. Eram sempre convocadas diante das situações “estranhas ao universo do homem”: leia-se cólicas, menstruação e, até, a “natural fragilidade e sensibilidade feminina”.

⁸⁵ Ainda hoje, o vestiário das meninas é cuidado por uma senhora. Esta senhora, além de cuidar da organização do vestiário, cuida as meninas no interior deste recinto.

As meninas, as primeiras, eram muito quietinhas, queridas. Antes elas usavam o cabelinho solto, ficavam engraçadinhas com as boinas e os cabelos soltos. Eu vim trabalhar com a outra senhora que já cuidava do vestiário. Eu ficava no vestiário, mas muitas vezes os monitores chamavam para ajudar. As meninas tinham coisas de gurias, né? Ficavam menstruadas, tinham cólicas. Eles não sabiam nada disso. Depois veio a Nei, sargento da polícia militar, para ser monitora das meninas. Cuidar fora do vestiário, ensinar a marchar, essas coisas (IZA).

O Exército firmou convênios com a Marinha e a Polícia Militar para que estas instituições enviassem sargentos mulheres para servirem como monitoras no CMPA. As meninas, nessa cultura escolar, necessitavam, assim como os meninos, de constantes olhos e acompanhamento. Podemos inferir que o ingresso das alunas, na ótica do sistema, provocou necessidades de mais mulheres trabalhando no Colégio: monitoras e professoras de Educação Física.



Figura 109: Primeira monitora. Era uma sargento cedida pela Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Sul.
Fonte: Revista *Hyloea* (1989)

Aos poucos foi sendo sistematizado o uniforme e a apresentação das meninas. O marco dessa sistematização foi o ingresso da primeira turma de mulheres na EsAEx – Escola de Administração de Exército – localizada em Salvador, Estado da Bahia.

Esta escola militar recebe, hoje, homens e mulheres, formados em cursos superiores civis. Após seleção por concurso público para as vagas oferecidas, o candidato passa cerca de um ano recebendo formação militar. Ao término do curso, com a patente de tenente vão trabalhar nas organizações militares: quartéis, escolas, hospitais. Fazem parte do quadro complementar de oficiais do Exército.

Com a admissão de mulheres para o seu quadro de oficiais, o Exército criou e regulamentou o fardamento e a apresentação feminina em suas fileiras. O decidido para o corpo feminino de oficiais foi transposto e adaptado para as alunas dos colégios militares.



Figura 110: Uma das primeiras turmas mistas criadas no ano de 1989 devido ao ingresso de meninas na qualidade de alunas.

Fonte: Revista *Hylaea* (1989)

Assim, os cabelos foram presos em coques e redes ou condenados a serem curtos e, depois de algum tempo, ganharam a relativa liberdade de trocarem o coque pelo “rabo de cavalo” em atividades de rotina. Os brincos tornaram-se pequenos e discretos, reduziram os anéis e as pulseiras a uma unidade, colares foram limitados a uma discreta correntinha com, um igualmente discreto, pingente.

A maquiagem foi permitida, desde que praticamente “invisível”, natural. Os esmaltes vermelhos e toda gama de cores mais chamativas foram banidos restando as bases, os transparentes ou os rosas clarinhos.

O uniforme de gala teve sacramentado o scarpan preto: suprema tortura para as garotas de todas as épocas. No dia-a-dia, as meninas usam o mocassim. Nas formaturas e solenidades, elas calçam os desconfortáveis sapatos sociais enquanto os garotos enfrentam a mesma jornada e atividade, calçando sapatos usados todos os dias, já moldados aos pés e sem saltos. Os pés das gurias, em especial os das menores, após os desfiles de Sete de Setembro retornam doloridos, com bolhas.

O uniforme de Educação Física passou a ser uma cópia em azul e branco do imposto às mulheres, oficiais e sargentos. Aliás, representou o fim da dificuldade relativa à adequada indumentária para a atividade física feminina em uma escola masculina.

Quando minha mãe abriu o pacote com os uniformes encomendados e vimos o short destinado à Educação Física. Eu disse: – ih! Quando eu me abaixar vai aparecer a

minha calcinha. Não deu outra, no primeiro dia de Educação Física, nós vestimos os shorts, eram como shorts dos meninos, como o que as meninas hoje chamam de fraldão. Descemos para o pátio. Quando nos viram, nem pensaram, mandaram que subíssemos e fôssemos nos trocar, não haveria Educação Física. Depois falaram para adquirirmos bermudas de uma 'helanca' grossa na cor azul. Não importava que tivesse listas ou estampas, era urgente, mas tinha que ser azul (ANA).

Observando os registros fotográficos das primeiras turmas com meninas podemos perceber os cabelos soltos. Há em algumas fotografias, garotas em trajés civis participando das formaturas. Os uniformes das alunas, por muito tempo, não estavam disponíveis para a compra, talvez devido ao pequeno e incerto número. Ao se matricularem no Colégio, os responsáveis encomendavam o fardamento; o qual demorava um tempo para ser confeccionado e não raro havia problemas de atraso nos prazos previstos para entrega, obrigando a escola a relativizar e tolerar exceções no previstos para os seus rituais diários e eventuais.



Figura 111: Garotas ainda usando os cabelos soltos ou presos de acordo com a preferência da aluna.
Fonte: acervo privado



Figura 112: Primeiro dia de aula. Turma 1990
Fonte: acervo privado



Figura 113: O fardamento das meninas demorava para ficar pronto. Turma 1990
Fonte: acervo privado

O ingresso das meninas e a sua inserção no corpo de alunos do CMPA, assim como as reações contrárias ou favoráveis só podem ser compreendidas tendo como base os estudos de gênero e a cultura escolar, assim os modelos masculinos e femininos que permeavam esta escola, hoje mista, mas no entender de muitas das mulheres que ali trabalham, ainda, assim como o Exército, de caráter masculino.

Estudar a trajetória e cultura escolar desta instituição de ensino partindo das narrativas e histórias de vida de ex-alunos constituiu a pedra fundamental para entender o conjunto de representações, atribuição de significados e diferenças para cada um dos sexos das pessoas que trabalham e estudam no colégio.

Valéria comenta que o Colégio Militar de Porto Alegre pouco alterou a sua rotina para incluir as meninas:

Ordem. Era para deixar as meninas virem. Cumpra-se. O que precisava? Meninas precisam de banheiro e vestiário separados. Arruma banheiro e vestiário. Menina precisa de gente que vigie e oriente dentro do vestiário. Coloca uma mulher no vestiário. Precisa de um uniforme. O sistema determinou o uniforme. As meninas deviam entrar na escola e adaptar-se a ela. Isso se adaptar ao colégio. O colégio continuou.

Atena lembra que a SOE buscou atuar e orientar monitores e professores para o trato das alunas e dos alunos:

As meninas no CMPA, no início são “superprotegidas”. O que não significa aceitação. Para Haim Grünspun, a rejeição também aparece de forma encoberta através de perfeccionismos ou de superproteção. Psicologicamente, o objeto é visto como despertando sentimentos de pena, inclusive para rejeição, e passa a superproteger o “coitadinho”, exercendo controle e dominação sobre ele. O que muitas vezes ocorria com as meninas. Isso apareceu quando pensaram em turmas separadas e, no início, em alguns momentos do cotidiano. Orientamos o tratamento justo para com ambos: meninos e meninas.

Valéria reflete que as coisas foram acontecendo e sendo vividas à medida que aconteciam e foram sendo resolvidas pela ótica da instituição. Ela exemplifica narrando os primeiros casos de alunas grávidas:

Quando a primeira aluna engravidou, a preocupação foi o uniforme. Decidiu-se que elas, – logo ficamos sabendo de outra aluna grávida, uma o namorado era aluno do colégio, colega – decidiu-se que elas usariam o abrigo. As aulas continuaram iguais. As alunas tiveram que estudar e fazer as provas igual. Uma acabou repetindo o ano. Não tinha muito apoio familiar para ajudar a cuidar do bebê, perdeu muitas aulas. Observou-se a legislação e pronto.

Podemos perceber, que em um primeiro olhar, a vinda das meninas não implicou alteração nos modos de ação interna e de organização do Colégio Militar de Porto Alegre, embora seja recorrente o dizer que meninas suavizaram a cobrança disciplinar. Os princípios de hierarquia e disciplina que regem o Exército e são transpostos para os colégios militares continuam sendo cobrados e pregados; a escola continua meritória e o modelo de homem visado é o pretendido para a oficialidade do Exército, o que se estende para a mulher.

Na década de 80, a visão da Diretoria de Ensino para o trato dos alunos pregava, conforme nos relatou Raul, um tratamento e visão diferente do discente em comparação com os parâmetros previstos para o estudante, das décadas de 60 e 70, e as garotas chegaram após o início dessa nova diretriz. Porém, também é necessário pensar que elas reagiram à sua forma ao ambiente escolar encontrado, sendo muitas vezes capturadas pelo discurso e ordem circulante e, outras vezes, assim como os meninos, implementando reações no cotidiano de aluna. De qualquer forma, deixam a sua marca, e o seu comportamento e presença alteraram alguns comportamentos tradicionais, como por exemplo, o trote e formas de professores e instrutores se dirigirem aos alunos.

Assim como as mulheres foram aceitas nas Forças Armadas com restrições de funções, atividades e limite na hierarquia, às meninas foram vetados a participação em rituais como guarda de honra e treinamentos de ordem unida que envolvesse o manuseio de armas e, de início, certos esportes como o futebol. Um exemplo é o Batalhão Águia criado para existir por algumas semanas, onde as garotas tiveram ordem unida com fuzis. Segundo, Ana, para a tristeza delas, após semanas de esforço e uma apresentação elogiada, o Batalhão foi extinto e apenas os garotos continuaram tendo o privilégio de certas experiências.



Figura 114: Batalhão Águia
Fonte: acervo privado

A curta existência do Batalhão Águia foi nota na imprensa local a exemplo do recorte de jornal coletado pela mãe de uma das ex-alunas participantes:



Figura 115: Recorte guardado versando sobre o Batalhão Águia
Fonte: acervo privado

Estudar o Colégio Militar de Porto Alegre enquanto escola mista é o desafio que concluí esta etapa.



Figura 116: Meninos e meninas colegas de turma e amigos
Fonte: acervo privado

CONCLUSÃO

O fato de meninos e meninas estarem juntos na escola não é sinônimo de co- educação de meninos e meninas, embora seja impossível atingir a co-educação seja de gênero, seja de gerações, sem a convivência e, neste sentido, a escola mista⁸⁶ pode representar o início de um processo que acabará por resultar na co-educação. “A escola mista se constitui em um meio e em pressupostos necessários, mas não suficientes para a co-educação” (LOURO, 2006, p.12).

O Colégio Militar, escola pensada para homens e por muito tempo de meninos e rapazes, no decorrer do seu processo histórico foi, gradativamente, vivenciando a inserção de mulheres na sua rotina e quadros funcionais e foi metafomorfoseada em escola de homens e mulheres. A lenta e progressiva feminização desse educandário não aconteceu sem conflitos e o ingresso das meninas pode ser um marco na datação do histórico desta escola, mas nunca o fim deste processo. Pelo contrário, marca a acentuação.

Segundo Louro (1996, p.10), gênero é uma construção social e histórica e comporta diversos conceitos de feminino e de masculino historicamente diversos. Desta forma, existem diferentes concepções de homem e de mulher não só em sociedades distintas, mas também, no interior das diversas e diferentes sociedades. Estas concepções se redefinem ao longo do tempo. Pensar por este viés implica lembrar que as escolas são espaços que visam à formação dos sujeitos entregues aos seus cuidados e que todo educandário possui uma cultura escolar que perpassa e permeia o cotidiano e, ainda que subjetivamente, todo o corpo escolar⁸⁷. Entre os aspectos dessa cultura estão os conceitos de homem e de mulher e os modelos de masculinidade e feminilidade do colégio.

Buscar facetas da cultura escolar do Colégio Militar de Porto Alegre partindo das narrativas de ex- alunos, que freqüentaram o CMPA no período delimitado por este estudo, permitiu conhecer esses jovens em seus tempos escolares e o universo que os envolvia. Rotina, punição, resistências, internato, estudo, ordem unida, algumas dores, motivos de alegria, expectativas, festas, meninas: ingredientes do universo discente que foram sendo apresentados auxiliando a compor um quadro impressionista do educandário e sua dinâmica.

⁸⁶ A distinção entre os termos *escola mista* e *co-educação* foi pela primeira vez proposta por Daniela Auad no livro *Educar meninas e meninos – relações de gênero na escola*, com a finalidade de fortalecer o debate sobre educação e relações de gênero (AUAD, 2006, p.57).

⁸⁷ Por meio da organização e da regulamentação de nossas vidas, nossos corpos são treinados, moldados e marcados pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade (BORDO,1997, p.20).

O corpus constituído por exemplares da *Hyloea*, também, trouxe narrativas e representações de alunos. Mas os exemplares da revista que foram pesquisados não são de autoria discente, trazem contribuições de estudantes. Através do impresso, a escola noticiou o que julgou relevante durante o ano letivo. Esses documentos aliados às fotografias e outros vestígios também contribuíram para a construção desse retrato e percepção do seu curso histórico.

E é através desse curso que percebemos as mulheres nessa escola masculina. Inicialmente, as mulheres são trazidas à cena pelas representações construídas ou apreendidas pelos garotos e outros homens que faziam parte da instituição escolar. As trilhas da inserção feminina, nessa instituição partem do trabalho feminino: com os anos 70 surgem os primeiros relatos de senhoras trabalhando no colégio, durante os anos 80 aumenta o número de profissionais mulheres atuando no Casarão da Várzea e em 1989 ingressa a primeira turma de meninas e nos anos 90 chegam as primeiras mulheres militares.

Compreender a cultura escolar e como os discentes se movimentavam em seu contexto é fundamental para entender o ambiente, a cultura institucional e tensões e os espaços que professoras, funcionárias diversas, alunas e, mais tarde militares vão encontrar e vivenciar. Lembro uma colega, professora militar, quando conversamos sobre esta dissertação e combinamos de ouvir a sua narrativa: “pois é só mesmo pensando sobre essa dinâmica para pensar a gente aqui”.

Buscar saber da escola de meninos foi uma etapa desta trilha cujos caminhos me tentam a continuar percorrendo e deixam a sensação das palavras de uma da frase que me vem à memória “*nada acaba em si mesmo, viver, graças a Deus, não é um ciclo fechado*”. Aos poucos, durante as picadas deste caminho, fui percebendo o quanto esta trajetória me remetia aos meus próprios grotões. Artes do processo narrativo, artes do inconsciente, artes do que a práxis da pesquisa reflexiva provoca em nós.

O estudo termina com novas perguntas e provocações. Ao trilhar pela escola de meninos e perceber aspectos de sua cultura e seus reflexos nos garotos, os quais também, inconsciente e com brilhos difusos, imprimiram suas cores nesta cultura, encontrei homens diversos, garotas e mulheres representadas através de diferentes lentes.

Ao analisar uma instituição escolar destinada a formar sujeitos masculinos não encontramos apenas meninos e homens, mas também os múltiplos sentidos acerca do feminino circulantes nesse colégio. Embora de início a “mulher não estivesse física e cotidianamente presente, já que a escola era destinada exclusivamente a meninos, havia discursos sobre o feminino circulando pela instituição” (PINEDA, 2003, p.10).

A partir do início da década de 70, temos notícia do trabalho feminino nessa escola de meninos, trabalho este homeopaticamente dosado e contínuo. Lembro Rosa: “*o real não está nem na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia*” travessia longa e cheia de meandros, indecisões, sutis conflitos.

Homens e mulheres se constituem na relação com os outros homens e mulheres e este é um processo constante e dialético. A feminização do espaço escolar do CMPA é parte e resultante deste processo.

A escola não está à parte do panorama nacional da época. Embora este espaço possa ser visto como um microcosmo, suas paredes e tetos são altamente permeáveis com o mundo que a contém.

Este estudo percorreu esta trilha, optando entre suas diversas bifurcações e possibilidades, até a parada onde ingressam as meninas na qualidade de alunas. Agora urge mudanças estruturais, questionam-se práticas, conceitos, preconceitos. Homens e mulheres, alunos, alunas, professores, monitores vivenciam um momento que evidencia que a história das mulheres neste educandário⁸⁸ é, parafraseando Louro (2002, p.479):

constituída e constituinte de *relações sociais de poder*”. É mais adequado compreender as relações de poder envolvidas, nessa e em outras histórias, como imbricadas em todo o tecido social, de tal forma que os diversos sujeitos sociais exercitam e sofrem efeitos de poder. Todos são, ainda que de modos diversos e desiguais, controlados e controladores, capazes de resistir e de se submeter.

Cheguei até aqui e sei que não posso voltar. Embora sinta a continuidade da trilha cheia de mistérios, entre fascinada e receosa, sei que além do risco está a certeza de não ter outra saída a não ser continuar.

Este estudo não se resolve em si, pois agora novas perguntas e reflexões desabrocham e o meu gravador guarda narrativas e me pego escrevendo e pensando acerca das trajetórias femininas no CMPA: escola de meninos e meninas ainda tão masculina.

Das arcadas observo o pátio: meninos e meninas correm barulhentos, garotas e garotos adolescentes conversam, meninos jogam truco, surpreendo uma mão na mão acompanhada de olhar inchado de paixão e sem querer questiono: esta escola está longe ou próxima da co-educação?

Escola de meninos e meninas é uma tabuleta que vislumbro numa das bifurcações desta estranha trilha que percorri até certo trecho e que agora oferece novas caminhadas.

⁸⁸ Não apenas neste educandário.

Eu sempre sonho que uma coisa gera,
nunca nada está morto.
O que não parece vivo, aduba.
O que parece estático, espera

Adélia Prado

Uma escola para meninos



1962

Figura 117: Uma escola para meninos
Fonte: Revista *Hiloea* (1962)

1990



Figura 118: Uma escola para meninos e meninas
Fonte: acervo privado

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria Helena (org.). **A Aventura (Auto) Biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AL. BACELLAR. **Hiloea**. Porto Alegre: 1962, p. 11-2.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. **Ouvir Contar – Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

AMARAL, Giana L. **Gatos Pelados X Galinhas Gordas: desdobramentos da Educação Laica e da Educação Católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930 a 1960)**. Porto Alegre: UFRGS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, julho de 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Amar se aprende amando**. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 60-1.

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e Antropologia: olhares fora – dentro**. São Paulo: EDUC, 2002.

ARAÚJO, Maria Paula. **Memórias Estudantis – da fundação da UNE aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Fundação Roberto Marinho, 2007. p.73,89-95.

AUAD, Daniela. **Relações de gênero nas práticas escolares e a construção de um projeto de co-educação**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t233.pdf>. Acessado em: 20 de agosto de 2007.

_____. **Feminismo: que história é esta?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Educar meninos e meninas – relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BACELAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

BASTOS, M. H. C. **Leituras das famílias brasileiras no século XIX. O Jornal das Famílias (1863–1978)**. Porto Alegre: UFRGS. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002, 32 p. (não publicado).

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Educação para a Democracia. **Lua Nova**, nº 38. São Paulo: 1996.

BERTHIER, Altino. **Ofício encaminhado pelo Cel Altino Berthier Brasil ao Comandante do CMPA datado de 18 de agosto de 1981**. Acervo privado.

BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminilidade: Uma apropriação feminista de Foucault. In: JACAR, Alison; BORDO, Suzan, R. **Gênero, corpo e conhecimento**. Tradução de Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record e Roda dos Tempos, 1997. p.19-41. Coleção Gênero, v. 1.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BORGES, Paulo Humberto Porto. “História e Fotografia”. **Revista HISTEDBR** on-line. Faculdade de Educação da UNICAMP, nº 12, dez 2003. Disponível em www.histedlbr.fae.unicamp.br

BOSI, Eléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. A dominação masculina. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n. 2, p.133-84, 1995.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo:UNESP, 1992.

_____. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 318 p.

CALAZANS. **Hiloea**. Porto Alegre: 1962, p. 20.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, C. F.; MAUAD AM. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, CF, VAINFAS, R. (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas – o imaginário da República no Brasil**. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 27-9.

CARVALHO, Jardel. **Correio do Povo**. Porto Alegre: 06 de novembro de 1961.

CASTRO, Celso. **Os Militares e a República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CATANI, D.; BASTOS, M. H. C. (org.) **A imprensa periódica e a História da Educação. Educação em Revista**. São Paulo: Escrituras, 1997. 173-87 p.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Volume 1: Artes de Fazer 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand Brasil/Difel, 1990.

_____. Introdução: A cultura do objeto impresso. In: CHARTIER, R. (coord.) **As utilizações do objeto impresso**. Portugal: Difel, 1998. p. 9-21.

CMPA. **Livro de Atas – Atas datadas de 24 de novembro de 1964**. Porto Alegre: 1964. (cópias – arquivo privado)

_____. **Anuário do Conselho de Ensino do Colégio Militar de Porto Alegre** – ano 1962. Porto Alegre: 1962.

_____. **Anuário do Conselho de Ensino do Colégio Militar de Porto Alegre** – ano 1976. Porto Alegre: 1976.

_____. **Anuário do Conselho de Ensino do Colégio Militar de Porto Alegre** – ano 1977. Porto Alegre: 1977.

_____. **Anuário do Conselho de Ensino do Colégio Militar de Porto Alegre** – ano 1980. Porto Alegre: 1980.

COCHLAR. **Hiloea**. Porto Alegre: 1962, p. 17.

COLLING, Ana. A Construção Histórica do Feminino e do Masculino. In: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sônia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (orgs). **Gênero e Cultura – Questões Contemporâneas**. Coleção Gênero e Contemporaneidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. P.13-38.

CORREIO do Povo. Porto Alegre: Edição de Domingo, 29 de outubro de 1961.

_____. Porto Alegre: 01 de novembro de 1961.

_____. Porto Alegre: 04 de novembro de 1961.

_____. Porto Alegre: 19 de novembro de 1961.

_____. Porto Alegre: 03 de dezembro de 1961.

COSTA, Fernando Braga. **Homens Invisíveis – relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.

COSTA, Marisa Vorraber e VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedos, biologia, literatura, cinema**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-Me Agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino.** Disponível http://www.educacaoonline.pro.br/conteme_agora.asp. Último acesso em 26 de abril de 2005.

CUNHA, M. T. S. C. **Armadilhas da sedução. Os romances de M. Delly.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 150 p.

CURY, Carlos Jamil. **Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais.** 2. ed. São Paulo: Cortez – Autores Associados, 1984.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República.** Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DALPIAZ, Saionara Goulart. **Memórias de ex-alunos/as: recompondo tempos e espaços da educação.** Porto Alegre: UFRGS/PPGEU, Dissertação de Mestrado, 2005.

D'ARAUJO, Maria Celina. Mulheres, homossexuais e Forças Armadas no Brasil. In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor e KRAAY, Hendrik (orgs). **Nova História Militar Brasileira.** Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.439-59. (capítulo 17).

DEPA (Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial). Disponível em: <http://www.dep.ensino.eb.br/depa>

FAUSTO, Boris. **História Geral da Civilização Brasileira.** São Paulo: Difel, 1977.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Mulher Escondida na Professora – Uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRA, Antônio Joaquim. **Breve Introdução à História dos Colégios Militares.** Rio de Janeiro, 1958.

FOLHA da Tarde. Porto Alegre: 31 de outubro de 1961. p. 5

_____. Porto Alegre: 10 de novembro de 1961.

_____. Porto Alegre: 08 de novembro de 1961.

_____. **Editorial**. Porto Alegre: 1 de novembro de 1961. Editorial.

_____. Porto Alegre: 1 de novembro de 1961. p. 3.

_____. Porto Alegre: 06 de novembro de 1961. página 18.

_____. Porto Alegre: 07 de novembro de 1961. página 28.

_____. Porto Alegre: 09 de novembro de 1961. página 28.

_____. Porto Alegre: 09 de novembro de 1961. página 35.

_____. Porto Alegre: 10 de novembro de 1961. página 17.

_____. Porto Alegre: 18 de novembro de 1961.

_____. Porto Alegre: 21 de novembro de 1961, página 1.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, Identidade e Bom-Mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREIRE, Fábio Facchinetti. **Estabelecidos e Outsiders no Colégio Militar do Rio de Janeiro**. Disponível em: [www. Anped. org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT14-2199—Int.pdf](http://www.Anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT14-2199—Int.pdf). Último acesso: 15/11/2006.

FURASTE, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação**. Explicação das Normas da ABNT. 14. ed. Porto Alegre: s.n., 2007.

GIBRAN, K. **O Profeta**. Rio de Janeiro, Mansur Chalita, 1978, p. 53-4.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 1986.

GRESPLAN, Jorge. Considerações sobre o método. In: PINSKY, Carla (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 291-300.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HECTOR. **Hyloea**. Porto Alegre: 1972, p. 101-2.

HENNIGEN, Inês. Ser homem e ser pai na mídia. In: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sônia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (orgs). **Gênero e Cultura – Questões Contemporâneas**. Coleção Gênero e Contemporaneidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 101-128.

HILÉIA. Porto Alegre: CMPA, 1961.

HILOEA. Porto Alegre: CMPA, 1962.

_____. Porto Alegre: CMPA, 1968.

_____. Porto Alegre: CMPA, 1969.

_____. Porto Alegre: CMPA, 1970.

_____. Porto Alegre: CMPA, 1971.

HUBBER. Mãos de mãe. **Hiloea**. Porto Alegre: 1962.

HYLOEA. Porto Alegre: CMPA, 1972.

_____. Porto Alegre: CMPA, 1988.

_____. Porto Alegre: CMPA, 1989.

HOBSBAWM, E. **Era dos Extremos – o breve século XX 1914 –1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KOSSOY, Boris. **Hercules Florence – 1833: a descoberta da fotografia no Brasil**. Faculdade de Comunicação Social, Anhembi, São Paulo, 1977.

_____. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989

LAURIODO. A volta. **Hiloea**. Porto Alegre: 1962.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **História e Memória**. 4. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1996.

LEGIÃO DE HONRA. **Boletim Alusivo número 16 – Assuntos Gerais e Administrativos**. Porto Alegre: 27 de junho de 1964.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo, SP: Unesp, 1992.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martim W. e GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – Um manual prático**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 137-57.

LOMBARDI, José Claudinei. **Marxismo e História da Educação**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

LOMBARDI, J.C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J.L. (orgs). **Capitalismo, trabalho e Educação**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, HISTEDBR, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Produzindo sujeitos masculinos e cristãos. In: VEIGA-NETO, Alfredo (org). **Crítica Pós- Estruturalista e Educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 83-107.

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____ (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla (org). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2002, p. 443-81.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 112-53

MABILDE, Flávio. **Pesquisa Apresentada ao Comando do Colégio Militar de Porto Alegre,** 1985. (acervo privado).

MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURAS ESCOLARES, PROFISSÃO DOCENTE, São Paulo, 1998. **Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Práticas Educativas, culturas escolares, profissão docente.** São Paulo: Escrituras, 1998. p. 51-69.

MÁRIO LUÍS. **Hyloea.** Porto Alegre: 1972, p. 101.

MEIRELES, Cecília. **Reinvenção,** In: <http://www.revista.agulha.nom.br>. Capturado 05/08/2007.

MEDEIROS, Laudelino. T. **Escola Militar de Porto Alegre 1853-1911: significado cultural.** Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1992.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1996.

MINISTÉRIO DE GUERRA. **Boletim do Exército,** n.2. Rio de Janeiro: 13 de janeiro de 1962.

_____. **Boletim do Exército,** n. 3. Rio de Janeiro: 20 de janeiro de 1962.

_____. **Boletim do Exército,** n. 5. Rio de Janeiro: 03 de fevereiro de 1962.

_____. **Boletim do Exército**, n. 6. Rio de Janeiro: 10 de fevereiro de 1962.

_____. **Boletim do Exército**, n. 8. Rio de Janeiro: 24 de fevereiro de 1962.

_____. **Boletim do Exército**, n. 10. Rio de Janeiro: 10 de março de 1962.

_____. **Boletim do Exército**, n. 12. Rio de Janeiro: 24 de março de 1962.

_____. **Boletim do Exército**, n. 15. Rio de Janeiro: 14 de abril de 1962.

_____. **Boletim do Exército**, n. 17. Rio de Janeiro: 28 de abril de 1962.

_____. **Boletim do Exército**, n. 26. Rio de Janeiro: 30 de junho de 1962.

_____. **Boletim do Exército**, n. 32. Rio de Janeiro: 11 de agosto de 1962.

MOURA, **Hiléia**. Porto Alegre: 1961, p.22.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 234-89.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **História Regional e Local: fragmentos e recomposição da história na crise da modernidade**. Feira de Santana: UEFS; Salvador: Arcádia, 2002.

NÓVOA, A. Para uma análise das instituições escolares. In: NÓVOA, A. (org.). **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Publicações Dom Quixote /Instituto de Inovação Educacional, 1992.

_____. (org.). **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

_____. A Imprensa de Educação e Ensino. In: CATANI, D.; BASTOS, M. H. C. (org.) **A imprensa periódica e a História da Educação. Educação em Revista**. São Paulo: Escrituras, 1997.

NUNES, Clarice. Memória e História da Educação. In: LEAL, Maria Cristina; PIMENTEL, Marília Araújo Lima (orgs). **História e Memória da Escola Nova**. São Paulo: Loyola, 2003.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.

_____. **Discurso e texto. Formulação e circulação dos sentidos**. São Paulo: Pontes, 2001, 218 p.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3. ed. São Paulo: UNICAMP, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

PINEDA, Silvana Schuler. **Hyloea: o feminino na revista dos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre (1922-1938)**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. **Livro de Ouro da História do Brasil**, Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

RAMOS, Alcides. **O Canibalismo dos fracos: cinema e história do Brasil**. Bauru: Edusc, 2002.

ROCHA, Cristianne Famer. **O espaço escolar em revista**. In: COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedos, biologia, literatura, cinema**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p.117.

RODRIGUES, Gilson. **(In) Visibilidade Social: o jogo dramático entre visibilidade e invisibilidade dos atores sociais**. Disponível em: WWW.enapet.ufsc.br/anais/in_visibilidade_Social_o_jogo_dramático_entre_visibilidade_e_invisibilidade_dos_atores_sociais.pdf. Acessado em outubro de 2005.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 16 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2005.

SERPA. **Anuário do Conselho de Ensino**. Colégio Militar de Porto Alegre, 1977.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SKIMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo**. 8. ed. Tradução de Mário Salviano Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SMALLMAN, Shawn C. A Profissionalização da violência extralegal das Forças Armadas no Brasil (1945-64). In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor e KRAAY, Hendrik (orgs). **Nova História Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.389-438. (capítulo 15).

SNYDER, R. Claire. **Citizen-soldiers and manly warriors. Military service and gender in the civic republican tradition**. New York: Julian Messner, 1993.

SOUZA, Rivadavia de. Jornada de 5 horas – COLÉGIO MILITAR. **Especial para o Correio do Povo**. Porto Alegre: 02 de novembro de 1961.

SOUZA. Um encontro. **Hylaea**. Porto Alegre: 1976, p. 16.

STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa e PREHN, Denise R. (orgs). **Gênero e Cultura – Questões Contemporâneas** Coleção Gênero e Contemporaneidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TAMBARA, Elomar. **Educação e positivismo no Brasil**. In: BASTOS, Maria Helena Câmara e STEPHANOU, Maria (orgs). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil – Vol II – Século XIX*, Petrópolis: Vozes, 2005. p. 116-78.

TAVARES. **Hyloea**. Porto Alegre: 1976, p. 16.

TEIXEIRA, Ubirajara. **Hiloea**. Porto Alegre: 1962, p. 13-4.

UM DIA NO CMPA. Gzamansi, Ivo. filme produzido em 1964 ‘um dia no CMPA’.

VASSALI, Ayda (coord). **Assessoria à Entrada de Alunas no CMPA**. Colégio Militar de Porto Alegre. Seção Psicotécnica. Porto Alegre: 1988.

VERENA. Alberti. **Ouvir e Contar – Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

VIANNA, Gilberto de Souza. “Os filhos de Licurgo: origens do Ensino Militar Moderno no Brasil”. **Revista Uniandrade**, v.03, n 01, 2002. Artigo recebido pela internet em 17 de maio de 2002.

VIEIRA, Maria de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A Pesquisa em História**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1991.

WARSCHAUER, Cecília In: JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 9.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA

Estas questões cumprem a finalidade de auxiliar o processo de narrativa. Foram elaboradas levando em consideração as solicitações dos colaboradores da pesquisa e como instrumento auxiliar do processo de recordar e narrar. **O que interessa à pesquisadora?** As suas **lembranças** e os documentos que possa fornecer (fotografias, cadernetas de notas, etc).

1. Nome completo e *nome do aluno*
2. Idade atual:
3. Quando ingressou no CMPA? Em qual série? Idade? Amparado ou concursado?
4. Estudou no CMPA até qual série? Idade?
5. Por que ingressou como aluno no Colégio Militar de Porto Alegre?
6. Continuou o estudo na Escola Preparatória de Campinas? E caso de resposta negativa indicar onde foi estudar.
7. **Primeiro dia de aula.** Como foi? Estranhou o colégio? Gostou ou não gostou?
8. **Rotina e cotidiano escolar.** Como era a sua rotina enquanto aluno do CMPA?
9. **Horários.** O Colégio funcionava em turno integral? Como era? Quanto tempo *você aluno* permanecia no colégio e envolvido em quais atividades? O que *você aluno* pensava sobre o tempo que permanecia no colégio (necessário, agradável, desnecessário, suficiente, etc).
10. **Disciplina.** Como era? Rígida? *Você aluno* seguia sempre o que era preconizado? Punições e recompensas? O que *você aluno* pensava acerca da disciplina exigida no colégio?
11. **Ordem Unida.** O que era? Como era? *Você, aluno*, sempre participava das atividades de Ordem Unida? Havia Ordem Unida todos os dias? O que *você aluno* pensava dos momentos de ordem unida?

12. **Formatura.** Havia? Era semanal (como hoje)? Como era? O que *você aluno* pensava das formaturas?
13. **Disciplinas escolares.** Quais existiam? Qual a que *você, aluno*, mais gostava? Qual a que *você, aluno*, não gostava?
14. **Estudo.** Necessidade. Dificuldade ou facilidade? Na escola? Em casa? Tarefas e/ou trabalhos escolares? Qual a sua visão *de aluno* acerca do estudo exigido?
15. **Avaliações.** Provas? Trabalhos? Tarefas? VI? Como os alunos eram avaliados pelos professores? O que *você aluno* pensava sobre as avaliações a que era submetido?
16. **Avaliações.** Como os alunos eram avaliados pela Companhia de Alunos? O que era necessário para ser um bom aluno segundo os monitores e os demais integrantes da Companhia de Alunos?
17. **Professores.** Perfil dos professores? Havia professores do sexo feminino? Como os professores (e se for o caso _ as professoras) lidavam com a disciplina ou indisciplina em sala de aula? Havia casos de indisciplina em sala de aula (em caso afirmativo exemplifique)?
18. **Uniformes.** Como eram os uniformes? Você sempre usava os uniformes conforme o preconizado pelo colégio? Exigências quanto aos uniformes? Punições ou elogios relativos ao uso do uniforme?
19. **Educação Física.** Como era? Você aluno considerava a atividade física muito “puxada”? Por quê?
20. **Práticas esportivas.** Você praticava algum esporte? Era incentivado à prática de esportes ou a Educação Física? Por quê? Havia alunos atletas? Eles tinham alguma ‘regalia’ em relação aos alunos não atletas?
21. **Atividades extraclasse.** Havia no colégio? Quais? Você participava de alguma atividade extraclasse?

22. **Recreio.** Como era? O que fazia durante o recreio? Como era a rotina dos alunos menores (5ª. 6ª. Séries) durante o recreio? Como era a rotina dos alunos maiores durante o recreio?
23. **Lazer.** Recreio. Festas. Brincadeiras.
24. **Legião de Honra.** Existia? Você participava? Tinha interesse em participar? O que você se recorda acerca da Legião Honra?
25. **SEL.** Existia? Você participava? Tinha Interesse em participar? O que você se recorda sobre a SEL?
26. **Espaços do Colégio.** Como era o colégio em relação ao espaço atual?
- a) **Quadra?**
 - b) **Pátio?**
 - c) **Salas de aula?**
 - d) **Laboratórios?**
 - e) **Salão Brasil?**
 - f) **Sala dos Professores?**
 - g) **Cantina? Havia? O que vendia?**
 - h) **Refeitório para os alunos (Você almoçava no colégio? Como era a comida? Como era o procedimento para o almoço – os alunos eram levados em forma para o refeitório? etc).**
 - i) **Biblioteca (Você freqüentava a Biblioteca? Os professores indicavam trabalhos que levavam você a pesquisar em livros da Biblioteca? Como eram estes trabalhos?)**
 - j) **Vestiários e banheiros**
 - k) **Outros espaços?**
27. **Internato. Você foi aluno interno?** Em caso de resposta afirmativa _ Como era o cotidiano do **aluno interno?** Como era o espaço do internato? Quais as regras para os alunos internos? Como era o relacionamento com os alunos internos? Como era o

- relacionamento com os alunos não internos? Oportunidades de sair do colégio? Dificuldades? Vantagens? O que *você aluno* pensava sobre morar no internato?
28. **Internato.** Caso **não** tenha sido aluno interno. Como era o internato? Alunos não internos podiam freqüentar o internato? Como era o relacionamento com os alunos internos? O que *você aluno* pensava sobre o internato?
29. **Havia alunos que não gostavam de estudar no colégio?** Em caso afirmativo aponte as razões.
30. **Relacionamento entre os alunos.** Havia algum diferencial no grupo de alunos do CMPA? Como era o seu relacionamento com outros alunos do colégio? Quais as características dos seus colegas mais próximos?
31. **Tia Clara.** A Tia Clara era do seu tempo de estudante no colégio? Quem era a Tia Clara neste espaço escolar **segundo a sua visão de aluno?** **Hoje** como você avalia a figura da Tia Clara no cotidiano do Colégio Militar?
32. **Você enquanto aluno.** Como você se descreve enquanto aluno do colégio? Gostava de estudar no colégio? O que você mais gostava? O que lhe desagradava?
33. **Você enquanto aluno.** Você se lembra de “artes” suas ou de colegas? Quais foram as conseqüências (se houve)?
34. **Você enquanto aluno.** O que você recorda sobre a presença feminina no colégio? Garotas alunas e garotas não alunas? Professoras? Funcionárias (secretárias, bibliotecárias, psicólogas, serviços gerais?).
35. **Você enquanto aluno.** Narre as suas memórias. Quero lhe ouvir.

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Sra _____.

Idade atual: _____. Função Atual: _____.

Ano de ingresso no Colégio Militar de Porto Alegre: _____.

Função inicial: _____.

1. Por que veio trabalhar no Colégio Militar de Porto Alegre? Em qual função?
2. Havia outras mulheres trabalhando no Colégio Militar? Quais? Funções?
3. Qual a sua impressão inicial acerca do Colégio?
4. Qual a sua impressão sobre os alunos? A senhora convivia com os meninos?
5. Como você foi recebida? Sentiu alguma dificuldade de se adaptar? Como era o relacionamento com colegas e chefes?
6. Como era a sua rotina enquanto funcionária do Colégio na sua primeira função?
7. Quais funções a senhora exerceu enquanto funcionária do Colégio?
8. A senhora se lembra do ingresso das primeiras professoras? O que a senhora recorda deste período?
9. A senhora se lembra do processo de discussão sobre o ingresso ou não das meninas na qualidade de alunas do colégio? Quais os argumentos a favor? E os contra (se havia)?
10. Do ano em que a senhora ingressou como funcionária do Colégio para hoje houve mudanças significativas (nos aspectos que a senhora quiser considerar)?
11. O meu trabalho é sobre o Colégio de 1961 a 1989. Há algo que a senhora recorde que possa me auxiliar a entender este período?
12. A senhora conheceu a Tia Clara? Como era a Tia Clara? Qual a importância da Tia Clara para os alunos do Colégio? O que ela fazia pelos alunos que a faz tão querida?

APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTA (PROFESSORAS)

Sra _____.

Idade atual: _____. Função Atual: _____

Ano de ingresso no Colégio Militar de Porto Alegre: _____.

1. Por que veio trabalhar no Colégio Militar de Porto Alegre?
2. Como ingressou no CMPA?
3. Havia outras mulheres trabalhando no Colégio Militar? Quais? Funções?
4. Qual a sua impressão inicial acerca do Colégio?
5. Como você foi recebida? Sentiu alguma dificuldade de se adaptar? Como era o relacionamento com colegas e chefes?
6. Os espaços no colégio? Havia algum espaço pensado para as mulheres? Banheiros e/ou outros?
7. Qual a sua impressão sobre os alunos? As salas de aula? A disciplina do colégio?
8. A senhora sentiu muita diferença entre o CMPA e o ou os colégios nos quais a senhora lecionava? Por quê?
9. Como era a sua rotina enquanto professora do Colégio?
10. O jaleco já era usado? Havia alguma determinação quanto ao vestuário?
11. A senhora sentiu, em algum momento, resistência quanto ao ingresso de mulheres para trabalharem na qualidade de docente?
12. A senhora poderia atribuir um adjetivo ao primeiro ano de docência no CMPA? Qual? Por que este adjetivo?
13. A senhora se lembra do processo de discussão sobre o ingresso ou não das meninas na qualidade de alunas do colégio? Quais os argumentos a favor? E os contra (se havia)? Qual era a sua opinião?
14. O que é ser professora no Colégio Militar de Porto Alegre? Na época do seu ingresso e hoje?
15. Do ano em que a senhora ingressou como professora do Colégio para hoje houve mudanças significativas (nos aspectos que a senhora quiser considerar)?
16. Quero ouvir a sua história enquanto professora do Colégio Militar de Porto Alegre. O que pode me contar?
17. Mais uma questão. A senhora conheceu a Tia Clara? Como era a Tia Clara? Qual a importância da Tia Clara para os alunos do Colégio? O que ela fazia pelos alunos que a faz tão querida?

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Prezado Sr (a) _____.

Sou mestranda em Educação do PPGE/PUCRS e estou realizando a pesquisa para escrever a dissertação sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Helena Camara Bastos.

A pesquisa tem como objetivo o processo histórico vivenciado pela instituição de ensino **Colégio Militar de Porto Alegre** durante o período de 1961 a 1990: da reabertura do CMPA até a entrada das meninas na qualidade de alunas deste educandário.

O Colégio Militar de Porto Alegre foi reaberto como uma escola para meninos e atualmente é uma escola mista: para meninos e meninas.

Esta pesquisadora entende o aluno como importante fonte para os estudos e a pesquisa em História da Educação. Neste sentido a sua colaboração é essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

Sua participação na qualidade de colaborador desta pesquisa é voluntária e envolverá a realização de entrevista individual, que será gravada e transcrita. Poderemos, também, utilizar, a seu critério, um conjunto de questões para serem preenchidas por escrito.

A pesquisadora assume o compromisso de manter sigilo sobre a sua identidade. No corpo da dissertação será utilizado um cognome escolhido pelo colaborador. O uso deste artifício visa proteger a identidade dos colaboradores desta pesquisa e, ao mesmo tempo, possibilitar que se reconheçam, no caso de serem citados, no corpo do trabalho final ou em textos oriundos desta pesquisa.

Contando com a sua participação, subscrevo-me, atenciosamente,

Patrícia Rodrigues Augusto Carra.
Pesquisadora (mestranda).

Consentimento:

Concordo em participar desta pesquisa, estando ciente de seus objetivos e de meu envolvimento, estando conforme que minha produção intelectual seja divulgada nos meios científicos, respeitando meu anonimato.

Consinto em participar deste estudo,

Assinatura: _____

Documento de Identidade número: _____ **Data:** ____/____/2007.

CADERNO COM QUESTÕES PARA ENTREVISTA

Dissertação de mestrado: (título provisório)

*O Casarão da Várzea: de uma escola de meninos a uma escola de
meninos e meninas*

*Lembrar, recordar, reviver.
Vivenciar de novo o menino.
O menino que está no adulto.
O adulto que foi o menino.*

Mestranda: Patrícia Rodrigues Augusto Carra.

Colaborador: _____.

2007

ANEXOS

ANEXO A – AULA INAUGURAL DO COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE, 1962. TEMA: “O PARLAMENTARISMO E O PRESIDENCIALISMO”. PALESTRANTE: FRANCISCO BROCHADO DA ROCHA

AULA INAUGURAL. — 1962



O Sr. Cel. Cmt. faz a apresentação do Professor Francisco Brochado da Rocha, que proferiu a aula inaugural que assinalou o ressurgimento do Colégio Militar de Porto Alegre. O assunto abordado foi "O Parlamentarismo e o Presidencialismo".

Página do Anuário do Conselho de Ensino de 1962

ANEXO B – DECRETO DE TRANSFORMAÇÃO

”*Um Documento Histórico*⁸⁹

COLÉGIO MILITAR DE PÔRTO ALEGRE
Decreto de transformação - funcionamento.
Decreto no. 166, de 17 de novembro de 1961

Transforma as Escolas Preparatórias de Cadetes de Porto Alegre e Fortaleza em Colégios Militares e adota outras providências correlatas.

O presidente do Conselho de Ministros, usando das atribuições que lhe confere o item III do artigo 18 da Ementa Constitucional número 4 – ato adicional, decreta:

Art. 1º - As Escolas Preparatórias de Cadetes de Porto Alegre e Fortaleza, a partir de 31 de Dezembro deste ano, serão transformadas em Colégios Militares e aos alunos destas duas Escolas Preparatórias será assegurado a transferência para a Escola Preparatória de Cadetes de Campinas.

Art. 2º. _ Os Colégios Militares de Porto Alegre e Fortaleza deverão entrar em funcionamento a partir de 1º. de Janeiro de 1962.

Art. 3º. _ A Escola Preparatória de Cadetes de Campinas, deverá ser extinta em 31 de dezembro de 1963, e a partir do ano letivo de 1962, não mais receberá novos alunos para o 1º. Ano.

Art. 4º. _ Os Professores e pessoal civil das Escolas Preparatórias extintas serão transferidos para os Colégios Militares, respeitados os direitos e deveres assegurados em Lei.

Art. 5º. _ Em caráter excepcional, em janeiro de 1962 e 1963, haverá exame de admissão ao 1º. Ano do Curso Científico dos Colégios Militares, tendo em vista dar uma oportunidade aos candidatos que vinham se preparando para as Escolas Preparatórias de Cadetes.

Art. 6º. _ O Ministro da Guerra, por intermédio de seus órgãos de direção do Ensino Militar, regulará os detalhes da execução deste decreto.

Brasília, DF, 17 de novembro de 1961;
140º da Independência e 73º da Republica

Tancredo Neves
João de Segadas Viana.

⁸⁹ Documento transcrito do Anuário do Conselho de Ensino – 1962 – Colégio Militar de Porto Alegre, páginas 19 e 20. Os grifos no corpo do texto são da pesquisadora. A Escola Preparatória de Campinas ainda está em atividade.